00042669

BOMBAY BRANCH

OF THE

ROYAL ASIATIC SOCIETY.

TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DA ASIA

DE

IOGO DE COUTO

s FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DECIMA.

Vol I

PARTE PRIMEIRA.

pt I

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ASIATIC

42669

LISBOA

REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o xame, e Censura dos Livros, e Privilegio Real.

00042669

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA PARTE PRIMEIRA
DA DECADA X.

LIVRO I.

CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Luiz de Ataíde succedeo na Governança da India Fernão Telles: e das cousas em que provêo primeiro que entrasse no inverno.* Pag. 1.

CAP. II. *De como o Idalxá foi morto por hum pagem, e lhe succedeo no Reyno seu sobrinho Abralemo: e da liga que o Meliquo e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandáram ao Governador Fernão Telles.* 8.

CAP. III. *Dos navios que o Governador mandou á Costa do Masulipatão esperar humas náos de inimigos que lá estavam: e da Armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusta de Ormuz com huns papeis, que ElRey D. Filippe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez.* 14

CAP. IV. *De como ElRey D. Filippe foi jurado por Rey na Cidade de Goa.* 22.

CAP. V. *Em que se contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que as Patentes, Alvarás, e Provisões dos Cargos, e Officios que derem, não vão assignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como se o foram por todos sinco: e huma Carta de ElRey nosso Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataíde, Viso-Rey da India, e o faz seu Procurador, e de seu filho o Serenissimo Principe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e aceitar omenagem, e vassallagem dos Capitães, Vereadores, Fidalgos, Soldados, e mais Estados que houver na India.* 27.

CAP. VI. *Em que se contém a Sentença que os Governadores deram naquella declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal.* 32.

CAP. VII. *Do grande patrimonio que ElRey Filippe herdou em todo este Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do estado em que neste tempo estavam as cousas da India.* 42.

CAP. VIII. *De como o Governador Fernão Telles despedio Mattheus Pires com Procuração bastante pera todas as Fortale-*

zas

ções do Norte, pera jurar por todas ElRey D. Filippe: e do aviso que mandou a ElRey por terra, que levou Jeronymo de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi apôs huns Paraos, que tomou em Carapatão. 54.

CAP. IX. *De como ElRey D. Filippe elegeo D. Francisco Mascarenhas por Viso-Rey da India: e do contrato que fez das náos da Carreira: e do que aconteceo a Francisco Mascarenhas na viagem até chegar a Goa.* 61.

CAP. X. *Do que aconteceo na jornada a Gonsalo Vaz de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma náo do Rey de Pegú, e com huma Armada sua: e de como morreo aquelle Rey, e lhe succedeo seu filho, e soltou os Portuguezes que estavam cativos, e de outras cousas.* 74.

CAP. XI. *Do que neste tempo aconteceo nos estreitos de Méca, e da Persia: e de como tres Galés de Rumes foram á nossa Povoação de Mascate, e a assoláram, roubáram, e destruíram: e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.* 84.

CAP. XII. *Do que mais fizeram os Turcos até se recolherem, e do que aconteceo aos moradores de Mascate: e das novas que fo-*

foram a Ormuz: e de como D. Gonçalo de Menezes mandou huma Armada em busca dos Turcos. 93.
CAP. XIII. *De como esta Armada foi á costa dos Nautaques: e da destruição que fez por toda ella: e de como em Ormuz juráram por Rey a ElRey D. Filippe: e da viagem que fizeram por terra as pessoas que mandáram, assim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Francisco Mascarenhas Viso-Rey.* 99.
CAP. XIV. *Do que aconteceo ao Governador Fernão Telles até se embarcar pera o Reyno: e de como se fechou a casa em que estam os retratos dos Viso-Reys com o seu: e do que sobre isso se nota.* 106.
CAP. XV. *De todos os Viso-Reys, e Governadores, que governáram a India, e que estam neste caso, com o tempo que cada hum governou.* 110.
CAP. XVI. *De todas as Armadas que os Reys de Portugal mandáram á India, até que ElRey D. Filippe succedeo nestes.* 116.

LIVRO II.

CAP. I. *De como a náo do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a ElRey D. Filippe por Rey: e como*

mo D. Francisco Mascarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque: e da Armada dos Aventureiros que o Viso-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira; e por falecer antes de se embarcar, foi eleito em seu lugar Diogo Lopes Coutinho. 149.

CAP. II. *Do que aconteceo á Armada de Mathias de Albuquerque no Malavar.* 157.

CAP. III. *Do que mais aconteceo este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruio as Rainhas da Serra, e de Olala.* 162.

CAP. IV. *Do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate com huma náo de Caliche Mahamed: e de como os Mogorès salteáram alguns soldados nossos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldeia dos Abexins, e de outras cousas.* 169.

CAP. V. *De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou seu sobrinho D. Jeronymo com huma Armada ao Estreito: e do aviso que mandou á Costa de Melinde, e Moçambique por haver novas de Galés: e do que aconteceo á Armada dos Avêntureiros em Surrate: e de como os Mogores foram sobre Damão.* 180.

CAP.

CAP. VI. *De como os Mogores entráram pelas terras de Damão: do damno que fizeram: e do que fez o Conde Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas em lhe dando as novas do cerco.* 187.

CAP. VII. *De como D. Gileanes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanadarias: e da vista que deram á Cidade: e da escaramuça que os nossos tiveram com elles.* 193.

CAP. VIII. *Do que mais aconteceo em Damão: e das grandes differenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Aventureiros: e de como os Mogores tratavam de pazes: e de como o Viso-Rey mandou Gutierre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe succedeo.* 200.

CAP. IX. *Das cousas que o Viso-Rey proveo, e dos Capitães que despachou pera fóra: e do que aconteceo o resto do verão a Mathias de Albuquerque até se recolher.* 209.

CAP. X. *Do que aconteceo a Fernão Boto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jeronymo Mascarenhas no Estreito de Méca até chegar a Ormuz: e de como foi contra os Nequilins, e do que com elles aconteceo.* 214.

CAP. XI. *De como os Capitães de ElRey*

de

de Lara tomáram a Fortaleza de Xamel, e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magostão: 219.

CAP. XII. *De como os nossos foram caminhando pera Xamel: e do que lhes aconteceo até chegarem lá: e do sitio daquella terra, e Fortaleza.* 225.

CAP. XIII. *De como se passou a artilheria á outra banda com muito risco: e de como começáram a bater o Xarabando: e de como o ganháram por assalto.* 233.

CAP. XIV. *De como D. Francisco foi avisado que o filho de ElRey de Lara vinha soccorrer os seus: e de como os nossos se fortificáram: e do ardil que os Amadizes usáram com os Larís, porque se entregáram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usáram.* 241.

CAP. XV. *Das cousas que succedêram em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarzeta, e lhe queimáram a sua Cidade, e destruiram suas terras.* 248.

LIVRO III.

CAP. I. *De como o Turco mandou prover a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia: e de como Oxá se confederou com Semechombel Gorgiano contra*

tra os Turcos: e da batalha que com elles teve, em que os desbaratou. 260.

CAP. II. *De como Roque de Mello chegou a Malaca: e de como huma grande Armada do Achem foi sobre aquella Fortaleza: e da bateria que deo ás náos que estavam no Porto.* 271.

CAP. III. *De como os Turcos, que hiam na Armada do Achem, ordenáram humas balsas de fogo pera queimarem as náos: e de como Nuno Monteiro, que andava no estreito em huma Galeaça, foi soccorrer a Malaca: e da aspera batalha que teve com a Armada do Achem: e de como por desastre tomou fogo, e se abrazou, e queimou.* 277.

CAP. IV. *De como Fernão de Miranda foi a Surrate esperar as náos de Meca, e tomou huma Cidade de Balala: e do grande motim que houve em toda a Armada contra o Capitão Mór.* 287.

CAP. V. *De huma náo do Hecbar, que foi reprezada em Goga, a que acudio Fernão de Miranda: e de como o Viso-Rey a mandou largar: e do castigo que deo Fernão de Miranda aos moradores do Castelete.* 300.

CAP. VI. *Das cousas que neste anno acontecêram em Maluco: de como o Governador das Manilhas escreveo a Diogo de Azam-*

Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal ElRey D. Filippe, e de outras cousas. 307.

CAP. VII. *De como Diogo de Azambuja mandou pedir soccorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das cousas que succedêram até chegar D. Alvaro de Castro, que faleceo.* 313.

CAP. VIII. *Das Armadas que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas ordenou: e das náos que este anno de 582. partíram do Reyno: e do que lhe succedeo na viagem.* 321.

CAP. IX. *Das cousas que o Viso-Rey mais proveo: e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monroi a Cananor: e de como D. Miguel da Gama se foi pera o Reyno na sua náo Reliquias.* 328.

CAP. X. *Do que aconteceo a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar pera irem castigar o Colle.* 335.

CAP. XI. *De como o Capitão de Baçaim com D. Jeronymo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe acon-*

conteceo até chegarem á sua Cidade, a queimáram, e destruírão. 342.
CAP. XII. *De como os nossos se foram recolhendo: e dos recontros que tiveram com os inimigos: e dos casos que nelle succedêram.* 348.
CAP. XIII. *Da desastrada perdição de D. João da Gama, vindo de Malaca: e de como se salvou no batel: e do que passou até chegar a Cochim.* 355.
CAP. XIV. *De outra náo que se perdeo vindo da China junto de Jor: e dos recados que passáram entre o Capitão de Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda, que elle roubou della.* 362.
CAP. XV. *Do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar todo o resto do verão: e do que aconteceo a André Furtado de Mendoça no rio de Cunhale com humas Galeotas de Mouros.* 371.
CAP. XVI. *Da antiguidade da Cidade de Barcelor na Costa Canará: e de como os moradores della tratáram de tomar a nossa Fortaleza, e por traição, o que não houve effeito por chegar a ella D. Gileanes Mascarenhas: e de como elle destruio as Aldeias de Asselona, e Cuculí nas terras de Salsete.* 379.
CAP. XVII. *Dos tratos que mais tiveram os Chatins de Barcelor pera lhes entre-*

ga-

garem a Fortaleza, os quaes foram descubertos: e de como o Viso-Rey mandou André Furtado a soccorrella: e das cousas em que mais proveo o Viso-Rey. 385.

LIVRO IV.

CAP. I. *Das cousas que este anno de* 583. *em que andamos succedêram em Persia: e de como Oxá foi contra seu filho Abax Mirza, que estava no Coboraçone por induzimento de Mirza Salmas Georgiano.* 392.

CAP. II. *De como sabendo o Turco da ida do Xá ao Coboraçone, mandou proseguir na empreza da Persia: e das cousas que nella succedêram.* 402.

CAP. III. *De como os moradores das Aldeias de Cuculí, e Salsete matáram o Padre Rodolfo Aquaviva, e outros quatro Companheiros, e a razão porque.* 410.

CAP. IV. *Do que mais aconteceo em Barcelor: e da guerra que André Furtado fez aos Chatins: e dos navios que o Conde em Agosto despedio pera o Malavar: e de como D. Jeronymo Mascarenhas partio pera Malaca com huma Armada.* 517.

CAP. V. *Da Armada que este anno de* 583. *partio do Reyno, na qual ElRey proveo*

o Arcebispado da India: e do novo contrato que se fez das náos com Manoel Caldeira: e de como D. Gileanes Mascarenhas foi por Capitão Mór ao Malavar: e do que aconteceo a André Furtado até elle chegar. 422.

CAP. VI. *De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e de como o Conde D. Francisco mandou Fernão de Miranda com huma Armada á enseada de Cambaya, e do que lhe succedeo.* 428.

CAP. VII. *Das alterações que houve no Reyno de Idalxá: e de como alguns Capitães tratáram de metter Cofucham de posse daquelle Reyno: e do que sobre isto fez o Conde D. Francisco Mascarenhas: e de como partio pera o Norte: e do que succedeo a Fernão de Miranda.* 433.

CAP. VIII. *Do que fez o Mogor, tanto que soube das cousas de Cambaya: e de como huma náo sua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios pera a reprezar, e do que passou.* 441.

CAP. IX. *De como Mizarchão chegou a Cambaya: e dos recontros que teve com a gente de ElRey até chegar o Hecbar:*

e

e de como ElRey Amodafar lhe largou o Reyno, e se recolheo: e do que fez o Conde D. Francisco no Norte: e de como os Malavares matáram D. João de Castro: e da morte de D. Gonsalo de Menezes. 448.

CAP. X. *Das cousas que acontecêram em Goa, estando o Viso-Rey no Norte: e de como Cusochão foi levado por engano ao Balagate, onde lhe tiráram os olhos: e do que succedeo ao Viso-Rey até chegar a Goa.* 454.

CAP. XI. *De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali, e Bëbi Acilá: e do que passáram em Goa: e do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar: e das pazes que fez com o Comorím.* 460.

CAP. XII. *Do que succedeo a D. Jeronymo Mascarenhas em toda a viagem até se tornar pera a India: e do que lhe aconteceo em Ceilão: e dos assaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.* 466.

CAP. XIII. *De como ElRey de Cochim desistio do direito que tinha na Alfandega, e o traspassou a ElRey de Portugal: e dos alvoroços que houve naquella Cidade sobre este negocio.* 472.

LI-

LIVRO V.

CAP. I. *Das cousas que succedêram em Cambaya: e de como o Mogor tornou a senhorear aquelle Reyno.* 481.

CAP. II. *De como o Turco mandou Ferat Baxá a prover os Fortes que tinha nos Estados da Persia: e da batalha que Simão Bel deo a Resuan Baxá, em que o desbaratou.* 486.

CAP. III. *De como Francisco Gale foi por ordem de ElRey descubrir a Costa da nova Hespanha de 40. gráos pera sima: e da derrota que levou desde o porto de Açapulco até Japão, e dahi até tornar ao mesmo porto.* 493.

CAP. IV. *De como Fernão Boto Machado chegou a Maluco, e de sua morte: e como Diogo de Azambuja tornára a ficar naquella Fortaleza de Maluco: e da morte de ElRey Babu de Ternate: e das differenças que houve sobre a herança daquelle Reyno.* 505.

CAP. V. *De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou matar os culpados na morte dos Padres da Companhia, que matáram em Cuculí: e da manha que Gomes Eannes de Figueiredo Capitão de Rachol teve pera os haver ás mãos.* 509.

CA-

CAP. VI. *Da Embaixada que o Viſo-Rey mandou ao Oxá pelo Padre Fr. Simão de Moraes da Ordem de Santo Agoſtinho: e da occaſião que houve pera iſſo: e do que lhe aconteceo na jornada.* 514.

CAP. VII. *De como D. Gileanes Maſcarenhas foi ao Malavar: e de como entrou o rio de Sanguicer pera caſtigar aquelle Naique: e do deſaſtre por que foi morto.* 520.

CAP. VIII. *Do que mais aconteceo a eſtes navios, e lhe ſuccedeo, e de como chegáram á Barra de Goa as náos Caranja, e Boa-Viagem, que tinham partido do Reyno, em companhia de D. Duarte de Menezes, que vinha por Viſo-Rey da India.* 530.

CAP. IX. *Das Armadas que o Conde D. Franciſco mandou pera fóra: huma de Coutocoulões pera o Norte, de que foi por Capitão Mór Pedro Homem Pereira; e outra pera o Malavar, em que foi D. Jeronymo Maſcarenhas, e do que lhe ſuccedeo: e das novas que chegáram do Viſo-Rey D. Duarte de Menezes ſer em Cochim.* 534.

CAP. X. *De como ſe perdeo o Galeão que hia pera Ceilão, e a gente, e dinheiro ſe ſalvou, e outras couſas.* 539.

DE-

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO I.

ROYAL ... LIBRARY • THE ... BOMBAY

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde ſuccedeo na Governança da India Fernão Telles: e das couſas em que provêo primeiro que entraſſe no inverno.

FALECIDO o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde, como no fim da nona Decada fica dito, foi aberto ſeu Teſtamento, em que ſe mandava enterrar na Igreja dos Reys Magos, na cova em que eſtavam os oſſos de ſeu Irmão D. João de Ataíde. Eſta morte do Viſo-Rey parece que eſ-

eſtava já por elle profetizada havia menos de hum anno; porque falecendo Antonio Botelho ſeu Primo com Irmão, mandando-ſe enterrar naquella cova, fazendo-lho a ſaber, reſpondeo que a tinha guardado pera ſi; porque muitas vezes por hum certo juizo Divino vem a acontecer o que hum homem facilmente diz, ſem cuidar que o póde vir a ſer. Foi o corpo do Viſo-Rey veſtido no habito de S. Franciſco, e por ſima o da Cavallaria de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e acompanhado do Cabido, Ordens, Irmandade da Miſericordia, e de todos os Fidalgos, Cavalleiros, e Officiaes da Fazenda, e Juſtiça, e foi levado á Igreja dos Reys Magos, em cuja Capella foi depoſitado. E logo o Biſpo de Malaca D. João Ribeiro Gayo, que ſervia de Preſidente da Relação por ordem do Viſo-Rey, em cuja mão eſtavam as ſucceſsões da Governança da India, poſto em ſima dos degráos do Altar, e o Secretario Manoel Botelho Cabral, tirou da manga hum maço das ſucceſsões, que o anno atrás paſſado tinham mandado os Governadores, e Defenſores do Reyno, com huma Inſtrucção, em que mandavam, que ſe não uſaſſe das que tinha mandado o Cardeal Rey por reſpeitos que pera iſſo tiveram, e aberto o maço, achárão-lhe nelle ſinco Proviſões

com

com titulos de 1.ª 2.ª 3.ª 4.ª e 5.ª; e tomando a primeira, a entregou ao Secretario, que a amostrou no ar ao povo, porque vissem que estava cerrada com o sello das Armas Reaes, que foi examinada pelo Capitão da Cidade, e pelo Ouvidor Geral; e a acháram inteira, limpa, e sem vicio, nem suspeita de ser aberta, nem falsificada; e visto bem tudo, a tomáram ao Secretario, que em alta voz leo o sobscrito de fóra, que assim dizia, « Pelos Governado» res, e Defensores do Reyno, e Senhorios » de Portugal, esta primeira succesão da » Governança da India feita a 26. de Mar» ço de 1580. se abrirá, sendo caso, que » Deos não permitta, que faleça D. Luiz » de Ataíde, Conde de Atouguia, Viso» Rey da India » e assignados ao pé todos os cinco Governadores. Abrindo-se a succesão, a foi o Secretario lendo em alta voz, cujo theor era o ordinario nestes Estados, e nella se achou Fernão Telles. E dizem que Ruy Pires de Tavora, que estava nos degráos por detrás do Secretario, pondo os olhos na Provisão, por muito que o Secretario trabalhou pela encubrir com a borda debaixo que virou sobre ella, vio nomeado Fernão Telles, de quem era muito amigo; e sahindo-se de alli, entrou em huma cella, onde elle estava re-

colhido, com D. Pedro de Menezes, que muitos haviam que ſuccederia naquelle lugar; e o Conde D. Luiz aſſim o dava a entender, porque nunca em quanto ſe achou mal o quiz deſpachar pera ir entrar na Capitanía de Dio. Chegado Ruy Pires a Fernão Telles, o levou nos braços, dando-lhe os parabens, que elle recebeo ſem alteração alguma. Após elle logo chegou o tropel dos Fidalgos, de quem com grande alvoroço foi levado nos ares, porque por ſuas partes, e qualidades era muito amado, e bemquiſto de todos. O Biſpo, e o Secretario, depois de lida a Provisão, foram a elle, e lha notificáram; e elle a acceitou, e ſe foi pera a Capella maior, onde eſtava o corpo do Conde D. Luiz; e o Capitão D. Triſtão de Menezes, aſſentado em huma cadeira, e o Governador poſto de joelhos diante delle, lhe deo em ſuas mãos em nome de ElRey a omenagem do Eſtado da India pela fórma acoſtumada nelle.

Acabado iſto, o Licenciado André Fernandes, que ſervia de Chanceller do Eſtado, lhe deo juramento ſobre hum Miſſal de cumprir com as obrigações daquelle cargo pela ordem acoſtumada, que o Secretario lhe hia lendo; e acabado eſte auto, que foi aos 10. dias do mez de Março

de

de 1581. enterrado o corpo do Conde, recolheo-se o Governador pera dentro, com bem differente sentimento dos parentes, amigos, e criados de hum, e outro, porque huns choravam a perda do Viso-Rey, outros festejavam a nova succeſsão do Governador; e assim quasi que estavam repartidos, todos os que presentes estavam, nestes dous actos de tristeza, e alegria; cousa que geralmente acontece em todas as do mundo, em que ha tanta differença, que as mesmas que dam prazer a hum, o fazem perder a outros; porque as mais altas, e maiores felicidades da terra não succedem senão por outras maiores perdas, e adversidades alheias.

Recolhido o Governador, pedírão-lhe os Vereadores de mercê que se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavam seu recebimento; e porque o verão se hia acabando, e tinha muitas cousas em que prover, lhe concedeo só tres, em que despachou muitos negocios, e deo o cargo de Chanceller ao Licenciado Francisco de Frias, escusando o Bispo de Malaca do trabalho da Relação, pedindo-lhe se embarcasse pera a sua Prelazia, que havia dias estava sem elle, como elle logo fez. O Governador foi escrevendo pera Malaca, e Maluco, mandando dar pressa ao

Ga-

Galeão, que havia de levar os provimentos pera esta Fortaleza, de que era Capitão Fernão Ortis de Tavora. Passados os tres dias, partio o Governador dos Reys Magos em huma fermosa Galé, acompanhado de muitos navios, outros embandeirados, e enramados, e cheios de muitos instrumentos de prazer, e alegria; e assim foi entrando pelo rio assima com grandes salvas de artilheria, assim do mar, como da terra, e desembarçou no caes da Fortaleza, que estava com muitos arcos, e ramos, e com tanto concurso de gente que o hiam ver, que não cabiam na porta da Cidade, e o esperáram os Vereadores, e em nome da Cidade se lhe fez huma boa ordenada falla, em que lhe davam os parabens de sua succesão; e apôs ella lhe deo o Vereador mais velho o juramento de guardar seus fóros, privilegios, e liberdades; e tomando-o debaixo do Pallio, foi levado á Sé acompanhado do Cabido, que o esperou da porta da Cidade pera dentro; e depois de dar graças a Deos nosso Senhor, se recolheo pera seus aposentos; e a primeira cousa que fez foi despachar D. Pedro de Menezes pera a Capitanía de Dio, de que era provído, e lhe deo huma Galé pera levar sua mulher, porque era casado com D. Luiza Coutinha, filha de Ma-

Manoel Coutinho, hum Fidalgo honrado, que morreo indo pera Portugal a requerer, e lhe deo muito liberal despacho, por ser hum Fidalgo velho na India, e muitos serviços, e merecimentos, e muito respeitado de todos os Viso-Reys por sua authoridade, saber, e conselho.

Este Fidalgo partio já em Abril; e chegando a Chaul, por achar ameaços de inverno, e não querer arriscar a Galé no golfo de Dio, a tornou a mandar pera Goa, e se mudou a dous, ou tres navios ligeiros, em que passou áquella Fortaleza. O Governador deo tambem grande aviamento a outras cousas, e mandou embarcar pera Maluco muitas roupas, dinheiro, munições, e outros provimentos que o Conde D. Luiz tinha já pera Japão, de que era Capitão D. João de Almeida, irmão do Contador Mór, que a comprou á Cidade de Malaca, por lhe ter ElRey feito mercê della pera sua fortificação, que quiz que precedesse a todas por ser pera bem commum, e defensão daquella Cidade; e assim escreveo logo o Governador em succedendo a todas as Fortalezas Norte, e Sul, fazendo-lhes a saber de sua succesção, e despedio Lourenço Dias de Moraes por Veador da Fazenda pera as Fortalezas do Norte; e com isto se recolhêram as Arma-

das

das, que andavam fóra, e o Governador fez mercês aos Capitães, e soldados della, com o que se cerrou o inverno.

CAPITULO II.

De como o Idalxá foi morto por hum Pagem, e lhe succedeo no Reyno seu sobrinho Abralemo: e da liga que o Melique, e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandáram ao Governador Fernão Telles.

POr seguirmos a ordem que levamos desde o principio das nossas Decadas, que contámos as cousas alheias no inverno, em que não ha que fazer com as nossas, guardámos estas pera este lugar, porque succedêram pouco antes que faleceo o Conde D. Luiz de Ataíde, porque foi assim necessario pera as contarmos todas juntas; pelo que se ha de saber, que sendo Rey em Visa por Alja Idalxá, que foi o que poz aquelle soberbo cerco á Cidade de Goa, sendo a primeira vez Viso-Rey da India o mesmo D. Luiz de Ataíde, como temos já tratado na nossa oitava Decada, em que se póde ver.

Este Rey como era torpe, çujo, e infame, e pera suas torpezas tomava quasi

por

por força os filhos a seus Capitães, succedeo este anno passado de 1580. tomar hum de dezoito annos pera vinte, mancebo de brio, e de animo valeroso, que vendo que ElRey o queria affrontar, e çujar, valendo-se de huma adaga que levava, remettendo com elle, o matou, e se acolheo tão prestes, que quando ouvíram os gritos, já elle estava posto em salvo. Viveo este maldito Rey sincoenta e tantos annos; e destes reinou vinte e tres, e dous mezes; e acudindo os Capitães, e Regedores do Reyno, por não haver Principe Herdeiro, alevantáram por Rey hum dos dous sobrinhos do morto, o chamado Abralemo, filho segundo do Xthamas, hum dos dous irmãos, que elle matou, como na setima Decada fica dito no Cap. I.

Era este Rey Abralemo moço de dez annos, e quasi forçosamente tomou a tutoria, e governo de todo o Reyno hum Capitão chamado Camalcham, casta Abexim, homem muito poderoso, e de grande prudencia, e conselho; e pelas partes que tinha, fez subir aquelle moço na Cadeira do Reyno, sendo o outro irmão mais velho, e a quem de direito (se entre Mouros o houvera) lhe pertencia.

Este Camalcham a primeira cousa que fez em alevantando o moço por Rey, foi pren-

prender o irmão, e mandallo metter na fortaleza de .... com grandes guardas, donde depois sahio, sendo Viso-Rey Mathias de Albuquerque, sobre que se levantáram grandes guerras naquelle Reyno, como na undecima Decada diremos, se Deos nos der vida, e aos Reys favor pera os escrevermos. O Governo deste homem foi muito invejado de todos os Capitães; principalmente de Quisbalcham, filho de outro Quisbalcham, que já fora Regedor daquelle Reyno em tempo de Alja Idalxá mais de quinze annos; e tendo estes praticas sobre este negocio com alguns Capitães, ajuntáram suas gentes; e primeiro que fossem sentidos, entráram pela Cidade de Visa, pôr onde estava a Corte, e dando de supito nos Paços, matáram Camalcham; e o Quisbalcham lançou mão do Rey, e do Governo, em que esteve só quatro mezes. Neste tempo os Abexins, que sam todos de guarda de ElRey, e de tanta confiança como Genizaros do Turco, ou como os Mamelucos, com os antigos Soldões do Egypto, soffrendo aquillo mal, fizeram tres Cabeças a tres grandes Capitães chamados o Calascham, Armiocham, Diluruacham, e foram contra a Cidade de Visapur; e não ousando o Quisbalcham a esperallos, fugio pera a Corte de Melique, e os Abexins

lan-

lançáram mão do Rey, e ficáram aquelles tres Capitães governando tudo.

Mas como o mando repartido por muitos causa sempre inveja, e odio, não soffrendo Diluruacham, hum dos tres Regedores, companhia no Governo, lá teve modo com que prendeo os dous em huma Fortaleza, e elle ficou só com todo o poder, no que o ajudáram quatro filhos que tinha já homens, grandes cavalleiros, e muito poderosos; e pera se mais segurar em sua tyrannia, repartio os filhos pelas mais partes do Reyno, e principaes forças, pera que de nenhuma parte se pudesse temer, ficando o Reyno só, debaixo de sua chave, sem eleição daquelle Rey, porque elle mandava, e dispunha em tudo como queria. Os dous Capitães Abexins, que elle tinha prezos, escandalizados daquelle negocio, lá tiveram maneira com que mandáram algumas pessoas de confiança a tratar com o Conde D. Luiz de Ataíde alguns negocios, quando o acháram já muito mal; e todavia ainda os ouvio, e elles lhe pedíram da parte dos Abexins que lhes désse Cufuchão filho de Mialé pera o metterem no Reyno, e que não queriam mais que deixallo elle passar da outra banda, porque logo lhe acudirião todos os Capitães, porque andavam escandalizados;

e juntamente com isto solicitáram tambem o Jamaluco, e o Cutubixa, pera que entrassem nesta liga. Os enviados que mandou a estes Reys tal manha tiveram com elles, que os indignáram contra o tyranno, e promettêram de favorecerem o Mialé, e de o ajudarem a metter no Reyno; e pera significarem isto ao Conde D. Luiz, lhe mandáram seus Embaixadores pera saberem delle o modo que queria ter naquelle negocio. O Viso-Rey ouvio os primeiros enviados; e como estava enfermo, não só lhe não deo orelha áquelle negocio, mas mandou segurar o Cufuchão na Torre de Menagem, porque se não fosse de Goa, por convir assim ao Estado da India; e poucos dias depois do Governador Fernão Telles succeder no governo, chegáram os Embaixadores daquelles Reys, e do Melique, chamado Logeadigar Mahamede, e o do Cobixa Coge Gilão Mali, e antes de entrarem em Goa, teve o Governador aviso, e mandou preparar seu recebimento, que se lhe fez com grande magestade; e sabendo que vinham sobre cousas de Cufuchão, o mandou tirar da Torre da Menagem, e poz em sua casa por honra daquelles dous Reys, e ouvio os Embaixadores que da parte de seus Reys lhe pedíram que lhe désse Cufuchão, filho de Ma-

lu-

luchão pera o metterem de posse do Reyno de Visapor, Via de Chaul, promettendo partidos muito honrados pera o Estado.

O Governador Fernão Telles poz aquelle negocio em Conselho dos Capitães velhos, e por todos se assentou que não convinha dar-se Cusuchão, porque era hum penhor que o Estado tinha da paz, e socego do Balagate, e com que sempre tinham enfreado o Idalxá; e que quando houvesse de ser metter-se em seu Reyno, que era mais credito do Estado ser por ordem dos Viso-Reys, que governassem a India, que não por outra alguma pesquiza, assim fariam os partidos muito á honra, e proveito. Com esta resolução respondeo o Governador aos Embaixadores, dando-lhes desculpas muito licitas de lhes não entregar o Cusucham, e mandou ter com aquelles Reys grandes satisfações, e cumprimentos, com o que os Embaixadores se tornáram mui satisfeitos: assim ficaráõ as cousas do Balagate até nós tornarmos a ellas.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

CA-

CAPITULO III.

Dos navios que o Governador mandou á Costa do Masulipatão esperar humas náos de inimigos que lá estavam: e da Armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusta de Ormúz com huns papeis, que ElRey D. Filippe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez.

POr cartas que o Governador teve no inverno do Capitão de S. Thomé, foi avisado de como em Masulipatão estavam duas náos de Achem carregando ferro, pelouros, e outros petrechos de guerra, que devia ajuntar pera ir contra Malaca; e outra de ElRey de Pegú, a qual era tão poderosa, como qualquer de Portugal, e tão rica que só de direitos foi avaliada em cento e sincoenta mil cruzados. O Governador pareceo-lhe obrigação mandar acudir áquillo, e armar sobre aquellas náos, assim porque o Achem não passasse lá, como por haver ás mãos a de Pegú, por se satisfazer da affronta que lá se fez ao Capitão, que foi fazer aquellas viagens, que aquelle prendeo com todos os Portuguezes: sobre o que o Viso-Rey D. Luiz de

Atai-

Ataíde, aquelle verão antes que falecesse, lhe tinha mandado por Embaixador a Fernão de Lima, que ainda lá estava, sem ser respondido, como na nona Decada fica dito; e tambem porque tomando aquella náo, que era tão rica, podia remediar, e enriquecer o Estado: pelo que com muita brevidade mandou preparar quatro navios, em que entravam duas Galeotas de Camelotas, e elegeo pera esta jornada Gonçalo Vaz de Camões; e tanta pressa se deo á Armada, que ao primeiro de Agosto se apartou do caes: e por andar a barra ainda muito soberba, assentou-se que sahisse por Goa a Velha, pera onde foi esperar conjunção pera se fazerem á véla. Os Capitães dos outros navios eram Antonio Pereira Pinto, Alvaro Colaço, e Francisco Serrão: deo o Governador por regimento ao Capitão Mór, que se fosse lançar sobre o porto de Masulipatão a esperar aquellas náos, e que tomando a de Pegú, voltasse com ella pera Goa; e que Antonio Pereira Pinto com os outros tres navios atravessasse o Reyno de Pegú, e fizesse por aquella costa toda a guerra que pudesse pela prizão dos Portuguezes; e a Antonio Pereira Pinto deo huma Provisão, pera em ausencia de Gonçalo Vaz de Camões ficar sendo Capitão Mór, com os mesmos poderes, e regimento.

Esta

Esta Armada esteve em Goa Velha dezoito dias, sem o tempo lhe dar lugar pera poder sahir pera fóra, commettendo-a elles cada dia duas vezes. No cabo delles huma manhã, que deo jazigo, sahio o Capitão Mór a barra, e com elle o navio de Francisco Serrão, e na maré da tarde sahíram os outros dous, e foram seguindo seu caminho. Gonçalo Vaz de Camões, por achar o vento travessão, e muito rijo, se recolheo antes de noite aos Ilheos de Angediva; e Antonio Pereira Pinto, e Alvaro Colaço foram correndo com pouca véla: e por se não atreverem a tomar Angediva, por passarem já de noite, foram correndo de longo, fazendo Antonio Pereira final ao passar com huma bombardada, pera que soubesse que hia passando. O Capitão Mór ao outro dia se sahio das Ilhas, e foi seguindo sua derrota, onde os deixaremos pera seu tempo, porque he necessario continuarmos com outras cousas. Partida esta Armada, ficou-se o Governador negociando, porque bem entendeo o que lhe havia de vir a succeder; e todavia não se descuidou a despachar, e negociar alguns navios pera mandar diante ao Malavar, em quanto não fosse o Capitão Mór, que havia de ser, posto que desejou poupar o dinheiro que achou no thesouro,

por

por morte do Viso-Rey pera o entregar ao que viesse, pera o achar pera as despezas do Estado, por não pedir logo emprestado, com elle poderia fazer as Armadas que quizesse, e nomear os Capitães Móres, no que se não perdia tempo, porque a muito tardar poderiam chegar as náos até vinte de Setembro; mas desta opinião o tiráram alguns amigos, affirmando-lhe que mais estimaria o Viso-Rey que viesse achar as Armadas feitas, que dinheiro no thesouro, porque seria trabalho de que o tiraria; e que tambem poderiam chegar as náos tão tarde, que primeiro se enchesse o mar de corsarios, ao que era necessario acudir, e prover na guarda da cafila, que havia de ir á Costa de Malavar a buscar os provimentos pera a Cidade, e a defender que se não enchessem delles os Malavares, porque esta era a mór guerra que se lhes podia fazer; e parecendo isto bem ao Governador, mandou dar pressa ao concerto das náos, e elegeo por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque, e lhe nomeou doze galés, e dezeseis fustas, começando elle a correr com muita pressa com o aviamento dellas.

Andando o Governador nesta occupação, ao primeiro de Setembro chegou huma fusta de Ormuz, que o Capitão daquel-

la Fortaleza D. Gonçalo de Menezes mandava com huns papeis, que ElRey D. Filippe lhe enviou por terra pera os elle encaminhar ao Viſo-Rey. Cauſou eſte navio grande alvoroço no povo; porque como as couſas do Reyno ficavam por determinar, eſtavam todos eſperando pelas náos pera ſaberem a reſolução dellas.

O Capitão do navio, que ſe chamava Lourenço Marques, deſembarcou já de noite, e foi ter com o Governador, e lhe deo as cartas de D. Gonçalo com todos os papeis que do Reyno vieram, e o Governador os abrio, e achou nelles huma Sentença, que os Juizes, e Governadores de Portugal deram por ElRey D. Filippe, em que ſe determinavam pertencer-lhe o Reyno de Portugal por neto de ElRey D. Manoel.

Com ella vinha auto ſolemne, por que ſe moſtrava ficar jurado por Rey em todo o Reyno; e aſſim vinha mais huma carta ſua pera o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde, e outras pera os Eſtados Eccleſiaſtico, e Secular: humas dirigidas ao Arcebiſpo, que ſe entregáram ao Cabido por elle ſer falecido; e outra pera os Vereadores da Cidade de Goa, em que com palavras de Principe Chriſtão juſtificava ſua cauſa, e dava conta de ſua ſucceſsão, e lhes pedia, e roga-

gava, que assim o houvessem por bem; por quanto elle, como Rey natural, e Pai de todos, estava determinado ao reger, e governar, e a lhes guardar todos os fóros, privilegios, e liberdades, que lhes tinham concedido, de que tambem vinha o trasladо, que eram muitos, e grandes, que por serem as Chronicas do Reyno o seu proprio lugar, os não pomos aqui.

Vinham tambem duas Cartas da Cidade de Lisboa, huma pera a de Goa, e outra pera o Viso-Rey, em que lhe dava conta em como ElRey D. Filippe fora julgado por Rey de Portugal, e que por tal ficava jurado em todo o Reyno, encommendando-lhe muito que logo o fizessem assim, como delles confiava, pois entendiam todos quanto ganhavam em ter por Rey hum tão Catholico, e tão Poderoso Principe.

Esta Carta vinha assignada por Manoel Telles Barreto Ferreira de Sá dos Oculos, e Damião de Aguiar, que então eram Vereadores, e por todos os mais Officiaes da Camera.

Vinha assim mais entre os papeis huma procuração de ElRey pera o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, ou pera quem em seu lugar estivesse, com poderes bastantes pera em seu nome tomar posse da India, e com

virtude de sobestabelecer outros Procuradores pera as mais Cidades, e Fortalezas della.

Vistos todos estes papeis, e cartas pelo Governador, dizem que mandára chamar os Licenciados Gonçalo Lourenço de Carvalho, e Francisco de Frias, e lhes mostrára tudo, e pedíra conselho sobre o que faria, e com elles assentou de jurar logo ElRey D. Filippe, e fazer-lhe a omenagem da India; porque como elle a tinha dado aos Governadores, e Defensores do Reyno, em que conforme aos estilos delle prometteo de não entregar a India, senão a elles, e a seu certo recado, que claramente lhe diziam, que jurando ElRey D. Filippe por Rey de Portugal, dando-lhe a omenagem daquelle Estado, o haviam por desobrigado a lhe obedecer; e logo resoluto o Governador nisto, ao outro dia fez chamamento de todos os Prelados, Vereadores, Fidalgos, Capitães, e Officiaes da Justiça, e Fazenda. Presentes todos, mandou ler os papeis pelo Secretario; e acabando de se lerem, se alevantou, e disse a todos, que fossem dar graças a Deos nosso Senhor por tamanha mercê, e que se fizessem todos prestes pera o dia seguinte jurarem a ElRey D. Filippe: e assim cavalgou logo, e se foi á Sé. Desta novidade ficáram to-

todos muito ſobreſaltados, e triſtes, lembrando-lhes novamente aquella deſaſtrada perdição de todo Portugal, e de hum Rey pedido a Deos com tantas lagrimas, romarias, procifsões, e eſmolas, acabar tão miſeravelmente com hum tamanho exercito, em que quaſi todos os homens da India perdêram pais, irmãos, parentes, e amigos, e que naquelle Rey moço ſe acabára a ſucceſsão dos Reys naturaes; e como os mais daquelles Fidalgos em ſua mocidade ſe creárão com elle, que cada dia lhes fazia mercês, e honras, lembrando-lhes que os Reys de Portugal ſempre tratárão ſeus vaſſallos como filhos; e que agora, poſto que ElRey D. Filippe era havido por muito Catholico, e humano Principe, todavia primeiro que lhes vieſſe a ſaber os nomes, paſſariam muitos tempos: e que forçado havia de haver novo modo de procedimento, porque ſempre mudanças de Reynos trazem grandes novidades. Todas eſtas couſas lhes davam muitos cuidados, não deixando com tudo de proſeguirem naquella ſua antiga lealdade, em que os Portuguezes ſempre foram extremados de todas as nações do mundo. O Governador, depois de dar graças a Deos, recolheo-ſe pera ſe fazer preſtes pera o outro dia celebrar aquelle auto.

CA-

CAPITULO IV.

De como ElRey D. Filippe foi jurado por Rey na Cidade de Goa.

REcolhidos todos dalli, não deixáram alguns, segundo nos disseram, de mandar dizer ao Governador, que as náos do Reyno não poderiam tardar muito, e que não hia contra sua obrigação esperar por ellas; pera que com as novas certas da vida, e saude de ElRey, celebrar aquelle auto com maior solemnidade: que aquillo eram papeis, que vinham por terra desamarrados, que bom seria esperarem pelos que haviam de vir nas náos, pois aquelle negocio não padecia perigo na tardança; e que todo se faria depois mais a serviço de ElRey, e com mais gosto, e apparato. O Governador como era prudente, e precatado, não quiz dilatar nada daquella execução; porque posto que aos Fidalgos parecesse aquillo bem, não faltariam outros alguns que lhe estranhassem qualquer detença que naquelle caso fizesse, de que lhe fariam grandes culpas; porque como estava sabido crear-se em sua mocidade com o Prior do Crato, e seu pai, e parentes serem da obrigação do Infante D. Luiz seu Pai, qualquer dilação naquelle negocio

lhe

lhe poderia fazer muito nojo, ao menos com os que lhes não parecessem bem suas cousas, como os que costumam a desdenhar de tudo. E como elle queria mostrar a limpeza, e fidelidade de seu appellido, quiz que se visse que nem obrigações particulares de creação, e amizade, nem outros alguns respeitos eram bastantes pera o mudarem daquella sua antiga lealdade, nem pôr-lhe por isso culpas, que nelle haviam de ser mais estranhadas que em todo outro Fidalgo, que naquelle lugar estivera; e assim viveo sempre neste Estado tão puro, e precatado nestas materias, que nunca nelle quiz acceitar cartas do Prior do Crato, quando tratava de sua pertenção, e se queria justificar com todos os Fidalgos: em fim, que assim pelas razões que assima dissemos, como por ganhar por mão ao Viso-Rey que viesse, tratou de ter feito tudo: e assim ao outro dia pela manhã, que foram tres de Setembro, se ajuntáram na Sé de Goa todos os tres Estados, o Cabido em nome do Ecclesiastico, por estar a Sé vagante por morte do Arcebispo D. Henrique de Tavora, e os Prelados de todas as Religiões; o Capitão da Cidade, os Fidalgos, e Capitães, Vereadores, Juizes, Mestres, Cidadãos, Cavalleiros, Ouvidor Geral, Chanceller, Desembargado-

res,

res, e muita parte do povo. O Governador posto na Capella, mandou dizer a todos que hontem, que foram dous dias do mez, lhe fizeram a saber como o muito alto, e Catholico Rey D. Filippe fora declarado por Rey de Portugal, por Sentença dos Governadores, e Defensores do Reyno, que logo alli foi lida pelo Secretario com huma Provisão de ElRey, em que mandava, que, conforme ao direito dos Governadores, este Estado o jurasse por Rey, o que todos por todas suas livres vontades tinham acceitado com muito contentamento, e promettido de assim o jurarem por Rey, e Senhor, pelo que eram alli juntos pera isso: e logo mandou a D. Tristão de Menezes, Capitão da Cidade, que tomasse nas mãos a bandeira das Armas Reaes de Portugal, o que elle fez, e se poz á mão direita do Governador, que logo se assentou de joelhos diante de hum Altar, que pera isso estava preparado com hum Missal aberto, e hum Crucifixo em sima, em que elle poz as mãos, e o Secretario lhe foi lendo a fórma do juramento, que elle foi dizendo em alta voz, na fórma seguinte:

» Eu Fernão Telles de Menezes, Capi-
» tão General, e Governador deste Estado
» da India, recebo por meu verdadeiro

» Rey,

» Rey, e Senhor natural ao muito Pode-
» roso Rey Catholico D. Filippe nosso Se-
» nhor; e juro nestes santos Evangelhos,
» em que tenho postas as mãos, de conhe-
» cer por meu verdadeiro Rey, e Senhor
» natural, e de obedecer, e cumprir intei-
» ramente seus mandados, e de guardar, e
» defender as Fortalezas que me forem
» entregues, e de cumprir inteiramente a
» omenagem que dellas tenho dado, e o
» juramento que tenho feito, como se o
» dera, e fizera ao dito Senhor Rey D. Fi-
» lippe. E por fim de seus dias juro nestes
» santos Evangelhos de ter, e conhecer
» por meu verdadeiro Rey, e Senhor na-
» tural a seu filho primogenito D. Diogo,
» e a todos os seus successores. »

Acabado este juramento, mandou o Governador ler a Procuração de ElRey, em que o fazia seu Procurador bastante pera em seu nome tomar o juramento das Cidades, e Villas do Estado, e das mais pessoas dos tres Estados Ecclesiastico, Nobreza, e do Povo, por cuja virtude o Padre Deão Braz Dias, Cabeça do Cabido, em nome do Estado Ecclesiastico se poz de joelhos diante do Governador, e com as mãos em hum Missal fez o mesmo juramento; e depois em nome de toda a Nobreza o fez D. Tristão de Menezes,

Ca-

Capitão da Cidade, e os Fidalgos velhos, que alli se acháram, e derradeiros os Vereadores da Cidade em nome de todo o Povo.

Acabados os juramentos, alevantou o Capitão a bandeira Real no ar, e disse muito alto: *Real, Real, pelo muito Catholico Rey D. Filippe de Portugal nosso Senhor*, apôs o que se tocáram logo muitos instrumentos, e repicáram todos os sinos com mostras de geral alegria. De alli se sahio o Governador acompanhado daquelle concurso todo, elle a cavallo, e diante o Capitão com a bandeira Real, e foi correndo as ruas publicas, acclamando ElRey D. Filippe por Rey de Portugal, com muitas trombetas, e charamelas, que tocavam todas as vezes que o Capitão acabava de acclamar por Rey.

Acabado este acto, recolhêram-se á Sé, onde tornáram a pôr a bandeira a huma ilharga do Altar mór, e o Governador se foi pera seus aposentos. Dalli a alguns dias se jogáram canas, e corrêram touros o mais louçã, e custosamente que a brevidade do tempo deo lugar. De tudo isto fez o Secretario seus autos, assignados pelo Governador, e pelos tres Estados.

CA-

CAPITULO V.

Em que se contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que as Patentes, Alvarás, e Provisões dos Cargos, e Officios que derem, não vão assignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como se o foram por todos sinco: e huma Carta de ElRey nosso Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataíde, Viso-Rey da India, e o faz seu Procurador, e de seu filho o Serenissimo Principe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e acceitar omenagem, e vassallagem dos Capitães, Vereadores, Fidalgos, Soldados, e mais Estados que houver na India.

NÓs os Governadores, e Defensores destes Reynos, e senhorios de Portugal, &c. Fazemos saber a vós Viso-Rey, e Governador nas partes da India, e ao Veador da Fazenda em elles, e ao Ouvidor Geral, Desembargadores, e quaesquer outras justiças das ditas partes, a que este for apresentado, que por quanto algumas Patentes, e outras Provisões, que passamos de Cargos, Officios, e outras cousas pera as ditas partes, vam assignadas por tres de

nós

nós sómente, e podia nisso haver alguma dúvida, havemos por bem, e mandamos, que posto que não vam assignadas por mais que de tres, se cumprão, e guardem inteiramente, como se foram assignadas por todos sinco, por quanto no Regimento que ElRey D. Henrique nosso Senhor que Deos tem nos deixou, declarou que as Provisões da qualidade das taes possam passar com tres sinaes sómente; e para se saber como assim o havemos por bem, mandámos passar este, que se cumprirá inteiramente, como nelle se contém, o qual será registado nos livros da Fazenda das ditas partes, e da Relação dellas, e valerá como Carta, feita, assignada, e passada pela Chancellaria, e posto que por ella não seja passada, sem embargo das Ordenações que o contrario dispõem. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a 25. de Março de 1580. O Arcebispo de Lisboa. D. João Mascarenhas. Francisco de Sá. D. João Tello. Diogo Lopes de Sousa.

Traslado da Carta de Sua Magestade.

DOm Filippe, por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, d'aquém, e d'além mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio

cio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber aos que esta minha Carta de bastante poder virem, que pela muita, e mui justa confiança que tenho de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, do meu Conselho de Estado, e Viso-Rey nas partes da India; e confiado outro sim que os Capitães Móres, Governadores, Vereadores, e Officiaes das Camaras, Fidalgos, Cavalleiros, Soldados, e mais Póvos das Cidades, e Fortalezas das ditas partes, sabendo (como devem ter sabido) que por falecimento do Senhor Rey D. Henrique meu Tio, que Deos tem, me pertenceo justa, e legitimamente a succesão, e senhorio dos ditos Reynos, e senhorios desta Coroa de Portugal (como tambem lhes constará pelo Alvará, e Decreto, que os Governadores do dito Reyno sobre isto passarem) cumprindo com aquillo a que tão justamente estam obrigados: lembrandose da sua, e da antiga lealdade de seus antepassados, me receberáõ, declararáõ pacificamente por seu verdadeiro Rey, e Senhor natural de todos os ditos Reynos, e senhorios, como Deos foi servido que o seja, e ao Serenissimo Principe D. Diogo, meu mui caro, e mui amado filho primogenito, por Rey, e meu successor delles por fim de meus dias, e a todos os mais

meus.

meus deſcendentes, e ſucceſſores: dou poder ao dito Conde Viſo-Rey, e o faço meu baſtante Procurador, com poder de ſobeſtabelecer de ſeus ſobſtabelecidos, em meu nome os poſſa receber por meus bons, e leaes Vaſſallos, e do dito Sereniſſimo Principe meu filho por fim de meus dias, e de todos os mais meus deſcendentes, e ſucceſſores, como dito he, e receber delles omenagem, e juramento de fidelidade, e lealdade, e fazer todos os mais autos que em tal caſo ſe requerem, e coſtumam fazer, com todas ſuas intendencias, e dependencias, poſto que ſejam tres, e de tal qualidade que requeirão mais expreſſa declaração, eſpecialmente pera poder prometter ás ditas Cidades, e Fortalezas, Capitães, e Officiaes da Governança, Fidalgos, Cavalleiros, ſoldados, e mais gente dellas ſobre minha fé, ou palavra Real, que lhes guardarei, e mandarei guardar todos, e quaeſquer privilegios que tiverem dos Senhores Reys meus predeceſſores de glorioſa memoria, uſos, e coſtumes, aſſim, e tão inteiramente, como por elles lhes foram concedidos, e guardados, que ſe lhes cumpriráõ reſpectivamente, como por elles lhe foram concedidos, e guardados, que ſe lhes cumpriráõ reſpectivamente, no que a cada hum tocar, todas as graças, mercês, e li-

ber-

berdades, e franquezas, que nas Cortes de Almeirim, por minha parte propoz, e offereceo o Duque de Ossuna meu Primo para todos os naturaes dos ditos Reynos, e senhorios, de que com esta se lhe enviará o traslado sobscrito, e assignado por Nuno Alvares Pereira, meu Secretario dos ditos Estados da India, e sellado com o sello de minhas Armas Reaes da dita Coroa de Portugal; e prometto de haver por bem, firme, e valioso deste dia pera todo o sempre, em meu nome, e do dito Serenissimo Principe meu filho, e de todos os mais successores della pelo dito Conde Viso-Rey, e cada hum de seus sobstabelecidos, feito, e concedido pela maneira que dito he. Em verdade deste poder, e pera firmeza de tudo, lhe mandei passar esta Carta por mim assignada, e sellada com o dito sello. Dada na Cidade de Badajóz a sete de Novembro de mil quinhentos e oitenta annos. ElRey. Eu Nuno Alvares Pereira, Secretario de S. Magestade Catholica, a fiz escrever por seu mandado. Pereira.

CAPITULO VI.

Em que se contém a Sentença que os Governadores deram naquella declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal.

OS Governadores, e Defensores destes Reynos, e Senhorios de Portugal. Fazemos saber aos que este Alvará virem, que ElRey D. Henrique nosso Senhor, que Deos tem, poucos dias depois que succedeo na Coroa dos ditos Reynos, vendo-se muito enfermo, e sem herdeiros descendentes, por não estar certo a quem pertencia a succesſão delles por seu falecimento, nos elegeo por Governadores, pera que falecendo elle antes de haver Principe legitimamente jurado, governassemos os ditos Reynos, em quanto assim os não houvesse. E porque não houvesse depois de seus dias quem puzesse dúvida em nos dar a obediencia, nos declarou em sua vida por Governadores na Cidade de Lisboa pera usarmos do dito cargo depois de seu falecimento, como dito he. E porque o dito Senhor viveo alguns mezes depois, e sempre procedeo no conhecimento da causa da succesſão pera averiguar a quem pertencia, e hum dos pertendentes era D. Antonio, filho não legiti-

ti-

timo do Infante D. Luiz, que Deos tem, dizendo que o dito Senhor fora casado com sua mãi, e que era legitimo, e como tal havia de preceder a todos os pertendentes; e depois de ser ouvido sobre o caso ordinariamente, e sua prova, recebido foi pelo dito Senhor Rey D. Henrique com muitos Juizes Ecclesiasticos, e Seculares por sentença declarado por não legitimo, e foram algumas das suas testemunhas prezas por falsas, e induzidoras de outras testemunhas pera o mesmo effeito; e pelo que neste caso fez, e por outras desobediencias que commetteo contra o dito Senhor Rey, foi por sentença desnaturado do Reyno, e condemnado que nunca mais nelle entrasse sob pena de caso maior, e foi-lhe sua fazenda que tinha da Coroa confiscada; e que todos os naturaes do Reyno que o favorecessem, ou acompanhassem, ou lhe dessem favor, ou ajuda, direita, ou indireitamente, em qualquer parte que estivesse, incorressem nas mesmas penas; e depois de determinado o dito incidente, precedendo o dito Senhor na causa principal da succesfsão, entendendo a justiça que ElRey Catholico D. Filippe seu sobrinho tinha ácerca da succesfsão da Coroa destes Reynos, pelo muito amor que sempre teve á Senhora D. Catharina sua so-

ſobrinha (hum dos pertendentes) mandou dizer á dita Senhora o que entendia ácerca da dita ſucceſsão, declarando-lhe como antes de dar Sentença queria tratar de concertos entre ella, e S. Mageſtade, e aſſim haver algumas mercês, e privilegios; e ſendo as Cortes juntas, que pera iſſo mandou convocar, mandou dizer em Juntas publicas aos Tres Eſtados do Reyno pelo Biſpo de Leiria D. Antonio Pinheiro, que eſtava muito perto de dar a Sentença pelo dito Senhor Rey Catholico ſeu ſobrinho, e que antes diſſo ſeria bem que ſe accommodaſſem com meios juſtos, e honeſtos. E tendo conſentido niſſo, e beijando-lhe por iſſo a mão os Eſtados Eccleſiaſtico, e da Nobreza, e tendo-lhe remettido a elle os aſſentos dos ditos meios, e condições, vendo o dito D. Antonio que o dito Senhor Rey eſtava tão chegado ao fim de ſeus dias, que por ſua enfermidade ſe eſperava por horas ſeu falecimento (e a fim de ſe levantar com o Reyno, como depois fez) por ſi, e por ſeus ſequazes induzio alguns dos Procuradores dos Póvos, pera que moveſſem, como movêram, dúvidas, e requerimentos impertinentes pera dilatar a reſolução, como de feito dilatárão alguns dias, nos quaes noſſo Senhor foi ſervido de levar o dito Senhor

Rey

Rey pera si, ficando nós no dito governo, pela maneira que estava assentado, e obedecidos dos bons, e leaes Portuguezes, seguindo o estilo, e exemplo dos seus antepassados, com toda a paz, e tranquillidade; porém o dito D. Antonio estando condemnado, e desnaturado, como dito he, sem nossa licença, e authoridade se veio metter na Villa de Santarem, acompanhado de muita gente sediciosa, e rebelde, induzindo os Procuradores das Cortes a rebelliões, e desobediencias, encaminhadas todas ao alevantarem por Rey: pelo que nos foi necessario pera quietação da patria despedir Cortes sem resolução alguma do que tanto importava, por quanto tambem por Direito ficavam quebradas, e dissolutas com o falecimento do dito Senhor Rey, que as mandou ajuntar. E posto que nos constava da tenção do dito Senhor Rey D. Filippe, nos foi muitas vezes mandado requerer, conforme a ella, e á notoriedade de sua justiça, que o jurassemos por Rey natural destes Reynos, e Senhorios, offerecendo-nos por sua Real clemencia, e benignidade privilegios, honras, e mercês em grande utilidade á Republica Portugueza, como entendia que o dito Senhor Rey seu Tio desejava: sem embargo de tudo, nós receando haver tu-

multos, e grandes deſordens por parte do dito D. Antonio, e dos rebeldes, e desleaes que o ſeguiam, o não fizémos; e ſendo-nos com grande inſtancia por muitas vezes proteſtado por parte de S. Mageſtade, que o fizeſſemos, como eramos obrigados, ſenão que entraria com exercito a tomar poſſe dos ditos Reynos, como de Direito Divino, e Humano entendia que o podia fazer, querendo nós proceder niſſo com a quietação que convinha aos ditos Reynos, e a toda a Chriſtandade, mandámos outra vez ajuntar Cortes, as quaes o dito D. Antonio novamente começou de perturbar, induzindo, e ſolicitando alguns dos Procuradores dellas a ſeguir ſua parcialidade, e ao levantarem por Rey, ſendo nós, por cauſa das enfermidades da Villa de Almeirim, e por outros reſpeitos, mudados á Villa de Setuval pera nella fazermos as ditas Cortes, e darmos ordem á quietação pública, com declarar o dito Senhor Rey Catholico por legitimo ſucceſſor da Coroa dos ditos Reynos, com honeſtos, e proveitoſos meios de concerto pera o bem commum, ſeguindo niſſo a tenção do dito Senhor Rey D. Henrique. Tendo o dito D. Antonio entendido eſta noſſa determinação, e que tinha por muito certo que todos os Eſtados conſentiriam nel-

nella, como já em vida do dito Senhor Rey tinham consentido os ditos dous Estados Ecclesiastico, e da Nobreza, e muita parte do Estado no povo, na Villa de Santarem aos dezanove dias do mez de Junho passado com alguma gente sediciosa, e rebelde, convocando, e alvoroçando grande parte da gente popular com grandes tumultos, quebrando as portas da Camara da dita Villa, tirou a bandeira Real que nella estava, e pelas ruas se fez appellidar por Rey contra vontade do Alcaide Mór, que não pode fazer a resistencia que convinha pelo tomar desapercebido, e contra vontade dos Officiaes da Camara, que entendendo aquella injusta rebellião, e alevantamento, se ausentárão, por se não acharem presentes a ella, e dahi se foi a Lisboa; e achando-a despejada da gente Nobre por causa da peste, fez alevantar alguma gente do povo, e proacclamar-se Rey, mettendo-se na Casa Real com grandes tumultos, e extorsões, contra vontade, e com grande perturbação de todos os Officiaes da Camara, de que os mais se ausentáram, e vieram fugindo a nós á dita Villa de Setuval, e todos os mais bons, e leaes, que não ousáram de lho contradizer, nem de resistir á furia dos sediciosos, e rebeldes que o seguiam contra o jura-

men-

mento que tinham feito de obediencia, e lealdade ao Governo, e Regimento delle. E sendo-lhes notorio não pertencer ao dito D. Antonio a succesão dos ditos Reynos, e não ser legitimo, e ser condemnado, e desnaturado por desleal, e rebelde a seu Rey, e Senhor, como dito he; e seguindo todos os seus sequazes sua contumacia, deslealdade, e rebellião em tanto desserviço de Deos, e perturbação, e desquietação do Reyno, e de toda a Republica Christã, vieram sobre nós na dita Villa de Setuval, onde estavamos, assim pera nos matarem, como a outras muitas pessoas illustres do Conselho de Estado, e outras que pertendiam a paz, e quietação pública, do qual insulto, e traição escapámos com muito perigo. E ora postos em nossa liberdade, declaramos ao dito D. Antonio por inimigo da patria, e desleal, e rebelde contra seu Rey, e Senhor natural, e a todos os que o seguem, ou tomão, ou tomarem sua voz; e os havemos por condemnados em todas as penas estabelecidas por Direito, e pelas Leis ordenadas, e costumes destes Reynos, e Senhorios de Portugal, em que incorrem os taes rebeldes, e desleaes, e mandamos que se executem nelles com todo o rigor de justiça, e se cumpra assim mesmo, e execute em

suas

ſuas peſſoas, e fazendas a ſentença que o dito Senhor Rey D. Henrique pronunciou contra elle dito D. Antonio, e ſeus ſequazes; e damos authoridade aos vaſſallos de quaeſquer peſſoas que agora ſeguem, e ao diante ſeguirem, que poſſam por ſi ſó tomar a voz de ElRey, e ficar realengos, e izentos de ſeus ſenhorios, e juriſdicções; e conformando-nos outro ſim com a tenção que o dito Senhor Rey D. Henrique ácerca da ſucceſsão, e com o recado que mandou á Junta das Cortes pelo Biſpo de Leiria: e por aſſim o entendermos por Letrados com quem communicámos eſta materia de ſucceſsão, declaramos ao dito Senhor Rey Catholico D. Filippe por noſſo Rey, e Senhor natural, havendo outro ſim reſpeito ás muitas graças, e mercês, privilegios, liberdades, e franquezas que S. Mageſtade ha concedido a eſtes Reynos: e aſſim o notificamos a todos os Duques, Marquezes, Condes, Prelados, Regedor da Juſtiça da Caſa da Supplicação, e Governador da Caſa do Civel, e Deſembargadores das ditas Caſas, Alcaides Móres, Corregedores, Juizes, Vereadores, Procuradores, Miſteres, Alcaides dos Caſtellos, e Fortalezas, Fidalgos, Cavalleiros, Eſcudeiros, Officiaes, e Homens de bem, de qualquer qualidade, e condição que ſe-

ſejam, de todas as Cidades, Villas, e lugares de todos os ditos Reynos, e Senhorios; e mandamos a todos em geral, e a cada hum em eſpecial, ſob cargo de juramento de fidelidade, que recebêram, e ſob pena de caſo maior, que hajam ao dito Senhor D. Filippe por Rey, e Senhor natural noſſo, de todos os ditos Reynos, e Senhorios da Coroa de Portugal, como de Direito o he, e lhe pertence, e por tal o obedeçam, e lhe entreguem todas as Fortalezas, e Caſtellos de todas as Cidades, Villas, e Lugares, obedecendo a elle, e a ſeus mandados no alto, e no baixo, como de ſeu verdadeiro Rey, e Senhor natural que he, e o jurem por tal, fazendo-lhe o juramento, e omenagem devido, ſegundo o coſtume dos ditos Reynos: e havemos, e declaramos por traidores, e deſleaes todos os que o contrario fizerem deſde o dia que á ſua noticia vier eſta noſſa declaração, e que incorram em todas as penas eſtabelecidas por Direito, em que os taes incorrem; e pera eſte effeito alevantamos, e havemos por levantados quaeſquer juramentos, e omenagens que pelo dito Senhor Rey D. Henrique, ou por nós, ou por noſſo mandado ſejam tomados, e recebidos de quaeſquer peſſoas, e os transferimos, e traſpaſſamos em favor

de

de S. Mageſtade Catholica, como ſe por elle, e por ſeu mandado lhe foram tomados. E pera certeza de tudo, mandamos paſſar eſte Alvará, por nós aſſignado, e valerá como Carta, e não paſſará pela Chancellaria, ſem embargo das Ordenações do ſegundo Livro Titulo vinte, que o contrario diſpõem. E no caſo que pera tudo o ſobredito haver cumprido effeito, as havemos aqui por expreſſas, e declaradas; e mandamos que tudo ſe cumpra, e guarde, como ſe neſte contém, ſem embargo de quaeſquer Leis, e Ordenanças, ou coſtumes que em contrario haja, porque todas as havemos por derogadas, viſta a qualidade do caſo, e do tempo, e ſem embargo da Ordenação do ſegundo Livro Titulo quarenta e nove, que diz que ſe não entenda derogada Ordenação alguma, ſe della, e da ſubſtancia della ſe não fizer expreſſá menção. Eu Chriſtovão Velho, Eſcrivão da Camara deſta Villa de Caſtro-Marim, ſobſcrevi o Alvará aſſima, eſcrito por mandado dos Senhores Governadores, e em ſua preſença, hoje dezeſete de Julho de mil quinhentos e oitenta annos. D. João Maſcarenhas. Franciſco de Sá. Diogo Lopes de Souſa. Chriſtovão Velho.

CA-

CAPITULO VII.

Do grande patrimonio que ElRey Filippe herdou em todo ẽste Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do estado em que neste tempo estavam as cousas da India.

JA que temos jurado ElRey D. Filippe por Rey, será bem que mostremos o grande patrimonio que em todo este Oriente herdou com os Reynos de Portugal, e o estado em que as cousas da India estavam postas, que nas nossas Decadas atrás temos dado largamente conta de todas; mas pois entramos com Rey novo, daremos nova relação dellas, e faremos huma breve descripção de todo este Oriente: pelo que se ha saber, que esta muito grande, e muito rica Provincia, a que communmmente chamamos India, deixando a divisão que della todos os Geografos fazem, pois por ora pertendemos só mostrar o que dizemos, a dividiremos em sinco partes, conformando-nos assim com o mesmo titulo que della os mesmos Reys de Portugal em seu novo descubrimento tomáram, como com as notabilissimas divisas com que a natureza separou humas das outras; e assim a primeira será a Ethiopia, se-

segunda Arabia, terceira Persia, quarta India, e a quinta a faremos daquella grande multidão de Ilhas, filhas daquelle Indico Oceano, que todas juntas podem constituir huma tamanha, ou maior parte, que qualquer das outras, em que os Reys de Portugal ganhárão, e conquistárão muitos ricos Reynos, e Senhorios, como logo se verão.

Comecemos logo pois com a primeira parte, que he a Ethiopia, que por encurtarmos, faremos do cabo das correntes até á boca do sino Arabico, que em si contém tanto numero de cafres barbarissimos, e idólatras, como na nona Decada se poderá ver, posto que o mais do maritimo, e todas as Ilhas adjacentes ás suas costas sejam povoadas de Mouros, e Mozardis, que por seguirem a Zaide, neto de Dóce, filho d'Ale, casado com Oxa, filha de Mafamede, e terem algumas opiniões contra o Alcorão, havendo os Arabios por hereticos, os perseguírão de feição, que lançados da terra, foram povoar estas partes, misturando-se por casamentos com os cafres naturaes d'antre quem nascêram huns mistiços, a quem chamão Badius, que habitam o certão de toda aquella costa desde Melinde até o Cabo de Guardafú, gentes crueis, e ferozes, que se mantêm de roubos, e ladroices.

Assim que tornando a esta parte que hiamos dizendo, nella possuem os Reys de Portugal as Fortalezas de Çofala no Reyno de Quetive, e no de Monomotapa os dous Fortes de S. Marçal no Senna, e o de Sant-Iago em Teti, mais de cento e sincoenta leguas pelo grande rio de Cuama assima: assim de huma, como da outra parte ha muitos Reys vassallos, que Francisco Barreto sujeitou á Coroa de Portugal, como na nona Decada dizemos na descripção de toda esta cafraria com o commercio de todas as minas do Monomotapa, Malucas, Bunca, Butua, e todas as mais: correndo a costa adiante, possuem a Fortaleza de Moçambique com todos os Reys da costa de Melinde, Guiloo, Mombaça, onde já tem Fortaleza, a Mopate, Atodo, Sio, Calife, Osa Brava com todas as Ilhas adjacentes: aquella costa, que todos pagão pareas, e obedecem como vassallos, tudo isto se comprehende debaixo do titulo da Ethiopia, que se divide da segunda parte, que he Arabia, pelo famoso sino Arabico, ou mar Roxo, como vulgarmente lhe chamam.

Esta segunda parte da Arabia (a que os Mouros dizem Aymam) semeou a natureza daquella multidão de Mouros Arabios já differentes em seita dos Mosaides

atrás,

atrás, por seguirem a Bubal, a Oumar, e a Othoman, que elles hão por verdadeiros Califes. Em esta parte está aquella abominavel casa de Mafamede com tanto opprobrio, e affronta da Religião Christã, e toda hoje he submettida ao Imperio Otomano, e nella ganháram os Reys de Portugal muita parte, e ainda hoje possuem os postos do Coriate, Calaiate com a nova Fortaleza de Mascate, e mais Xeques vizinhos de Soar, Coifação, e Çofala com o celebrado Reyno, e Ilha de Baharem, muito famosa pelas perolas excellentes, e finas que nella ha, e com mais de vinte leguas de costa, em que estam as Cidades de Lasa, e Catifa governadas por Xeques debaixo da jurisdicção do Capitão de Ormuz.

Esta segunda parte se divide da Persia, que he a terceira, por outra baliza não menos notavel, que he o sino Persico, a que commummente chamamos estreito de Baçorá: tambem nesta terceira parte a natureza prantou outro genero de Mouros differentes em creança, e ritos dos Arabios, por seguirem a Ali, neto de Mafamede, que elle por sua morte deixou nomeado no Califado, sobre que huns, e outros tem de contínuo grandissimas guerras, por haver a Abudas, a Oumar, e a Othomar por scismaticos.

Nes-

Nesta terceira parte, a que commummente chamámos da Persia, sendo na verdade da Provincia .... como temos já em outras partes dito, possuem os Reys de Portugal o muito formoso rio Indo. E porque esta parte he tamanha, a dividiremos em duas com a divisão dos Geografos, que he dentro, e fóra do Ganges; e começando pela parte de dentro do Ganges, he tudo o que jaz do mesmo rio, indo até á boca do celebrado Ganges, que se estende por huma, e outra costa mais de quinhentas e sincoenta leguas, que he toda povoada de dous generos de gentes, bem differentes em ritos, leis, e costumes: huns Mouros, a que chamão Soneis, que de trezentos annos a esta parte se senhoreárão de todo este Industão; os outros naturaes, gentios, idólatras, tambem muito differentes em Religião. Nesta parte dentro do Ganges tem os Reys de Portugal a mór parte de seu patrimonio, ganhado, e sustentado com o sangue de muitos Martyres; e começaremos da fermosa Cidade de Dio, de quem podemos dizer, que em Fortaleza, e magestade póde competir com todas as da Europa; ...que quando os Portuguezes entrárão em a India, era cabeça do potente Reyno de Cambaia; e quasi opposta a ella está a muito forte, e fer-

fermosa Cidade de Damão, como portas que fecham toda aquella enseada, com as Tanadarias, e Fortalezas de sua jurisdicção, que passa de vinte e quatro leguas, povoadas de fertilissimas, e abundantissimas aldeas, cujos foros rendem ao Estado muito. Vai adiante deste rio Agaçaim até o de Bombaim, que serão oito leguas, a famosa Cidade de Baçaim com as Tanadarias, e Fortalezas de sua jurisdicção, que são Assari, Manorá, Agaçaim até Bandorá, Taná, Curanjá, com a espantosa Ilha de Salsete, que pelos soberbos, e raros Pagodes que nella ha, se mostra que foi já cabeça de todos estes Reynos: até aqui chegáram os limites do antigo Reyno de Cambaia. He esta Cidade de Baçaim das melhores, e mais bem povoadas de todas as da India, por haver nella muitos, e principaes Fidalgos com rendas, e aldeas muito grossas de que se sustentam: vai logo abaixo a rica, e fermosa Cidade de Chaul, celebrada hoje pelo grande, e espantoso cerco, como o que o Issamaluco lhe poz, com setenta mil combatentes, sendo rasa, sem muros, cavas, nem baluartes, senão defendida do Capitão Mór D. Francisco Mascarenhas, que depois foi Viso-Rey dos Estados da India, como nesta Decada se verá ao diante, que foi

hum

hum insigne Capitão, e com os peitos dos valerosos Portuguezes, que sempre o foram de suas Cidades: mais adiante possuem os Reys de Portugal aquella muito fresca, e muito rica Ilha de Goa, cabeça de todo este Estado, cuja antiguidade se não acha em alguma outra escritura; mas acha-se que foi sempre tão continuada, e estimada dos estrangeiros, que andava entre elles por adagio: Vamo-nos recrear ás frescas sombras de Goa, e a gostar a doçura do seu bethele; e assim lhe chamáram por excellencia Geomonti, que he o seu verdadeiro nome, que em sua lingua quer dizer terra prospera; e pela continuação do nome vieram os naturaes por abbreviar a lhe chamar *Goe*, tirando-lhe o *monti*; e vindo-lhe nós a mudar a letra *e*, lhe chamamos *Goa*, nome por que he conhecida em todo o Oriente: os naturaes lhe chamam Frisvari, que quer dizer trinta Aldeas, por outras tantas que tem, que todas são já povoadas de Christãos, repartidos por dez, ou doze Freguezias, que ha por fóra da Ilha, não fallando na Cidade, em que ha mais de sessenta mil Christãos. Esta Ilha com as terras firmes de Salsete, e Bardez, que são da Coroa de Portugal, rendem muito; e discorrendo pera baixo até ao Cabo Çamorim na costa do Cama-

ram,

ram, eſtão as Fortalezas de Onor, Barcelor, Mangalor, e adiante no Malavar Cananor, Cranganor, Ceilão; e como cabeça de todas a fermoſa Cidade de Cochim, feira, e amparo das náos de Portugal, e de todas as partes do Oriente; que ainda que não he grande em renda, todavia he ſumptuoſa em mageſtade de Templos, e edificios.

E voltando-ſe o cabo, vai toda a coſta das peſcarias, em que os Padres da Companhia tem trazido ao canal da Igreja Catholica mais de ſeſſenta mil almas, tiradas, e arrancadas daquellas trévas, e abominações, em que o demonio tantas centenas de annos trouxe cegas, e eſcondidas; e paſſando adiante, eſtam as Cidades de Negapatão, e S. Thomé com algumas outras povoações ricas, e portos; que ainda que não são patrimoniaes dos Reys de Portugal, são povoados de ſeus vaſſallos com Capitães ſeus, regidos, e governados pelas Leis de ſeus Reynos: por toda eſta coſta tem os Padres Menores trabalhado muito bem na propagação da Lei Evangelica, com grande exemplo, e caridade.

Eſta parte de dentro do Ganges vai fenecer naquelle tão famoſo, e celebrado rio, em que começa a outra parte do Gan-

ges pera fóra, e vai fenecer no grande Reyno de Cambaia, onde a natureza com outra notabiliſſima diviſa, que he o rio Micon, que na lingua dos naturaes quer dizer Capitão das aguas, ſeparou a India daquella famoſa, e muito grande região, a que Ptholemeu chama Cinará Regio. Eſta parte da India fóra do Ganges he povoada de outros Gentios, peiores, e mais nefandos em torpeza de ritos, e coſtumes, e nella poſſuem os Reys de Portugal a muito celebrada, e nomeada Cidade de Malaca, throno, e cabeça de todo o Reyno Maluco, eſcala principal de todas as partes Orientaes de dentro, e fóra do Ganges, e famoſa pelos dous grandes, e crueis inimigos que de ambas as partes tem, Rajale Rey de Zor, e o Achem, ſenhor de toda a Ilha Çamatra, com os quaes continuamente tem grandes, e importunas guerras, e dos quaes tem alcançado grandes, e famoſas vitorias por mar, e por terra, como pelo decurſo de todas as noſſas Decadas ſe verá.

Aqui acabamos a quarta parte da noſſa divisão, que he a India, e começaremos a quinta, que he a que fazemos de todas as Ilhas, filhas de todo o Oceano Oriental, que por ſi podem conſtituir hum arrazoado Imperio; e começaremos das tan-

tas

tas mil Ilhas de Maldivas, cujo Rey hè Christão, vassallo obediente, e que reside na Cidade de Cochim com sua mulher, e casa; a celebrada Ilha de Ceilão, onde está a Fortaleza de Columbo com os Reynos de Jampatão (que he vassallo) e da Cota, e Candea, de que os Reys de Portugal são verdadeiros Senhores pelas perfilhações, e doações que delle lhe fizeram ElRey D. João da Cota, e D. Filippe de Candea, com a Ilha, e Fortaleza de Manar, com toda a pescaria do aljofar, que rende hum bom quinhão: e passando de aqui a Nascente, vai o senhorio de todo aquelle Archipelago de Maluco, de cujas Ilhas, que são muitas, das principaes que pertencem ao Reyno de Ternate, he ElRey de Portugal direito, e verdadeiro Rey, conforme ao novo titulo que delle tem tomado: tem as Ilhas, e Fortalezas de Amboino em a grande região da China: tem tambem a Ilha de Macáo, em que está fundada a melhor, e a mais prospera columna que os Portuguezes tem em todo o Oriente, e que já está feita Bispado.

E na costa de Japão tem as Ilhas de Solor, e outras, em que os Padres da Ordem dos Prégadores tem colhido tal fruto da semente Evangelica, que por todas semeárão, que pela misericordia de Deos

ha passante de sessenta mil Christãos, entre os quaes foram alguns Reys, e Senhores Principaes: este he o patrimonio que ElRey D. Filippe herdou, e dos Reynos de Portugal, dadō, e confirmado aos Reys seus Predecessores em perpétua doação pelos Pontifices Martinho V. Eugenio IV., Nicoláo V., e Xisto IV. com muito grandes, e liberaes privilegios, que se verão nas mesmas Bullas Apostolicas, que devem estar nos Tombos do Reyno; e não houveram pera bem de faltar na India, onde he seu proprio lugar, onde não ha nada, como se este não fora hum Estado pera se estimarem muito suas antiguidades, que não se acharám mais que nas nossas Decadas cavadas com puro trabalho meu, e sem nenhum dos Viso-Reys, e Capitães, em quem nunca achámos favor pera nada, ao menos pera o negocio da Torre do Tombo, que ElRey D. Filippe mandou logo fundar na India, onde se não tem lançado o que elle manda por suas instrucções, e os respeitos elles os saberão; mas todavia he falta, e muito grande pera a Escritura, e ainda pera o bom governo do mesmo Estado. E tornando ao nosso fio, quando ElRey D. Filippe foi jurado por Rey nestes Estados, era Governador da India Fernão Telles, e a Sé Vaçante, por haver pou-

co

co antes falecido o Arcebiſpo D. Henrique, como dizemos; Capitão da Cidade de Goa D. Triſtão de Menezes; de Çofala, e Moçambique D. Pedro de Caſtro; de Ormuz D. Gonçalo de Menezes; de Dio D. Pedro de Menezes; de Damão Martim Affonſo de Mello; de Baçaim D. Manoel de Almada; de Chaul D. Fernando de Caſtro; de Cananor Jorge Toſcano; de Cochim D. Jorge Baroche; de Columbo em Ceilão Manoel de Souſa Coutinho; de Malaca D. João da Gama; de Tidore em Maluco D. Diogo de Azambuja; e todos eſtavam com os olhos poſtos no Reyno eſperando o fim de ſuas couſas, porque da quietação delle dependia o remedio de todo eſte Eſtado.

CAPITULO VIII.

De como o Governador Fernão Telles despedio Mattheus Pires com Procuração bastante pera todas as Fortalezas do Norte, pera jurar por todas ElRey D. Filippe: e do aviso que mandou a ElRey por terra, que levou Jeronymo de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi após huns Paraos, que tomou em Carapatão.

FEitos todos os autos, e entrega da India, entendeo o Governador em mandar ás Fortalezas do Norte, e Sul fazer as mesmas diligencias, e avisar por terra ElRey D. Filippe de como ficava obedecido por Rey, sem inconveniente algum; porque como não havia de faltar no Reyno quem lhe dissesse a natureza dos homens da India, e pela sua izenção lhe haviam de fazer o caso duvidoso, quiz ser certificado do pouco alvoroço que causou aquella novidade, porque não mettesse naquelle negocio outro maior cabedal, o que tudo quiz ter feito primeiro que chegassem as náos do Reyno, em que estava certo virlhe successor, por lhe ser ganhado por mão, e a elle só ficar devendo ElRey tamanho serviço; e com muita brevidade

despedio Mattheus Pires, que fora Secretario de Estado da India, com os traslados de todos os papeis, e cartas que vieram por terra, e o sobestabeleceo por Procurador pera ir a Baçaim, Chaul, Damão, e Dio fazer jurar ElRey D. Filippe por Rey de Portugal; e escreveo a todos aquelles Capitães, que logo se fizesse aquelle acto, e lhe mandassem instrumentos pera mandar ao Reyno; e por não gastarmos outro Capitulo nisto, todos tomáram a succesão de ElRey D. Filippe no Reyno de Portugal muito bem, e deram suas menagens, e fizeram juramentos com a mór solemnidade que pode ser. No mesmo tempo despedio o Governador outro navio pera as Fortalezas do Sul com procuração a pessoas de authoridade em todas ellas pera se fazer o mesmo, como fizeram sem contradicção alguma. E porque estava huma náo pera partir pera Malaca, lhe fez dar pressa, e mandou todos os traslados na sentença, papeis, e procuração a D. João da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pera fazer a mesma ceremonia, e os papeis entregou a Pascoal Machado, que hia pera servir os cargos de Feitor, e Alcaide Mór da mesma Fortaleza.

Despedidas estas embarcações todas, tratou de mandar recado por terra a El-

Rey

Rey D. Filippe, como lhe elle encommendava muito na carta que escrevia ao Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, e lhe mandou que assim por terra, como por mar o avisasse logo de tudo o que passasse, e elegeo pera esta jornada Jeronymo de Lima, soldado prático nas cousas da India, e lhe deo cartas pera ElRey, e hum instrumento de como ficava obedecido pacificamente, e o mandou embarcar em huma fusta pera Ormuz pera de lá ir pela via de Baçorá, encommendándo aquelle negocio muito por cartas a D. Gonsalo de Menezes, a quem mandou outra via de levar hum Judeo natural daquella Cidade; e além desta mandou hum Veneziano, e ordenou despedir hum Veneziano por via de Sués, e lhe deo cartas em cifras, e o mandou em hum Catur, de que era Capitão Diogo Nunes Pedroso, bem antigo naquelles estreitos, e lhe deo por regimento que fosse tomar Caxem, e entregasse o Veneziano áquelle Rey, a quem escreveo, e encommendou muito, que désse ordem com que dalli passasse a Sués pera dalli ir a Alexandria. Este homem havia de ir em trages de Mouro com algumas mercadorias, e da viagem de ambos adiante daremos razão.

Partidos estes navios, que foram aos 16 dias

dias do mez de Setembro, deram recado ao Governador, que pela barra de Goa passáram quatro paráos de Malavares pera a banda do Norte ás prezas; e porque senão acudisse logo, podiam fazer muito damno nos navios dos Mercadores Portuguezes, que das Fortalezas do Norte naquelle tempo vem pera Goa a buscar as náos do Reyno, de que já eram chegados alguns, mandou chamar Mathias de Albuquerque, e foi-se pôr no caes, e mandou tomar os navios dos Mercadores, que eram vindos do Norte, por estarem mais prestes, com muitos marinheiros, e mantimentos, e mandou a Mathias de Albuquerque que logo se embarcasse nelles, e fosse apôs aquelles navios até os ensacar. Os Fidalgos, e Cavalleiros como souberam que o Governador estava no caes, acudíram a elle, e os primeiros que chegáram tomáram os navios que acháram, entulhando-se logo de muito boa soldadesca, que lhe acudio com suas armas já ao rebate. Mathias de Albuquerque deo-se tanta pressa, que no espaço de seis horas se embarcou; porque assim elle, como os mais Capitães, que o haviam de seguir, das embarcações mandáram tomar o pão, e outro mantimento que pelas praças se achou, com as camizas com que andavam, e suas armas se affastá-

ram

ram do caes, onde o Governador esteve sempre até os despedir: hiam nesta jornada dez navios, de que eram Capitães D. Gileanes Mascarenhas, André Furtado de Mendoça, Antonio de Azevedo, Cosme de Lafetar, João Rodrigues Coutinho, Gonsalo Tavares, D. Manoel de Menezes, D. Jeronymo de Azevedo, e outros que não lembrão; e fazendo-se á véla, foram tomando falla por todos os portos por onde passavam; e dos negros de huma Almadia que acharam, a quem o Capitão Mór mandou dar dez cruzados, porque lhe fallassem verdade, soube estarem os paráos em Carapatão; e apressando-se, chegáram áquelle rio já de noite; e entrando dentro, souberam que era verdade o que lhe disseram. Os paráos estavam na povoação, que he mais de quatro leguas pelo rio assima; e tomando o remo na mão, e postos em armas, foram caminhando pera sima com a enchente da maré, porque determinou o Capitão Mór ir tomar os paráos aonde estivessem, sem ter nenhuns cumprimentos com o Tanadar da terra, e toda a noite foram remando, e no quarto d'alva chegáram perto delles. André Furtado, Antonio de Azevedo, D. Manoel de Menezes, que hiam diante, por levarem melhores navios, chegáram aos paráos, e sem fazerem de-

ten-

tença, lhe puzeram logo as proas, e lhe lançáram dentro huma ſurriada de panelas de polvora: os Mouros em ſentindo fogo, logo ſe lançáram ao mar, e ſe ſalváram em terra, ficando os navios deſpejados; e ferrando André Furtado de huma galeota, e Antonio de Azevedo de outra, que eram as que acháram, deram-lhe cabo, e as affaſtáram pera fóra, e D. Manoel de Menezes rendeo, e levou comſigo os outros dous, que eram calemutes. Todos eſtavam com todo o ſeu recheio; e iſto não pode ſer táo depreſſa, que primeiro não acudiſſem muitos da terra ás eſpingardadas aos noſſos.

O Capitão Mór ao eſtrondo da arcabuzaria apreſſou-ſe tudo o que pode, e chegou aos navios a tempo que já traziam os paráos á véla, e vinha amanhecendo; e porque não havia já que fazer, ſe tornou pera a boca do rio, onde gaſtou todo aquelle dia, e ao outro ſe fez á véla pera Goa, levando os navios á toa os Capitães que os tomáram. E ſendo tanto ávante como os Ilheos queimados, houveram viſta de huma náo, que no velame lhe pareceo do Reyno; e indo a ella, ſouberam ſer a náo Caranja, de que era Capitão João de Mello da Armada de D. Franciſco Maſcarenhas, que vinha por Viſo-Rey da In-

India, de quem não davam novas, porque não tomáram Moçambique, onde podia ser que elle se detivesse, e que não poderia tardar muito; e sabendo as novas todas do Reyno, largando a náo, e dando ás vélas, chegáram de noite á barra de Goa, havendo oito dias que della tinham partido. Mathias de Albuquerque fez surgir a Armada fóra, e tomou huma Almadia, e metteo-se nella, sem dar conta a ninguem; e chegando a Pangim, tomou hum Balão do Tanadar, em que foi ter a Goa, onde o Governador estava; e entrando com elle, lhe deo conta do que era passado em sua viagem, e das novas do Reyno, que elle tinha já sabido por Jeronymo da Silva, Mestre da carreira da India, que tinha mandado á costa em hum navio ligeiro a esperar as náos, que aquelle anno haviam de vir do Reyno; e depois de praticarem em algumas cousas, lhe pedio o Governador se tornasse pera a Armada, e que ao outro dia entrasse, porque lhe queria fazer recebimento, o que elle fez. E ao outro dia foi entrando com os navios dos corsarios, ainda que alguns Capitães se adiantáram sem esperarem por elle. O Governador o recebeo muito bem, e fez mercê em nome de ElRey dos navios inimigos com todo o seu recheio aos Capitães que os tomáram.

E

E no mesmo dia mandou despejar as casas de Santos, que foram de Antonio Pessoa, e mandou passar o seu fato pera ellas, por ter a Fortaleza despejada pera quando o Viso-Rey chegasse. Ao outro dia surgio a não Caranja na barra, e apôs ella a náo Salvador, de que era Capitão Pedro Lopes de Sousa, que vinha despachado com a Capitanía de Malaca, que tambem não dava novas do Viso-Rey.

CAPITULO IX.

De como ElRey D. Filippe elegeo D. Francisco Mascarenhas por Viso-Rey da India: e do contrato que fez das náos da Carreira: e do que aconteceo a Francisco Mascarenhas na viagem até chegar a Goa.

DEsbaratada a batalha de Alcantara, e desapparecido o Prior do Crato do Reyno, passou-se ElRey D. Filippe a Elvas, aonde acudíram os Grandes do Reyno, e os Procuradores das Cidades a lhe darem a omenagem, e ao jurarem por Rey de Portugal, conforme a sentença dada pelos Juizes Deputados, que ElRey recebeo mui humanamente, e lhe fez honras, e mercês, e de novo lhes concedeo os privile-

legios, e liberdades que lhes tinha mandado. E logo começou a tratar das cousas que pertenciam ao bom governo: entre estas, ou das primeiras, foram as do Estado da India, como patrimõnio tamanho, e tão mimoso dos Reys de Portugal seus Predecessores (como aquelle cujos alicerces foram fundados com o sangue de muitos Cavalleiros, a que podemos chamar Martyres de Christo, pois peleijando por sua Santa Fé, acabáram) escrevendo, e mandando a sentença que por elle se deo na herança do Reyno por terra, como atrás dizemos Capitulo III. E porque se hia fazendo tempo de entender na Armada, que havia de mandar pera a India, e tendo respeito á idade, serviços, e muitos merecimentos do Conde Viso-Rey D. Luiz de Ataíde (que cuidava ser vivo) pareceo-lhe bem mandallo ir descançar de seus trabalhos, e tratou de lhe mandar successor; e porque entre os Fidalgos, que de novo eram chegados a lhe beijarem a mão, hum delles foi D. Francisco Mascarenhás, que fora muitos annos grande Pessoa na India, e muitas vezes Capitão Mór das Armadas, Fortalezas de Çofala, e Moçambique, e sustentára aquelle grande famoso cerco que o Inamoxá poz sobre Chaul, em que alcançou nome de grande Capitão, e com os

sol-

soldados da India de muito liberal, em quem concorriam as partes que eram necessarias pera naquella entrada moderar os homens, se nella houvesse alguma alteração pelo muito respeito que lhe todos tinham; e da sua chegada a Elvas a tres dias foi chamado, e commettido pera esta jornada com palavras tão obrigatorias, que se não pode escusar; e accrescentando ElRey logo com honras, e mercês, dando-lhe titulo de Conde de Villa d'Ota, de que usaria depois que tomasse posse do Estado da India, imitando nisto a ElRey D. Manoel seu Avô, que quando elegeo a D. Francisco de Almada pera ir á India, foi com regimento, que se não intitularia Governador, senão depois de ter feito nella tres Fortalezas; e assim fez mais a D. Francisco Capitão Mór dos ginetes, e da guarda da sua pessoa, como o foram seus Avós, e lhe deo Commendas grossas pera seus filhos, e netos, e trinta mil cruzados em dinheiro pera ajuda de custo de sua embarcação, e quarenta mil mais de mercê, de que se pagaria na India, e doze Habitos das Ordens de nosso Senhor Jesu Christo, Sant-Iago, e Avís, pera poder dar a quem quizesse, e lhe passou hum Alvará pera na India poder dar os cargos de Feitoria pera baixo, e de Juizes das Alfande-

gas

gas a huma só pessoa cada cargo, e por huma só vez, e por tempo de tres annos, e outras cousas, de que satisfeito se despedio de ElRey, e se foi pera Lisboa pera dar aviamento á Armada que havia de levar, provendo ElRey em todas as cousas da India com muita ordem, prevenindo-se pera tudo o que pudesse succeder. E porque entendia muito bem que os animos dos homens com nenhuma cousa mais se moderão, e abrandão que com honras, e mercês, deo sobre isso largos regimentos a D. Francisco; e segundo algumas pessoas dignas de fé nos disseram, muitos Alvarás assignados em branco pera todos os privilegios, liberdades, honras, e mercês que da sua parte promettesse ás Cidades, Capitães, e Fidalgos, que puzessem dúvida ao jurarem por Rey, que lhe ficassem logo feitas, e assignadas; porque como era Principe Christianissimo, quiz antes (se houvesse algum destes) trazellos á obediencia por esta via, que por castigos, e rigores: e assim se disse publicamente na India, que trazia o Viso-Rey hum Alvará em segredo pera o Conde D. Luiz de Ataíde, em que lhe fazia ElRey mercê do Titulo de Marquez de Santarem, entregando-lhe a India; o que se he assim, tudo ficou em segredo, e nelle se tornou a levar pera o Reyno.

Man-

Mandou tambem ElRey pelo Viso-Rey huma Lista, em que vinham quasi trinta Fidalgos despachados com Fortalezas, viagens, e outras cousas, e lhes escreveo a todos Cartas muito honradas; e porque até então corriam as náos por conta de ElRey, pareceo-lhe melhor contratallas com Luiz Cesar, como fez, que servia o cargo de Provedor dos Armazens, com as condições seguintes.

Que elle se obrigaria a mandar cada anno sinco náos, pera cuja fabrica lhe daria ElRey oitenta mil cruzados mortos cada anno, ficando o contrato da pimenta da mesma maneira que ElRey D. Sebastião o tinha feito com Diogo de Castro, João Baptista Revelhasco, Jacome de Bardez, e outros que durava até o anno de 1586. e era por tempo de sinco annos, e das condições seguintes.

Que de toda a pimenta que cada anno mandasse, que haviam de ser trinta mil quintaes, dariam a ElRey a metade. D. Francisco Mascarenhas fez dar pressa á Armada, e ás cousas de sua embarcação; e sendo o tempo chegado, tornou a beijar a mão a ElRey, e a despedir-se, que lhe fez ainda mais mercês, e deo licença pera se embarcarem com elle alguns homens, que estavam exceptuados por então por

respeitos que ElRey pera isso teve; e ainda os despachou, e lhes fez mercês, e despedio D. Francisco com muita satisfação: e ouvimos dizer a algumas pessoas cá na India, que lhe dera ElRey hum regimento, em que mandava, que se em Goa o não quizessem receber, que se fosse pera Moçambique, aonde se deixaria estar até seu recado. Despedido D. Francisco, foi-se pera Lisboa, e por causa dos negocios, que foram muitos, não se pode fazer á véla, senão aos onze dias de Abril de 1581. em que andamos: escolheo elle pera si a náo S. Lourenço, de que era Capitão Diogo Paçanha; e as mais náos eram Bom Jesus, por outro nome Caranja, Capitão João de Menelao; da Salvador Pedro Lopes de Sousa, despachado com a Capitanía de Malaca, e levava sua mulher Dona Barbara, filha do Doutor Gaspar de Mello, a náo Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, Camareiro Mór do Cardeal D. Henrique, que hia provído com a Fortaleza de Dio, e com a de Rachol em vida com trezentos mil reis de ordenado. A outra náo era S. Pedro, que havia de ir pera Malaca, de que era Capitão Leonel de Lima: embarcárão-se nesta Armada muitos Fidalgos, e Capitães, e dos que nos lembra são os se-

ſeguintes : D. Diogo Lobo deſpachado com a Fortaleza de Malaca ; João Correa de Brito com a de Columbo em Ceilão ; D. Antonio de Souſa com a de Damão ; D. Manoel Pereira com a de Baçaim ; Roque de Mello com a de Malaca ; João Correa de Brito com a de Columbo.

Eſta Armada foi ſeguindo ſua viagem por differentes derrotas, porque logo ſe apartáram as náos ; as duas que diſſemos foram tomar Goa ; a náo Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, foi tomar Cochim em Outubro ; D. Franciſco Maſcarenhas trabalhou por tomar Moçambique, aonde chegou aos dezoito de Agóſto, e ſurgio fóra das Ilhas a tempo que ſahia pera fóra a náo S. Pedro, que hia pera Malaca, que havia dias tinha chegado áquella Fortaleza, e ſe tinha provído de agua, e mantimentos, e já hia feita á véla. O ſeu Capitão tanto que vio a náo do Viſo-Rey, metteo-ſe no tairel, e foi a ella, e ſe vio com elle, e lhe pedio licença pera fazer ſua viagem por ſer tarde, que lhe elle deo, e ſe foi ſeu caminho. O Viſo-Rey tanto que ſurgio, mandou logo a terra Diogo Paçanha a viſitar D. Pedro de Caſtro, Capitão daquella Fortaleza, a quem eſcreveo huma Carta, em que lhe fazia ſaber de ſua chegada, e era D. Pedro

Tio da mulher do Viſo-Rey, Irmão de ſua Mãi, que era caſada com o Morgado de Oliveira, que tanto que teve a Carta do Viſo-Rey, e ſoube de Diogo Paçanha as novas do Reyno; logo ſe foi pera a náo acompanhado do Alcaide Mór, e peſſoas principaes, e o Viſo-Rey o recebeo com muitos gazalhados, e honras; e recolhidos na varanda, lhe deo D. Franciſco huma Carta delRey, em que lhe dava conta da ſua ſucceſsão, e lhe pedia o juraſſe por Rey, pois o era de Direito; e logo tratou com D. Pedro de ſe fazer o dito juramento, porque elle não havia de deſembarcar, porque era já tarde, e aſſim ſe fez, e deo D. Pedro alli a omenagem nas mãos do Viſo-Rey das Fortalezas de Çofala, e Moçambique por ElRey D. Filippe. Acabado iſto, foi-ſe pera terra, e na Igreja ajuntou o Alcaide Mór, e o Provedor da Miſericordia, e peſſoas principaes, e o P. Antonio da Mota, Vigario da terra, e alli fizeram os autos dos juramentos; o Vigario em nome do Eccleſiaſtico; o Capitão, da Nobreza; e depois o Alcaide Mór, e Provedor da Miſericordia em nome de todo o povo; e acabado o auto, tomou D. Pedro a bandeira Real nas mãos, e acompanhado de todos, foi com ella pelas ruas publicas, dizendo: *Real, Real,*

Real,

Real, pelo muito Catholico D. Filippe Rey de Portugal; e os meſmos juramentos fizeram pelo Principe D. Diogo ſeu filho. Diſto tirou o Viſo-Rey ſeus inſtrumentos, e papeis aſſignados por todos pera mandar ao Reyno, e logo ſe principiou a intitular Conde de Villa d'Orta, porque começou a tomar alli poſſe da India, conforme ao Alvará que levava; e por ſer tarde, e não ter tempo pera fazer aguada, tomou algumas pipas della do navio do trato que já achou de verga d'alto, e fez-ſe á véla. Daqui foi ſeguindo a ſua derrota até haver viſta dos Ilheos queimados aos 26. dias de Setembro, aonde foi a elle huma almadia com hum homem Portuguez, de quem ſoube eſtarem já ſurtas na barra as náos Caranja, e Salvador havia dous dias, de que ficou tomado de não pararem alguns dias pera eſperarem por elle: alli ſoube da morte do Conde D. Luiz de Ataíde, e da ſucceſſão de Fernão Telles, e de como El-Rey D. Filippe eſtava já jurado por Rey na Cidade de Goa pelos papeis que do Reyno vieram, o que ſentio em extremo, porque quizera elle ſer o que fizera aquelle ſerviço; mas não deixou de dar muitas graças a Deos noſſo Senhor, porque ſempre pareceo no Reyno que haveria neſte negocio muito que fazer; mas como Deos

noſ-

nosso Senhor tinha ordenado que a Coroa de Portugal se ajuntasse á de Castella por juizos secretos, que nós não alcançamos, não houve em todo o Estado da India (como já dissemos) alteração, movimento, nem inquietação alguma, o que foi permissão Divina, porque nestas partes andavam muitos homens da obrigação do Infante D. Luiz, e de seu filho D. Antonio, que em partes tão apartadas, e remotas puderam causar alguma perturbação; pois no Reyno, tão perto do castigo, não faltáram alvorotadores que o inquietáram por muitas maneiras: e tornando ao Conde, na mesma Almadia mandou embarcar Diogo Paçanha, e hum criado seu com Cartas pera o Governador, em que lhe fazia a saber de sua chegada, e provisões pera o Feitor, e Thesoureiro não correrem com nenhum pagamento, e escreveo ao Veador da Fazenda, e Secretario, que logo se fossem pera elle. Despedida esta Almadia, chegou de noite a bordo outra embarcação, em que hia hum Diogo Correa, casado na India, e soldado velho, e conhecido do Viso-Rey, e de todos os Fidalgos que com elle vinham; e entrando na náo, deo ao Visó-Rey todas as novas mais particularmente, porque era homem, que dava boa razão de tudo.

Dio-

Diogo Paçanha chegou ao outro dia a Goa, e deo as Cartas ao Governador, e fez as mais diligencias que levava a cargo. A náo ao outro dia, em que ella surgio na barra, que foram dezesete do mez, o Viso-Rey se desembarcou, e se foi metter na Fortaleza de Pangim, achando já o mar cheio de embarcações, que o hiam buscar. O Governador tanto que soube estar elle em Pangim, no mesmo dia o foi visitar acompanhado de muitos Fidalgos, parentes, e amigos; e ao desembarcar o esperou o Conde D. Francisco na praia bem á borda d'agua, onde se abraçáram, e se recolhêram pera sima com os Officiaes, o Viso-Rey lhe apresentou sua Carta de guia, em que mandava ElRey que lhe entregasse a India, e que por aquella o havia por desobrigado da menagem que della tinha dado. Esta entrega lhe fez o Governador logo alli na fórma ordinaria. Acabado o auto, recolheo-se Fernão Telles: no mesmo dia chegáram os Vereadores ao Viso-Rey, e lhe pedíram se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavam seu recebimento, porque nelle queriam mostrar o alvoroço, e contentamento que aquella Cidade teve com a succesão de ElRey D. Filippe naquelles Estados, o que lhe elle concedeo; e nos dias que elle se deteve, foi visitado

de

de todos os Prelados, Fidalgos, Cavalleiros, e soldados conhecidos; e tendo já sabido que o Governador tinha eleito pera o Malavar Mathias de Albuquerque, na primeira visita que lhe fez, lhe pedio, pois tinha acceitado aquella Armada ao Governador, corresse com ella, porque assim ficaria ElRey melhor servido; o que lhe disse com palavras de tanta satisfação, que se não pode elle escusar; e passados os oito dias, que o Conde D. Francisco esteve em Pangim, esperando que lhe preparassem sua entrada, a fez com grandes festas, e alegrias; e á entrada da Cidade jurou de lhe cumprir seus privilegios, e liberdades, como he costume, e começou o Viso-Rey a entrar logo nos trabalhos do Governo, que são grandes; e na primeira cousa em que entendeo foi em despedir pera Ormuz João Correa de Brito por Veador da Fazenda, sobstabelecendo como Procurador de ElRey, pera naquella Fortaleza o fazer jurar, dando-lhe os traslados da sentença, papeis, e Cartas de ElRey pera o Capitão D. Gonsalo de Menezes; e com elle mandou Balthazar de Gamboa pera ir ao Reyno por terra com Cartas a ElRey, em que lhe dava conta de sua chegada, e de como ficava pacificamente jurado, e obedecido por Rey, e deo por regimento a

João

João Correia (ſegundo diziam) que ſe achaſſe ainda em Ormuz Jeronymo de Lima, que o Governador Fernão Telles mandava com o meſmo recado, o não deixaſſe paſſar; e porque trazia muito encarregado de ElRey aviſallo da ſua chegada por todas as vias, deſpedio outro navio ligeiro, de que era Capitão Luiz de Aguiar, pera ir lançar hum Armenio em Caxem pera de alli partir pera o Reyno. Por via de Suez eſcreveo áquelle Rey, que lhe déſſe ordem pera a ſua paſſagem; e Fernão Telles, em quanto ſenão embarcou, tirou ſuas Certidões, papeis, e inſtrumentos de como entregára a India, e do eſtado em que todas as Fortalezas della eſtavam, das Armadas todas, e mais couſas que havia.

LIBRARY · BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo na jornada a Gonſalo Vaz de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma náo do Rey de Pegú, e com huma Armada ſua: e de como morreo aquelle Rey, e lhe ſuccedeo ſeu filho, e ſoltou os Portuguezes que eſtavam cativos, e de outras couſas.

POrque eſta Armada foi ordenada pelo Governador Fernão Telles de Menezes, nos pareceo continuarmos aqui com ella, e darmos razão de tudo o que na jornada lhe aconteceo; poſto que duraſſe todo eſte anno; aſſim porque he couſa ſua, como pela não contarmos por pedaços, porque ſerá occupar outros lugares, que havemos de miſter pera muitas couſas. Deixámos Antonio Pereira Pinto com o outro navio, de que era Capitão Alvaro Colaço, paſſando pelas Ilhas de Angediva, e correndo ſeu tempo, porque o inverno ainda não ceſſava; e foi elle tal, que não puderam tomar nenhum porto do Malavar, e paſſáram ávante; e a primeira terra que tomáram foi Coulão, onde não quizeram entrar por ſe não deterem, ſómente em quanto Antonio Pereira Pinto eſcreveo hu-

ma

ma carta pera alli deixar a Gonſalo Vaz de Camões, em que lhe deo conta da ſua jornada, e de como paſſava ávante, e o hia eſperar a S. Thomé.

Partidos de alli, chegáram a Tuto Comorim, onde fizeram aguada, e ſe provêram de algumas couſas, no que ſe detiveram dous dias. Vendo Antonio Pereira que não vinha Gonſalo Vaz, paſſou os baixos á outra banda, e chegou na entrada de Setembro á povoação de S. Thomé, onde ſe deteve oito dias, eſperando por Gonſalo Vaz; e vendo que tardava, e que fazia tempo de ir eſperar as náos, abrio a Proviſão, e apreſentou ao Capitão, que lhe poz o Cumpra-ſe, e lhe deo juramento conforme a ella pera poder proſeguir naquella jornada. Eſtando já pera ſe fazer á véla, chegou Gonſalo Vaz com outro navio; e tomando alli informação das couſas a que hia, foi informado por peſſoas que iſto ſabiam, que ſua ida a Maſulipatão era eſcuſada, porque havia já novas certas que a náo do Achem deſarmára, porque logo fora o ſeu Capitão aviſado de como em Goa ſe faziam aquellas Galeotas preſtes pera a irem eſperar, porque os Mouros de Goa deſpedíram por terra recado diſſo, que a outra náo do Rey de Pegú era muito poderoſa, e feita ao modo das da Euro-

ro-

ropa, e que eſtava muito guarnecida de artilheria, e munições, e com mais de trezentos Mouros, aſſim Achens, como Malavares, que ſe alli achāram em huma Galeota, que aquelle Rey fazia embarcar por força: e que além diſſo mettêrá hum Embaixador, que mandava ao Achem com ſincoenta homens brancos, por onde a Armada não tinha que fazer com ella. Sabendo Gonſalo Vaz a certeza daquelle negocio, aſſentou com os praticos da terra de paſſarem a Pegú a fazer a guerra que o Governador mandava fizeſſe; mas vendo que o ſeu regimento não ſe eſtendia mais que até alli, donde lhe mandava que voltaſſe pera Goa, e que Antonio Pereira Pinto foſſe com os mais navios fazer aquella jornada, aſſentou com elle, que pois não conſeguíram o effeito, pera que aquelle regimento ſe fizera pelos inconvenientes já ditos, que paſſaſſem ambos companheiros a Pegú iguaes em poder, e mando; mas que a bandeira de Chriſto levantaria Gonſalo Vaz de Camões em o ſeu navio, ſuccedendo haver alguma briga. Concertados niſſo, aos 14. dias de Setembro ſe fizeram á véla; e antes que partiſſem, chegou Fernão de Lima na Galeota Alexandrina, que vinha do negocio de Pegú, não bem deſpachado; e porque tratou a Gonſalo

Vaz

Vaz de Camões de lhe tomar a Galeota pera mudar a ella Francisco Serrão, por ser o seu navio mais pequeno, lhe deo alguns furos secretos, com que se encheo de agua, pelo que foi forçado deixarem alli a Francisco Serrão, porque se affogava o seu navio. Partidos os tres navios, negoceou-se Francisco Serrão pera se tornar a Goa; e por não ir com as mãos vasias, deo huma volta pela costa, por ver se achava algumas prezas; e andando naquelle officio, deram com elle huns paráos de Malavares, que invernárão por aquelles rios, e o tomáram, e cativáram; e passando pelo porto de S. Thomé, acháram a Galeota Alexandrina prestes, e negoceada pera se partir pera Goa; e dando nella, a tomáram, e leváram comsigo, e de passagem foram dando em algumas povoações, em que fizeram roubos, e damnos. As Galeotas, que foram atravessando a Pegú, puzeram dezesete dias naquella travessa, e a primeira terra que tomáram, foi a barra de Negraes, a tempo que haveria pouco mais de duas horas que a náo de Masulipatão surgio na boca daquelle rio; e vendo-a elles tão fermosa de tres mastros, pareceo-lhes que era a náo do Reyno, que errára a derrota, e fora tomar alli, como já outras fizeram. E affirmando-se nisso pela feição del-

della, a foram demandar com grande alvoroço; e chegando á falla, lhe disse de dentro huma voz em Portuguez: *Andar pera velhacos, que esta náo he de ElRey de Pegú, e não tem dever com Armadazinhas.* E após isso lhe deram huma salva de bombardadas, e de espingardadas, de que lhe matáram sinco homens, e alguns marinheiros. Vendo os nossos aquillo, e conhecendo que aquella era a náo, que não ousáram ir buscar a Masulipatão, houveram que Deos nosso Senhor os levára alli pera a tomarem; e pondo-se em armas, a rodeáram, e batêram muito rijamente com os dous camelos que levavam as Galeotas de Gonsalo Vaz, e Antonio Pereira, o que fizeram todo o dia até á noite, em que a deixáram com muitos rombos abertos por onde se hia enchendo de agua. Estando na bateria, víram do navio de Alvaro Colaço vir o batel demandar terra; e largando tudo, o foi demandar, e o tomou entre huma restinga, e com elle á toa se tornou ao seu lugar, e ainda á noite se foram os nossos surgir affastados da náo; e de alguns Mouros, que no batel vinham, souberam que na Cidade de Cosmi pelo rio assima estava o Principe herdeiro daquelle Reyno com mil e trezentas vélas pera ir conquistar o Reyno
de

de Arracão. E vendo elles que aquella Armada forçado havia de ſahir por aquelle rio fóra, determináram de averiguar primeiro o negocio da náo, ſobre o que aſſentáram que ſe perdeſſem todos, ou a tomâſſem por credito do nome Portuguez: e aſſim tanto que amanheceo, tornáram a commetter a náo; e chegando a ella, a víram muito mettida de poppa, e a gente della inquieta de huma pera a outra parte, como que acudiam a algum trabalho: e aſſim era, porque ficou da bateria tão aberta de poppa, que ſe hia ao fundo; e entendendo o trabalho em que eſtavam, tornáram a apertar com ella tão rijamente, que ſe commettêram os que eſtavam nella alcançar a terra a nado pera ſalvarem as vidas. E vendo aquillo, puzeram as proas na náo com grande determinação, e ſobre a entrada tiveram com os que eſtavam ainda dentro huma mui aſpera batalha, em que os noſſos fizeram muito pela entrar; e por fim do negocio foram os inimigos mettidos á eſpada, ficando a náo, e todo o recheio em poder dos noſſos. Os ſoldados como concluíram aquelle negocio, quizeram aproveitar-ſe da fazenda, que lhe tanto cuſtou, e aſſim cada hum tomou o que quiz; e começáram a baldear dentro dos navios tantas couſas, que eſtiveram as

Galeotas arriſcadas a ſe ſoçobrarem com o pezo, ſem os Capitães poderem acudir a iſſo; e vendo elles que a náo ſe hia ao fundo com a agua, e que os navios eſtavam arriſcados ao meſmo com o pezo que tinham, aconſelhando-ſe os Capitães entre ſi, puzeram fogo á náo por tres partes, e ſaltáram em as Galeotas, e começáram a alijar ao mar tudo que puderam. Eſtando ainda a mór parte dos ſoldados na náo, ſem lhes dar do fogo, que ateava já por todas as partes, foi-lhes depois forçado recolherem-ſe a nado, porque as Galeotas logo ſe affaſtáram pera fóra. Ao meſmo tempo chegou huma Galeota de hum João Leitão, caſado em Goa, que eſtava dentro do rio, e alli fez hum muito arrezoado reſgate com os ſoldados, e a troco de pouco encheo o navio de boas fazendas, e as Galeotas foram deſpejadas, e boiantes. Paſſado iſto, foram-ſe os noſſos pera a barra de Sirião, que he onde os Achens vam demandar aquella Coſtã, e por ella andáram dezoito dias com ventos pela proa, e muito grandes correntes, por ſer a monção acabada; e por não poderem paſſar dos Ilheos dos Mudos, onde levavam por regimento que invernáſſem, aſſentáram que voltaſſem pera o porto grande em Bengala, como fizeram. Succedeo

nos

nos dias que por cá gastáram sahir o filho de ElRey de Pegú com toda a sua Armada pera ir contra o Reyno de Arracão, e apôs elle mandar-lhe ElRey outro recado, que tornasse a voltar em busca da Armada Portugueza, e que lha levasse, porque mais estimaria huma fusta sua, que todo o Reyno de Arracão. Com este recado tinha voltado o Principe; e tanto ávante como os Ilheos Alevantados, que estam abaixo da Barra de Negraes, onde pelejáram com a náo, houveram os nossos vista da Armada, a tempo que vinha sahindo pelo rio fóra; e conhecendo, e vendo tanta multidão de navios, assentáram que se fossem pera o mar, o mais que pudessem; assim porque os inimigos não eram homens que se affastassem muito da terra, como por verem se os podiam espalhar, e apanhar alguns desmandados. Os inimigos tanto que víram os nossos, e que lhe viravam as poppas a modo de lhes fugirem, cobrando mais animo, foram apôs elles mais de quatro leguas ao mar; e vendo que os levavam já de vencida, e com aquella golodice, e desejo de lhes chegarem, se adiantáram dezesseis embarcações as mais ligeiras; e chegando-se aos nossos, dividíram-se em tres partes pera tomar os nossos no meio, que já hiam postos em armas pera pelejarem

com elles. E vendo que ſeis dos navios eſtavam mais deſviados, voltáram a elles com grande determinação, e deram-lhes aquella primeira ſalva de bombardadas, de que lhe mettêram logo tres no fundo; e pondo as proas nas outras tres, em muito breve eſpaço as axoráram; e arremettendo ao outro eſquadrão de outras ſinco, que acháram mais perto, deram-lhe outra ſalva tão bem empregada que as deſtroçáram; e já quando chegáram ás outras ſinco lhe deo aos noſſos pouco; e arremettendo com ellas, traváram com todas huma mui arriſcada batalha, em que todos pelejáram de maneira que as rendêram, e desbaratáram de todo com morte da mór parte dos inimigos.

Acabado deſte negocio, que foi muito apreſſado, vendo que a mór parte da Armada os vinha entrando, contentando-ſe com a vitoria que Deos lhes tinha dado, deram á véla com a viração, e foram-ſe recolhendo, levando comſigo muitos inimigos cativos, e dezoito peças de artilheria, que tomáram em os ſeus navios, e aſſim vitorioſos ſe recolhêram a invernar em Bengala; e ſabendo ElRey de Arracão de ſua chegada, e do muito honrado ſucceſſo que tiveram com a Armada do Pegú, mandou viſitar aquelles Capitães, e dar-

lhes

lhes os parabens da vitoria, e os agradecimentos de por sua causa ficar livre daquelle cerco; e com isso lhes mandou pedir que se quizessem ver com elle, e acompanharem-no, porque determinava ir contra Pegú, fazendo-lhes grandes promessas, do que elles se escusáram, e alli invernáram, e no veranico voltárão sobre Pegú, e acháram já aquelle Rey morto, e no Reyno seu filho chamado Falanha Ximi de Ginoco; e da barra lhe mandáram os Bramás, e Pegús, que leváram cativos, e lhe escrevêram huma carta, e outra pera os Portuguezes que alli estavam; e na de El-Rey lhe diziam, que se a sua náo não levára Mouros, e Turcos, que a não tomáram; porque o tinham por amigo do Estado; e que a prova disto era, que aos Mouros todos, como a inimigos, cortáram as cabeças; mas que aos Bramás, e Pegús, porque éram seus vassallos, os tratáram sempre muito bem, como elles diriam, dos quaes lhe faziam serviço, e aos Portuguezes escrevêram, que lhes dissessem o mesmo. Vendo ElRey a carta, e sabendo dos seus as honras que os nossos lhe fizeram, foi-lhe tão acceito, que deo liberdade a todos os Portuguezes, que tinha reteúdos, que se foram pera a India, e a Armada se foi pera S. Thomé, e dahi

a Cochim, depois de dous mezes de viagem.

CAPITULO XI.

Do que neste tempo aconteceo nos estreitos de Méca, e da Persia: e de como tres Galés de Rumes foram á nossa Povoação de Mascate, e a assoláram, roubáram, e destruíram: e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.

PElas terradas que todos os annos vam da Arabia de Coriate até ao Cabo de Rosolgate, e aos Portos do mar roxo com incenso, tamara, e outras mercadorias, tiveram em Mascate novas que no porto de Mora se faziam prestes quatro Galés pera virem saquear aquella Cidade. Esta nova se mandou logo a Ormuz ao Capitão, que pondo em parecer dos antigos daquella Fortaleza, se mandaria invernar gente áquella Cidade, foi contrariado de todos, affirmando-lhe que não havia Galés em Meca, nem era possivel poderem sahir fóra, porque se haviam por seguros pelas intelligencias que traziam os Turcos, fiando-se nisto de outros Mouros, como se tiveram elles por lei, ou costume fallar verdade, com o que D. Gonsalo desistio do

que

que determinava, mandando recado áquelles moradores, que todavia estivessem precatados, e com grandes vigias; e que tanto que entrasse Setembro, fosse huma fusta ao Cabo de Rosalgate a espiar as Galés, pera que se viessem, lhes pudessem vir dar rebate, e se pôrem em salvo. Os moradores de Mascate tinham as novas por muito certas, porque falláram com pessoas que lhes vieram concertar as Galés, e que ouvíram praticar na sua vinda, e que Mouros daquella mesma Cidade os foram convidar pera aquella jornada, promettendo-lhes della muito grandes promessas, e riquezas, e que ainda lá estavam pera os guiarem: pelo que tanto que entrou Setembro, logo o Feitor de ElRey armou huma fusta, de que era Capitão Alvaro Mourato, bom soldado, que D. Gonsalo pera isso tinha mandado com regimento, que se fosse pôr no Cabo de Rosalgate; e que havendo vista das Galés, voltasse pera Mascate a dar-lhe aviso, e que passasse apressadamente pera Ormuz, e levasse comsigo dous Taranquis muito ligeiros pera mandar diante. Este homem se foi pôr cozido com o Cabo de Rosalgate, e se deixou estar com grandes vigias, assim por mar, como por sima dos montes. As Galés era verdade que se faziam prestes pera

irem

irem a Mascate; porque (como dissemos) alguns Arabios da mesma terra deram aquelle alvitre a Mirá-senáo, Baxá daquellas partes, affirmando-lhe estar a terra muito rica, pelo que tinha mandado negocear quatro Galés, remendando pera isso algumas velhas que havia, e elegeo pera esta jornada Alibac Turco de nação, homem de sua obrigação, Cossairo solto, arrebatado, e pouco Capitão. Este Mirasenáo era natural de Outrato, casta christã, e governava toda aquella parte das Arabias Feliz, e Petrea, a que os Arabios chamam Ayman, e tinha sua residencia na Cidade de Haná, que está no meio da Arabia Feliz, sessenta leguas ao Norte de Moca, e outras tantas de Xael por linha direita, que está edificada em sima de hum tezo, e he toda murada de muros de adobes, quadrada, com seus baluartes mui bem feitos; e affirmáram-nos alguns Indios doutos, naturaes della (porque vivem alli muitos) que foi fundada por Canaan filho de Noé, que povoou aquella parte, e que tambem fora camara, e residencia da Rainha Sabá, e que tem em suas escrituras, que della sahio, quando foi a Jerusalem ver a grandeza de ElRey Salamão, e que ainda dura sua memoria em huma porta, que tem pera a banda do Norte, que se cha-

chama Albabo Sabá, que em lingua Arabia quer dizer Porta de Sabá, porque dizem que por ella sahio, quando partio pera ver Salamão; outros affirmam que não he a razão do nome esta, senão que se chama assim, porque fica pera o Norte, e que Albabo Sabá quer dizer a porta que vai pera o Norte: a terra he a mais prospera que se sabe no mundo, abundantissima de pão, gado, legumes, e frutas, em tanto, que com razão se chama Arabia Feliz: tambem se chama dos Escritores antigos Siria Momifera, que quer dizer cheirosa, porque nella se produz o incenso, myrrha, e esturaque. E tornando á nossa ordem, o Baxá mandou negociar as quatro Galés, e em fim de Agosto se fez Miralebac á véla com ponentes tão rijos, que na Costa da Arabia se lhe abrio huma Galé, que foi varar em terra, e elle com as tres foi seguindo sua derrota, indo demandar o Cabo de Rosalgate. Como era sagaz, entendeo mui bem que alli de longo delle havia de haver vigias, porque lá se haviam de recear delle; e affastandose da terra, embocou o estreito á meia barra, sem Alvaro Mourato haver vista delle, e foi demandar Mascate.

Pelas pontas das serras, que são muito altas, pelas quaes se hiam governando, por-

porque determinava de dar ſobre Maſcate, primeiro que delle tiveſſem novas; e ſendo tanto avante com elle, deixou-ſe eſtar de dia; e tanto que anoiteceo, o foi demandar, e não quiz ir logo ferrar o porto, mas foi abaixo delle tomar a enſeada de Sedabo, aonde deſembarcou aos vinte e dous de Setembro; e como ſe poz em terra com a mór parte da gente, mandou as Galés que foſſem entrar em Maſcate, ao quarto d'alva, e que fizeſſem grande eſtrondo, e atiraſſem muitas bombardadas, porque os noſſos ſe deſcuidaſſem do Certão, e por onde elle determinava commetter a povoação; o que ſuccedeo, como elle traçou. Deſpedidas as Galés, começou o Alibac a caminhar por terra; e porque melhor ſe entenda tudo, faremos huma demonſtração deſtas bahias ambas. Eſtendei a mão direita com a palma pera baixo, e alargai o dedo pollegar, e demonſtrador, e dos outros, e a enſeada de Sedabo, que penetra tanto, como moſtra o vão do dedo; com outro vão de entre pollegar, e demonſtrador he a bahia de Maſcate, onde faz aquella pelle delgada de huma praia a modo de arco, pela qual ſe eſtende a povoação, que a mór parte fica encuberta pera o Certão, e fica toda entre duas ſerras. Eſta enſeada do Sedabo, que fingimos naquel-

quelle vão do dedo demonſtrador, e do do meio, faz huma ſerra ingreme, que não tem mais que huma ſubida direita aſſima, e a deſcida vai logo cahir na bahia de Maſcate. No cume deſta ſubida faz huma quebrada, que deixa alli o caminho tão eſtreito, que não póde por elle paſſar ſenão a fio hum e hum; e o Mirale foi ſubindo eſta ladeira até paſſar aquella eſtreitura, que com hum berço, e dez homens ſe podia defender ao mundo todo, porque das ilhargas ſobem as ſerras ingremes ao Ceo; e deſcendo pera baixo achou huns peães, que eſtavam dormindo, com os quaes não quiz bolir, e foi tomar por detrás da Cidade, a qual era por aquella parte cercada de huma parede enſoça com tres portas, as quaes mandou tomar, repartindo ſincoenta Turcos a cada huma, e alli ſe deixou eſtar com muito ſilencio até ouvir o ſinal das Galés. Os caſados de Maſcate como andavam com ſobreſaltos, eſtavam preſtes que lhes trouxeſſe a fuſta recado pera em tendo rebate ſe pôrem em ſalvo; e porque lhes hia tardando, alguns que tinham embarcações preſtes, quizeramſe ſegurar, e tinham determinado de ſe embarcarem no quarto d'alva. Deſtes era hum Diogo Machado, o qual em começando o quarto d'alva, ſe levantou pera ſe ir;

ir; e porque tinha huma quantidade de dinheiro em barrís, que lhe fazia pejo pelo volume, e tambem porque os não queria arriscar, determinou de os ir enterrar fóra da Cidade; e tomando caminho pera fóra com tres moços de espingardas, chegando a huma das portas, antes que sahisse por ella, mandou aos escravos que se deixassem ficar da banda de dentro, porque não quiz fiar delles o lugar, em que os queria pôr; e tomando o dinheiro, e hum sacho pera cavar, foi sahindo pera fóra, e elles á porta rodeada deram nelle, e de hum golpe o abríram por huma ilharga, de que logo cahio morto, dando alguns gritos. Os moços que estavam da banda de dentro em os ouvindo, e sentindo gente, fóram fugindo pera a povoação, dando rebate de inimigos, ficando o pobre homem sem dinheiro, e sem vida. Succedeo na mesma conjunção ir sahindo pela barra fóra hum Taranquim, em que sahia hum Paulo Correa com sua familia, pois que parece que o coração lhe denunciava alguma cousa; e chegando á boca da bahia, deo com as Galés, que já vinham entrando; e tornando a voltar, deo rebate na povoação, quasi ao mesmo tempo que os escravos do outro estavam gritando *inimigos*, *inimigos*. Os moradores com aquelle alvoroço sahíam

ram desatinados de suas casas, e foram-se ajuntar nas de João Cabaço, homem alli principal, e tomáram conselho sobre o que fariam, sendo já mais de setenta Portuguezes alli com suas espingardas, e muitos escravos, que podiam mui bem pelejar com os Turcos, se souberam a quantidade delles, e assim o foram muitos de parecer; mas a grita, e pranto das mulheres, e meninos era tamanha, que fazia confusão, pelo que alguns se sahíram dalli com suas armas, e foram esperar os Turcos ás portas pera lhas defenderem. As Galés tanto que entráram na bahia, dispararam a sua artilheria, a qual sendo ouvida do Mirabolec, foi commettendo a entrada das portas, e achŕram dez, ou doze dos nossos que os hiam buscar, e com elles traváram huma muito fermosa briga, em que os Portuguezes fizeram maravilhas em damno dos Turcos; mas como eram tão poucos, e os inimigos tantos, foram-se recolhendo pera a Cidade, ficando morto hum João Fernandes, Capitão, e senhorio de huma de tres náos que estavam no porto. Os moradores, que estavam em casa do Cabaço, que eram mais de quinhentas almas, entre mulheres, e meninos, sentindo as Galés, foram tomando o caminho de longo da praia pera a povoação do Mataro, que seria

ria huma legua pequena pera a banda de Ormuz. Os Turcos, que foram entrando a povoação após os nossos já manhã clara, acháram o Padre Vigario, que se deteve em enterrar o sino, os Santos Oleos, e outras cousas da Igreja, o qual foi tomado ás mãos, e cativo; e como a povoação estava despejada, e não acháram resistencia, começáram a saquear as casas, e acháram enterradas muitas fazendas, que os casados escondêram, porque as não puderam levar; o que tudo lhes mostráram os mesmos Mouros de Mascate, que com elles vinham, que eram familiares de todas aquellas casas, e sabiam tudo. Todo aquelle dia gastáram os Turcos neste saco, e tudo recolhêram logo em as tres náos, que no porto estavam, as quaes eram de João Cabaço, João Fernandes dos Caens, e de hum Pedro Fernandes de Chaul, e de noite se recolhêram ás Galés.

CAPITULO XII.

Do que mais fizeram os Turcos até se recolherem : e do que aconteceo aos moradores de Mascate : e das novas que foram a Ormuz : e de como D. Gonsalo de Menezes mandou huma Armada em busca dos Turcos.

AO outro dia pela manhã tornáram os Turcos a rabiscar a povoação; e tanto caváram, que até os Santos Oleos, e mais cousas lhes não escapáram : e pelo aborrecimento que tem á nossa Religião, ajuntáram lenha, e queimáram o Templo, que ardeo todo : alli ficáram todos á sua vontade, como senhores da terra, seis dias, nos quaes não deram vida a cães, gatos, nem porcos, de que alli havia huma grande quantidade; estes perseguíram, e buscáram, ainda que já hoje os comem melhor que os Christãos, e póde ser que pera isso os matassem elles. Succedeo aqui huma cousa espantosa, e foi, que deram huma espingardada em huma porca prenhe, que a abríram pelas ilhargas, e assim se foi metter no mato, onde esteve escondida todos aquelles dias que alli estiveram; e tanto que anoitecia, se hia metter na agua salgada; e ainda depois dos morado-

res

res tornarem pera a povoação, a víram ir todos os dias metter no mar: veio esta porca a sarar, e depois pario dez bacoros, dos quaes se tornou a inçar a terra. As novas das Galés foram, ao outro dia que ellas chegáram, ter a Calajate, onde estava por Feitor hum João do Rego da obrigação de D. Gonsalo de Menezes, o qual despedio com muita presteza hum Taranquim muito ligeiro com novas a Ormuz, e outro á fusta de Alvaro Mourato, que estava no cabo de Rosalgate, que não sabia nada; e o mesmo fez João Cabaço do lugar do Mataro, aonde chegou com toda a gente, e hum poz tres dias, e outro quatro até Ormuz; e dando a D. Gonsalo noticia, logo no mesmo dia despedio Martim Lopes Carrasco em hum catur com regimento que se fosse ajuntar com Alvaro Mourato, e ambos vigiassem as Galés, em quanto elle negociava huma Armada pera mandar sobre elles. Partio este navio logo, poz este negocio em effeito, e tomou duas náos de Mercadores, e as mandou armar, e negociar muito bem, e o mesmo fez a huma Galé, que alli estava, e armou mais sinco navios de remo, e elegeo pera Capitão Mór desta Armada D. Luiz de Almeida, filho do Alcaide Mór de Abrantes; e pera esta jornada se offerecêram todos os

que

que havia na terra ; e em quanto ella se não fez á véla, tornaremos a Alvaro Mourato, que estava na boca de Rosalgate.

Este homem por muitas diligencias que fez não soube das Galés, senão pelo Tranquim, que lhe João do Rego mandou: em lhe dando o recado, logo se fez na volta de Mascate, e despedio huns Taranquins, que levou com recado ao Capitão de Ormuz, e lhe escreveo que ficava espiando as Galés, e que não as havia de largar até as ensacar. E tanto que anoiteceo, chegou á barra de Mascate, e tomando o remo em punho muito caladamente, entrou dentro; e chegando a huma Galé, lhe deo huma surriada com o falcão, e berços, e com toda a espingardaria, e tornou a voltar pera fóra. Os Turcos, que todas as noites hiam dormir ás Galés, em sentindo as bombardadas ficáram sobresaltados, cuidando que era outra cousa; e levando-se com muita pressa, foram remando apôs o navio, e lhe deram caça até os Ilheos da Victoria, huma legua de Mascate, donde se tornáram a recolher; e segundo os Turcos viviam descuidados, se Alvaro Mourato tivera outros tres navios com outros companheiros, sem dúvida que os tomáram, e os matáram a todos primeiro que pudessem tomar as armas. Vendo Alvaro

Mou-

Mourato dos Ilheos da Victoria voltar as Galés, tornou apôs ellas; e deixando-se estar á vista de Mascate, aonde foi ter com elle Martim Lopes Carrasco, que lhe deo novas da Armada; que se ficava fazendo prestes, alli ficáram ambos vigiando as Galés, e os deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuar com os moradores, que se recolhêram ao lugar de Mataro, onde passáram aquella noite; e não se havendo por seguros alli, assentáram de se passar á Fortaleza de Bruxes, quatro leguas pelo certão, que era de hum Arabe, chamado Catane, cabeça de huma cabilda dos Arabios, e nella estava então hum Agoazil mui bom homem; que antes delles chegarem, pelas novas que já tinha, os sahio a receber com quarenta de cavallo pera lhes dar guarda, e levou todos comsigo, e os agazalhou muito bem, e com muito amor, mandando-lhes dar todo o necessario por seu dinheiro, sem se fazer escandalo a pessoa alguma, nem lhes faltar valia de hum toltão, levando elles muito ouro, prata, peças, e dinheiro por ahi solto, com ser muito persuadido dos Arabes que se soubessem aproveitar do tempo, porque aquillo era huma náo quebrada que dava á sua costa; mas elle sempre disse que não havia de fazer traição a homens

que

que se acolhiam a elle, e assim os teve com muitas honras todo o tempo que alli estiveram; e não sei por certo se esta virtude, e primor que neste barbaro se achou, achára elle, e os seus em muitos dos nossos Capitães da India, tão obrigados por Lei Divina, e Humana a guardarem verdade, e justiça a todos, o que tudo pela ventura guardam alguns bem mal; e por bem que nos interésse deixando isto, tornemos a Ormuz.

O Capitão D. Gonsalo de Menezes deo tanta pressa á Armada, que em oito dias a fez á véla: D. Luiz de Almeida, Capitão Mór della, em huma náo; e na outra Antonio de Paiva; Simão de Mello, filho do Abbade de Pombeiro na Galé; e das sinco fustas eram Capitães Balthazar Vieira, Fernão da Silveira, João de Sousa, Paulo Ferreira, e João Mendes Carrasco. Nestas vasilhas se embarcáram quatrocentos soldados, armados todos de peitos, espingardas, e outras armas, gente toda muito limpa, e custosa, e com provimento pera dous mezes: deo o Capitão por regimento a D. Luiz de Almeida que seguisse as Galés até dentro de Meca, se fosse necessario; e não as encontrando, se fizesse na volta dos Nautaques, e destruisse todos aquelles portos, e povoações pelos muitos damnos, e roubos que por aquelle

estreito faziam todos os annos. Dada a Armada á véla, foi seguindo sua derrota, em que os deixaremos.

Os Turcos tendo já escoado tudo, depois de haver seis dias que alli estavam, se fizeram á véla, levando as tres náos á toa carregadas de fazendas, e foram seguindo sua jornada de longo da costa. Alvaro Mourato, e Martim Lopes as foram seguindo sem os perderem de vista até ao Cabo de Rosalgate, donde voltáram perá Mascate, e achãram já os moradores na povoação; porque tanto que foram avisados da ida dos Turcos, despediram-se do Aguazil de Bruxel, que os acompanhou até os pôr em lugar seguro, porque os seus os não roubassem: e elles por se lhe mostrarem agradecidos daquella boa obra, tiráram outro sim huma peça de duzentos cruzados que lhe mandáram. Chegados os dous navios a Mascate, determináram de se ir pera Ormuz com as novas do que passava, e nelles se embarcáram alguns casados com suas mulheres, e filhos, por não ficarem alli com sobresaltos; e entrando na enseada poucas leguas antes de Ormuz pera tomarem algum refresco, e estando nella surtos, deo hum tempo travessão da banda do Norte tão rijo, que se soçobrou o navio de Martim Lopes, em que se af-

fo-

fogou hum casado com toda a sua familia, e sinco, ou seis pessoas outras, escapando Martim Lopes por estar em terra. A Armada de Ormuz chegou a Mascate, havendo oito dias que as Galeras eram partidas, e tomando o Capitão Mór conselho sobre o que faria, assentou-se que era tempo perdido todo o que se gastasse em irem apôs as Galés, porque haviam de ir mui alongadas dalli; mas que fosse á costa dos Nautaques, como levava por regimento, no que pela ventura que tiveram alguns deste parecer nas prezas que daquella jornada esperavam, que não em obedecer ao regimento do Capitão de Ormuz.

CAPITULO XIII.

De como esta Armada foi á costa dos Nautaques: e da destruição que fez por toda ella: e de como em Ormuz juráram por Rey a ElRey D. Filippe: e da viagem que fizeram por terra as pessoas que mandáram, assim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Francisco Mascarenhas Viso-Rey.

DEterminado D. Luiz a não seguir as Galés, cousa que D. Gonsalo de Menezes muito sentio, e o recebeo por isso mal,

mal, quando tornou, por lhe affirmarem muitos homens que se as seguíra (segundo o vagar que levavam por levarem as nossas náos á toa) sem dúvida as achára; e que quando as não tomára, ao menos lhe largáram a preza; mas como este Fidalgo era bom homem, e hum pouco acanhado, fiou aquellas cousas, que eram de tanta honra, de quem lhe dava della pouco. Em fim, como começavamos a dizer, resoluto em ir aos Nautaques, despedio as náos, que eram de mercadores, entregando todos os provimentos que nellas hiam a Manoel do Casal, Feitor da Armada, e passou a gente aos navios do remo, e á Galé de Simão de Mello, e armou mais tres taranquins, de que fez Capitão Constantino Castanho, Francisco Machado, e outro; e fazendo-se á véla, foi demandar aquella costa, que afferrou junto da Cidade de Penani, que era muito fermosa, e assentada na costa do mar bravo, em que assentou de dar de madrugada, primeiro que tivesse aviso da Armada, porque era isto já de noite. Indo-a demandar, adiantou-se o Taranquim de Francisco Machado; e antes de chegar, houve vista de humas terradas; investindo logo huma, foi axorada, e toda a gente cativa: indo em seguimento da outra, foi dar em huma restinga de pedra,

dra, em que tomou fundo de huma braça; e porque a Armada vinha atrás, voltou a lhe dar aviso, porque não fosse varar por sima della, com o que se desviou logo, e sem dúvida que dava nella de meio a meio; e posto que o Capitão Mór se queixou de Francisco Machado por correr as Terradas, porque estavam certos que os que escapáram na outra, irem logo dar aviso da Armada, todavia por outra parte elle foi causa de se ella salvar, pelo permittir Deos assim. Desviados os nossos das restingas, esperáram pela manhã, e foram commetter a Cidade, que acháram despejada, porque tinha já rebate pelos da terrada, e estavam seus moradores postos em salvo, ficando a Cidade com todo o seu recheio em poder dos nossos, que a saqueáram á vontade; e depois que não houve que roubar, lhe deram fogo, em que toda se consumio; e o mesmo fizeram a quarenta e sete terradas, que acháram no estaleiro, e em o mar, não lhe deixando cousa em pé; e embarcando-se, foram pela Costa abaixo até Goadel, que tambem já estava avisada. Era esta Cidade grande, e rica, por ser hum porto muito accommodado, e continuado de mercadores ricos de Cambaya, e de outras partes, que estavam já recolhidos aos matos: os nossos desembarcáram na Ci-

da-

42669

dade, e fizeram o que na outra, por não acharem resistencia, recolhendo muitas prezas, e mantimentos, e foram passando avante até á Cidade de Teim, que he dos Abindos, gentes barbaras, e ferozes, que vivem sobre o rio de Calamate em companhia dos Nautaques; andam pelo mar ás prezas, que são os derradeiros dos Gedrosios de Carmania (como já em outra parte dissemos) estava tambem esta Cidade despejada com o temor dos nossos, e foi tambem mettida a ferro, e a fogo. Estando aqui, foi ter com elles João Correa de Brito, que o Conde D. Francisco tinha despedido pera Ormuz aos negocios que dissemos no Capitulo VIII. do Livro II. e delle souberam da chegada do Viso-Rey, e de como ElRey D. Filippe ficava jurado em Goa, e de todas as mais novas que havia, e lhe deram a elle conta dos negocios das Galés.

Partido elle dalli, foi ter a Ormuz, onde foi mui bem recebido, e deo ao Capitão, a ElRey, e ao Guazil as Cartas de ElRey cheias de honras, e mercês; e deo huma Provisão ao Guazil, em que lhe fazia novamente mercê dos cargos do Guazilado, e Juizado da Alfandega pera hum filho seu, o que elle teve por muito mimo, e grande mercê; e abrindo-se os papeis

que

que levavá, pelos quaes se vio ser ElRey D. Filippe jurado, e obedecido por Rey, assim no Reyno todo, como na Cidade de Goa, que era cabeça deste Estado, juntos os Estados na Igreja, fizeram todas as solemnidades acostumadas, de que se tirá-ram papeis, e instrumentos pera mandar ao Reyno, o que tudo se fez com a fidelidade tão ordinaria nos Portuguezes. Acabados os autos, e as festas que se fizeram, despedíram Balthazar de Gamboa com Cartas pera ElRey, e os traslados de todos os papeis, e assim dos que alli se fizeram, como os que trouxe João Correa de Brito de Goa; e tambem mandáram hum Armenio por outra via com os mesmos papeis pelos não arriscarem por huma só pessoa. Já quando chegou João Correa de Brito era partido Jeronymo de Lima com os papeis, que Fernão Telles mandou a ElRey, que foi entregue a hum Judeo, que se obrigou ao pôr em Tripoli, ou Baruti, pera dalli se embarcar pera a Europa, e deixou dado fianças a trazer Carta sua de como o deixava em hum daquelles portos; e já que estamos com este negocio entre mãos, nos pareceo bem acabarmos com suas jornadas, por não pejarmos outro lugar.

Partido Jeronymo de Lima de Ormuz, foi

foi em companhia das cafilas pela via de Suez, e Babylonia, e foi ter a Tripoli do Sinu, donde despedio o Judeo com Cartas de como chegára alli, e ficava pera se embarcar nas náos que haviam de partir, como de feito logo se embarcou, e no caminho foi tomado pelas Galés de Malta, e levado a hum dos seus portos; e as causas por que não na soubemos, mas contava cá o mesmo Jeronymo de Lima, que o houvera o Capitão da Galé que o tomou por suspeitoso; e que o mandára ao Grão Mestre, a quem dera elle conta do negocio a que hia, e lhe mostrára as Cartas: pelo que o mandou embarcar em huma náo de Secilia, que alli estava, e entregallo ao Viso-Rey, que sabendo ao que hia, por ganhar aquellas alviçaras com ElRey, que sabendo ao que hia, o deteve alguns dias, e despedio hum Correio pela posta com Cartas a ElRey Filippe, e depois largou a Jeronymo de Lima, que quando chegou a Madrid já ElRey tinha as novas por via de Secilia, de que cá se queixava o Jeronymo de Lima; e em esta materia não tivemos outra informação mais que a que elle deo; mas nem por isso deixou ElRey de lhe fazer mercê, dando-lhe o habito de Christo com boa tença, e lhe confirmou o cargo de Juiz da Alfandega de Goa, que

lhe

lhe o Viso-Rey D. Luiz tinha dado, e lhe deo mais outros tres annos, e outros cargos pera casamentos de suas irmans; e depois que João Correa de Brito despedio pera o Reyno, chegou á Cidade de Alepo, onde dizem que o matáram, por lhe tomarem huma pouca de pedraria que levava. O outro Armenio, que o Conde D. Francisco mandou primeiro pera ir por via de Suez, deixou Luiz de Aguiar em Macua, hum dos portos de Abassia, e dalli em companhia das cafilas se passou a Suez, e dahi a hum daquelles portos do mar da outra Costa, onde se embarcou em huma náo de Secilia, e por terra tomou o caminho de Madrid, e não soubemos em que tempo, sómente dizem alguns da obrigação do Conde D. Francisco, que primeiro tivera ElRey recado por sua via que pela de Fernão Telles; e porque vai pouco em averiguar isto, o deixamos.

CAPITULO XIV.

Do que aconteceo ao Governador Fernão Telles até se embarcar pera o Reyno: e de como se fechou a casa em que estam os retratos dos Viso-Reys com o seu: e do que sobre isso se nota.

PRimeiro que entremos no governo do Conde D. Francisco Mascarenhas, nos pareceo bem concluir com o do Governador Fernão Telles até o pormos no Reyno, com quem tambem acabaremos este primeiro Livro; e primeiro notaremos algumas cousas maravilhosas que nesta mudança do Reyno succedêram. Pelo que se ha de saber, que primeiro que o Governador Fernão Telles se sahisse de seus aposentos, mandou pôr o seu retrato na casa, onde estavam os outros Governadores, e Viso-Reys, a que com muita razão se podia chamar a casa da fama. He esta huma fermosa casa, em que estam os retratos de todos os que governáram a India, que D. Luiz de Ataíde a segunda vez que a governou mandou fazer de novo; e o Governador Fernão Telles mandou pôr nelle todos os tetratos dos que governáram a India, que antigamente estavam nas casas de Sabaio; e alguns que faltavam, que eram

do

do Governador Francisco Barreto até elle Fernão Telles, mandou retratar, e renovar os mais, que foi huma obra muito necessaria, e curiosa. Nesta casa fazem os Viso-Reys, e Governadores os Conselhos, e despachos, porque he muito fermosa, e he muita razão que tenham elles sempre diante dos olhos aquellas Personagens, pera que trabalhem de imitar as heroicas proezas daquelles Varões, onde ha muitos pera isso, seguindo nisto a ordem dos Athenienses, que no Senado costumavam ter os retratos dos seus famosos, pera que fossem vistos, e imitados de todos: e ainda faziam mais, que mandavam no mesmo Senado recitar os feitos dos Grandes, pera que os presentes pudessem tomar exemplo; porque as Escrituras representam mais ao vivo aquellas imagens que ante os olhos se tem, no que na India houve sempre grande descuido. E posto que as imagens que alli tem, representam ao natural aquelles illustres varões, todavia são mudas, e não fallam; nem na India houve curiosos, que por elles fallassem na Escritura, o que pela ventura nasceria da falta dos favores que pera isso são necessarios, ou de se contentarem alguns de estatuas, e corpos fantasticos, não lhes lembrando quanto mais tinham por obrigação pertenderem imagens,

que

que dem mais moſtras das virtudes do animo, que das feições do corpo, e louçainhas dos trages, em que ſe muitos eſmeram, não imitando niſto ao grande Ageſiláo, que pertendendo muitos Artifices tirallo ao natural, não conſentio, como homem que eſtimava mais as heroicas proezas, e extremadas virtudes do animo, em que elle deſejava extremar-ſe, que não as das feições do corpo; porque coſtumava a dizer, que eſtas obras eram dos Artifices, e as outras ſuas, e que huma era dos ricos, e as outras dos bons. E Socrates iſto meſmo aconſelhava a ſeu Rey, que procuraſſe de deitar de ſi taes imagens, que deſſem mais moſtras de virtudes, que de louçainhas, e feições corporaes. E tornando á noſſa ordem, primeiro que Fernão Telles ſe ſahiſſe dos apoſentos dos Governadores, poz o painel do ſeu retrato na caſa dos Illuſtres, com o qual acabou de fechar todas as quatro paredes da caſa. E eſtando com o primeiro, que he D. Franciſco de Almeida, ſem ficar lugar pera nenhuma couſa mais, como pedra que fecha a abobeda, o que pareceo permiſsão Divina fechar-ſe, e arrematar-ſe aquella caſa com o derradeiro Governador feito pelos Reys de Portugal. Como dalli por diante queria Deos noſſo Senhor que

ſe

ſe começaſſem os mais feitos pelos Reys de Portugal, e Caſtella, como de feito aſſim foi; porque D. Franciſco Maſcarenhas primeiro Viſo-Rey feito por ElRey de Portugal D. Filippe, e os mais ſe paſſáram a outra caſa, poſto que Mathias de Albuquerque deſmanchou eſta ordem, como em ſeu lugar diremos, no que não ha pouco que notar, começar-ſe a primeira caſa dos Viſo-Reys feitos pelos Reys de Portugal em D. Franciſco, e o meſmo a ſegunda caſa, em que começáram a pôr os feitos pelos Reys de Portugal, e Caſtella, em outro D. Franciſco; como tambem não he couſa de menor conſideração, que eſte Reyno de Portugal ſe ſeparaſſe do de Caſtella por via de femea, dando-ſe em dote ao Conde D. Henrique, que caſou com Dona Tereſa, filha de ElRey D. Affonſo o VI. de Caſtella, em cujos deſcendentes andou por via maſculina direitamente de redor de quinhentos annos, até ſe acabar em outro D. Henrique, que foi o Cardeal Rey, por cuja morte ſe tornou eſte Reyno a ajuntar ao outro por via de femea, que foi a Emperatriz Dona Iſabel, filha de ElRey D. Manoel, que caſou com o Emperador Carlos V. de glorioſa memoria, de entre os quaes naſceo ElRey D. Filippe, que repreſentando a peſſoa de ſua mãi, tornou

a herdar este Reyno, como tambem se tem notado dos Doutos por espanto, que o primeiro Emperador de Constantinopla se chamou Constantino, e sua mãi Elena, e o herdeiro, em quem aquelle Imperio acabou, assim mesmo Constantino, e sua mãi Elena: e o primeiro Emperador de Roma Augusto (não contando Julio Cesar, que foi Dictador perpétuo) e o herdeiro, em que tambem acabou aquelle Imperio Augustulo; as quaes cousas, que parecem sobrenaturaes, não podemos dizer que acontecêram acaso, que isso seria opinião dos Gentios, mas são juizos de Deos nosso Senhor, que ordena todas estas cousas por muitos justos, e secretos juizos seus.

CAPITULO XV.

De todos os Viso-Reys, e Governadores, que governáram a India, e que estam nesta casa, com o tempo que cada hum governou.

VIso-Rey. D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, que foi o primeiro que do Reyno partio com o titulo de Governador, e na India tomou o titulo de Viso-Rey: veio no anno de 1505. governou quatro annos; e indo pera o Reyno,

no, foi morto pelos Cafres na Aguada do Saldanha.

Governador. Affonſo de Albuquerque ſuccedeo a D. Franciſco de Almeida em Outubro de 1509. governou ſeis annos; e vindo de tomar Ormuz, morreo aos Ilheos Queimados, doze leguas de Goa; tomou as Cidades de Ormuz, Goa, e Malaca.

Governador. Lopo Soares de Albergaria ſuccedeo a Affonſo de Albuquerque, veio do Reyno o anno de 1515. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Diogo Lopes de Siqueira, Almotacel Mór do Reyno, ſuccedeo a Lopo Soares: veio do Reyno o anno de 1518. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. D. Duarte de Menezes, ſenhor da Caſa de Tarouca, ſuccedeo a Diogo Lopes de Siqueira: veio o anno de 1521. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Viſo-Rey. D. Vaſco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almeirante do mar da India, o que a deſcubrio: partio do Reyno o anno de 1524. com o titulo de Viſo-Rey, que foi o primeiro que El-Rey D. João o III. proveo: governou quatro mezes, e faleceo em Cochim em Fevereiro de 1525.

Go-

Governador. D. Henrique de Menezes o Roxo, ſuccedeo na primeira via por morte do Viſo-Rey D. Vaſco da Gama: governou hum anno, e hum mez, e faleceo em Cananor em fim de Fevereiro de 1526.

Governador. Lopo Vaz de Sampayo, ſuccedeo por morte do Governador D. Henrique de Menezes na terceira ſucceſsão em auſencia de Pedro Maſcarenhas, que ſahio na ſegunda, eſtando por Capitão de Malaca, cujo eſte lugar com juſtiça era; e ſendo verdadeiro Governador, ficou fóra do número dos deſta caſa: governou tres annos, e dez mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, ſuccedeo a Lopo Vaz de Sampayo: veio do Reyno o anno de 1528. invernou em Ormuz, e chegou a Goa em Novembro de .... governou nove annos, e dez mezes: fez a Fortaleza de Calecut, e a de Baçaim, e a de Dio; e indo pera o Reyno, faleceo no mar.

Viſo-Rey. D. Garcia de Noronha ſuccedeo a Nuno da Cunha: veio do Reyno o anno de 1538. governou a India hum anno, e ſete mezes, faleceo em Goa, e eſtá enterrado na Sé.

Governador. D. Eſtevão da Gama, filho do Conde Almirante D. Vaſco: ſucce-

deo

deó por morte do Viso-Rey D. Garcia, vindo de servir a Capitanía de Malaca: governou dous annos, e hum mez, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Martim Affonso de Sousa succedeo a D. Estevão da Gama: partio do Reyno o anno de 1541. invernou em Moçambique com todas as náos, chegou a Goa em Maio de 1542. governou tres annos, e quatro mezes.

Governador, e Viso-Rey. D. João de Castro succedeo a Martim Affonso de Sousa: veio do Reyno o anno de 1545. faleceo em Junho de 1548. governou com o titulo de Governador dous annos, e com o de Viso-Rey, que ElRey lhe mandou, quatorze dias.

Governador. Garcia de Sá succedeo a D. João de Castro em Junho de 1548. governou hum anno, e hum mez, faleceo em Goa, e jaz enterrado na Igreja de N. Senhora do Rosario, onde tambem está sua mulher, e foi o primeiro Governador casado na India.

Governador. Jorge Cabral succedeo por morte de Garcia de Sá: governou hum anno, e quatro mezes, e foi-se pera o Reyno em Janeiro de 1550. foi tambem casado na India.

Viso-Rey. D. Affonso de Noronha, fi-

lho do Marquez de Villa Real, veio do Reyno o anno de 1550. governou quatro annos, e foi-se pera o Reyno. Daqui por diante todos os que ElRey mandou governar á India foi com o titulo de Viso-Reys.

Viso-Rey. D. Pedro Mascarenhas succedeo a D. Affonso de Noronha: veio do Reyno o anno de 1554. governou nove mezes, e faleceo em Goa.

Governador. Francisco Barreto succedeo na primeira via por morte do Viso-Rey D. Pedro: governou tres annos, e dous mezes e meio, e foi-se pera o Reyno: depois no anno de 1570. tornou por Governador, e Conquistador da empreza do Monomotapa, e morreo no Forte de Teti.

Viso-Rey. D. Constantino, filho do Duque de Bragança, Camareiro Mór de ElRey, succedeo a Francisco Barreto: veio do Reyno o anno de 1558. e foi feito pela Rainha, e Cardeal Tutores de ElRey D. Sebastião, por haver pouco que ElRey D. João era falecido: governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, veio no anno de 1561. governou dous annos e meio, e faleceo em Goa em Março de 1564.

Governador. João de Mendoça succedeo

deo por morte do Conde de Redondo: governou feis mezes, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Antonio de Noronha partio do Reyno o anno de 1564. governou quatro annos, e indo pera o Reyno, faleceo no mar.

Viso-Rey. D. Luiz de Ataíde, Senhor da Casa da Atougia, veio do Reyno o anno de 1568. foi o primeiro Viso-Rey feito por ElRey D. Sebastião: governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Antonio de Noronha veio o anno de 1571. governou dous annos, e mandou ElRey que entregasse a Governança a Antonio Moniz Barreto, como fez, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Antonio Moniz Barreto succedeo a D. Antonio de Noronha: governou tres annos, e dez mezes, e foi-se pera o Reyno.

Governador. D. Diogo de Menezes, filho do Craveiro, succedeo a Antonio Moniz: governou dez mezes, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, veio segunda vez governar a India: succedeo a D. Diogo de Menezes, partio em Novembro de 1577. foi ter a Goa em fim de Agosto de 1578. governou

dous annos, e ſete mezes, e faleceo em Goa.

Governador. Fernão Telles ſuccedeo por morte de D. Luiz de Ataíde, e com elle ſe fecha eſta Caſa, e ſe arremata eſte Capitulo: governou ſeis mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

CAPITULO XVI.

De todas as Armadas que os Reys de Portugal mandáram á India, até que El-Rey D. Filippe ſuccedeo neſtes Reynos.

JA que nos penhorámos no Capitulo paſſado em fazermos hum ſummario de todos os Viſo-Reys, e Governadores, que governáram eſte Eſtado, feitos pelos Reys de Portugal, não ſerá fóra de propoſito fazermos aqui eſte de todas as Armadas, que mandáram á India, até que ElRey D. Filippe ſuccedeo neſtes Reynos; e ſervirá iſto pera os que quizerem ſaber em que anno veio tal Armada, e governou tal Viſo-Rey, acharem tudo á mão, ſem revolverem todas as Chronicas, que fora iſto eſcuſado trabalho: o eſcrever he noſſo, quem o não quizer ler, póde paſſar por elle.

Anno de 1497. Partio Vaſco da Gama

a descubrir a India a 8. de Junho, hum sabbado, com tres náos, e elle, e seu irmão Paulo da Gama em outra, e Nicoláo Coelho, trazia mais hum navio com provimentos, de que era Capitão Gonsalo Nunes, criado do mesmo D. Vasco, o qual levava agua, e provimentos de sobrecellente; e depois de passado o Cabo da Boa Esperança, recolheo Vasco da Gama os mantimentos, e os repartio pelos mais navios; e a este poz fogo.

Anno de 1500. Partíram treze náos, de que era Capitão Mór Pedralves Cabral, a hum sabbado nove dias de Março. Os Capitães da sua companhia, fóra elle, eram Sancho de Toar, Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nicoláo Coelho, Nuno Leitão, Bartholomeu Dias Piloto Mór, o que descubrio o Cabo da Boa Esperança, Pedro Dias seu irmão, Vasco de Ataíde, Pedro de Ataíde, Duarte Pacheco Pereira, Luiz Pires, e Gaspar de Lemos. Descubrio esta Armada á vinda pera cá a terra do Brazil, a que poz o nome *Santa Cruz*; e na altura das Ilhas de Tristão da Cunha víram hum espantoso cometa, e logo lhe deo huma tormenta tão supita, que á vista de toda a Armada se soçobráram sinco náos, Capitães Bartholomeu Dias, Pedro de Ataíde, Aires Gomes

mes da Silva, Vaſco de Ataíde, e Simão de Pina.

Anno de 1501. Partíram quatro náos, Capitão Mór João da Nova, deo á véla a 5. de Março: os Capitães, a fóra elle, eram Diogo Barboſa, Franciſco de Novaes, e Fernão Vinet, Florentino, que vinha por conta de Bartholomeu Mechiane armador; e Noroeſte Sueſte com Moçambique quarenta leguas ao mar delle deſcubrio á vinda a Ilha a que João da Nova poz o ſeu nome, e á torna viagem a Ilha de Santa Elena, em dezeſeis gráos do Sul eſcaſſos.

Anno de 1502. Tornou a partir pera a India o meſmo Vaſco da Gama, que El-Rey D. Manoel honrou com o titulo de Dom, a elle, e a ſeus Irmãos, e o fez Almeirante do mar da India, o qual partio de Lisboa a 10. de Fevereiro com nove náos, de que, a fóra elle, eram Capitães D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonſalo Coutinho, de alcunha o Ramiro, filho do ſegundo Conde de Marialva, Pedro Affonſo de Aguiar, Franciſco da Cunha, João Lopes Pereſtrelo, Ruy de Caſtanheda, Gil Matoſo, Antonio do Campo, Gil Fernandes, e Diogo Fernandes Correa.

Logo após elle partio Vicente Sodré, Tio do meſmo Almirante, por Capitão Mór

Mór de ſinco náos, debaixo da bandeira de D. Vaſco da Gama, e hia pera ficar na Coſta do Cabo Guardafú, e em guarda do Eſtreito de Meca: os Capitães das outras náos, a fóra elle, eram Braz Sodré, ſeu Irmão Alvaro Sodré, Fernão Rodrigues Bardaças, e Antonio Fernandes.

No meſmo anno ao primeiro de Abril partíram outras ſinco náos, das quaes era Capitão Mór Eſtevão da Gama, filho de Aires da Gama, e Primo co-Irmão do Almirante: os Capitães, a fóra elle, eram Lopo Martins de Vaſconcellos, Thomaz de Carmona, Lopo Dias, e João de Buena Gracia Italiano.

Anno de 1503. Partíram nove náos em tres Capitanías; a primeira, que partio em Março, era de tres náos, Capitão Mór Affonſo de Albuquerque, Senhor de Villa Verde, filho de Gonſalo de Albuquerque: os Capitães da ſua companhia eram Duarte Pacheco Pereira, e Fernão Martins de Almeida.

As outras tres náos partíram entrada de Abril, era Capitão Mór Franciſco de Albuquerque, Primo co-Irmão de Affonſo de Albuquerque; os outros eram Nicoláo Coelho, e Pedro Vaz da Veiga: eſtas ſeis náos foram ordenadas pera tornarem com a guarda da pimenta; e indo de volta pe-

ra

ra o Reyno, desappareceo a náo de Francisco de Albuquerque.

As outras tres náos partírão a 15. de Abril, era Capitão Mór Antonio de Saldanha; os mais Capitães eram Ruy Lourenço Ravasco, e Ruy Fernandes Piteira: estas náos hiam ordenadas pera andarem de Armada no Cabo de Guardafú.

Anno de 1504. Partíram treze náos, Capitão Mór Lopo Soares de Albergaria; os Capitães de sua companhia eram Pedro de Mendoça, Leonel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo Mendes de Vasconcellos, Manoel Telles Barreto, Lopo de Abreu, Filippe de Castro, Affonso da Costa, Pedro Affonso de Aguiar, Vasco da Silveira, Vasco Carvalho, e Pedro Diniz: da volta que esta Armada fez pera o Reyno perdeo-se a náo de Pedro de Mendoça quatorze leguas da aguada de S. Braz.

Anno de 1505. Partio D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, com o titulo de Governador da India, pera ficar nella: deo á véla em 15. de Março com vinte e huma náos; os Capitães dellas eram os seguintes: D. Francisco de Sá, Ruy Freire, Vasco de Abreu, João da Nova, Sebastião de Sousa, Diogo Correa, Pedro Ferreira Fogaça, Lopo Sanches, Filippe Rodrigues, João Serrão, Lopo de

Deos,

Deos, Antão Gonſalves, Bartholomeu Dias Caſtelhano, Fernão Soares, Gonſalo Gil de Goes, e Gonſalo Pereira, Lucas de Afonſeca, Lopo Chanoca, João Homem, e Antonio Vaz. Eſtes ſeis hiam em ſeis caravelas pera ficarem na India; e antes de chegarem á linha de Portugal ſe ſoçobrou a náo de Pedro Ferreira á viſta das outras que lhe acudíram, e ſalváram toda a gente; e a náo de Lopo Sanches varou em terra quarenta leguas ao Sul do Cabo das correntes, e com a pregadura, e madeira fizeram hum caravelão, em que ſe embarcáram os que quizeram, ſó ſeſſenta ficáram em terra, e em hum eſquadrão foram caminho de Çofala, aonde chegáram alguns menos. E ainda quando foi Pedro de Anhaya fazer aquella Fortaleza, achou vinte e ſinco vivos, e Lopo Sanches no caravelão deſappareceo ſem ſe ſaber delle.

Logo em Maio apôs eſtas Armadas partíram ſinco náos, Capitão Mór Pedro de Anhaya, que hia fazer huma Fortaleza em Çofala: os mais Capitáes eram ſeu filho Franciſco de Anhaya, Pedro Barreto de Magalhães, João Leite, Manoel Fernandes, e João de Queiróz.

No Setembro ſeguinte partíram duas náos, Capitães.. Barbuda, e Pedro Quareſma, que ElRey mandou deſcubrir o Cabo

da Boa Esperança, e toda aquella Costa, e Ilhas até Çofala, pera ver se achavam novas de Francisco de Albuquerque, e Pedro de Mendoça.

Anno de 1506. Partíram onze náos, Capitão Mór Tristão da Cunha, que deo á véla a 6. de Março; os mais Capitães eram Alvaro Telles Barreto, Leonel Coutinho, Job Queimado, Ruy Dias Pereira, João Gomes de Abreu, Alvaro Fernandes, Ruy Pereira Coutinho, Tristão Alvares, e João da Veiga.

Juntamente com elle partíram outras seis náos, Capitão Mór Affonso de Albuquerque, que hia pera ficar na Costa da Arabia, no Cabo de Guardafú, e até Moçambique havia de ir debaixo da bandeira de Tristão da Cunha: os Capitães destas náos eram Affonso de Albuquerque, Francisco de Tavora, Manoel Telles, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, João da Nova; ambas estas Armadas invernáram em Moçambique, sem passar nenhuma náo á India aquella monção. Este anno em quarta feira 13. de Janeiro á huma hora depois do meio dia houve hum eclipse do Sol, que durou huma hora e meia, e escureceo tanta parte, que se víram muitas estrellas na Cidade de Cochim.

Anno de 1507. Partíram quatorze náos em

em 15. de Abril, repartidas em tres Capitanías, a primeira Capitão Mór Jorge de Mello, o Tranca, e com elle Henrique Nunes de Leão, e Jorge de Castro, ambos Irmãos.

De outras quatro náos era Capitão Mór Fernão Soares, os outros Ruy da Cunha, Gonsalo Carneiro, e João Collaço.

Da Armada, que era de seis náos, veio por Capitão Mór Vasco Gomes de Abreu, que hia provído na Capitanía de Çofala; os mais Capitães eram Lopo Cabreira, com quem elle hia embarcado, Ruy Gonsalves de Valladares, Pedro Lourenço, João Canoça, e Martim Coelho, e Diogo de Mello, que havia de ficar por Capitão Mór das náos, que fossem á India tomar a carga: todas estas náos invernáram em Moçambique, e só Fernão Soares foi tomar Cochim. Este anno tremeo a terra nesta Cidade a 15. de Julho por espaço de huma hora com alguns intervallos muito rijamente.

Anno de 1508. Partíram quatro náos a 5. de Abril, de que era Capitão Mór Diogo Lopes de Siqueira, que hia pera Malaca; os outros Capitães eram Jeronymo Teixeira, Gonsalo de Sousa, e João Nunes.

E porque ás cousas da India o Capitão Mór,

Mór, e Governador não podiam acudir a todas ellas, ordenou ElRey de dividir o Estado em tres partes, por esta maneira. Do Cabo de Comorim até á China debaixo da jurisdicção de Diogo Lopes de Siqueira; outra parte desde Çofala até á ponta de Dio com titulo de Capitão Mór de mar da Ethiopia, Arabia, Persia, e Cambaya, pera a qual elegeo Jorge de Aguiar, que havia de ir a succeder a Affonso de Albuquerque, que andava no Cabo de Guardafú, e lhe deo sinco náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Duarte de Lemos, da Trofa, que lhe havia de succeder em ausencia, Vasco da Silveira, Pedro Correa, e Diogo Correa seu Irmão, filhos do Balío de Leça; e Jorge de Aguiar indo pera a India, se perdeo nas Ilhas de Tristão da Cunha.

A outra parte havia de ser desde a ponta de Dio até o Comorim, de que havia de ser Capitão Mór, com titulo de Governador, Affonso de Albuquerque, a quem ElRey mandava que entregasse D. Francisco de Almeida o Estado. No mesmo anno partíram seis náos mais, Capitão Mór Francisco Pereira Pestana, e os mais Capitães eram Vasco Carvalho, Alvaro Barreto, João Colaço, Gonsalo Martins de Brito, e Tristão da Silva.

An-

Anno de 1509. Partíram doze náos a 15. de Março, das quaes era Capitão Mór D. Francisco Coutinho Marechal, que hia separado do Governador; os Capitáes de sua companhia eram Pedro Affonso de Aguiar Sota-Capitão, Francisco de Sá, Veador da Fazenda do Porto, Sebastião de Sousa, Leonel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rebello de Castello-Branco, Francisco Marrecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, Jorge Pires Bixorda: achou o Marechal prezo a Affonso de Albuquerque em Cananor, que o tinha alli o Viso-Rey D. Francisco de Almeida, e o levou comsigo a Cochim, onde o Viso-Rey lhe entregou o Estado, e se fizeram amigos: foi este o primeiro Governador, que succedeo na India: e D. Francisco de Almeida se embarcou pera o Reyno, e na aguada do Saldanha foi morto pelos Cafres, e o Marechal tambem o matáram em Calecut, onde elle, e Affonso de Albuquerque desembarcáram.

Anno de 1510. Partíram quatorze náos repartidas em tres Capitanías, quatro a 8. de Março, em que hia Diogo Mendes de Vasconcellos, e com elle Balthazar da Silva, Pedro Quaresma, e Jeronymo Sarnigo.

Lo-

Logo a 16. do mesmo mez partíram sete náos, Capitão Mór Gonsalo de Siqueira, os outros Manoel da Cunha, Diogo Lobo, Jorge Nunes de Leão, Lourenço Lopes, João de Aveiro, e Lourenço Moreno.

Depois em Agosto a oito do mez partíram tres náos, Capitão Mór João Serrão, que hia descubrir a Ilha de S. Lourenço; os outros Capitães eram Payo de Sousa, e do outro não se acha o nome.

Anno de 1511. Partíram seis náos a 19. de Abril, Capitão Mór D. Garcia de Noronha, que depois foi Viso-Rey da India; os outros eram Pedro Mascarenhas, o das differenças, D. Ayres da Gama, Jorge de Brito, Christovão de Brito, e Manoel de Castro Alcoforado.

Anno de 1512. Partíram oito náos em Março, Capitão Mór Jorge de Mello; os mais Jorge da Silva, Pedro de Albuquerque, Gaspar Pereira, D. João d'Eça, Gonsalo Pereira, Vicente de Albuquerque, e Jorge de Albuquerque.

No mesmo anno partíram mais tres náos, Capitão Mór Garcia de Sousa; os outros Lopo Vaz de Sampayo, que foi o das differenças, e Simão de Miranda.

Anno de 1513. Partíram quatro náos, Capitão Mór João de Sousa de Lima; os

ou-

outros Francisco Correa, D. Henrique de Leão, e Jorge Lopes.

Anno de 1514. Partíram sinco náos em Março, das quaes eram Capitão Mór Jorge de Brito, e os mais Francisco Pereira Coutinho, Manoel de Mello, João Serrão, e Luiz Dantas.

Anno de 1515. Partio Lopo Soares por Governador da India, e deo á véla a 7. de Abril: levou quatorze náos, de que, afóra elle, eram Capitães D. Guterres de Monroy, D. Garcia Coutinho, D. João da Silveira, Jorge de Brito, Alvaro Telles Barreto, D. Aleixo de Menezes, o que depois foi Ayo de ElRey D. Sebastião, que hia provído de Capitão Mór do mar da India, Simão de Alcaçova, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Cabral, Simão de Oliveira, Christovão de Tavora, e Francisco de Tavora.

No mesmo anno partíram Fernão Pires de Andrade pera a China com tres náos; os outros Capitães eram Jorge Mascarenhas, e João Rebello: chegáram á India juntamente com o Governador Lopo Soares.

Anno de 1516. Partíram sinco náos, Capitão Mór João da Silva; os mais eram Francisco de Sousa Mancias, que se perdeo, Affonso Lopes da Costa, Diogo de Unhos,

Unhos, e Antonio de Lima, que se perdeo na Ilha de S. Lourenço.

Anno de 1517. Partíram outras cinco náos, Capitão Mór Antonio de Saldanha; os mais Pedro Quaresma, Manoel de Lacerda, D. Triſtão de Menezes, e Rafael Caſtanho, e huma caravela Latina.

Anno de 1518. Partio Diogo Lopes de Siqueira por Governador da India a 6. de Março com doze náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Ruy de Mello o Punho, D. Ayres da Gama, Garcia de Sá, Gonſalo Rodrigues o Grego, João Gomes Cheiradinheiro, Pedro Paulo, Lopo Cabreira, João Lopes Alvinoto, D. Gaſtão Coutinho, Sancho de Toar, e D. João de Lima, que foi o que no Cabo da Boa Eſperança barafuſtou com a ſua náo hum peixe Agulha, e com o bico lhe deo tamanha pancada, que lho deixou todo mettido no coſtado, cuja força fez abalar a náo de feição, que parecia dar em algum baixo; e em Cochim, dando pendor a náo, ſe lhe achou o bico dentro no coſtado, e ſe retirou, o qual era couſa façanhoſa de ver.

Anno de 1519. Partíram treze náos, Capitão Mór Jorge de Albuquerque; os mais eram D. Diogo de Lima, Lopo de Brito, Franciſco da Cunha, Pedro da Silva, Diogo Fernandes de Béja, Chriſtovão

de

de Mendoça, Gonſalo Rodrigues Correa, D. Luiz de Guſmão Caſtelhano, que ſe levantou com a náo, e matou os Officiaes, e ſe foi metter dentro do Eſtreito de Gibraltar, João Rodrigues de Almada, Garcia Cahinho, o Doutor Pedro Mendes, que hia por Veador da Fazenda, izento do Governador, e Manoel de Souſa, que foi tomar hum lugar da Coſta de Melinde, chamado o Mataro, onde o matáram com quarenta Portuguezes, que ſahíram a terra, e a náo foi varar a Zanzibar, onde todos os mais foram mortos.

Na meſma companhia, e debaixo da ſua bandeira partíram mais tres náos pera a China, os Capitães eram Rafael Caſtanho, Diogo Calvo, e Rafael Preſtelo.

Anno de 1520. Partíram mais dez náos, Capitão Mór Jorge de Brito, os mais eram Pedro Lopes de Sampayo, Pedro Lourenço de Mello, Gaſpar da Silva, Lopo de Azevedo, Pedro da Silva, Lopo de Brito, Pedro Annes Francez, André Dias, e Ruy Vaz Pereira.

Anno de 1521. Partio D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, por Governador da India, levou onze náos, cujos Capitães eram D. Luiz de Menezes *ſeu Irmão*, que *hia* por Capitão Mór da India, D. João de Lima, D. Diogo de Lima,

ma, João de Mello da Silva, Francisco Pereira Pestana, D. João da Silveira, Diogo de Sepulveda, Antonio Riço, Gonçalo Rodrigues Grego, e Vicente Gonçalves.

No mesmo tempo partíram quatro náos pera a China, de que era Capitão Mór Martim Affonso de Mello, e os mais Vasco Fernandes Coutinho, Diogo de Mello, seu Irmão Pedro Homem.

No mesmo anno partíram outras tres náos, Capitão Mór Sebastião de Sousa, que ElRey mandava pera ir fazer a Fortaleza da Ilha de S. Lourenço da banda de fóra pera recolhimento das náos, que por aquella parte caminhassem: dos Capitães das náos não se acham nomes: no caminho desappareceo huma das náos, e com as duas foi tomar Moçambique. Em Agosto seguinte teve recado de ElRey D. João, que succedeo no Reyno por falecer este anno ElRey D. Manoel, que se sustivesse no negocio da Fortaleza de S. Lourenço, porque se assentou em seu Conselho que era desnecessaria.

Tempo de ElRey D. João, que este anno succedeo no Reyno.

ANno de 1522. Partíram tres náos, que foi a primeira Armada que ElRey D. João o III. mandou, da qual era

Ca-

Capitão Mór D. Pedro de Castello-Branco: os mais Capitães eram D. Pedro de Castro, Diogo de Mello.

Anno de 1523. Partíram sete náos, de que era Capitão Mór Diogo da Silveira: os outros eram Heitor da Silveira, D. Antonio de Almada, Manoel de Macedo, Pedro de Affonseca, Diogo da Silva, e Ayres da Cunha, que se perdeo em Moçambique.

Anno de 1524. Partio por Viso-Rey da India o Conde Almirante D. Vasco da Gama, o que descubrio a India, trouxe quatorze náos: os Capitães eram D. Estevão da Gama seu filho, que hia por Capitão Mór do mar da India, Antonio da Silveira, o que sustentou em Dio o cerco contra os Rumes, Francisco de Brito, Lopo Vaz de Sampayo, Affonso Mexia, que hia por Veador da Fazenda, Lopo Lobo, Pedro Mascarenhas, o das differenças, D. Henrique de Menezes o Roxo, despachado com Ormuz, Antonio Carvalho, Mense Gaspar, Christovão Rosado, que se perdeo, D. Simão da Silveira, D. Francisco de Noronha, que tambem desappareceo.

Anno de 1525. Partíram sinco náos sem Capitão Mór: os Capitães eram D. Lopo de Almeida, Filippe de Castro, que varou no Cabo de Rosalgate, Diogo de Mello,

Francisco de Anhaya, que se perdeo ao sahir de Lisboa, mas salvou-se a gente.

Anno de 1526. Partíram sinco náos sem Capitão Mór: os Capitães eram Tristão Vaz da Veiga, Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Antonio de Abreu, e Vicente Gil.

Anno de 1527. Partíram sinco náos, Capitão Mór Manoel de Lacerda: os mais eram Christovão de Mendoça, Irmão da Duqueza de Bragança, despachado com Ormuz, Aleixo de Abreu, Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva: as náos do Capitão Mór, e de Aleixo de Abreu varáram na Ilha de S. Lourenço no rio de Sant-Iago, e salvou-se em terra toda a gente, que os Cafres da terra matáram.

Anno de 1528. Partio Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, por Governador da India com onze náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Simão da Cunha, e Pedro Vaz da Cunha seu Irmão: o Simão da Cunha por Capitão Mór do mar da India, João de Freitas, D. Fernando de Lima, D. Francisco d'Eça, Francisco de Mendoça, Affonso Vaz Zambuja, que se perdeo na Ilha de João da Cova.

Anno de 1529. Partíram sinco náos, Capitão Mór Diogo da Silveira: os mais Henrique Moniz, que trouxe dous filhos,

Ay-

Ayres Moniz, e Antonio Moniz, que depois foi Governador da India, Ruy Gomes da Gran, Ruy Mendes de Mesquita, e Manoel de Macedo, que foi separado pera ir a Ormuz prender o Goazil Raiz Xarife.

Anno de 1530. Partíram seis náos sem Capitão Mór: os Capitães eram Francisco de Sousa Tavares, Fernão Camello, Vicente Pegado, Manoel de Brito, Pedro Lopes de Sampayo, e Luiz Alvares de Paiva.

Anno de 1531. Partíram sinco náos, que tambem não trouxeram Capitão Mór: Capitães eram Achiles Godinho, Diogo Botelho, João Guedes, e Manoel de Macedo, que varou em Calecurem do Cabo de Comorim pera dentro, e salvou toda a gente em terra, aonde os foram buscar de Cochim.

Anno de 1532. Partíram sinco náos, Capitão Mór o Doutor Pedro Vaz, que hia por Veador da Fazenda da India, e por Capitão de Cochim: os mais Capitães eram Vicente Gil, D. Estevão, e D. Paulo da Gama, filhos do Conde Almirante, que descubrio a India, os quaes hiam despachados com a Capitanía de Malaca, o outro era Antonio Carvalho.

Anno de 1533. Partíram sete náos em duas Capitanías: a primeira era de D. João

Pe-

Pereira, que hia despachado com a Capitanía de Goa, Francisco de Paiva, e Diogo Mendes; o outro Capitão Mór era D. Gonçalo Coutinho, que tambem levava a Capitanía de Goa: levou quatro náos, os Capitães, a fóra elle, forão Nuno Furtado, Simão da Veiga, D. Francisco de Noronha, que desappareceo.

No mesmo anno em Outubro partíram dez Caravelas, Capitão Mór D. Pedro de Castello-Branco: os mais Capitães eram Nicoláo Juzarte, Balthazar Gonsalves, Antonio Lobo, Leonel de Lima, Heitor de Sousa, Francisco Ferreira, Gonsalo Fernandes, João de Sousa, e Francisco Gonsalves Leme.

Anno de 1534. Partíram sinco náos, Capitão Mór Martim Affonso de Sousa, que hia pera ficar na India por Capitão Mór do mar: os mais Capitães eram Diogo Lopes de Sousa, Antonio de Brito, Simão Guedes, e Tristão Gomes de Mina.

Anno de 1535. Partíram sete náos, Capitão Mór Fernão Peres de Andrade, os mais Martim de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares, Fernão Camelo, e Fernão de Moraes.

Anno de 1536. Partíram sinco náos, Capitão Mór Jorge de Lima: os mais Capitães D. Fernando de Lima, Martim de Frei-

Freitas, Lopo Vaz Vogado, e D. Pedro da Silva, filho do primeiro Conde Almirante.

Anno de 1537. Partíram finco náos; Capitão Mór Jorge Cabral, que depois governou a India: os mais Vicente Gil, Gaspar de Azevedo, Ambrosio Rego, e Duarte Pacheco.

Partíram o mesmo anno de 1537. outras finco náos sem Capitão Mór, Capitães Diogo Lopes de Sousa, Aleixo de Sousa despachado com a Fortaleza de Çofala, e Moçambique, Henrique de Sousa Chixorro seu Irmão, e Fernão de Castro.

Anno de 1538. Partio por Viso-Rey da India D. Garcia de Noronha com onze náos, Capitães D. João de Castro, que depois foi Viso-Rey da India, D. João Deça, que trazia a Capitanía de Cananor, D. Christovão da Gama, filho do primeiro Conde Almirante, despachado com Malaca, Luiz Falcão com a de Ormuz, Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul, D. Francisco de Menezes com a de Baçaim, D. Garcia de Castro com a de Goa, João de Sepulveda com a de Çofala, Ruy Lourenço de Tavora com a de Baçaim, Bernardim da Silveira o Drago com a de Dio, este perdeo-se á vinda.

Anno de 1539. Partíram finco náos, Ca-

Capitão Mór Diogo Lopes de Sousa, que desappareceo á tornaviagem : os mais D. Roque Tello, Alvaro Barradas, Simão Sodré, e Henrique de Sousa Chixorro.

Anno de 1540. Partíram quatro náos, Capitão Mór Francisco de Sousa Tavares : os outros Simão da Veiga, Vicente Lourenço, Batevias, e Vicente Gil.

Anno de 1541. Partio pera Governador da India Martim Affonso de Sousa com sinco náos, Capitães D. Alvaro de Noronha, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e Luiz Cayado : nenhuma náo destas passou á India, e todas invernáram em Moçambique, e o Governador Martim Affonso partio em Abril pera a India em hum Galeão, e levou em sua companhia a sua náo, que se foi perder em Baçaim, e elle chegou a Goa em Maio de 1541.

Anno de 1542. Partíram quatro náos sem Capitão Mór, Capitães Henrique de Macedo, Balthazar Jorge, Lopo Ferreira, e Vicente Gil, que se perdeo na Costa de Melinde.

Anno de 1543. Partíram sinco náos, Capitão Mór Diogo da Silveira : os mais Capitães Simão Sodré, D. Roque Tello, Fernão Alvares da Cunha, e Jacome Tristão, que arribou ao Reyno.

Anno de 1544. Partíram sinco náos, Ca-

Capitão Mór Fernão Peres de Andrade: os outros Capitães Luiz de Calataud, Jacome Tristão, Simão de Mello, despachado com a Capitanía de Malaca, e perdeo-se em Moçambique, e Simão de Andrade arribou ao Reyno.

Anno de 1545. Partio D. João de Castro por Governador da India com seis náos, Capitães Jorge Cabral, que trazia a Capitanía de Baçaim, D. Manoel da Silveira, que trazia a de Ormuz, D. Jeronymo de Menezes Bacalháo, que trazia a de Baçaim, Simão Sodré, e Diogo Rebello.

Anno de 1546. Partíram sinco náos, Capitão Mór Lourenço Pires de Tavora, Capitães João Rodrigues Paçanha, D. João Lobo, que trazia a Capitanía de Goa, Fernão de Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e D. Manoel de Lima, que tomou Goa, porque todos os mais foram a Cochim: vinha este Capitão provído com a Fortaleza de Ormuz.

Anno de 1547. Partíram seis náos sem Capitão Mór, Capitães D. Francisco de Lima, Francisco de Lima, Francisco da Cunha, Balthazar Lobo de Sousa, Francisco de Gouvea, Bernardo Nacer, e D. Pedro da Silva, que se perdeo em Angoxa, e toda a gente se salvou.

No mesmo anno partíram outras seis náos

náos pelas novas que foram ao Reyno do cerco de Dio, as quaes foram repartidas em duas Capitanías: na primeira Martim Correa da Silva, despachado com a Capitanía de Dio, que partio em o primeiro de Novembro; das outras duas náos eram Capitães Antonio Pereira, que foi tomar Ormuz, e Christovão de Sá, que tomou Goa, e Martim Correa Angediva, onde invernou. Nesta Armada mandou ElRey mais tres náos da governança da India, e a D. João de Castro com o titulo de Viso-Rey: das outras tres náos era Capitão Mór Francisco Barreto, que depois foi Governador da India, que levava a Capitanía de Baçaim: os outros Capitães eram D. Heitor Aranha, e Pedro de Mesquita, que partíram em Dezembro, e invernáram em Moçambique por chegarem tarde.

Anno de 1548. Partíram onze náos repartidas em tres Capitanías, de sinco dellas era Capitão Mór Manoel de Mendoça, que hia despachado com a Capitanía de Sofala, e morreo em chegando a Goa: os mais Capitães eram Alvaro de Mendoça, Jorge de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Bastião de Ataíde.

De outras tres náos era Capitão Mór João de Mendoça, os mais Diogo Rebello, Fernão Alvares da Cunha: de outras tres náos

nàos era Capitão Mór D. João Henriques, que hia provído com a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Ayres Moniz, e Antonio de Azambuja.

Anno de 1549. Partíram ſinco náos, Capitão Mór D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia, que vinha deſpachado com a Capitanía de Ormuz: os mais Capitães erão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fuſta ao Reyno', que trazia a Capitanía de Cananor, Diogo de Mendoça, Jacome Triſtão, e João Figueira.

Anno de 1550. Partio por Viſo-Rey da India D. Antonio de Noronha, filho do Marquez de Villa Real, com ſinco náos: os Capitães eram Lopo de Souſa, D. Alvaro de Ataíde, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, que hia deſpachado com a Capitanía de Malaca, e foi tomar Pegú, D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Diogo de Noronha de alcunha o Arcos, que ſe perdeo no rio de Manſangáo na Coſta da India, e foi toda a gente por terra a Goa, e o Viſo-Rey em Novembro foi tomar Ceilão.

Anno de 1551. Partírão ſeis náos, Capitão Mór Diogo Lopes de Souſa: os mais Capitães D. Diogo de Almeida, filho do Contador Mór, que engeitou ſeis annos a

Ca-

Capitanía de Dio, e foi tomar Cochim em Novembro, Ayres Moniz Brito, Meser. Bernardo, Jacome de Mello, Francisco Lopes de Sousa despachado com a Capitanía de Maluco.

Anno de 1552. Partíram sete náos, Capitão Mór Fernão Soares de Albergaria: os outros Braz da Silva, Antonio Dias Figueiró, Francisco da Cunha, D. Jorge de Menezes, Antonio Moniz Barreto, despachado com a Capitanía de Baçaim, e se foi perder no rio de Betre trinta leguas de Goa, e salvou-se toda a gente: neste anno casou o Principe D. João com a Princeza Dona Joanna, filha do Emperador Carlos V.

Anno de 1553. Partíram quatro náos, Capitão Mór Fernão Alvares Cabral: os mais Capitães D. Paio de Noronha, Ruy Pereira da Camara, e Belchior de Sousa, na náo Santa Cruz, que se perdeo á torna viagem.

Anno de 1554. Partio D. Pedro Mascarenhas por Viso-Rey da India com seis náos, Capitães D. Manoel Tello, Belchior de Sousa, Miguel de Castanhoso, Fernão Gomes de Sousa, filho do Chanceller que foi tomar Ormuz, e Francisco de Gouvea; o Viso-Rey foi tomar Goa a 23 de Setembro, e na barra se perdeo a sua náo, que se

se chamava S. Boaventura, e as outras náos forão a Cochim: este anno faleceo o Principe D. João, e nasceo ElRey D. Sebastião.

Anno de 1555. Partíram sinco náos, Capitão Mór João de Menezes de Siqueira; os mais Capitães eram Jorge de Brito, Martim Affonso de Sousa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, Jacome de Mello, e Pedro de Goes: destas náos só D. João passou ao Reyno, e as outras invernáram em Moçambique.

Anno de 1556. Partíram sinco náos, Capitão Mór D. Leonardo de Sousa: os mais Capitães Francisco de Figeiroa de Azevedo, Vasco Lourenço de Barbuda, Antonio Fernandes na náo S. Paulo, que invernou no Brazil, e chegou a Goa o derradeiro de Janeiro, e Francisco Nobre, que se perdeo nos baixos de Pedro de Banhos, e fizeram huma Naveta, em que foram a Cochim.

Anno de 1557. Partíram sinco náos, Capitão Mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcediago D. Fernando, que á vinda invernou no Brazil, e á torna viagem se perdeo na Ilha de S. Lourenço, e salvou-se no batel com perto de sessenta pessoas: os mais Capitães de sua [illegible]ia eram Braz da Silva, Antonio Men-

Mendes de Caſtro, que invernou em Melinde, e á torna viagem ſe perdeo na Ilha de S. Thomé, João Rodrigues Saleyra de Carvalho, que invernou em Moçambique.

Anno de 1558. Partio por Viſo-Rey da India D. Conſtantino, filho dó Duque de Bragança, com quatro náos: os Capitães eram Aleixo de Souſa, que hia por Veador da Fazenda geral, Pedro Peixoto da Silva, e Jacome de Mello.

Anno de 1559. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Pedro Vaz de Siqueira: os outros Capitães eram Pedro de Goes, Luiz Alvares de Souſa, Luiz Duarte de Andrade, que invernou em Moçambique, Ruy de Mello da Camara na náo S. Paulo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1560. Partíram ſeis náos, Capitão Mór D. Jorge de Souſa, que ficou invernando na India, e Vaſco Lourenço Carraſcão, Lourenço de Carvalho, que á torna viagem invernou em Moçambique, Ruy de Mello da Camara na náo S. Paulo, que ſe foi perder em Sumatra, e Franciſco Figueira de Azevedo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1561. Partio por Viſo-Rey da India o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho com ſinco náos: os Capitães eram Gonçalo Cortea, Mano[illegible]

Franciſco Figueira de Azevedo, e Pedro Alvares Vogado.

Anno de 1562. Partíram ſeis náos, Capitão Mór D. Jorge Manoel na náo S. Martinho que ſe perdeo na volta pera o Reyno, Fernão Martins Freire na Eſperança: trazia a Capitanía de Sofala Antonio Mendes de Caſtro em S. Vicente, Fernão Coutinho de Azevedo no Tigre, Luiz Mendes de Vaſconcellos na Rainha, e D. Rodrigo no Cedro.

Anno de 1563. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. Jorge de Souſa na náo Caſtello, Diogo Lopes de Lima na Graça, Vaſco Lourenço de Barbuda em S. Filippe, e perdeo-ſe, eſtando ſurta na barra de Goa, Vicente Fernandes Pimentel na Algaravia arribou ao Reyno.

Anno de 1564. Partio por Viſo-Rey da India D. Antonio de Noronha com quatro náos, elle em Santo Antonio, Franciſco Porto Carneiro em S. Vicente, Antonio Martins de Caſtro na Rainha, Damião de Souſa em Flor de Lamar.

Anno de 1565. Partíram quatro náos, Capitão Mór Franciſco de Sá o dos Oculos na náo Chagas, Bartholomeu de Vaſconcellos no Tigre, invernou em Moçambique, e perdeo-ſe de volta pera o Rey-
Compan[illegible]tim Queimado Villa-Lobos em S.

Ra-

Rafael, e Pedro Peixoto da Silva na Esperança.

Anno de 1566. Partíram quatro náos, Capitão Mór Ruy Gomes da Cunha, Copeiro Mór de ElRey, na náo Santa Clara, D. Diogo Lobo na Rainha, André Bugalho nos Reys Magos, Francisco Ferreira em S. Francisco.

Anno de 1567. Partíram quatro náos, Capitão Mór João Gomes da Silva, que foi Veador da Fazenda do Reyno, na náo Reys Magos, Pedro Leitão na náo Belem, Lourenço da Veiga na Annunciada, Vicente Trigueiros no Galeão S. Rafael.

Anno de 1568. Partio por Viso-Rey da India D. Luiz de Ataíde, Senhor da Casa de Atouguia, com sinco náos, elle nas Chagas, Pedro Cesar na Fé, morreo affogado na praia de Cochim; Antonio Sanches de Gamboa em Santa Catharina, e passou este anno só ao Reyno, porque todas as mais invernáram em Moçambique, Damião de Sousa Falcão na náo Remedios, Manoel Jaques em Santa Clara.

Anno de 1569. Partíram quatro náos, Capitão Mór Filippe Carneiro: os mais Belchior de Sousa, Francisco Ferreira, João de Bairros: todas estas tres náos chegáram a Goa a 3. de Setembro.

Anno de 1570. Partíram qua[illegible] Jaques, [illegible]

Capitão Mór Jorge de Sousa de Mendoça na náo Santa Catharina, D. João de Castello-Branco na Annunciada, Lourenço de Carvalho no Galeão S. Luiz; Nuno de Mendoça no Galeão S. Gabriel.

Anno de 1571. Partio por Viso-Rey D. Antonio de Noronha com sinco náos, elle nas Chagas; Antonio Moniz Barreto, que vinha por Governador de Malaca, em Bethlem, Ruy Dias Pereira em Santa Clara, Antonio de Valladares na Fé, e Francisco de Figueiredo em Santo Espirito: esta Armada veio alçada á India, e de Moçambique pera cá trouxe o Viso-Rey mais duas náos; Manoel de Mesquita, Capitão, no Galeão S. João, que tinha partido primeiro que o Viso-Rey em 13. de Outubro, que vinha descubrir o Cabo da Boa Esperança, e huma Naveta, em que tinha vindo Vasco Fernandes Homem á conquista do Monomotapa com o Governador Francisco Barreto, o qual o Viso-Rey armou em Moçambique, e deo a Capitanía a D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes Mór do Reyno.

Anno de 1572. Partíram quatro náos, Capitão Mór Duarte de Mello na náo Reys Magos, que se perdeo á torna viagem, Cosme Henriques em Santa Clara, Alvaro no, Ma... Annunciada, e Pedro Leitão

 de

de Gamboa em S. Francifco, e tambem defappareceo na jornada.

Anno de 1573. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. Francifco de Soufa na náo Santo Efpirito, Antonio Rebello em S. Grégorio, Tintino de Vafconcellós na Bethlem, Luiz d' Alter em Sánta Clara: deftas náos a S. Gregorio fe paffou ao Reyno, todas as mais invernáram em Moçambique, e foi-fe o Vifo-Rey D. Antonio nefta Armada na náo Capitânia.

Anno de 1574. Partíram feis náos, Capitão Mór Ambrofio de Aguiar Coutinho na náo Chagas, D. Diogo Rolim na Fé, Manoel Pinto Leitão em Santa Barbara, Diogo Vaz Redovalho na Annunciada, Pedro Alvares Correa em Santa Catharina, e Bartholomeu de Vafconcellos em S. Lourenço.

Anno de 1575. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. João de Caftello-Branco na náo S. Pedro, Antonio Rebello em S. Gregorio, Fernão Boto Machado em S. Sebaftião, e Alvaro Paes em S. João.

Anno de 1576. Partio por Vifo-Rey da India Ruy Lourenço de Tavora na náo Chagas, faleceo antes de chegar a Moçambique, e ficou por Capitão Mór Chriftovão de Bovadilha, Simão Vaz Tello em Santo Efpirito, D. Jorge Baroche na Fé,

foi-

foi-se nella por Capitão Francisco de Mello Roncador, Mem Pereira de Sá em S. Luiz, e tornou nella por Capitão D. Duarte de Sá o Velho.

Anno de 1577. Partio Mathias de Albuquerque no mesmo anno por Capitão Mór do Malavar com duas náos, elle em Santa Catharina, e Balthazar Paçanha em S. Jorge, e se perdeo á entrada de Moçambique, e partírão em 7. de Março.

Anno de 1578. Partíram quatro náos, Capitão Mór Pantaleão de Sá na náo Boa Viagem, Manoel de Medeiros em S. Pedro, perdeo-se nos baixos de Pedro de Banhos, e fizeram huma Naveta, em que todos foram a Cochim, Lourenço Soares de Mello na náo Annunciada, Miguel d' Arnide em S. João.

Anno de 1579. Partio por Viso-Rey da India D. Luiz d' Ataíde, Conde de Atouguia, e veio na náo Santo Antonio; Nuno Velho Pereira na Trindade, e vinha despachado com a Capitanía de Sofala, e João Alvares Soares em huma Caravela, e invernáram todos em Moçambique, e chegáram a Goa a 20. de Agosto.

E em Março do mesmo anno partíram tres náos, Capitão Mór Jorge da Silva na náo S. Luiz, Mendo da Motta em S. Gregorio, Estevão Cavalleiro na náo Caranja.

Logo no Outubro ſeguinte partíram duas Caravelas, Capitão D. Eſtevão de Menezes Baroche pera Goa, João de Mello pera Malaca cmo as novas da morte de ElRey D. Sebaſtião.

Anno de 1580. Partíram ſinco náos, Capitão Mór João de Saldanha na náo Chagas, Diogo Rodrigues de Carvalho na Boa Viagem, Rodrigo de Meirelles na Annunciada, foi tomar Ceilão, Pedro de Paiva em S. Lourenço, Eſtevão Alvo em S. João, foi a Cochim.

Anno de 1581. Partíram quatro náos, que foram deſpachadas pelos Governadores, e Defenſores do Reyno, Capitão Mór Manoel de Mello da Cunha na náo S. Franciſco, Manoel Coelho em S. Luiz, João Debita Corte-Real em S. Gregorio, foi a Cochim, D. Simão de Menezes no Salvador, arribou ao Reyno.

Com eſta Armada fazemos fim a todas as que os Reys de Portugal mandáram á India.

DE

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO II.

CAPITULO I.

De como a náo do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a ElRey D. Filippe por Rey: e como D. Francifco Maſcarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque: e da Armada dos Aventureiros que o Viſo-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira; e por falecer antes de ſe embarcar, foi eleito em ſeu lugar Diogo Lopes Coutinho.

JA' atrás temos dito no Cap. VIII. do Livro I. o como de Moçambique deſpedíra o Conde D. Franciſco Maſcarenhas a Leonel de Lima pera Malaca, que chegou áquella Cidade poucos dias antes de Outubro: foi muito feſtejada a ſua vinda por ſaberem novas do Reyno, e o Capitão D. João da Gama teve cartas mui honradas de ElRey D. Filippe, em que

que lhe dava conta de sua succesão; e outras de seus parentes, por quem soube as cousas succedidas no Reyno. Leonel de Lima, Capitão da náo, depois de desembarcado, vio-se com D. João algumas vezes, e lhe fez lembrança que seria bem jurar ElRey D. Filippe por Rey, pois estava já jurado em Portugal; e tantas lembranças lhe fez destas, que se tomou D. João da Gama, por ver que queria Leonel de Lima naquelle negocio ganhar terra com ElRey, e com os homens, fazendo-se cabeça, não trazendo regimento, nem papeis pera nada; e assim lhe disse, que elle não era mais que Capitão daquella náo, que as cousas que cumprissem pera bem do seu aviamento as requeresse, que nas outras se não mettesse, que elle sabia mui bem o que cumpria ao serviço de El-Rey, cujo Vassallo era; e com isto se foi entretendo até vir recado de Goa, que era cabeça de toda a India, que não podia tardar muitos dias; porque pera se as cousas fazerem por ordem, era assim necessario: e assim poucos dias depois disto, que foram aos 23. de Novembro, surgio naquelle porto a náo, em que hia Pascoal Machado com os papeis; e por ir hum balão, que chegou a ella primeiro que surgisse, teve D. João da Gama aviso de como na Cidade

de

de Goa ficava jurado ElRey D. Filippe; e sem esperar por papeis, nem que desembarcasse a gente della, foi-se á Sé, aonde se ajuntáram os tres Estados, e alli juráram ElRey D. Filippe, e lhe deo a homenagem daquella Fortaleza, e fez todas as outras solemnidades acostumadas; e quando desembarcou Pascoal Machado com os papeis, já tudo estava feito, e concluido, e D. João da Gama tirou seus papeis, e instrumentos pera mandar ao Reyno na mesma náo.

E deixando estas cousas, tornemos ao Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas, que tanto que tomou posse do Estado, começou a correr com as suas obrigações; e das primeiras em que proveo, foi despedir huma náo pera Ceilão, por estar aquella Fortaleza muito desbaratada, e falta de tudo pelo cerco passado, em que lhe mandou dinheiro, e provimentos, e tratou de despachar hum Embaixador do Rey dos Mogores, que reinára em Goa, e que requeria com cartas forro pera huma náo sua poder carregar em Goa pera Judá, a que os rendeiros da Alfandega de Dio puzeram embargos, por ser muito em perjuizo della, o que tudo o Viso-Rey poz em Conselho; e assentou-se que era necessario conceder-lhe, sem embargo dos inconvenientes que se apontavam, por quan-

to

to Otachar era Rey muito poderoso, e vizinho das terras de Damão, e que era muito importante conservallo em amizade pera segurança daquellas terras; e que aos contratadores da Alfandega se lhes podia fazer razão daquellas quebras, conforme a hum Capitulo dos contratos passados, e ainda do arrendamento que então corria, que dizia, que dando-se algum cartaz forro a alguma náo pera Judá, se lhe descontasse, e por elle o que se achasse nos Livros passados, a náo de Judá, que na mesma Alfandega fizera direitos, pela que mais montára. E assim se achou montar a náo a maior dezoito mil pardáos de Laris, que depois por sentença descontáram por este cartaz aos rendeiros da Alfandega.

Despachado este Embaixador, entendeo o Viso-Rey na Armada, que havia de ir ao Malavar, de que tinha nomeado por Capitão Mór Mathias de Albuquerque, como atrás dissemos, que se fez á véla a 20. de Outubro com duas Galés, e vinte navios, de que eram Capitães, elle da Galé Esperança, D. Gilianes Mascarenhas da Galé S. Paulo, das Fustas Cosme de Lafetar, André Furtado de Mendoça, Christovão de Tavora, Antonio de Azevedo, Sebastião de Macedo, Gonsalo Coelho, Antonio de Mello, Lançarote Sardi-

nha,

nha; Alvaro de Avelar, João Rodrigues de Carvalho, Antonio Vellez, Pedro Homem Pereira, Antonio de Lima, Belchior Brongel, D. Jeronymo, e D. Manoel de Azevedo Irmãos, Affonſo Ferreira da Silva, Franciſco Ferreira Malavar, Pedro Fernandes ſeu Sobrinho, e outros; em todos eſtes navios hiam ſetecentos homens, os melhores que andavam no ſerviço.

Partida eſta Armada, quiz o Viſo-Rey tambem prover de outra a Coſta do Norte, porque teve noticia, e aviſo por cartas de Cananor, que nos rios do Malavar ſe armavam muitos Corſarios pera ſe paſſarem a ella; e querendo atalhar os damnos que ſe receavam, armou oito navios com o nome de Aventureiros, como os paſſados, por ſerem mui temidos, e receados por toda a Coſta da India: e por Capitão Mór elegeo D. Simão da Silveira, que começou a correr com a Armada apreſſadamente. Eſtando já préſtes pera ſe embarcar, adoeceo de huns ſalpicos pelo corpo, que affirmáram os Medicos ſer tabardilho, e ſe recolheo a curar em N. Senhora da Graça, onde em poucos dias faleceo com grande mágoa, e dor de toda a India, por ſer hum Fidalgo, que a ella veio, já homem, filho mais velho de ſeu pai, com muitas, e boas qualidades, e

dons

dons da natureza, em quem todos traziam os olhos, e tinham esperanças de por suas mãos tomar ainda dura, e cruel satisfação do innocente sangue dos irmãos, que sempre clamáram por elle aos Ceos, ficando elle só de tres que eram, que todos morrêram em o espaço de três annos em o serviço de Deos, e de seu Rey. D. Diogo da Silveira, e D. Antonio da Silveira, Fidalgos, em quem todos tinham mui grande confiança, e esperanças, que lhes fazia ter o zelo que lhes viam do serviço de seu Rey, havendo já annos que D. Diogo tinha merecido muito honrada satisfação, D. Antonio com não haver mais que tres que servia, trabalhou por merecer tanto nelles, como outros muitos, e dignos de serem tódos irmãos; e assim o foram tanto em tudo, como o eram por natureza, parecendo-se todos não só no valor das armas, animo, e esforço, senão em muitas, e boas qualidades de aviso, gentileza, entendimento, conselho, primor, brandura, e liberalidade, e sobre tudo na morte, e na brevidade da vida, que só pera merecer a não tiveram curta, pois tomando-os a morte no melhor da vida, acabáram todos com toda a honra, valor, e merecimento que puderam ter adquirido em mais larga vida, sendo sempre este

ap-

appellido dos Silveiras na India tão prodigo do ſeu ſangue, que não ha parte em que o não tenham derramado por ſerviço de ſeu Deos, e de ſeu Rey, como foi D. Alvaro da Silveira, que em companhia de Lopo Soares foi morto no Eſtreito, Heitor da Silveira, que em tempo do Governador Nuno da Cunha matáram nas Ilhas dos Mortos, como na IV. Decada Cap. III. Livro VII. fica dito; Manoel da Silveira, que ſe achou com D. João de Caſtro no ſegundo cerco de Dio, onde o feríram, e depois foi morrer a Chaul, VI. Decada, Cap. V. Livro IV. D. Alvaro da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, de que muitas vezes fallamos nas noſſas Decadas, que foi morto em Baharem, ſendo D. Conſtantino Viſo-Rey da India, o Padre Doutor Gonſalo da Silveira ſeu Irmão, da Companhia de Jeſus, que peleijando com as armas eſpirituaes, foi morto pelos Cafres, padecendo glorioſo martyrio, e agora eſtes tres irmãos, e outros muitos deſte appellido, que por abbreviar deixamos.

Aſſim que morreo D. Simão da Silveira, elegeo o Viſo-Rey em ſeu lugar Diogo Lopes Coutinho, filho de Lopo de Souſa Coutinho de Santarem, Fidalgo de muitas partes, e bom conſelho, que ſó iſto buſcou ſempre o Conde Viſo-Rey D. Fran-

ciſ-

cisco Mascarenhas nas eleições que fazia, sem ter respeito a parentes, e nem amizade, e por isto teve sempre bom successo em todas as cousas que ordenou, e nas Armadas que fez, que foram muitas em todo seu Governo, e assim foi elle mui temido dos inimigos do Estado: e a 14. de Novembro se fez á véla com os ditos navios, de que, fóra elle, eram Capitães João Rodrigues Coutinho seu irmão, D. Francisco de Menezes, D. Francisco d'Essa, D. Manoel de Menezes, Fernão de Castro, Antonio Collaço, e Balthazar Jorge Barata: eram estes navios os mais ligeiros que havia na India, e levavam a melhor soldadesca que então se achou; e do que lhes aconteceo nesta jornada adiante daremos razão. E porque a Cidade de Goa estava falta de mantimentos, ordenou tambem o Viso-Rey outra Armada pera ir dar guarda á cafila dos navios, que os havia de ir buscar á Costa do Canará, de que fez Capitão Mór Guterres de Monroy de Béja. Esta Armada partio em 6. de Dezembro, o Capitão Mór em huma Galé, e quatro navios mais, de que eram Capitães Jeronymo de Azevedo, Gaspar Juzarte, João Serrão, e Ruy de Sá Pinheiro; e desta Armada que fez Guterres de Monroy estiveram quatro viagens dando guarda a gran-

des

des cafilas de navios de mantimentos, com que a Cidade de Goa ficou muito abaſtada.

CAPITULO II.

Do que aconteceo á Armada de Mathias de Albuquerque no Malavar.

TAnto que o Capitão Mór do Malavar Mathias de Albuquerque chegou áquella Coſta, começou a entender nas couſas que convinham pera a guerra, que havia de fazer aos Mouros, deitando-lhes muitas eſpias em terra pera o aviſarem dos paráos que havia pelos rios, e das náos que pertendiam mandar pera Meca; e porque a povoação de Coulete pequeno era grande eſcala de ladrões, determinou de a mandar queimar, e commetteo eſte negocio a Franciſco Fernandes Malavar (por ſer Cavalleiro, e prático nas couſas da guerra, e da terra) com dezoito navios, com que hum dia no quarto d'alva deſembarcou naquella povoação com trezentos homens; e a primeira couſa em que puzeram fogo foi em quatro paráos de eſporão, que eſtavam varados, negociados pera ſahirem a roubar, que ardêram todos; e commettendo a povoação, a achâram deſpejada, como todas as noites o faziam todos os

da-

daquella Costa; porque com medo da Armada, tanto que anoitecia, se recolhiam todos os moradores pera o Certão; e não achando resistencia, nem que roubar, deram-lhes fogo por todas as partes, em que se consumio toda. Em quanto se isto fazia, os Marinheiros da Armada deitáram ao mar perto de sincoenta Almadias, que estavam por aquella praia, que eram do serviço daquella povoação, no que os mesquinhos (que sós são os que nas guerras padecem os damnos dellas) recebêram notavel perda, por serem o remedio de que se sustentavam com suas pescarias, e foi tudo sem risco algum embarcarem-se a seu salvo, levando as Almadias por poppa dos navios.

Passado isto, mandou o Capitão Mór pelo mesmo Francisco Fernandes queimar a povoação de Capocate com sós quatro navios, de que era Capitão Antonio de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Pedro Fernandes o Malavar, e o seu, e de madrugada entráram o rio, e mandou Francisco Fernandes desembarcar só Affonso Ferreira da Silva com a gente do seu navio, e outra alguma que lhe deo dos mais, e entrou a povoação, em que não achou resistencia, e a queimou toda, recolhendo-se com dezoito Almadias, que os marinhei-

ros lançáram ao mar, e ao embarcar deram perto de cem Mouros com os nossos, e travàram huma muito crespa briga. Estando em terra Affonso Ferreira com sós dezoito homens, com que teve o impeto dos Mouros, que magoados de verem suas casas queimadas, se vinham metter entre os nossos como doudos, as nossas fustas chegáram a favorecellos na embarcação, o que se fez com muito tento, sem perigar nenhum dos nossos, ficando os Mouros bem escalavrados. E sendo já recolhidas as embarcações, arrebentou na praia hum grande corpo de gente, que dos lugares vizinhos se ajuntou pera soccorrerem a povoação, em quem os falcões das fustas fizeram hum muito arrazoado emprego, de que ficáram pela praia muitos estirados.

Passado isto, soube o Capitão Mór que no mesmo rio de Capocate estava huma náo negociando-se pera Meca, que ordenou de mandar queimar; e encommendando aquelle negocio a D. Gilianes Mascarenhas com sete, ou oito navios, cujos Capitães eram Francisco Fernandes Malavar, D. Jeronymo de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Belchior Brigel, João Rodrigues de Carvalho, Pedro Fernandes Malavar, e outros, a que não soubemos os nomes, dando-lhes por regimento, que se pu-

pudesse mandar queimar a náo sem desembarcar, o fizesse. D. Gilianes entrou hum dia de madrugada pelo rio, onde tomou algumas pessoas, de quem soube que a náo estava muito assima envasada em parte, aonde as fustas não podiam chegar: e por se não tornar sem fazer alguma cousa, mandou pôr certos marinheiros, de quem confiou aquelle negocio, que fossem queimar huns Bengales, que estavam cheios de fazenda dos Mouros: estes muito encubertamente lhes foram pôr fogo, que ateou com muita braveza, por haver alli muitas eifas, e azeites, com que as lavaredas foram tamanhas, que allumiavam como de dia: das nossas embarcações víram acudir os Mouros a salvar suas fazendas; e apontando nelles os falcões, deram em meio daquelle cardume, em que fizeram grande destruição, e assim muitos por salvarem as fazendas perdêram as vidas. E porque a manhã hia apparecendo, e a gente crescia, sahíram-se os nossos fóra do rio, deixando a terra entregue ao fogo, e a gente ao pranto da perda das fazendas, das vidas dos maridos, filhos, e parentes. Desta maneira andou Mathias de Albuquerque fazendo guerra aos Mouros, que esta he toda a que nós lhe podemos fazer, que o Çamorim mais sentia pelos clamores dos

po-

pobres, e mesquinhos, que cada dia acodem a lhe pedir justiça, porque (como já disse) são os que sentem mais a guerra que todos. E porque he necessario acudir ao Çamori a dar guarda, e recolher os navios, que haviam de vir de Bengala, S. Thomé, Coromandel, e Negapatão, e de outras muitas partes, despedio o Capitão Mór na sua Galé com mais quatro fustas, cujos Capitães eram D. Jeronymo de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Francisco Fernandes Moricale, e Pedro Fernandes. Com estes navios se foi D. Gileanes pôr no Cabo de Comorim, alli esperou até recolher todos os navios daquellas partes, a que veio dando guarda até Cochim, e abaixo de Cochim tomou Affonso Ferreira hum côtocolão de Malavares, que hia fugindo delle, que lhe deo caça, varou em terra, e todavia lhe tomou o casco com o recheio, e seis Mouros vivos; e deixando as Cafilas em Cochim, tornou-se o Capitão Mór, que andava pela Costa, fazendo toda a guerra que podia, com o que a tinha bem assombrada, e posta em muitas necessidades.

CAPITULO III.

Do que mais aconteceo este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruio as Rainhas da Serra, e de Olala.

EM quanto D. Gileannes andou no Cabo de Comorim esperando a Cafila que trouxe a Cochim, ordenou Mathias de Albuquerque de dar hum castigo á Rainha da Serra, que jaz entre o Reyno de Calecut, e Cananor, que áquelle negocio mandou o Goazil com quinhentos Naires, que a hum dia limitado deram todos juntos huns por terra, e outros por mar em suas povoações, e lhas queimáram, e destruíram, indo a nossa Armada pelo rio assima até á povoação da Rainha, que será duas leguas, queimando de huma, e da outra parte muitas povoações, e cortando-lhe muitos palmares com morte, e perda de muitos que acudíram a lho defender; e deixando tudo assolado, se recolhêram os nossos com dous navios que foram de Portuguezes, que os Malavares tinham tomados; e por lhe não ficar cousa por fazer, pelas grandes intelligencias que Mathias de Albuquerque trazia em tudo, determinou de ir castigar a Rainha de Olala, assim

porque foi avisado que no seu rio de Mangalor começava a alevantar huma parede de mar a mar com dous baluartes contra o assento das pazes, como porque hia dissimulando com as pareas havia já alguns annos. E querendo pôr este negocio em effeito, lançou-lhe algumas pessoas de confiança a modo de mercadores, que hiam comprar arroz, pera verem o sitio, e modo das paredes, gente, e guarnições que a Rainha tinha, que víram tudo muito bem; e avisáram ao Capitão Mór do modo das paredes, que começavam a crescer sobre a terra huma vara de medir, que como a Rainha fazia aquillo com dissimulação por lhe não attentarem na obra, não tinha gente, nem guarnição alguma. Com este recado voltou Mathias de Albuquerque com toda a Armada que trazia pera Mangalor, e chegou hum dia de madrugada sem ser sentido, e logo desembarcou em terra; e entrando as paredes, as mandou derribar pela gente miuda, e marinheiros, e elle com toda a soldadesca foi dar na Cidade de Olala, aonde posto que achasse alguma resistencia, poz logo a maior parte della a fogo, e lhe mandou cortar todos os palmares que tinha de redor, e disto ficou a Rainha quebrada, e os vizinhos tão atemorizados, que logo os de Carnate,

Cubia, e Nabul acudíram com as pareas que deviam, que tambem havia dous, ou tres annos que dissimulavam, e Ababulá de Penabuz de novo se fez vassallo de El-Rey de Portugal com obrigação de pareas, conforme aos mais vizinhos.

Feitas estas cousas, e outras com muita ordem, tornou-se o Capitão Mór pera o Malavar, aonde tinha deixado muitas espias em todas as partes sobre as náos que se negoceavam pera Meca; e chegando áquella costa, lhe deram rebate, que no rio de Baliacor, meia legua de Panani, estava hum galeão varado esperando a monção pera o lançarem ao mar pera carregar pera Meca, e pera o queimar se lhe offereceo Francisco Fernandes Malavar, que já era vindo de Cochim com D. Gileanes Mascarenhas, affirmando-lhe que o havia de fazer sem risco algum, porque em huma Almadia havia de fazer aquelle negocio. O Capitão Mór lhe deo licença, e mandou em sua companhia a Francisco Ferreira da Silva com quinze soldados em outra Almadia; e tanto que anoiteceo, partíram-se ambos, e o Capitão Mór se foi pôr com toda a Armada na boca do rio, por onde as Almadias foram; e entrando muito encubertamente, chegáram aonde o galeão estava, e lhe puzeram o fogo por

mui-

muitas partes, que se ateou de feição que em poucas horas o desfez em pó, e em cinza; e quando se isto fazia, os soldados, e marinheiros, que hiam nas Almadias, lançáram ao mar huma fusta nova, que estava varada á borda d'agua, e tomáram ás mãos as vigias que nella estavam.

Feito isto, recolhêram-se as Almadias muito a seu salvo, e leváram á toa a fusta; não deixando porém de ter ao embarcar huma travada briga com muita gente que acresceo ao fogo, de que alguns dos nossos sahíram feridos: foi isto muito festejado do Capitão Mór; e por ser avisado de outra parte que em Panani estava outra náo á carga pera Meca, determinou de a mandar queimar, porque lhe não sahisse aquelle anno nada pera fóra; com o traquete foi surgir defronte de Panani, que he huma povoação entre Panani, e Lenor, aonde hia acabar de tomar a carga: os nossos tanto que a víram surta, a rodeáram com tenção de logo a commetter por todas as partes, como fizeram; e o primeiro que lhe poz a proa, foi Alvaro de Avelar, que se lançou logo dentro com os seus soldados, sem achar resistencia; porque os Mouros tanto que víram os nossos ir demandar a náo, mettêram-se em batel, e foram-se pera terra. Entrados os nossos na

náo,

náo, acháram alguns marinheiros, e gente mesquinha, e huma grande cópia de salitre, e rosalgar, que em Meca tem muita valia, e acháram tambem algumas armas, e alguma artilheria; e levando-lhe as amarras, deram-lhe toa, e leváram-na ao Capitão Mór, que a estimou muito, e entregou a Affonso Ferreira da Silva que a levasse a Cananor, e a entregasse, como fez, que a mandou logo despejar, e recolher tudo o que tinha em armazens.

Passado isto, deram outro rebate ao Capitão Mór de outra náo, que estava no rio de Chalé á carga, que encarregou a André Furtado, pera que a fosse queimar, e lhe deo oito, ou dez navios pera isso, que entrou no rio de Chalé, que por ser muito estreito, fói sempre peleijando com muita gente de huma, e da outra banda; mas elle com muito animo, por meio de nuvens de fréchas, e pelouros, chegou á náo, que estava muito fortificada, e muito bem provída de gente, a fim de se defender. André Furtado a rodeou com os navios, e começou a bater com grande furia, e trabalhou por lhe pôr a proa, e averiguar aquelle negocio de espada; mas os Mouros, que víram tamanha determinação, não ousando a esperar os nossos, lançaram-se a terra pelo bordo mais perto del-

della, os nossos chegáram a lhe pôr as proas, sem acharem quem lha defendesse; e porque era muito trabalho, e mór o perigo de a levarem, pareceo bem a André Furtado dar-lhe fogo, como fez, mandando-lhe primeiro tirar alguma artilheria, e armas que tinha dentro, peleijando com muita gente, que de ambas as partes acudio a carregar sobre elles com nuvens de tiros, de que feriram alguns dos nossos.

Estas cousas mettêram grande medo, e espanto nos Mouros, e o Çamorim não se sabia ajudar, nem dar a conselho, sentindo bem a perda dos seus que cada dia lhe hiam clamar. Sahidos estes navios daqui, foram-se ao Capitão Mór, que deo volta a todo o Malavar com toda a Armada junta; e tanto ávante como Calecut, indo o navio de Affonso Ferreira da Silva detrás de todos muito perto da terra, vio estar em huns vallos huns poucos de Mouros; e sem fallar com nenhuns dos outros Capitães, poz a proa em terra, em que saltou com seus soldados; e remettendo com os vallos que estavam perto da praia, os cavalgou, estando nelles mais de cento e sincoenta Mouros, com quem teve huma muito aspera batalha, e da primeira surriada de arcabuzaria lhe derrubou alguns; en-

entre eſtes foram dous Capitães dos navios que todos os verões ſahiam a roubar ; e lançando a todos dos vallos, mandou embarcar hum meio falcão, e outras armas que alli tinham, e depois ſe embarcou muito a ſeu ſalvo com alguns feridos que não perigáram. O Capitão Mór poſto que eſtimou muito o bom ſucceſſo, não deixou de eſtranhar a Affonſo Ferreira commetter aquillo ſem ſua licença, porque lhe pudera acontecer mui grande deſaſtre, que elle ſentíra muito, por ſer á viſta de toda a Armada. Com eſtas couſas ſe enfreáram os inimigos de tal maneira, que algumas náos que tinham em outros portos, as envasáram em partes a que a noſſa Armada não podia chegar ; e aſſim aquelle anno nenhuma fez viagem, no que todo o Malavar recebeo notavel perda pelo muito que a todos importa o trato de Meca, com que os Mouros ſe ſuſtentam, e porque não tem outros frutos na terra ; e todo o mais reſto do verão andou a Armada por aquella Coſta queimando, e deſtruindo muitas povoações de longo della, e fazendo outros damnos bem grandes. E o principal foi no grande reſguardo que o Capitão Mór teve em lhe não entrarem de fóra mantimentos, porque não ouſavam de navegar, por lhe ter o Capitão Mór to-

ma-

mado todos os portos, com que os poz em extremas necessidades.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate com huma não de Caliche Mahamed: e de como os Mogores saltearam alguns soldados nossos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldea dos Abexins, e de outras cousas.

DIogo Lopes Coutinho, Capitão da Armada dos Aventureiros, tanto que sahio pela barra de Goa fóra, como já dissemos no fim do Cap. I. do Livro II. fez sua viagem caminho do Norte pera se ir pôr sobre o rio de Surrate, como levava por regimento, pera defender a sahida das náos de Caliche Mahamede, Capitão daquella Fortaleza; porque a respeito do Estado tratava de as lançar fóra sem Cartaz, por ser o Viso-Rey avisado, que estando este Caliche na Corte do Hecbar, tratando-se diante delle dos Cartazes que mandava pedir ao Viso-Rey pera sua náo (como já dissemos) quiz o Caliche ganhar terra com elle, e lhe disse, que elle tambem havia de mandar outra náo; mas que o Cartaz que havia de levar era aquelle.

le apunhado do traçado que tinha na cinta. E como tinha paſſado iſto com o Hecbar, eſcreveo a Surrate que a ſua náo, que havia de vir a Meca, foſſe tão bem negociada, que lhe não pudeſſe impedir a jornada a Armada dos Portuguezes, ſe a houveſſe; e aſſim ſe fez, porque hum irmão ſeu, que eſtava alli por Capitão, começou a prover na partida da náo, e a proveo baſtantemente de artilheria, munições, e gente pera ſe poder defender. De tudo iſto foi o Viſo-Rey aviſado por Cartas de Damão; e porque convinha ao Eſtado deſenganar ao Caliche, que não podiam ſuas náos navegar ſem ſalvo conducto, deo por regimento a Diogo Lopes que ſe foſſe logo lançar com toda a Armada ſobre Surrate, e que lhe havia de por entregue aquella náo do Caliche pela dar conta della, ſe ſahiſſe daquelle porto ſem Cartaz. Eſte Caliche caſta Chacuthou, pobre de ſua naſcença, e moço, ſe deo ás letras em companhia do Hecbar, e veio a ſer grande douto na ſua ſeita; e porque deſde menino acompanhava ſempre eſte Rey, foi-lhe muito acceito, e o encarregou de couſas muito grandes, por ſer homem prudente, e de bom conſelho, pelo que veio a ſer diante delle dos principaes; e veio a ter tanta poſſe, que veio

a

a fazer seus irmãos que tinha grandes na Corte, e Capitães de mil, e de dous mil de cavallo cada hum; o primeiro Chancalono, outro Mahamede Soltão, e o terceiro Jancalichou, que he torto de hum olho, grande Cavalleiro, e muito liberal, e de todos estes he o Caliche o mais moço, e ao presente será de perto de setenta annos; e quando o Hecbar conquistou os Reynos de Cambaya, lhe deo a Fortaleza de Surrate, como na primeira Decada fica dito, aonde com o que já tinha adquirido, com outras terras, aonde já estava por senhor, engrossou tanto, que nos affirmou huma pessoa de sua casa, que tinha mais de vinte milhões de ouro em pedraria, e moeda, e hoje está em Laor, que he a Corte, por Veador da Fazenda Geral de seus Reynos. E tornando a nossa Armada, que hia seguindo sua viagem, sendo entre Bombar, e Bacar, encontrou de noite hum paráo de Malavares, que sentindo a Armada, foi apertando o remo o mais que pode, e alguns navios após elle, que o foram atropellando; e todavia Belchior Jorge Barata chegou a elle primeiro, e foi peleijando hum bom espaço ás espingardadas até chegar D. Manoel de Menezes, que lhe poz a proa, e quasi ao mesmo tempo que Belchior Jorge; e lan-

lançando-se todos dentro, mettêram os Mouros á espada em breve espaço, ficando-lhe o paráo com todo o seu recheio nas mãos, que levâram pera Baçaim. Diogo Lopes Coutinho ajuntou os navios, e foi passando o Surrate, e no banco da barra víram surta huma fermosa náo, que parecia de quinhentas toneladas, que estava de verga d'alto, como que queria fazer viagem. Diogo Lopes a rodeou com os navios, e lhe mandou perguntar que náo era, e pera onde hia: os de dentro lhe respondêram que era do Hecbar, que hia carregar a Goga com Cartas do Viso-Rey, que logo mandáram apresentar; e Diogo Lopes lhe poz o passe, e lhe mandou dizer que fizessem seguramente sua viagem, o que elles logo fizeram, e deram á véla pera Goga. A nossa Armada entrou dentro no rio, e no Canal das Leiteiras víram a náo do Caliche, que tambem era muito fermosa; estava de longo das barranceiras, e por ser muito alcantilado com peanhos em terra, e por dentro apparecêram grandes bastidos de lanças arvoradas, e correrem pera de huma, e outra parte muitos Mouros, como homens que se faziam prestes pera peleijarem. Diogo Lopes Coutinho chegou á náo, e lhe mandou perguntar cuja era, e pera onde

hia:

hia : ao que lhe respondêram que era do Caliche, e que hia pera Meca ; mas que esperava por Cartas do Viso-Rey : ao que lhe disse o Capitão Mór, que estava muito bem ; mas que soubessem que sem ellas não havia de sahir daquella barra. E porque ainda não era tempo de viagem, e as aguas eram passadas, sem quem a náo não podia sahir dalli, quiz o Capitão Mór correr a enseada pera haver novas de paráos, e assim atravessou a Goga, e dalli de longo da Costa a Dio, onde se proveo do necessario ; e por se vir chegando a Lua em tempo de outras aguas, tornou-se pera Surrate a vigiar a náo, deixando-se estar dentro do rio a ver o que passava, e escreveo ao Viso-Rey o estado em que estava, pedindo-lhe mais navios, porque aquella náo era grande, e poderosa, e que seria grão descredito do Estado sahir-se fóra sem a elle poder tomar por falta da Armada. E estando assim no rio, aconteceo que estando a Armada hum dia da banda do Reynol com os esporões em terra, sahio-se hum magote de vinte soldados, e foram-se desviando a passarinhar com humas espingardas, cousas que o Capitão Mór tinha muito defendido por conhecer a natureza dos Magores ; e andando alguma cousa alongados, deram

nel-

nelles alguns ſincoenta de cavallo tão ſubito, que não tiveram tempo de ſe poderem recolher, e nos primeiros encontros a alcançáram alguns ſinco, ou ſeis; os outros feitos em hum corpo com as eſpingardas nos roſtos, peleijando muito eſforçadamente com elles, recolhêram-ſe a hum tezo, onde com muita ordem ſe defendêram, derribando com as eſpingardas alguns, por onde os mais não ouſáram de os entrar: eſtas novas foram todas ao Capitão Mór, que as ſentio muito, e logo deſembarcou com toda a gente poſta em armas, e deſpedio ſeu irmão João Rodrigues Coutinho com huma Companhia de ſoldados, e elle com toda a mais gente ſe foi pôr em parte aonde viſſe tudo. Os noſſos, que peleijavam com os Mogores, tanto que ſentíram o ſoccorro, apertáram tanto com elles, que os fizeram fugir; e ao tempo que João Rodrigues Coutinho chegou, andavam elles deſpindo os mortos, que até as botas que todos trazem lhes deſcalçáram; e recolhendo-os comſigo, ſe tornou ao Capitão Mór, que ficou muito ſentido, e deſgoſtoſo de lhe acontecer aquelle deſaſtre quaſi á ſua viſta pelo deſarranjo dos ſoldados, que neſta materia cá neſtas partes nenhum reſpeito tem, nem ás ſũas proprias vidas, pondo-as cada hora a perigo

por

por hum pequeno appetite. Entre os despojos que estes soldados trouxeram, foi huma lança com humas gazuas de prata, que foram de Portuguezes. Diogo Lopes deixou-se ficar com aquella mágoa, que elle poz em seu peito de satisfazer, e começou a traçar modos de o fazer, tendo dalli por diante tanto resguardo na Armada, que não deixou ir mais a terra soldado nenhum. Estando neste proposito, chegáram tres navios, que o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou armar em Chaul com recado que lhe deram de Diogo Lopes Coutinho, de que eram Capitães Ruy Mendes, e Ruy Dias de Sousa, ambos irmãos, e do outro não sabemos o nome, com o que a Armada ficava mais possante, por levarem estes navios mais de cem soldados, muito bons, e escolhidos. Diogo Lopes Coutinho como andava sentido da morte dos soldados, determinou de satisfazer aquella quebra, e ordenou em segredo com os Capitães de dar na Aldea dos Abexins, por ser muito povoada, que seria pelo rio assima quasi meia legua, e assim a commetteo huma madrugada; e dando nella de supito, a entrou, queimou, e a gente della se acolheo pera Surrate; o irmão do Caliche houve aquillo por grande quebra, e affronta sua, por serem todos es-

eſtes Mogores muito ſoberbos, e arrogantes, e com muita preſſa acudio com quinhentos de cavallo, muita gente de pé, e alguns Elefantes, e certas peças de artilheria de campo, e chegou á viſta da Aldêa a tempo que os noſſos já embarcáram, por terem tudo feito á ſua vontade; e chegando-ſe perto da praia, indo já os navios levados, lhe atiráram algumas bombardadas, e das fuſtas lhe reſpondêram com outra ſalva, de que alguns ficáram eſtirados por eſſe campo: e quiz a deſaventura que ao deſamarrar dos navios ſe embaraçaſſem os de D. Franciſco d' Eſſa, e de D. Franciſco de Menezes, de maneira que ſe não puderam affaſtar. Vendo-os os Mogores daquella feição, carregáram ſobre elles com tantos tiros, que lhe feríram a mór parte da gente, e entre elles a D. Franciſco no braço direito, de que ficou aleijado, e matáram dous ſoldados. Os noſſos que eſtávam embarcados, por huma parte trabàlhavam por ſe apartarem, e por outra laboravam com a eſpingardaria pera affaſtar os inimigos, em quem faziam bem damno. O Capitão dos Mogores andava á borda da barranceira fazendo deſcer abaixo alguns Elefantes pera ferrarem em os navios com as trombas, e chegarem-nos mais pera a terra pera os pôrem em ſecco por va-

ſar

ſar a maré. D. Franciſco d'Eſſa, e os mais ſoldados trabalháram, e peleijáram tudo o que puderam, ſem poderem ſer ajudados dos outros navios por cauſa da força da corrente que deſcia pera baixo; e tanto fizeram huns, e outros, que ſe deſempeſſáram, e affaſtáram pera fóra quaſi todos feridos, e tão canſados, que já não podiam comſigo: tirados do perigo, curaram-ſe os feridos; e porque D. Franciſco de Menezes eſtava perigoſo, mandou o Capitão Mór que ſe foſſe curar a Damão, e lhe mandou metter todos os mais feridos, e a D. Franciſco de Menezes, filho de D. Pedro o Ruivo, pera que nella tornaſſe por Capitão. Eſta deſgraça ſentio Diogo Lopes muito, porque tinha o negocio muito bem feito, ſenão fora aquelle deſaſtre de ſe embaraçarem os navios.

Affaſtados dalli, tornaram-ſe ao ſeu porto a vigiar a náo; e por lhes faltar agua, a foram fazer a huma Aldea affima deſta dos Abexins, onde a havia, porto que eſtava pela terra dentro dous tiros de falcão; e deſembarcando com toda a gente á borda da ribeira, mandou o Capitão Mór a ſeu irmão João Rodrigues Coutinho com huma companhia de ſoldados de eſpingardas a favorecèr, e dar guarda aos marinheiros, e aos moços que levavam as

vasilhas, em que haviam de trazer a agua; e elle com toda a mais gente se poz no campo á vista dos navios, e da gente que hia fazer aguada. Os da Aldea tanto que sentíram os nossos, fizeram logo muitas fumaças, que era o sinal que tinham pera na Fortaleza se saber que os nossos eram desembarcados. O Capitão de Surrate cavalgou com muita gente, e alguns elefantes, e acudio áquella parte, que os nossos tiveram tempo pera fazer aguada á sua vontade. E por ter aviso João Rodrigues Coutinho da gente que era sahida de Surrate, mandou diante os marinheiros, e elle se deixou ficar pera ver que gente era, e se recolheo como emboscada em huma Aldea, por ver se os Magores entravam por ella com alguma desordem pera lhes poder dar hum toque. O Capitão de Surrate chegando á Aldea, não ousou a entrar nella, por se recear dos nossos, e deixou-se ficar de fóra, ordenando de sua gente huma meia lua, e rodeou a Aldea toda. João Rodrigues Coutinho como os vio daquella maneira, deo fogo á Aldea, e foi-se sahindo em hum corpo, e recolhendo-se pera a praia, porque se hiam os Mogores chegando, e carregando sobre elles com grandes nuvens de fréchas, e pelouros; mas elles com o rosto nos inimigos, dispa-

ma embarcação ao Viſo-Rey, e lhe mandou pedir licença pera elle em peſſoa ir áquelle ſoccorro, o que lhe elle mandou, e elle ſe fez preſtes, e negociou em poucos dias vinte navios mui bem guarnecidos de gente, e munições, e de tudo o mais neceſſario pera a guerra, porque os Capitães delle eram Fidalgos, e Cavalleiros principaes, e caſados naquella Cidade, que á cuſta de ſuas fazendas, como ſempre fizeram, ſe embarcáram em companhia do ſeu Capitão; e dos que pudemos ſaber os nomes, são: D. Jeronymo de Menezes, Duarte da Silveira, filho do Craveiro de Evora, Balthazar de Siqueira, Pedro Preto, filho de Franciſco Preto, Ruy Mendes de Figueiredo, Franciſco da Cunha, Mattheus de Gumede, João Ferreira Fialho, Gonſalo de Araujo, Amador Mendes Dorta, Manoel de Valladares, André Duarte, Belchior Colaço, Manoel Bocaro, e dous navios mais, que a Cidade mandava cheios de mantimentos, e munições á ſua cuſta, de que eram Capitães Jorge da Silva, e hum João Teixeira. D. Fernando de Caſtro deo á véla com todos eſtes navios, deixando a Fortaleza entregue a Alvaro de Carvalho, e em poucos dias entráram pela barra de Damão todos eſtes navios embandeirados, diſparando a ſua artilheria, e to-

tocando ſeus pifanos, e tambores, couſa fermoſa pera ver. Foram eſtes Capitães bem recebidos, e repartidos por eſtancias, que elles reformáram, e fortificáram, ficando D. Franciſco de fóra pera acudir ás couſas neceſſarias, e tomou á ſua conta fechar a praia da ponta do Baluarte de ſobre a barra até ao mar, porque não vieſſem os Mogores metter-ſe entre os navios, e a Cidade, obra muito neceſſaria; e não particularizamos os baluartes, e eſtancias, que os Capitães do ſoccorro reedificáram, e tomáram por eſtancias; porque como a Cidade não foi batida, e o cerco não foi por diante, havendo por eſcuſado, baſta nomear os que ſoubemos, porque já foram offerecidos a todos os trabalhos que ſe offereceſſe naquelle cerco, por muito prolongado que foſſe. D. Pedro de Menezes, Capitão de Dio, tanto que ſoube dos Mogores, deſpedio em ſeu ſoccorro dous navios cheios de ſoldados, de que foi Capitão Jorge da Silva Coutinho. Com eſtes ſoccorros ficou a Cidade tão proſpera, que já lhe não dava aos noſſos do cerco que ſe eſperava, antes praticavam em ir buſcar, e darem-lhe batalha em campo, porque ſe não foſſem louvar que os cercáram.

CA-

CAPITULO VII.

De como D. Gilianes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanadarias: e da vista que deram á Cidade: e da escaramuça que os nossos tiveram com elles.

DAda a Carta do Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas a Mathias de Albuquerque, em que lhe deo conta da necessidade de Damão, logo com muita brevidade despedio D. Gilianes Mascarenhas com dez navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Cosme de Lafetar, Christovão de Tavora, seu irmão, Pedro Homem Pereira, Antonio Vellez, Gonsalo Coelho, Antonio de Lima, Sebastião de Macedo, D. Manoel de Azevedo, e Antonio de Azevedo: nestes navios hia a melhor soldadesca da Armada; e dada á véla, foram seguindo sua viagem; e antes de chegarem a Goa, houveram vista de dous Catacoules de Malavares, a que deram caça; e o primeiro que chegou foi D. Gilianes, que os fez varar em terra, e lhe tomou os cascos, passando por Goa, sem quererem nada della. Antes de chegarem a Chaul, tomáram hum paráo de Cossarios, que todos morrêram, o que o mesmo D. Gilia-

 nes

nes abalroou, e rendeo; e sem se embaraçarem com outra cousa, chegáram a Damão, aonde entráram salvando a Cidade, fermosamente embandeirados. Foi D. Gilianes bem recebido, e seus Capitães repartidos por estancias, com que a Cidade acabou de ficar fortalecida pera se defender a todo o poder do Grão Mogor. De todos estes soccorros chegáram logo as novas a Cutubilicham, que desconfiado de poder fazer cousa alguma, e desenganado que a Cidade estava provída de soldados, Capitães, e Fidalgos, determinou de virar as armas contra as Tanadarias, porque tambem sua tenção (como dissemos) nunca foi bater, nem commetter a Cidade, senão occupar as terras por se desaffrontar do que a nossa Armada lhe andou fazendo pelo rio de Surrate; e por saber que a Tanadaria de Tarapor era rica com mercadores grossos, determinou de a mandar saquear, pera o que despedio Califcham com mil de cavallo, e alguns elefantes, de que logo foi o Capitão de Damão avisado, e mandou recado aos Capitães das Tanadarias, pera que estivessem sobre aviso, porque os não tomassem descuidados. Os Mogores entráram por Sanges, e Dormi, queimando, e assolando tudo; e chegando á povoação de Danu, onde estava D. João

dè

de Ataíde por Capitão, e muito fortificado em huma Torre que tinha com ſincoenta homens, e recolhidos de redor della todos os naturaes com ſeus gados, e no rio, que era largo, e fermoſo, hum navio com vinte homens pera do mar os favorecer; e querendo elles commetter, os esbombardeou D. João mui bem; e ainda lhes mandou ſahir alguns ſoldados, que travâram com os dianteiros huma eſcaramuça, com que derribâram alguns, e lhes tomâram huma bandeira, que D. João mandou depois ao Viſo-Rey, e lha deram, eſtando hum dia ſolemne em S. Franciſco, e elle a deo aos Padres. Os Mogores eſcandalizados de D. João, foram-ſe recolhendo, e paſſâram a Fará, porque eſtava deſpejado, e o aſſolâram, queimâram, e matâram muitos meſquinhos, e corrêram até May, onde o Capitão com os moradores eſtava fortificado no Templo dos Padres de S. Domingos, aonde tambem os eſcandalizâram; e depois de queimarem as aldeias todas, ſe recolhêram outra vez a Damão cheios de deſpojos, e de gados principalmente.

O Cutubichão deixou-ſe eſtar no lugar, onde aſſentou o arraial, ſem dar viſta á Cidade até dia de Ramos, que foi o primeiro que no campo apparecêram huns quinze, ou vinte de cavallo, apôs o Ca-

pitão do campo Francisco de Soveral, que vinha recolhendo o gado, e ao repique acudio o Capitão, e toda a gente solta ao campo; e por lhe parecer cilada, deteve os soldados, que já se espalhavam em magotes. Os Mogores chegáram até perto do Baluarte de João Rodrigues Coutinho; mas como víram sahir gente fóra, logo se recolhêram, sem apparecerem mais que estes.

Passado isto, logo ao dia de Pascoa pela manhã, sabendo ser aquelle dia muito celebrado dos Christãos, o quizeram tambem festejar com lhes darem vista de todo o seu campo, e foi a horas em que estavam todos aos Officios: dos Baluartes se fez sinal a Mouros, a que logo acudíram os Capitães ao campo com toda a soldadesca, que andava solta sem obrigação de estancia, e eram mais de mil homens, e foi a tempo que vinha dos Mogores a fio por entre humas hervas leiteiras, que estam no cabo do Campo grande, fingindo a praia a modo de Lua, que se estimáram em tres mil homens de cavallo. Os Capitães dos Aventureiros Fernão de Miranda, D. Francisco de Castro, D. Martinho da Silveira, D. Gilianes Mascarenhas, e outros sahíram ao campo alguns delles a cavallo com o Capitão da Cidade, que levou comsigo todos

os

os moradores a cavallo, com que se poz em hum tezo, que fazia fóra da tranqueira de João Rodrigues Coutinho pera a banda da praia, onde se deixáram estar. D. Gilianes com os Capitães da sua Companhia, e toda a soldadesca com a sua bandeira foi-se pôr fóra a huma parte do campo, e o mesmo fizeram outros Capitães, que ficáram sem estancias; os inimigos vinham engrossando cada vez mais o fio; e huma das pontas da Lua, que respondia á praia, veio a ficar perto do porto em que estava o Capitão com a gente de cavallo, que o Capitão não deixou apartar delle, por não haver alguma desordem; mas todavia foram os Mogores chegando-se tão perto, que foi necessario sahir-lhe Fernão de Miranda com alguns companheiros de cavallo; e antes de chegar a elles, o chamáram de lá por Fernão de Miranda, muito claro, porque era muito conhecido entre elles. Este foi Califcham, que queimou Tarná, porque se adiantou dos seus, brandindo huma lança. Fernão de Miranda em o vendo apartar, e que era o que chamava por elle, adiantou-se tambem dos seus, e bateo as pernas a hum fermoso cavallo ruço rodado em que hia; e endireitando com o Mogor, encontrou-se com elle tão fortemente, que lhe quebrou a lança nas ar-

armas sem o derribar por vir precintado no cavallo, como todos o fazem, recolhendo-se o Mouro muito mal ferido pera a ponta da Lua, e Fernão de Miranda pera onde o Capitão estava; e porque os nossos se começáram a misturar com os Mogores, e os soldados travavam no meio do campo huma boa escaramuça de espingardadas, de que derribáram alguns, acudio o Capitão pera os recolher, por não haver algum desmancho, o que elles fizeram quasi por força, porque estavam descjosos de provarem a mão com os Mogores em batalha aprezada; e certo que pudera este dia ser hum muito assinalado pera os Portuguezes, se houvera quem naquelle campo chamára por *Sant-Iago*, porque só isto bastava pera os soldados romperem de todo a batalha, sem terem dever com os Capitães; mas parece que Deos não quiz que fosse aquelle dia mais, pois tapou a boca a tantos homens, sem haver hum que appellidasse o Bemaventurado Santo, cousa tão acostumada entre nós, que em qualquer pequeno rebate logo o invocamos. Os nossos quasi por força (como já dissemos) se foram recolhendo pera de longo das tranqueiras, ficando os inimigos hum pouco parados; mas logo tornáram a voltar por onde vieram, bem fostigados da arti-

lhe-

lheria dos baluartes. Em quanto isto se passou da outra banda do rio, esbombardeáram a Cidade com algumas peças, que lançavam pelouros de ferro coado, que varavam os téctos da casa dos Padres da Companhia, e passavam ao campo largo, e grande, sem fazer nojo algum. Recolhidos os Mogores, nunca mais quizeram dar vista, porque parece que lhes foi mal daquella; e tudo o de Catubidicham parou em escaramuças, e entretenimentos, pera a não do Caliche poder sahir pera fóra livremente; e por derradeiro não fez viagem, porque os Mercadores não quizeram arriscar suas pessoas, e fazendas; porque ainda que á sahida não tivessem risco, a tornaviagem poderia ser que a não fizessem, porque bem se entendia que haviam de achar Armadas sobre aquella barra.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceo em Damão: e das grandes differenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Aventureiros: e de como os Mogores tratavam de pazes: e de como o Viso-Rey mandou Gutierre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe succedeo.

NEste estado estavam as cousas de Damão, sem haver mais que andarem os Mogores pelas terras fazendo todo o damno que podiam; mas como o demonio he pai de zizanias, e discordias, vendo que os Mogores não inquietavam os nossos na Cidade, quiz elle ordenar dentro nella outras guerras, e trabalhos, que houveram de custar mais; e assim começou a tomar achaques de cousas bem pequenas entre todos os Capitães, pera por ellas os ir accendendo mais em furia, e tomarem as armas huns contra os outros; e deixando os bicos pequenos, em que só as desconfianças peccão, trataremos das substancias. Havia no Rio de Damão huma grande copia de fustas daquelles Capitães, que vieram de soccorro, e cada Capitanía tinha sua bandeira, e seu farol pelas quadras, a fusta de Diogo Lopes Coutinho, Capitão Mór

Mór dos Aventureiros, a de Fernão de Miranda de Azevedo, de D. Francisco de Castro, e a de D. Gilianes Mascarenhas; e como Diogo Lopes Coutinho era Capitão Mór do Norte dos Aventureiros, o Viso-Rey lhe tinha dado largas Provisões, e poderes, pera que todas as Armadas, que por toda aquella Costa se achassem, lhe obedecessem. E como o Capitão Mór do Norte dos Aventureiros por estes poderes que levava houve que era menos cabo seu estarem outras fustas dos outros Capitães com bandeiras, e faroes, tratou de as tirarem, e ficar só a da sua fusta, como Capitão Mór que era, sobre que começou a haver desgostos, porque Fernão de Miranda era hum Fidalgo velho, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, e que o Viso-Rey mandára soccorrella com palavras de muita satisfação, porque entendeo que havia de assistir naquelle cerco, como Capitão Mór do campo. D. Francisco de Castro era Capitão de Chaul, e deixára a sua Fortaleza por vir soccorrer aquella com huma Armada de vinte navios, e que só ao Viso-Rey podia conhecer obediencia; e D. Gilianes Mascarenhas era hum Fidalgo muito honrado, e que viera de Malavar por Capitão Mór daquelles navios por mandado do Viso-Rey, sem ver outra cou-

sa

ſa em contrario : eſtas eram as razões, que cada hum delles tinha, e allegava por ſi; mas Diogo Lopes Coutinho não ſe acabava de quietar com haver muitos Capitães velhos, e peſſoas graves, e Religioſas, que andavam mettendo a mão neſte negocio pera ſe apaziguar, vindo-ſe a concluir entre todos que ao Viſo-Rey ſó pertencia averiguar aquillo, que ſe lhe déſſe conta de tudo, pera elle ordenar o que foſſe ſerviço de ElRey. Não ſe contentou o demonio com iſto, mas ainda paſſou adiante com ſua malicia; porque poucos dias depois diſto ſuccedeo fazer hum ſoldado hum crime, e recolheo-ſe á eſtancia de D. Bernardo de Menezes, aonde o Capitão da Cidade o mandava prender, e não lho quizeram dar, do que elle tomado, foi lá em peſſoa; mas D. Bernardo, e ſeus irmãos D. Franciſco, e D. Manoel de Menezes com ſeus ſoldados lhe defendêram, e acudio tambem Diogo Lopes Coutinho; e diſſe a Martim Affonſo, que aquelle ſoldado era de ſua Armada, que elle trazia poderes do Viſo-Rey pera ninguem entender com elles, nem os caſtigar; e ſobre iſſo ſe ateáram em razões, a que acudíram todos os Fidalgos, e gente da Armada, e ſe mettêram em meio, e aſſim ſe recolheo cada hum pera ſuas caſas. Martim Affonſo

de-

depois de ser na Fortaleza, vendo que ficára alguma cousa acanhado, e que lhe não entregáram o soldado, tomando conselhò sobre este negocio com alguns ámigos, aconselháram-lhe que fosse prender Diogo Lopes por rebelde, e desobediente, e assim mandou rebate ás justiças, e a todos os casados, e negoceou-se pera o ir prender. Diogo Lopes teve disso aviso, e recolheo-se em sua casa com cem homens de sua Armada com muitas armas, e panellas de polvora pera se defender. Indo Martim Affonso pera sua casa, e chegando á rua direita, como a soldadesca toda he amiga de novidades, e bandos, como ouvíram dizer que Martim Affonso queria prender o Capitão Mór dos Aventureiros, acudíram á rua direita postos em armas, largando as estancias; e deixando-as sós, e desertas, acudíram mais de seiscentos homens á parte de Diogo Lopes Coutinho com tenção de matarem Martim Affonso, que tambem hia com muita gente. Os Fidalgos, e Capitães velhos, que havia na Cidade, acudíram pera apaziguar o negocio, que estava em estado de se romper a batalha, o que fora total perdição da Fortaleza; porque estava certo morrer a mór parte delles; e se os Mogores foram avisados daquelle negocio, muito facilmente pu-

puderam entrar na Cidade, por estarem as estancias soltas, e sem guardas. A confusão que havia entre os nossos era tal, que nem Religiosos com Crucifixos, nem Fidalgos velhos com a sua authoridade puderam apaziguar. A cousa chegou a tanto, que alevantou hum soldado huma espingarda, e a encarou no Capitão pera o derribar; mas quiz Deos que o visse D. Martinho da Silveira, e remettendo a Martim Affonso, o levou nos braços, e deo com elle dentro em huma casa. Ao mesmo tempo da estancia de João Rodrigues gritáram a Mouros no campo, o que não era; mas quiz Deos inspirar nelle, porque logo acudíram todos ás estancias, e ao campo, com o que se apartou aquella contenda. Passado isto, tornáram-se a metter pessoas graves no meio, e apaziguáram aquelles Fidalgos, e tornáram a ser amigos.

Neste mesmo dia chegáram alguns navios, que o Conde Viso-Rey mandou com dinheiro, e provimentos pera aquella Fortaleza, e nelles enviou huma Provisão a Fernão de Miranda, em que lhe mandava ficasse invernando naquella Cidade por Capitão de toda a soldadesca; mas debaixo da jurisdicção do Capitão da Cidade. Divulgado isto, tomados os Capitães todos daquella mudança, principalmente D. Gilia-

lianes Mascarenhas, logo no mesmo dia, sem dar conta a pessoa viva, se embarcou no mesmo seu navio, e se foi pera Goa aggràvado do Conde, e dahi a dous, ou tres dias fez o mesmo Diogo Lopes Coutinho, e D. Fernando de Castro com todos os seus navios. Poucos dias depois disto chegou a Damão Zimgiricham, genro do Coge Cofar, de quem na nossa quinta Decada Cap. XI. Liv. I. muitas vezes fallámos; que como era grande amigo dos Portuguezes, sabendo do cerco, partio pela posta de Cambaya, onde estava, pera metter mão naquelle negocio, e ser terceiro entre Cutubichão, e os Portuguezes; e chegando ao exercito com licença de Martim Affonso, se foi ver com elle, que o recebeo bem, e o agazalhou na Casa de S. Domingos, e alli tratou sobre pazes, que por derradeiro se não effeituáram, por lhe pedir o Capitão satisfação de todas as perdas, e damnos que os Mogores fizeram pelas terras; porém ficáram com elle de mandar recado ao Viso-Rey, e do que elle mandasse o avisariam, e com isto se recolheo outra vez pera Cambaya, muito satisfeito das honras que recebeo dos Portuguezes, e o negocio de guerra ficou no estado em que estava, sem haver mais vistas, nem assaltos, antes foram muitos de parecer que fossem dar

nos

nos inimigos huma madrugada com dous mil homens que havia na Fortaleza, com que muito facilmente os poderiam desbaratar de todo, dando para isso muitas razões; mas Martim Affonso não quiz arriscar o poder, e deixar a Cidade só, o que foi máo de soffrer aos soldados, porque publicamente praguejavam do Capitão com a soltura com que o costumam a fazer na India; e como o Inverno se hia chegando, houveram os Mogores por seu partido recolherem-se pera Baroche, o que affirmam por mui certo que estranhou o Chebar ao Caliche mandar fazer aquella guerra sem sua licença, e ao recolher deixáram guarnição de gente na pragana Bouticer, que era na jurisdicção de Damão, que até agora comem os Mogores por culpa dos Capitães, que foram dissimulando, de que mais lhe relevava aos Capitães, que estavam de soccorro naquella Cidade. Depois de terem recado de serem os Mogores acolhidos, se recolhêram pera suas casas, ficando Fernão de Miranda por Capitão de toda a soldadesca que alli ficou, que foi da Armada dos Aventureiros, e a de D. Gilianes. Diogo Lopes Coutinho em chegando a Goa o mandou prender o Viso-Rey por culpado nas cousas da guerra, de que depois se livrou. Neste mesmo tempo foram ás terras

de

de Dio tres, ou quatro mil Mogores a cavallo, que vieram da Costa de Por, e Mangalor de fazer guerra ao Rey de Sabon, e deixáram-se andar da outra banda de Gongala alguns dias; e receando D. Pedro de Menezes, Capitão daquella Fortaleza, que quizessem invernar por alli, e que intentassem saquear a Cidade, que era grande, e rica, proveo os passos do mar, e da terra de guarda, e despedio recado ao Viso-Rey do que passava, que tanto que lhe foi dado, despedio Guterre de Monroy com cem homens em huma Galé pera ir invernar em aquella Fortaleza; e chegando neste tempo a Chaul, não quiz atravessar o golfo em Galé, e fretou dous navios, em que se mudou. Indo tomar Baçaim, achou carta de D. Pedro de Menezes em mão do Veador da Fazenda Francisco de Frias, em que lhe dizia que os Mogores eram recolhidos a Cambaya, e que assim o escrevesse ao Viso-Rey, pera que não mettesse cabedal naquelle negocio, pelo que se houvesse ser escusado sua ida, e tirou Certidões, e papeis, e voltou pera Goa, deixando os soldados que hiam pagos, que o Veador da Fazenda entregou a Simão de Brito pera irem invernar com elle a Dio, que por achar o golfo mui rijo, tornou a voltar pera Baçaim.

Pou-

Poucos dias depois disto, que foi na entrada de Maio, faleceo-lhe D. Pedro de Menezes, e succedeo-lhe o Alcaide Mór Simão de Abreu. E certo que foi grande perda a deste Fidalgo por as partes, e qualidades de sua pessoa, por ser Capitão velho na India de muita experiencia, e grande conselho, de quem ElRey tinha muito grande satisfação, e estava certo ser a primeira succesão da governança da India. Fidalgo bom Christão, e de muita verdade, e muito zeloso do serviço de ElRey, com todas as mais partes conforme ao sangue de que procedia, porque éra neto do Conde de Cantanhede, filho de D. Manoel de Menezes, e de Dona Brites de Vilhena: foi enterrado na Misericordia daquella Fortaleza, e seus ossos foram trasladados a Goa pera huma Capella, que tem no Capitulo de S. Francisco: foi casado duas vezes na India, a primeira com Dona Bernarda, filha de D. Jorge de Sá, e a outra com Dona Luiza Coutinha, filha de Manoel Coutinho, viuva de Luiz Freire de Andrade, de quem tinha huma filha chamada Dona Ignez Freire, que hoje he casada com D. Diogo Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho o Marialva.

CAPITULO IX.

Das cousas que o Viso-Rey proveo: e dos Capitães que despachou pera fóra: e do que aconteceo o resto do verão a Mathias de Albuquerque até se recolher.

DEsapressado o Viso-Rey das cousas de Damão, por cujo respeito paravam todas as mais, logo tratou de despachar as que haviam de ir pera fóra, e soccorrer Ceilão, por lhe terem chegado novas de fresco que o Rajú fazia mudança de si, e havia suspeita que queria tornar a provar a mão com a Fortaleza de Columbo; e porque Antonio de Sousa Godinho estava prestes pera ir a Pegú ás cousas que importavam, o despedio logo com regimento, que pedisse a Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavar, mais dous Capitães, D. Jeronymo de Azevedo, e Affonso Ferreira da Silva pera irem com elle áquella necessidade; e que chegando a Columbo, sendo necessario deixar-se ficar, o fizesse; e que estando as cousas quietas, passasse a Pegú a fazer seu negocio.

Partido Antonio de Sousa de Goa com tres navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Antonio de Faria, e João de Faria,

chegando ao Malavar, deo cartas, que levava a Mathias de Albuquerque, que lhe deo os dous Capitães que lhe pedia, e foi seguindo sua derrota; e antes de chegar a Cochim, encontráram hum Paráo de Malavares, que levava hum Pangale de Christãos tomado, a que foram dando caça já de noite; e apertáram tanto, que lhes foi necessario largar o Pangale pera poder escapar, a quem chegou Antonio da Costa, e lhe deo toa, e recolheo-se pera Cochim. Os navios da sua companhia, que o não víram voltar, foram seguindo o farol toda a noite até pela manhã se haverem vista delle, pelo que voltáram pera Cochim, aonde acháram Antonio de Sousa; e depois de se proverem de agua, e de outras cousas, tornáram á sua viagem; e passando o Cabo de Comorim, acháram já ameaços de inverno, e houve alguns pareceres de Piloto que era já tarde pera se commetter aquelle golfão; mas Affonso Ferreira da Silva, como prático naquellas partes, e soldado velho, disse, que ainda poderiam atravessar a Ceilão, e que se fosse a soccorrer a Fortaleza de ElRey, ainda que fosse com trabalho, e com esta determinação se fizeram todos á véla contra os pareceres dos Pilotos, e assim foram atravessando com mares muito grossos, e no mesmo dia quebrou o mas-

maſtro ao navio de João de Faria, a quem Antonio de Souſa mandou que ſe foſſe ao longo da Coſta até á Fortaleza de Manar, e alli ſe proveſſe de outro maſtro, e o foſſe eſperar á S. Thomé, como fez: os mais navios foram atraveſſando com tempo bem rijo, e chegáram á Columbo, onde foram muito feſtejados; e o Rajú tanto que teve novas deſte ſoccorro, não bolio comſigo, e deſpedio a gente que tinha junta, de que logo foi aviſado João Correa de Brito, e houve Antonio de Souſa por eſcuſado; e deixando alli os navios de D. Jeronymo de Azevedo, e de Antonio de Faria, partioſe de longo da Coſta até Manar, e dahi paſſou os baixos, e foi fazer ſua viagem.

Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavár, que todo eſte verão tinha feito huma cruel guerra aos Mouros de toda aquella Coſta, vendo que ſe acabava o verão, mandou recolher as náos de Malaca, China, Maluco, Bengala, e mais partes com huma grande cafila, e com tudo iſto ſe foi recolhendo pera Goa, e de caminho viſitou, e proveo as Fortalezas de Canará de tudo o neceſſario, e dahi paſſou a Goa. Neſta náo mandáram de Malaca huma devaſſa, que ſe lá tirou contra D. João da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pelas culpas que tinha na Proviſão do Licencia-

do Cosme de Ruam, que lá foi por Ouvidor Geral, como na nona Decada melhor se verá, e por outras cousas, que lhe puzeram, que foi posta na Relação de Goa, onde foi sentenceado que fosse despejado da Fortaleza, e se viesse livrar a Goa; e com isto despachou o Viso-Rey a Roque de Mello, que viera com elle despachado com aquella Fortaleza pera ir entrar nella. Divulgado isto por Goa, acudio D. Miguel da Gama a ver se podia atalhar que seu irmão não fosse despejado, porque havia de ter gente sua espalhada, e receberia grande perda senão a recolhesse, sendo Capitão; mas não pode acabar com o Viso-Rey, mais que conceder-lhe que Roque de Mello, chegando áquella Fortaleza, tomasse posse da fazenda de ElRey, e mandasse como Veador da fazenda della em tudo, e que D. João da Gama ficasse sendo Capitão da Fortaleza até Agosto seguinte, havendo elle de acabar seu tempo por fim de Outubro. Despachadas estas cousas, e outros Capitães, que haviam de ir pera fóra, deram todos á véla a vinte de Abril por diante, Roque de Mello em huma náo sua, Ayres Gonsalves de Miranda em outra, em que hia fazer huma viagem da China pera Japão, que tinha comprado aos Procuradores de D. Pedro Manoel,

noel, irmão de D. Antonio de Vilhena, que se perdeo, fazendo esta mesma viagem, que ElRey concedeo a seu irmão no mesmo tempo que lhe a elle cabia, com condição que pagaria as dividas de D. Antonio. Foi tambem em outro Galeão João Alvares Pereira pera Maluco, por ser provído daquellas viagens, com quem hia embarcado D. Alvaro de Castro, que era provído da Capitanía da Fortaleza de Tidore, e escreveo a Diogo d'Azambuja, que nella estava, huma carta mui honrada, em que lhe dizia que ElRey D. Filippe lhe fazia mercê, em huma lista que trazia de tres annos, daquella Capitanía, na vagante dos provídos, e lhe mandou huma carta de ElRey pera elle, em que mostrava ter satisfação dos seus serviços, porque lhe fazia a mercê que o Conde lhe dera. Despedidos estes Capitães pera fóra, e provídas as cousas de Damão, como adiante diremos, cerrou-se o inverno de Goa, em que não ha mais que vigiar as ribeiras, e visitar as Armadas, e reformallas.

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Fernão Boto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jeronymo Mascarenhas no Estreito de Méca até chegar a Ormuz: e de cómo foi contra os Nequilins, e do que com elles aconteceo.

PArtido Fernão Boto Machado de Goa, como atrás dissemos no Cap. V. do II. Livro, foi atravessando aquelle grande golfão até haver vista da outra Costa no Cabo que chamão dos Baxás, onde tomou lingua da terra, e soube não serem passadas as Galés pera baixo, pelo que foi correndo a Costa de longo, e fazendo por ella algumas cousas que levava por regimento; e não havendo alli que fazer mais, passou a Moçambique, e deo as cartas do Viso-Rey a D. Pedro de Castro; e por não haver novas de Galés, nem ser necessario invernar naquella Fortaleza, deo á vela pera Goa na entrada de Abril, e no caminho na altura da Çacatorá acháram tantas calmarias, que o detiveram tantos dias, que estiveram a risco de se perderem por falta de agua; e acudindo-lhes Deos nosso Senhor com vento, os tirou do perigo, e foram buscar a Costa da India já de vinte

de

de Maio por diante, e neſte caminho ſe apartáram os navios. Coſme Faya foi tomar a barra de Goa, e deo novas ao Viſo-Rey da ſua jornada, que elle eſtimou; e porque eſtava receoſo de haver Galés pelo trabalho que poderiam dar aquella coſta; e Fernão Boto não ouſando ir commetter a barra de Goa, foi buſcar a de Chaul, onde entrou, e varou o navio, e eſcreveo ao Viſo-Rey o que lhe aconteceo na jornada.

Agora continuaremos com D. Jeronymo Maſcarenhas, que deixamos partido de Goa a quatorze de Janeiro paſſado. Eſta Armada toda junta foi haver viſta da coſta da Arabia, e a Monte de Felix ſe deixou andar até á entrada de Abril, eſperando pelas náos, mandando todos os dias deſcubrir o mar pelos navios de remo; e hum dia amanheceo hum delles ao mar apartado dos outros, e houve viſta de huma fermoſa náo, que vinha com todas as vélas enfunadas demandar aquella paragem, que tanto que houve viſta da fuſta logo a conheceo, e entendeo que havia por alli Armada de Portuguezes; e virando em outra volta, deixou-ſe ir ſeu caminho: os da fuſta foram ſeguindo; e como era ligeira, chegou a tiro de falcão della, e lhe fez ſinal ao amainar, do que ella não fez caſo,

pe-

pelo que ſe puzeram por poppa, e todo aquelle dia até anoitecer a foram varejando ás falcoadas, ſem ella dar nada por iſſo, nem a Armada ſaber o que paſſava: e tanto que anoiteceo, foi-ſe na volta da Armada, e deo conta ao Capitão Mór do que lhe acontecêra. D. Jeronymo Maſcarenhas ſentio muito perder aquella náo, porque forçado lhe houvera de ficar nas mãos, ſenão fora a fuſta que a aviſou; e dando á véla pelo rumo que a náo levava, foi correndo todo aquelle dia pera ver ſe a podia alcançar de viſta, o que não fez, porque ſe tornou pera a meſma paragem, havendo que aſſim como aquella náo viera alli demandar, o poderiam fazer outras, e aſſim ſe deixou eſtar com mais vigia de que antes; e aconteceo huma noite muito clara, e ſerena no quarto da madorra verem hum ſinal no Ceo bem grande, que foi abrir-ſe todo o ar com tanta claridade, e reſplendor que parecia de dia, e apôs iſſo começáram a chover labaredas de fogo tão eſpantoſas, como ſe no ar ſe quebraſſem panellas de polvora, couſa que metteo grande medo em todos; mas durou pouco, e tornou o tempo a ficar como de antes. D. Jeronymo deixou-ſe eſtar alli até a monção de ſahir pera Ormuz, como levava por regimento; e dando á véla com toda a Arma-

mada, chegou áquella Fortaleza, onde foi bem recebido; e depois de descançar, lhe deo D. Gonsalo de Menezes conta de como ElRey de Lara tinha entrado pelas terras do Magostão, e tomadas algumas Fortalezas de ElRey de Ormuz, ao que era necessario acudir, assim por aquelle Rey ser vassallo de ElRey de Portugal, como porque com aquellas guerras estavam os caminhos impedidos pera as cafilas, que deixavam de vir a Ormuz, e do que aquella Alfandega recebia notavel perda. Estas cousas se puzeram em parecer dos Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros velhos, e honrados, e assentáram que era necessario atalhar-se aquillo, e deitar os inimigos fóra do Magostão, e que pera isso se mettesse todo o cabedal que havia naquella Fortaleza. ElRey de Ormuz com o Goazil se offerecêram a acompanhar os Capitães naquella jornada com quatro, ou sinco mil homens.

Assentado isto, começou D. Gonsalo a fazer os preparamentos necessarios pera aquella jornada; e porque haviam de tardar alguns dias, pedio a D. Jeronymo que fosse com sua Armada dar vista ao estreito de Baçorá, que trabalhasse por deitar os Nequilins fóra daquella paragem em que estavam, e obrigallos a irem viver á Ilha de

La-

Lareca, como tinha assentado com Ruy Gonsalves da Camara, sendo Capitão daquella Fortaleza, como na nona Decada se póde ver, os quaes Nequilins, por gostarem das prezas que faziam nas Terradas que vinham de Baçorá, e que elles salteavam com seus navios, não podia havellos obrigar a nada, pelo que entendêram que era necessario tirallos dalli, porque hiam engrossando com as prezas, e já as terradas deixavam de vir a Ormuz, com o que se podia dizer que aquella Fortaleza estava de cerco por mar, e por terra, porque ella de si não tinha cousa alguma por tudo lhe vir de fóra. Assentado isto, negociáram-se doze Galeotas, e em huma Galé embarcou-se D. Jeronymo com toda a gente de sua Armada, e foi entrando pera dentro do estreito; e antes de chegar a Nequilu, despedio o Capitão Mór hum Arabe em huma embarcação pequena, por quem mandou pedir ao Xeque que quizesse fazer razão de si, e cumprir o que estava assentado com o Capitão passado, e que folgasse antes de ser vassallo de ElRey de Ormuz, e amigo dos Portuguezes, que não de ElRey de Lara: este Mouro fallou com o Xeque dos Nequilins, que se chamava Muça, e tratou com elle as cousas a que hia, e lho tornou a despedir com a resposta, mandando

do pedir ao Capitão Mór seguro pera se ir ver com elle á sua Galé, que lhe elle mandou, estando já surto de seu porto: e logo veio o Xeque com alguns cabeças principaes, que D. Jeronymo recebeo bem; e praticado este negocio, assim os persuadio, que ficáram com elle de se passarem todos pera a Ilha de Lareca, onde vivêram como vassallos de ElRey de Ormuz, e que não trariam mais pelo mar terradas, nem outras embarcações ligeiras, com que costumavam a roubar. Assentado isto, fizeram seus papeis, em que lhe D. Jeronymo limitou certo tempo pera se passarem a Lareca, e lhe passou carta de vassallagem, e seguros Reaes; e feito, isto, tornou-se pera Ormuz.

CAPITULO XI.

De como os Capitães de ElRey de Lara tomáram a Fortaleza de Xamel, e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magostão.

PORque nos pareceo melhor deixar estas guerras que ElRey de Lara teve com o de Ormuz pera este lugar, o fizemos de industria, por contarmos todas as cousas juntas. Estes dous Reys vizinhos he cousa mui

mui ſabida que o de Ormuz foi ſempre mui poderoſo, mais que o de Lara, ſendo antigamente o de Lara maior ſenhor que todos os que havia por aquellas partes, em quem o tempo veio a fazer o que coſtuma em todos os Eſtados, que he abater huns, e alevantar outros. E depois que o Rey de Ormuz veio a empobrecer, tratáram os de Lara de ſe fazerem ſenhores do Magoſtão, e de eſtenderem os limites de ſeu Reyno, mandando pera iſſo algumas vezes exercitos, que fizeram bem de damno; e como eſte deſejo ſe herdava em aquelle Reyno, eſte que agora era Rey de Lara, lançando mão de algumas occaſiões que ſe offerecêram, determinou conquiſtar todo o Magoſtão, pera o que formou eſte verão hum arrazoado exercito, de que fez Capitão Mula Albereza, que foi entrando pelo Magoſtão, e tomou logo a Fortaleza de Tezer, em que eſtava por Capitão Mór Mahamede Caſta Madis; e deixando nella guarnição, paſſou a Xamel, aonde eſtava por Capitão Coze Zanede, cabeça de todos os Amadizes, que he huma Cabilda que vive no Magoſtão, homens valentes, e determinados, que lhe entregou aquella Fortaleza ſobre partidos, e fez que ſe ſahiria della com todos os Amadizes, mulheres, filhos, e fazendas, que lhe o Mula

Al-

Albereza guardou tão mal, que em tomando posse da Fortaleza, mettêram todos os Amadizes a saco, e lhe tomáram suas mulheres, e filhas, e lhas deshonráram, fazendo-lhes todas as mais avexações que pudéram, de que os Amadizes ficáram mui deshonrados, e affrontados; e em quanto durou o cerco, que Mula Albereza poz sobre Xamel, que foram alguns dias Mir Mahamede Amadiz, a quem os Laris tomáram a Fortaleza, havendo-se por abatido de lhe tomarem a Fortaleza, em que estava, ajuntando os Amadizes que pode, deo huma noite escura sobre a mesma Fortaleza; e tomando os Laris descuidados, entrou dentro por escadas, e metteo todos á espada, ficando outra vez de posse da Fortaleza, tomando a de Xamel, e ficou nella por Capitão Reucambar, e com elle Mir Lascar com seiscentos homens, muita artilheria, mantimentos, e munições; e do que o Magostão se despovoou todo, e as Cafilas que costumavam a vir daquellas partes da Persia pera Ormuz, foram algumas roubadas dos Laris, e outras deixáram de vir, com o que ficou todo o Magostão tão destruido, saqueado, e roubado, que quasi ficava a Ilha de Ormuz de cerco, porque de lá lhe vem tudo, agua, lenha, palha pera os cavallos, gallinhas, frangos, vacas,

cas, carneiros; em fim todas as mais cousas necessarias á vida humana, porque Ormuz não tem mais de seu que terras de sal, e com isto a perda que começava a sentir a Alfandega pela falta das cafilas de todas estas cousas. Tinha D. Gonsalo de Menezes avisado ao Viso-Rey, pedindo-lhe ajuda, e licença pera castigar ElRey de Lara, e restituir ao de Ormuz as Fortalezas, e terras que lhe elle tinha tomadas, pera que não viessem as cousas mais em damno daquella Fortaleza. Esta foi a razão, por que o Viso-Rey deo por regimento a D. Jeronymo, tanto que acabasse a monção do estreito do mar roxo, aonde o mandava, se fosse a Ormuz, e que com D. Gonsalo Capitão daquella Fortaleza fosse lançar o inimigo fóra das terras do Magostão, que, como já dissemos, assentou com elle irem ambos áquelle negocio; pelo que em quanto D. Jeronymo foi aos Niquilins, fez D. Gonsalo as preparações necessarias pera a jornada, que havia de ser no mez de Agosto; e como nella se havia de achar ElRey, e o Goazil, era necessario muita fabrica de servidores, cavallos, e camellos, que ElRey mandou fazer pelas aldeas do Magostão. E em quanto aos Capitães, despedio ElRey a Rax Lardadi, e a Mirorenga com dous mil homens, pera

que

que fossem diante, e recolhessem a si todos os Amadizes, que andavam espalhados, o que elles fizeram; e depois de todos juntos, forão demandar hum Castelete chamado Maurique, que se fez pera recolhimento das cafilas, e pera os Mercadores deixarem alli seguros seus camellos por causa do pasto que em Ormuz não tinham, em que estava alguma gente de ElRey de Lara; e commettendo elles o Castelete, foi logo entrado, e mortos a mór parte dos inimigos. Os nossos Capitães D. Gonsalo, e D. Jeronymo, tendo prestes todas as cousas necessarias, na entrada do mez de Agosto mandáram passar tudo da outra banda, ficando só a gente que haviam de levar, de que fizeram alardo, e acháram oitocentos Portuguezes, gente muito limpa, e bem armada; e entregando D. Gonsalo a Fortaleza a João Correa de Brito com duzentos homens pera sua guarda, com isto se passáram da outra banda com toda a fabrica, que era muito grande: alli ordenáram de toda a gente de pé tres bandeiras: da primeira era Capitão Ruy Dias de Sousa, filho de Christovão de Sousa de Santarem, que era casado naquella Fortaleza: da segunda Simão da Costa, que nesta jornada foi com tamanha fabrica de tendas, cavallos, camellos, e servidores, e Fidal-

gos

gos caſados, que ſó D. Gonſalo levava maior: da outra bandeira era Capitão D. Jeronymo Maſcarenhas, que hia na dianteira com a mór parte da gente de ſua Armada. No meio deſtas bandeiras ſe ordenou que foſſe João Furtado de Mendoça com toda a artilheria, e munições, e toda a mais bagagem, como Meſtre do campo; e D. Gonſalo ficava na retaguarda com toda a gente de cavallo, que ſeria perto de cento. ElRey com o Goazil havia de ir pelas ilhargas do exercito com toda a gente ordinaria de ſuas caſas, que ſeriam cento e vinte de cavallo, e quinhentos de pé. Neſta ordem quizeram começar a marchar; mas como he muito ordinario entre muitos Capitães haver differença ſobre juriſdicção, começou D. Jeronymo a mover alteração, dizendo que a elle lhe convinha levar a Bandeira de Chriſto, como Capitão Mór daquelles eſtreitos, e pelos poderes que levava do Viſo-Rey, pelo que ſe devem os Viſo-Reys de regular neſtes poderes dos parentes, porque pelos honrarem quaſi ſempre affrontão, e enxovalhão hum Capitão de huma Fortaleza, que pela ventura tem mais idade, ſerviços, e merecimentos que outro que á força de poderes, e proviſões lhe quer preceder: o que vem a reſultar em deſerviço de ElRey, e odios entre Fi-

dal-

dalgos, que por pequenos pontos de honra deixam perder grandes occasiões: em fim a estas differenças acudíram Religiosos, Fidalgos, Veador da Fazenda, e entre todos se veio a determinar, que ao Capitão da Fortaleza convinha levar a Bandeira de Christo, como já está sentenceado pelo Viso-Rey D. Luiz de Ataíde nas differenças que o mesmo Conde D. Francisco Mascarenhas, estando por Capitão Mór no cerco de Chaul, teve com Luiz Freire de Andrade, Capitão daquella Fortaleza, como na oitava Decada está dito.

CAPITULO XII.

De como os nossos foram caminhando pera Xamel: e do que lhes aconteceo até chegarem lá: e do sitio daquella terra, e Fortaleza.

APaziguadas as cousas entre os Capitães, puzeram-se em ordem de caminhar; e porque D. Gonsalo levava o mór apparato, e fabrica que ninguem podia levar, ainda que fosse o Viso-Rey, não se acháram servidores pera todos, porque levava muita, e rica prata de serviço, huma muito grande, e bem provída dispensa de todas as cousas, como aquelle que todos

os dias dava prato da ſua meza a ElRey de Ormuz, e Goazil, e muitos Fidalgos, em muita abaſtança, levava muitos, e fermoſos cavallos ajaezados de ouro, e prata pera ſua peſſoa, e a ſua guarda, que era de homens Portuguezes de librea de muitas côres, e muitas charamelas, e trombetas, atabales, e outros inſtrumentos militares; em fim tudo o mais que ſe podia levar, como Capitão, que ſabia repreſentar aquelle lugar no meio de tanto vizinho, Perſas, Arabes, Turcos, e outros Eſtrangeiros, que andavam na Ilha de Ormuz, e a tudo lançavam o olho; porque como as novas ſempre creſcem nas bocas, era muito neceſſario que foſſe aſſim, pera que viſſem os vizinhos, que ſe hum Capitão de Ormuz ſe abalava com aquelle poder, e pompa, que faria hum Viſo-Rey da India, que nas orelhas de todos os eſtranhos he hum terror; porque como na India ſe não vive, ſenão de opinião, he neceſſario que os Viſo-Reys, e Capitães a ſuſtentem por não vir a menos credito. E tornando á noſſa ordem,

Vendo D. Gonſalo que faltavam ſervidores pera toda aquella fabrica, aſſentou com D. Jeronymo, que caminhaſſe diante com todas as bandeiras, artilheria, e bagagem, porque havia de marchar de va-

gar,

gar, e que antes de anoitecer assentasse seu campo, e tornasse a mandar os servidores, e camellos pera elle caminhar de noite, o que elle fez, e D. Gonsalo se poz logo a caminho; e como não levava artilheria, nem bagagem, andou em seis horas o caminho que D. Jeronymo tinha andado todo aquelle dia, e assentou suas tendas hum pouco affastado. Ao outro dia muito cedo tornou D. Jeronymo a caminhar, e ficando alli D. Gonsalo, e sobre a tarde lhe deram huma carta do Veador da Fazenda, em que lhe dizia, que fora avisado que a mulher de ElRey de Ormuz fazia de si mudança com toda a sua familia, e que tinha terradas prestes pera de noite se acolher: e que affirmavam alguns que o Rey de Ormuz, e o de Lara estavam concertados entre si pera matarem todos os Portuguezes, e depois apoderarem-se da Ilha, e Fortaleza de Ormuz, por isso que visse como hia, porque tudo se podia suspeitar de Mouros. D. Gonsalo com a carta ficou hum pouco sobresaltado; mas todavia pareceo-lhe que poderia aquillo ser outra cousa, porque o odio daquelles dous Reys era muito grande, e antigo, e cobrado por damnos muito grandes, pelo que não parecia possivel terem taes tratos; mas lembrando-lhe que todavia eram Mouros, e que se

não podia fazer tal, e passar assim por cousa que tanto importava, occorreo-lhe huma mui apressada determinação, que foi querer-se ir ver com ElRey de Ormuz, que tinha suas tendas hum pouco affastadas, e mostrar-lhe a carta, e se se embaraçasse, matallo logo. Assim com muita pressa mandou pôr todos em armas, sem lhe dar conta do que passava; e entrando na tenda de ElRey, a mandou despejar; e ficando sós, lhe leo a carta com os olhos nelle pera ver a mudança que fazia. ElRey a ouvio toda com muita segurança; e depois lhe disse, que quanto á mudança da Rainha, podia ser verdade, por quanto ella ficava desgostosa de a elle não levar naquella jornada, que devia de se querer vir pera elle, e que não suspeitasse outra cousa; e que se de sua lealdade concebêra alguma suspeita, que alli o tinha, que o levasse sempre comsigo na sua tenda; e que a todo o tempo que sentisse alguma alteração, o matasse, pondo-lhe diante o como os Portuguezes o fizeram Rey, e a obrigação, que por isso, e por outras cousas lhe tinha, e com o que D. Gonsalo se quietou, e assegurou em sua lealdade; e deixando-o em sua tenda, se recolheo pera seu porto.

D. Jeronymo tanto que naquelle dia

as-

assentou seu campo, tornou a mandar os servidores, e camellos, que tomavam repouso até á meia noite, em que D. Gonsalo começava a marchar; mas elle tanto que anoiteceo, tomou comsigo vinte e sinco cavallos, e sem dar conta do que passava, deixou suas vigias ordinarias, e foi caminhando apressadamente pera onde D. Jeronymo estava, que era em Doçar duas leguas dalli; e entrando na sua tenda, lhe deo conta do negocio, pedindo-lhe que sem embargo de se não recear de nada, fosse muito sobre aviso. E depois de praticarem em outras cousas, que importavam, tornou D. Gonsalo a voltar pera o seu arraial, e chegou á meia noite; e depois de repousar hum pouco, tocou a caminhar, e foi andando até chegar D. Jeronymo. Aquelle mesmo dia veio a Rainha ter ao exercito, e D. Gonsalo lhe fez muito grande recebimento, e assim ficou fóra de toda a suspeita, e ella foi com ElRey toda a jornada. Desta maneira foram caminhando até Xamel, levando já comsigo os Capitães, que ElRey de Ormuz tinha mandado diante, com o que o exercito ficava muito poderoso: neste caminho se gastáram quatro dias, não sendo mais de oito leguas; mas deo-lhe trabalho por ser em Agosto, em que as calmas daquellas partes são crue-

lis-

lissimas, e haver grande falta de agua, porque fica aquella parte quasi debaixo do Tropico de Cancer, e o Sol naquelle tempo andar por derredor delle, como que aquellas arêas, e serras de sal ardem em fogo, e em labaredas.

Tanto que os nossos chegáram á vista da serra de Xamel, assentáram o arraial de longo de huma pequena ribeira, que corria pelo pé della, de huma parte todos os nossos, e da outra ElRey, Goazil, e toda a sua gente; e depois do campo assentado, foram os Capitães com o Rey, e Goazil reconhecer o sitio da Fortaleza pera verem por onde se podia commetter, e estiveram notando tudo muito de vagar, no que acháram difficuldades muito grandes por causa de sua fortaleza, e sitio, que he por esta maneira.

Esta serra de Xamel he feita á feição da copa de hum chapeo cuscuzeiro, muito alta, ingreme, e medonha: pera a banda de Levante faz huma quebrada, como se se dera huma pedrada nesta copa de chapeo, que a metteo hum pouco pera dentro, o que parecia feito da continuação das aguas das invernadas, a que tambem a industria, e arte dos homens havia de ajudar: esta quebrada vinha a responder ao pé da serra quasi da largura de pouco mais

mais de duas braças craveiras, onde pera maior Fortaleza sua, porque não havia outra entrada, fizeram hum mui grosso muro com huma porta pera serventia com hum Baluarte a cada canto, que ficava sobre ella; e pera defensão desta porta corrêram com hum muito forte Xarabando, que he o que nós chamamos barbacã, affastada hum pouco da porta de feição, que entre hum, e outro ficava hum mui fermoso taboleiro, em que se agazalhavam duzentos homens, que alli tinham de guarnição. Esta barbacã tornava a fechar de ambas as partes na rócha, e em cada remate hum forte baluarte, e no meio outro, que cahia sobre outra porta, que tambem tinha pera serviço: ao redor desta quebrada da banda de dentro corria huma baranda, em que agazalhava a gente da Fortaleza, que estava ordenada pera defensão daquella subida, se se entrassem ambas estas partes: e estas barandas ficavam perpendiculares sobre aquelle vão, que fazia da porta do muro pera dentro: e estes não tinham necessidade de outras armas, que de galgas de pedras grandes, que deitadas por alli abaixo, faziam tamanho terremoto que mettiam medo: a Fortaleza está posta no cume da serra, e pera subirem a ella, havia de ser por ruas subterraneas, que pera is-

isso tinham feitas á mão, por onde os que ficavam de sima só ás pedradas podiam desbaratar o mundo todo, e em sima tinha sua cisterna, e armazens, e debaixo seus poços de agua mui boa. Os Larins estavam dentro mui bem providos, e fortificados; porque tanto que tiveram aviso da vinda dos Capitães, logo lançáram a gente inutil fóra, e recolhêram dentro os quinhentos homens escolhidos, com que determinavam de se defender.

Os nossos Capitães assentáram que se não podia commetter a guerra senão pela parte da porta que se podia bater, e que pera passarem a artilheria havia de ser por hum caminho muito estreito, que ficava por baixo do Xarabando, que não podia ser sem risco, porque da outra banda tambem se fazia outra serra muito alta, e grossa, e por entre ambas ficava aquella passagem, que poderia ser doze até quinze passos. Visto, e notado tudo, víram que a serra era muito mais forte, do que lha tinham pintado, e houveram-se por enganados, ficando com bem de desconfianças daquelle negocio; mas como ao peito Portuguez não ha cousa que o acanhe, determináram de provar sua ventura, porque se desistissem daquella jornada, cresceria aos inimigos animo pera lhe irem dar vis-

vista até Ormuz; e pera se fazerem senhores de todo o Magostão, sem lho poderem impedir, com que a nossa Fortaleza padeceria trabalhos, e affrontas. Em fim, determináram de ir com o negocio por diante, e de passarem a artilheria por aquelle estreito, e baterem a barbacã, que por aquella parte ficava descuberta ao campo.

CAPITULO XIII.

De como se passou a artilheria á outra banda com muito risco: e de como começáram a bater o Xarabando: e de como o ganháram por assalto.

ASsentado entre os Capitães de passarem a artilheria pelo pé da serra, fizeram prestes hum camello, huma espera, e alguns falcões, e a gente necessaria pera menear isto, e tudo entregáram a hum soldado chamado Manoel de Moraes com vinte companheiros pera guarda da artilheria, e pera favorecerem os trabalhadores; e sendo sobre a tarde, começáram a passar o camello. Indo já ao longo da barbacã, como os de sima estavam precatados, e prestes, deitáram sobre os que hiam trabalhando tantos tiros de arremeço, e tantos fo-

fogos, que era cousa medonha; e como aquelle lugar era muito estreito, tudo cahio sobre elles; e tão apertados se víram todos, que queimados, e abrazados foi-lhes forçado recolherem-se, ficando-lhes lá o camello, e hum dos companheiros morto. Vendo os Mouros desamparada a peça de artilheria, e como os nossos se recolhiam tão escalavrados, em anoitecendo, lançaram-se alguns por cordas abaixo, e puzeram tantos materiaes de fogo sobre o camello, que lhe queimáram todo o repairo, e lhe ficou todo escondido nas cinzas. Os nossos Capitães vendo aquelle principio, e a retirada dos nossos, sentíram-no em extremo; e por ser já noite, mandáram ter grande vigia no camello, porque os inimigos o não recolhessem, e despedio logo D. Gonsalo pela porta huma carta ao Veador da Fazenda, em que lhe mandava pedir hum repairo com a brevidade possivel; o que elle fez com tanta pressa, que ao outro dia lhe chegou; e tornando os Capitães a ver, e praticar sobre as difficuldades daquella passagem, assentáram que todavia se passassem por alli, porque rodear a outra serra era perto de duas leguas, de caminho todo muito aspero, e de grandes penedias, por onde a artilheria não podia passar, senão com

com muito trabalho; e com esta resolução se negoceáram, e tornáram a encommendar o repairo ao mesmo Manoel de Moraes, pera que com muitos corredores, e alguns companheiros irem diante a cavalgar o camelete, e D. Jeronymo Mascarenhas com toda a soldadesca ir detrás em sua guarda, e ficou ordenado que D. Gonsalo, ElRey, e Goazil ficasse na mesma ribeira em que estava.

Tanto que foi o quarto da madorra, foram em muito silencio os que levavam o repairo a cargo, e começáram a entrar por aquelle paço até chegar ao camellete; e alevantando-o da cinza em que estava, cavalgáram-no no repairo; e posto que já os de sima os tinham sentido, e já começava a cahir sobre elles todos os generos de arremeços com que feríram alguns, todavia foram trabalhando, e passando o camellete até sahir ao largo, e da mesma maneira passáram as mais peças, ainda que com muito risco, e perigo dos nossos, que com sua arcabuzaria assim a montão foram sempre disparando pera amedrontarem os inimigos, que por causa della não offendêram os nossos tão descubertamente. Passada a artilheria, João Furtado de Mendoça, como Mestre do Campo, passou D. Jeronymo tambem com todas as

ba-

bandeiras á outra banda ; e tanto que amanheceo , escolhêram o sitio pera assentar o arraial , e João Furtado prantou a artilheria na parte que melhor lhe pareceo , e alli se fortificou , e fez suas tranqueiras, e vallos muito á sua vontade. Fortificados os nossos , e postas em ordem as cousas pera a bateria , a começou João Furtado a dar na face do Xarabando com muita furia , e continuação ; e posto que lhe derribáram alguns altos, não lhe puderam fazer mais outro nojo , e ainda essas ruinas eram logo repairadas , porque tudo o mais era tão forte, que não havia cousa que rompesse por elle. Algumas desconfianças começou a haver nos nossos ; mas já lhes convinha não levarem mão daquelle negocio por opinião, e assim foram continuando a bateria quinze dias continuos , sem fazerem mais que derribar os altos, como o primeiro dia , nem haver outra parte por onde os nossos pudessem commetter a entrada, por ser toda a rócha tão alta, que era cousa medonha.

Vendo os Amadizes o pouco damno que a bateria fazia, receáram que os Larís ficassem com a vitoria , e que não pudessem tomar vingança das affrontas que delles recebêram ; e como estavam com este odio mortal , andavam imaginando modos

pe-

pera lhes empecerem; e por fim se lhe offereceo hum ardil muito espantoso, que foi este. Lá buscáram os principaes daquelle bando maneira pera escreverem huma carta a Rascambar, e a Mirlascar Capitães da serra, em que lhes diziam, que sem embargo das queixas que delle tinham, todavia lembrados serem todos de huma Lei, haviam que seria Mahamede muito offendido com elles os não ajudarem, e avisarem, e favorecerem em algumas cousas, que os avisava que estivessem de bom animo, porque os Portuguezes já se hiam enfadando do pouco que a bateria fazia, e entendiam que cedo se levantariam dalli, e se iriam pera Ormuz; que toda a polvora, e mais cousas que houvessem mister, que elles lhas dariam todas as noites em muito segredo pelo pé dos Baluartes de sobre a porta por cordas que elles de sima lançariam. Os Capitães dos Laris parecendo-lhes que não entrava naquelle negocio malicia, senão zelo de sua Lei, agradecêrão-lhes muito o aviso, e a vontade, promettendo-lhes de os satisfazerem de suas queixas; e que quanto ao offerecimento que o acceitavam, e assim começáram entre elles a correr cartas de avisos, e os Amadizes a provellos de polvora em tanto segredo que nunca se soube: a bateria foi-

se

ſe continuando ; mas vendo o pouco que faziam naquella parte, aſſentáram a artilheria em hum dos Baluartes de ſobre a porta, e começáram-no a bater com muita furia ; e foi tanto melhor o emprego da bateria, que lhes derribou huma grande parte, por onde pareceo que ſe lhes podia dar hum aſſalto, e ganhar-lhes o Xarabando, e aſſim ſe prepararam pera elle ; e o dia que havia de ſer, ſendo a quarto d'alva, commettêram o baluarte, levando a dianteira João Furtado, que arremetteo com o Baluarte, e encoſtou nelle as eſcadas que levava já pera iſſo, e neſta primeira arremettida deram de ſima do muro huma eſpingardada em Ruy Dias de Souſa, de que logo cahio morto ; a ſubida foi commettida com muito valor, e continuada com muito esforço, e com o meſmo lhe foi defendida dos inimigos ; e ateando-ſe entre todos huma muito cruel batalha de eſpingardaria, de que ficáram alguns dos noſſos feridos, João Furtado a poder de golpes, aſſim de ſeu esforço, como dos mais companheiros, ſe poz em ſima da rotura do Baluarte, e todos paſsáram muito grande trabalho pelo muito que os inimigos ſe lhes defendiam, em que acontecêram alguns caſos bem notaveis, que não particularizamos, porque nos faltou a informação delles

les, basta que por fim do negocio ficáram os nossos senhores do Baluarte, de que lançáram os inimigos bem escalavrados das mãos dos valerosos Portuguezes, que tão animosamente neste combate se houveram; e como dalli ficáram descubrindo todo o Xarabando da espingardaria, o fizeram despejar, e os Laris se recolhêram pera dentro da Fortaleza, ficando muitos estirados por sima dos muros; porém não sem damno da nossa parte, porque foram mortos sinco, a fóra alguns feridos.

Ganhado o Xarabando, notou D. Jeronymo com os Capitães o sitio todo, e assentáram que se puzesse em sima do Baluarte a artilheria, e se batesse a porta que fechava a quebrada por onde se servia a serra, o que se logo fez. D. Jeronymo repartio os Capitães pera de noite ficarem vigiando a artilheria: o primeiro quarto cahio a Vasco da Silva, e a Francisco Correa de Brito com cem homens, que porque ficavam descubertos pela banda de dentro á arcabuzaria dos Mouros, ordenáram pela borda do muro huma tranqueira de taboas, e madeira, com que ficáram resguardados: ao outro dia começáram a bater o muro, que fechava a entrada da serra, e da mesma maneira o fizeram por tres dias continuos, sem lhes fazer nenhum damno

por

por ſua fortaleza. Vendo João Furtado o pouco que ſe fazia, mandou virar o camello pera as portas que lhe parecêram fracas, porque de noite enxergou por ellas claridade da outra banda, e ás tres bombardadas deram com ellas dentro, que ſe os noſſos eſtiveram preſtes pera o aſſalto, logo ſe puderam ganhar; mas como eſtavam deſconfiados do pouco que tinham feito, não lhes pareceo que tão de preſſa deſſem com as portas dentro, pelo que os inimigos tiveram tempo de acudirem, e fortificarem-ſe por dentro com huma tranqueira de páos mui groſſos atraveſſados, e liados huns com os outros, que era de duas faces, que foi logo entulhado de fardos de tamaras, com que ficou ſendo muito mais forte. Foi-ſe continuando a bateria alguns dias, em que começou a haver algumas deſtemperas entre D. Gonſalo, e D. Jeronymo ſobre couſinhas que ſe puderam mui bem diſſimular, a que acudio João Barriga Simões, que ficou doente em Ormuz, que como era muito cavalleiro, e de bom conſelho, e todos lhe tinham reſpeito, metteo a mão entre elles, e os temperou, e aquietou, e ficou no arraial aconſelhando, e peleijando, como elle ſempre coſtumava a fazer em todas as partes em que ſe achou.

CA-

CAPITULO XIV.

De como D. Francisco foi avisado que o filho de ElRey de Lara vinha soccorrer os seus: e de como os nossos se fortificáram: e do ardil que os Amadizes usáram com os Larís, porque se entregáram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usáram.

INdo os nossos continuando a bateria de sima do Xarabando, vieram novas apressadas a D. Gonsalo de como hum filho de ElRey de Lara era abalado com sinco, ou seis mil homens de cavallo pera soccorrer a serra: isto metteo grande confusão no exercito; e ajuntando-se D. Gonsalo, e D. Jeronymo, fizeram chamamento de todos os Capitães, e pessoas principaes, e praticáram sobre o que se faria naquelle negocio. Alguns houve de parecer que se deviam recolher, porque o poder era grande; e se lhes tomassem o caminho de Ormuz por onde eram provídos, não haveria remedio, senão perderem-se, que o bom seria arrebentarem a artilheria, porque não ficasse em poder dos inimigos, e entrassem pelas terras. D. Gonsalo, D. Jeronymo, e outros Fidalgos, e Capitães disseram que sobre aquella artilheria de ElRey haviam

todos de morrer, que pera finco, ou feis mil homens, que fe dizia que o Principe trazia, elles tinham poder baftante pera os irem bufcar aonde quer que eftiveffem; e que fe os Portuguezes podiam peleijar com elles por eftarem alli muitos Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros, muito valerofos, e esforçados, que o venceriam, fortificando-fe naquella parte em que eftavam, e que foffem continuando a bateria, e trabalhaffem por concluir aquelle negocio, primeiro que o Principe chegaffe. Com efta refolução mandou D. Gonfalo fortificar o feu exercito de huma parede enfoffa, muito larga, e forte, com tres Baluartes muito grandes de madeira entulhados, em que poz algumas peças de artilheria, e os proveo de muitas munições, deitando efpias pera todos os dias o avifarem do que paffava em Lara. D. Jeronymo deixou-fe ficar na parte da bateria, que fempre foi continuando, ficando affentado que em vindo o Principe de Lara, fe ajuntaffem todos, onde D. Gonfalo eftava: finco dias continuos batêram os noffos de fima do Xarabando a porta da Fortaleza, em cujo muro fizeram algumas ruinas; mas não de feição que fe pudeffe por elle commetter a entrada, pelo que fe refolvêram quebrar-fe a porta, e tranqueira que por dentro fizeram

com-

com vaisvens, ou com fogo pera entrarem por ella, porque por outra parte não poderia nunca ser: pera isto mandáram fazer mantas muito fortes pera chegarem ás portas seguramente, como fizeram, e lhe puzeram tanto fogo, que as queimáram; mas acháram por dentro outro muro mais grosso, e mais forte que o primeiro, o que os acabou de desconfiar daquelle effeito de todo, e assentáram de tornar á bateria, e não se alevantarem dalli sem pôrem o muro por terra; e com isto accrescentáram mais peças de bater, com que foram fazendo no muro tamanha furia, que quebrantou os inimigos, e começáram a temer seu damno, porque lhes matava a artilheria muita gente, e lhes começava a fazer muitas ruinas; e o que sobre tudo os assombrou foi entenderem que os Portuguezes não haviam de desistir daquella empreza sem a concluirem, e ainda que fosse com muito risco, e perigo seu; e assim lho mandáram dizer os Amadizes, que sempre se foram carteando com elles, e aconselhando-lhes que se tivessem, e que se defendessem tudo o que pudessem, e lhes mandavam alguma polvora, e outras cousas que lhes elles pediam, tudo pera seu intento. Estando as cousas neste estado, chegáram novas aos Larís que ElRey de Lara

era falecido, e que o filho mais moço se apoderára do Reyno, andando o mais velho fazendo gente pera os vir soccorrer, pelo que lhe fora necessario voltar o poder contra seu irmão, e que ambos ficavam já em campo pera se darem batalha: isto os desesperou tanto, que ficáram desacoroçoados, sem saberem tomar determinação do que fariam, pelo que lhes foi forçado valerem-se dos Amadizes, que haviam que eram amigos verdadeiros, e assim lhes mandáram pedir conselho naquelle trabalho. Os Amadizes, que todos os seus soccorros, e ardís foram encaminhados a este fim, entendendo-lhes as desconfianças, mandáram-lhes aconselhar que naquelle negocio já não havia mais que fazer, que commetterem alguns partidos aos Portuguezes, e entregarem-se com a segurança das vidas. Este conselho houveram elles que era de amigos, e logo alevantáram sobre o muro huma bandeira de paz; e respondendo-lhe os nossos com outra, mandáram logo hum Embaixador, que D. Jeronymo, e D. Gonsalo ouvíram diante de ElRey; e elle com muita humildade disse, que elles queriam entregar aquella Fortaleza a ElRey de Ormuz, cuja era, e sahirem-se fóra de todas as suas terras; com condição que lhes fizesse mercê das vidas,

ar-

armas, e cavallos. Os Capitães vendo seu requerimento, deixáram a resolução a El-Rey, a quem aquelle negocio pertencia, que não quiz nelle fazer nada sem conselho dos Capitães, que assentáram vir-lhes bem concedêr-lhe o que lhe pediam; porque pera tomarem a Serra por força, havia de custar muito; e assim respondêram os Capitães aos Embaixadores, que mandassem os Larís pessoas de authoridade, e com poderes pera assentarem, e concluirem aquelle negocio com ElRey. Com isto vieram outros dous, ou tres dos principaes, que foram levados á tenda de ElRey, onde os Capitães estavam; e prostrados diante delle, lhe pedíram da parte dos Capitães dos Larís que lhes fizesse sua Alteza mercê das vidas, armas, e cavallos, e que entregariam a Serra, e se sahiriam de todas as terras do Magostão; e ElRey lhes respondeo, que dissessem aos Larís que elle lhes fazia mercê das vidas, e esmola das fazendas, porque muito antigo era fazerem os Reys de Ormuz esmolas aos de Lara; e com isto lhes mandou passar seus seguros, e fizeram seus autos, e papeis, em que ElRey, e os outros Capitães nossos assignáram. Feito isto, assentou-se que fosse Simão da Costa (por ser homem muito conhecido de todos) a tomar a entrega da Serra, e

da

da Fortaleza, que foi nella recebido muito bem, e logo os Larís se começáram a sahir com suas armas, e cavallos, e todos em ordem foram caminhando de longo da ribeira pela parte, onde estava ElRey. Os Amadizes, que eram escandalizados, como já dissemos no Cap. XI. deste Livro II. e todos os rodeios seus foram porque viessem parar naquillo, armáram-se, e puzeram-se a huma parte do campo; e passando os Larís, deram nelles com tamanho odio, e crueza, que naquella primeira pancada matáram mais de duzentos. Aqui houve huma muito grande revolta, e confusão, porque os nossos Capitães não sabiam parte daquelle negocio; e vendo travada a batalha, armáram-se muito á pressa. O Mir Larcar, que era hum dos Capitães da Serra, homem velho, grande Cavalleiro, e muito honrado, vendo aquillo, cuidando que vinha dos nossos Capitães, determinou de ou morrer, ou matar qualquer delles, e com esta determinação poz pernas a huma fermosa egua, em que hia, e enditeitou com as tendas, perguntando alto por D. Gonçalo, ou D. Jeronymo, e a primeira tenda a que chegou foi a de Vasco da Silva, que ao mesmo tempo chegava á porta, armando humas armas pera acudir ao reboliço; e vendo vir aquelle Mouro, pare-

ceo-

ceo-lhe que vinha fugindo, e foi-se pera elle por lhe valer. O Mir Lascar como hia aviado, cuidando que Vasco da Silva era hum dos Capitães que hia chamando, alevantando o traçado, atirou-lhe hum façanhoso golpe, que quiz Deos fosse em vão, porque se o acertára, sem dúvida offendêra; e ao mesmo tempo do golpe como hia aviado do cavallo, entrou pela porta da tenda, e foi sahindo pela outra á outra banda, cousa espantosa! porque qualquer daquellas portas não cabia mais que hum homem em pé. Os soldados, que vinham acudindo, vendo aquelle Mouro daquella maneira, sem saberem o que era, arremettêram com elle, e o matáram. Rax Cabar, o outro Capitão Larim, vendo-se ferido, e apertado dos Amadizes, não teve outro remedio que recolher-se á tenda de D. Jeronymo até onde os Amadizes o seguíram, e de cujas mãos elle com muito trabalho o livrou, tendo a porta que trabalháram por lhe entrar; e vendo alguns mais escandalizados que D. Jeronymo lhes valia, lhe pedíram que já que não deixava matar aquelle Mouro traidor, que lhes deshonrára suas mulheres, e filhos, que ao menos lhes deixassem beber hum pequeno de sangue de suas feridas, que com isso ficariam satisfeitos; e D. Jeronymo os apaziguou o melhor que

que pode, e os fez recolher. D. Gonsalo andava a este tempo com ElRey mettido entre os Larís, e Amadizes pera lhes valerem, e os que puderam escapar de suas mãos lhes foram dando guarda mais de huma legua até os pôr em salvo. Passado este negocio, querendo os Capitães partir pera Ormuz, entregou ElRey aquella Fortaleza a Cogezenadem com quinhentos homens, e proveo de munições, e mantimentos em abastança; com o que ficou segurando todo o Magostão, e os mesquinhos, e naturaes se aquietáram, e as Cafilas começáram correr, e a Fortaleza de Ormuz tornou á sua propriedade; e deixando tudo provído, se tornáram os Capitães; e D. Jeronymo na entrada de Outubro se partio pera a India com sua Armada.

CAPITULO XV.

Das cousas que succedêrãm em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarzeta, e lhe queimáram a sua Cidade, e destruíram suas terras.

EM o principio da guerra de Damão contámos de como tanto que o Capitão teve a nova certa della, tratáram com

o

o Rey de Sarzeta de recolher em ſuas terras toda a gente, e gado deſde Damão, por ſegurar tudo dos Mogores; e como o cabedal que lá ſe recolheo era muito groſſo, de gado, joias, ouro, e prata, com o cevo da cubiça, alevantando-ſe aquelle Rey, com a bolada, lançou mão de tudo, havendo que melhor eſtava com aquellas couſas, que ſem ellas. Diſto foi logo aviſado o Capitão de Damão, e logo deſpedio áquelle Rey alguns recados, e proteſtos, de que elle zombou, como homem que eſtava com o papo quente, pelo que com muita preſſa aviſou Martim Affonſo ao Viſo-Rey de tudo, que vendo que aquillo tocava a todos os moradores em ſuas rendas, que eram groſſas, e a ElRey em ſeus foros, que eram muitos, o que tudo ſe perdia por ficarem as Fortalezas deſertas, e deſpovoadas, além das mais culpas, que aquelle Rey tinha, de dar entrada por ſuas terras aos Mogores, e de os acompanhar naquella jornada, ou foſſe por vontade, ou por força, aſſentou que era neceſſario caſtigar-ſe o Sarzeta, e ir-ſe recolher a gente, e gado que em ſi tinha, pelo que logo eſcreveo a Martim Affonſo a reſolução que ſe tomou, mandando-lhe que com todo o poder foſſe áquelle negocio, e repartiſſe toda a gente em ſinco bandeiras, de que faria Capitão

D.

D. Duarte de Sá, e D. Luiz de Menezes, Pedro da Silveira, e Fernão de Miranda; que havia de ser Capitão Mór de toda a soldadesca; e que elle Martim Affonso fosse com toda a gente de cavallo, ficando-lhe sempre sua jurisdicção sobre todos. E com esta carta se começou Martim Affonso a preparar pera aquella jornada; e ajuntando os Capitães a conselho, mostrou-lhes a carta do Viso-Rey; e sem embargo de mandar que se repartisse toda a gente por sinco bandeiras, pareceo bem a todos que por não ficarem os Capitães dos navios soldados razos, que fossem todos com os de sua obrigação, porque assim se meneária melhor no gazalhado, despeza, e cozinha. Assentado isto, fez Martim Affonso alardo de toda a gente, e achou perto de oitocentos soldados, e que entravam quatrocentos de espingardas, e cento e trinta e oito moradores de cavallo, e toda esta gente repartio por Capitães, ficando Martim Affonso com toda a gente de cavallo, e com o guião de tudo. Prestes tudo, puzeram-se a caminho, Fernão de Miranda na vanguarda, D. Luiz de Menezes na reta-guarda, e no meio de toda a bagagem, que era muita, a gente de cavallo repartida em duas partes pera ir pelas ilhargas do exercito, pera poderem acudir aos que

com

com o cansaço do Sol, e sede houvessem no caminho mister ajuda pera lha darem nas ancas dos cavallos: hiam perto de mil peães da terra da obrigação das tranqueiras com seus Capitães, que são foreiros aos Portuguezes, que tambem hiam repartidos pelas ilhargas do exercito, pera nos matos, e partes estreitas irem fazendo caminho.

Nesta jornada se achâram muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e dos que pudemos saber os nomes são D. Duarte de Sá, D. Luiz de Menezes, Pedro da Silveira, todos tres despachados com a Capitanía de Damão, Thomé de Sousa Coutinho, Antonio de Azevedo, D. Rodrigo de Castro, Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, Francisco de Miranda Henriques, D. Francisco da Gama, D. Manoel de Azevedo, e os Capitães dos navios, que muitas vezes nomeámos. Postos os nossos a caminho, aquelle dia foram desordenados até á Aldeia da Mona, legua e meia de Damão, onde repousáram, e alli se ordenáram no modo em que haviam de caminhar, como o foram fazendo. Martim Affonso, porque desejava de não romper com o Sarzeta, e mandar-lhe diante muitos recados, e protestos, pera que entregasse as cousas que em si tinha, primeiro que passasse ávante,

se-

ſenão que foſſe ſua a culpa dos males que ſuccedeſſem, porque ſe não havia de tornar ſem tomar muito grande ſatisfação da pouca fé que guardára, ſendo amigo do Eſtado. A eſtes proteſtos diſſimulou elle, e foi barlaventeando de tudo por lhe parecer que aquillo dos noſſos era ſó commettimento, e que não paſſariam adiante. Os noſſos foram caminhando todo aquelle dia até ſe pôrem huma jornada da Cidade de Ramamagem, em que aquelle Rey reſidia, que eſtá ſinco leguas ao Norte de Damão. Vendo ElRey que todavia os noſſos ſe hiam chegando de tão perto, e que aquillo era já mais determinação que commettimento, deſpedio com muita preſſa hum Bragmane com recado ao Capitão, pedindo-lhe que não paſſaſſe dalli, que logo lhe mandaria tudo o que em ſi tinha; e que as perdas que naquella parte tinha dado, que elle ſe obrigava a ſatisfazellas pelo que ſe julgaſſe; ao que daria refens baſtantes.

O Capitão poz aquillo em parecer, e elle com alguns de ſeu bando votáram que devia de ouvir-ſe ElRey, e acceitar-lhe ſuas ſatisfações, pois o principal a que hiam era pera trazer a gente, gado, e fazenda que em ſi tinha, que offerecia ſem golpe de eſpada, como homem que eſtava

ar-

arrependido do feito; mas Fernão de Miranda com a mór parte dos Capitães foram do parecer, que pois chegáram até alli, deviam passar adiante, e castigar aquelle desacato, porque entendiam que todos aquelles cumprimentos do Sarzeta eram manhas pera os entreter, e por ter tempo de se fortificar, e amparar; e que se elle tivera vontade de restituir, logo primeiro que tudo houvera de mandar o que em si tinha; e que se dissimulassem aquella, cada dia faria huma traição pera experimentar se lha soffriam. Martim Affonso vendo vencidos os votos pela outra parte, não pode al fazer, posto que desejou muito de não chegar a rotura pelo proveito que perdia naquelle Rey, com o que os Capitães de Damão se negoceão muito bem; pelo que despedíram o Bragmane, dizendo-lhe que elle hia caminhando, e que fossem elles diante; e que se antes de chegar lhe trouxessem tudo o que ElRey tinha, lhe perdoaria, e se tornaria pera Damão. Alevantado o campo, ao outro dia foram caminhando até ver vista da Cidade de Romanagem, que está estendida pelo pé de huma fermosa serra, e a mór parte della desce a hum campo muito grande, e fermoso, e de longo della vai atravessando huma ribeira de todo o anno,

que

que se vai metter no rio de Damão: será a Cidade de meia legua em roda, e terá mil e quinhentos fogos, a mór parte de casas de pedra, e telha com seus quintaes, e hortas.

Chegados os nossos á vista da Cidade ás oito horas de pela manhã, puzeram-se logo em ordem de commetter, o que fez Fernão de Miranda, que levava a dianteira com a mór parte dos Fidalgos, e aventureiros pela fronteira; e Martim Affonso com toda a gente de cavallo se foi estendendo de longo della pera lhe não poderem fugir os inimigos; mas não foi nada necessario, porque ElRey tanto que houve vista dos nossos, logo se poz em hum elefante, e suas mulheres, e joias em outros, e foi-se sahindo da Cidade pela parte da serra, e o mesmo fizeram todos os moradores, deixando-a só deserta. Fernão de Miranda foi entrando pela Cidade, sem achar quem lho defendesse; e vendo os soldados que não havia com quem pelejar, começáram a saquear as casas, em que ainda acháram algumas fazendas, cavallos, e gados, ainda que pouco de tudo, porque não deixáram senão o que não puderam levar. Vendo o Capitão a Cidade despejada, mandou-lhe dar fogo por algumas partes, em que se consumio toda com gran-

grande espanto dos inimigos, que em sima das serras affastadas o estavam vendo. Feito isto, recolhêram-se os nossos pera o longo da ribeira em lugares sombrios, e alli passáram todo aquelle dia com grandes vigias, e inquietações, porque foram commettidos por algumas partes dos inimigos, que da outra banda do rio com sua arcabuzaria os varejavam rijamente, com que lhes feríram alguns; e sendo sobre a tarde, alevantáram o campo pera irem dormir a huma Aldea, que lhes ficava atrás perto de meia legua, e foram caminhando, na vanguarda Fernão de Miranda, Martim Affonso no meio, e D. Luiz de Menezes na retaguarda, indo de caminho pondo o fogo a todas as Aldeas que achavam; e antes que anoitecesse, chegáram áquelle Aldeia, onde haviam de passar a noite, e alli assentáram o arraial na parte mais accommodada que acháram, e se fortificáram o melhor que então pode ser.

Esta noite tiveram grande rebate dos inimigos, a que todos acudíram em muito boa ordem; mas não foi nada, porque sentindo elles que os sentiam, foram-se recolhendo; o Ramanada Raná (que assim se chamava o Rey de Sarzeta) ficou muito alcançado do pouco que fizera na pertenção

ção da defensão de sua Cidade; e querendo-se satisfazer desta quebra, ajuntou todo o seu poder, e foi esperar os nossos adiante a hum passo difficultoso estreito, onde lhe parecia, que tinha muita avantagem pela ligeireza dos seus: ao outro dia chegando os nossos a este passo, o acháram occupado dos inimigos, que estavam lançados pelos matos, que hiam pela banda de sima de huma, e outra parte; e apertáram tanto com os nossos, que lhes deram bem de trabalho, porque mal se podiam manear naquellas estreituras; e assim ficáram muitos feridos de espingardadas, e fréchadas pelas muitas que de sima cahíram, e cahiam sobre elles: durou este aperto hum grande espaço; e sahindo ao largo, appareceo o Sarzeta com todo o seu poder, e commetteo os nossos com muito grande determinação pela reta-guarda. D. Luiz de Menezes teve todo aquelle pezo acompanhado de soldados muito esforçados, que neste transe se assinaláram bem.

E porque não fiquem sem galardão, nomearemos os que vieram á nossa noticia: Antonio Godinho de Andrade, Gaspar Fagundes, Fernão de Andrade, Gaspar de Alvarenga, Francisco de Azevedo, Gonsalo de Caceres, Fernão Pacheco, Bal-

Balthazar de Siqueira, Manoel Pereira de Siqueira, João Leitão, Manoel de Almeida da Silva, Pedro Louzado, Miguel Alvares do Canto, Luiz Gonſalves Magro, filho de Ruy Gonſalves Magro, Antonio Vellez, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que todos ſe puzeram ao encontro dos inimigos, e peleijáram valeroſamente; mas elles aſſim eſpertáram com os noſſos, que como brutos ſe vinham metter nas armas; e tanto, que hum delles, depois que diſparou o arco, o lançou no peſcoço a Miguel Alvares; e tomando-o entre a corda, e o arco, o teve alguma couſa ſopeado; mas elle com muito animo, e acordo ſe arremeçou ao inimigo, e ás cutiladas o matou, como tinha feito a outros: iſſo meſmo fizeram todos eſtes que nomeamos, e outros que fizeram nos inimigos grande eſtrago; e poſto que os noſſos tiveram trabalho, foi cauſa pera que mais ſe aſſinalaſſem no esforço, e nos golpes que os inimigos recebêram; e taes couſas fizeram, que houveram os inimigos por ſeu partido recolherem-ſe, ficando os noſſos deſapreſſados, mas muito feridos, em que entrou Miguel Alvares do Canto com huma eſpingardada, e duas fréchadas, ou tres. Sahidos os noſſos daquelle perigo, dormíram aquella noite ao longo

da ribeira, e ao outro dia entráram em Damão, deixando o Capitão as tranqueiras das fronteiras do inimigo provídas de guarnições bastantes pera a defensão das Aldeas.

Poucos dias depois disto chegáram Embaixadores do Rey de Sarzeta, e pedíram ao Capitão perdão, e pazes, offerecendo-se entregar logo tudo o que em si tinha; e porque todos os Gentios da India por sua natureza nada fazem por bem, e ainda aquillo que desejam, esperam que lho façam fazer por força, e principalmente estes da terra de Damão, que deve de estar debaixo de huma constellação, ou influencia de estrella tão ruim, que senão queimarem as mesmas terras, não dam fruto; e assim os naturaes dellas se os não offendem, e tratam com rigor, não fazem cousa boa, como aconteceo a este Rey, que até senão ver queimado, e abrazado, não quiz entregar o que em si tinha, o que depois fez por mal, porque lhe concedeo o Capitão pazes, com condição que entregasse tudo; o que elle cumprio de feição, que se não ficou queixando nenhum Curbim. Depois disto chegáram cartas do Viso-Rey pera Martim Affonso, e Fernão de Miranda, em que lhe mandava que se ordenasse no inverno huma Armada de vinte navios, e

que

que na entrada de Agosto fosse nelles Fernão de Miranda esperar as náos, que haviam de vir de Meca, e que tomasse todas, quer trouxessem cartas, quer não, pois a culpa de quebrar as pazes fora dos Mogores, porque com isso poderiam satisfazer-se das perdas que deram as terras de Damão; e o mesmo escreveo ao Licenciado Francisco de Frias, Védor da Fazenda, que estava em Baçaim, mandando-lhe que désse pera a Armada todas as cousas necessarias.

DECADA DECIMA
Da Historia da India.
LIVRO III.

CAPITULO I.

De como o Turco mandou prover a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia: e de como Oxá se confederou com Semechombel Gorgiano contra os Turcos: e da batalha que com elles teve, em que os desbaratou.

NA Decada IX. damos conta das grandes guerras que se alevantáram entre o Turco Amurates, e Codabanda Rey da Persia, e dos Fortes que o Turco mandou fazer em seus Estados, cousa em que toda a India (principalmente a Fortaleza de Ormuz) ficou assombrada; e porque desde o anno de 78. em que os deixámos, até este, em que andamos, não houve mais que mandar o Turco prover os Fortes que tinha naquelle Estado, e deixámos de continuar com elles, porque não houve cousas notaveis, sómente deixar Xá de acudir áquellas cousas por muitas al-

te-

terações que se movêram na Persia, assim entre Turquimaes, como em outras partes, que o puzeram em estado de mandar Embaixadores ao Turco a tratar de alguns honestos modos de pazes, sobre o que não foram bem respondidos; porque entre os apontamentos, e partidos pedio Oxá que lhe largasse os Fortes que tinha em Xerução, e ficáram lá os Embaixadores maltratados, e avexados sem se poderem vir: agora neste anno em que andamos tratou o Turco de mandar reforçar aquelles presidios pera ver se podia passar adiante com outros; e pera esta jornada elegeo Mahamede Baxá, filho de Mustafá Baxá, o que ganhou aquelles Fortes, que formando hum muito poderoso exercito de mais de cento e vinte mil cavallos, muita artilheria, munições, e hum grande numero de Roçadores, e vitualhas, e com esta potencia sahio da Cidade de Erzens, que se tem pela antiga Cappadocia, a que os Gregos chamáram Siros, e depois em tempo de Romãos Lecaria. Os Baxás que nesta jornada mais foram com elle eram Asão Gumilo, Baxá de Caeremcte, (que, segundo Rusili, he Aloriga de Ptolemeu, que elle na sua Taboa III. da Asia mette na Armenia maior) e o Baxá de Alepo, e Muras, Cidade principal na Mesopotamia, chamada

(se-

(segundo alguns) de hum fresco rio que por elle passa, que cahe daquelle famoso monte chamado assim do Poeta Marcial, que, segundo fingem os Poetas, foi alli affogado por querer contender com Apollo. Nesta jornada levou o Baxá por guia Mostafá Manxeliar Georgiano hum dos filhos da viuva, de que na Decada IX. fallámos na descripção da Georgia, que nos annos atrás passados se tinha mudado da Lei de Christo á de Mafamede, e chamou-se como elle, que se offereceo ao Baxá pera o levar por caminhos escusos, e mais apressados; e assim o foi levando por suas proprias terras, passando por Altuncala, e Caracala, lugares que foram da viuva sua mãi, e dalli o foi passando por Ogri Castello de Guisut Georgiano, que tambem se tinha passado ao serviço do Turco: neste caminho gastáram muito tempo, por ser todo asperissimo por causa dos muitos rodeios, e serras. De todas estas cousas foi logo avisado ElRey Codabanda, que lhe deram bem em que cuidar; porque por huma parte as cousas da Persia estavam em estado que se não podiam largar por aquellas; e por outra tinha ainda seus Embaixadores em Constantinopla tratando de pazes: e havia que se mandava impedir aquelles soccorros, lhos poderia tratar mal, e indignar-

rião

rião o Turco com quem elle desejava dissimular, por ter tempo de acudir ás cousas, que em seus Estados andavam alteradas, porque lhe era mais necessario apagar as lavaredas que se lhe accendiam dentro em casa que as de fóra; e tambem lhe parecia ir contra sua obrigação, pois nos partidos que por seus Embaixadores commettia, era ficar-se com aquelles Fortes, e os pudesse prover sem lho elle impedir.

Consideradas estas cousas todas, offereceo-se-lhe hum muito bom meio, e foi este. Despedio com muita pressa Embaixadores a Semachumbel em segredo, que era inimigo do Turco, e lhe mandou pedir que ajuntasse toda a gente que pudesse, assim sua, como dos vizinhos, e que elle lhe mandaria outra em trages de Georgianos, por não serem conhecidos por Persas, e que defendesse os passos ao Baxá, pera que não fosse soccorrer os Fortes da Georgia, e Xervão; isto foi alvitre pera elle, e logo foi com muita pressa ajuntar toda a gente que pode, e o Oxá lhe mandou dez mil homens de cavallo muito escolhidos, e com todos foi esperar o Baxá ao caminho de Ogni, que he de seu proprio Estado, por onde elle forçado havia de passar. Chegados os Turcos á sua vista, apresentou-se-lhe em campo o Esmahombel;

e

e como era muito valeroſo, mandou deſafiar o Baxá pera batalha campal, que elle trabalhou por eſcuſar, por ſe não embaraçar nada até ſoccorrer os Fortes a que hia. E porque chovia aquelle dia, deixou o Eſmahombel de commetter; mas ao outro foi eſperallo ao paſſo de hum rio pera o tomar deſordenado ao paſſar, e alli o commetteo com grande determinação, e travâram ambos huma mui aſpera batalha, em que foi a deſtruição, e matança nos Turcos tamanha, que todo o campo eſtava cuberto delles, e corriam arroios de negro ſangue por muitas partes. Os Georgianos, e Perſas, que todos andavam de hum trage, peleijáram tão valeroſamente, que puzeram os Turcos em desbarato, e em tanta neceſſidade, que tornáram a voltar o rio, porque ſe mettêram com tanta preſſa, e deſordem, que ſe affogáram quarenta mil gaſtadores que levavam pera romperem os caminhos, e todo o dinheiro, que era muito, artilheria, e vitualhas, e provimentos ficáram em poder dos Georgianos, e Perſas, no que ſe ceváram bem á ſua vontade: o Baxá da outra parte do rio ajuntou os ſeus, e foi caminhando pera Teflis, dizendo todos por aquelle caminho mal á ſua ventura, e blasfemando contra Mahamede, tendo pera ſi que todas as culpas daquel-

quella desaventura era do Manuchiar arrenegado, e ficáram suspeitando que de proposito os guiára por alli, porque sabia o damno que lhes estava ordenado. Assim rotos, e perdidos chegáram a Teflis, onde acháram os Turcos, que alli estavam de guarnição, muitos delles mortos, e os mais muito fracos, e debilitados, que não tinham figura de homens, por haver muito que se lhes tinham acabado os provimentos, e já se sustentávam dos cavallos, e de hervas, e raizes que os corrompeo.

Vendo elles o Baxá desbaratado, e sem com que os prover, ficáram de todo tristes, e desconfiados; e o Baxá Cufo arrenegado, que alli estava por Capitão, lhe encampou a Fortaleza, e os soldados se começáram a amotinar, e a requerer-lhe que já não estavam pera defender a Fortaleza; e a voltas disto se alteráram os mesmos que vinham com o Baxá, por verem que os deixaria alli: mas elle a tudo supprio com muita prudencia, e brandura, temperando a todos com muitos, e largos promettimentos; e depois que os teve quietos, e moderados, lhes fez huma muito prudente falla, em que persuadio a todos a emprestarem do que salváram nas bolsas o que pudessem pera soccorrer aquella Fortaleza do Grão Senhor; e do pouco que

que elle salvára daria quatro mil cruzados, e que se obrigaria a lhes pagarem em dobro tudo o que cada hum emprestasse, e que com o desbarato passado se não haviam de acanhar, nem escandalizar, porque os casos da guerra não estavam nas mãos dos homens; e que não era novo nos que militavam acharem hum dia a fortuna adversa, e o outro prospera; e que se elles por vassallos do Grão Senhor, e tão acostumados a alcançar tão grandes vitorias, que por ellas o tinham feito tão grande Monarca, o sentiam muito, que não devia de ser assim, porque quando a fortuna se lhe tinha mostrado havia tantos annos tão mimosa em hum tão pequeno toque, não havia pera que desconfiar: que tornassem todos sobre si, que ella tornaria a voltar, e elles se satisfariam daquelle damno. Com isto, e outras cousas que lhes disse ficáram elles animados, e quietos; e logo do que cada hum tinha emprestou hum pouco, e não tão pouco, que com os quatro mil cruzados que o Baxá deo, não se ajuntassem trinta mil cruzados, que o Baxá logo mandou ao Georgiano Alexandre (a que os Turcos chamam Leusbeh), que era grande seu amigo, pera que lhe mandasse todos os provimentos que pudesse, o que elle fez com muita presla, man-

dan-

dando á Cidade de Trecergú (que em lingua Turca quer dizer ortigas, por haver alli muitas) a comprar todos os provimentos que houvesse, e della lhe foi muito trigo, muitos carneiros, e outras carnes, e legumes, com o que proveo o Baxá muito bem aquella Fortaleza: em lugar do Baxá seu filho deixou Thomaz Baxú com outros soldados de refresco, porque os que alli achou por fracos não estavam pera nada. Não gastou o Baxá tres dias, no cabo delles se partio com tenção de fazer volta por Temanis, por se desviar do caminho que trouxera; e passando o rio á outra banda, tomou outro acordo; e estando já quasi alojados, tornou a abater as tendas pera correr pelo caminho de Altucala, e Caracala, o que os Turcos tomáram tão mal pelo muito trabalho que tinham passado, que lhe disseram, que na guerra não estavam obrigados a resoluções de Capitães mancebos, porque aquellas mudanças mais pareciam de meninos que de homens, que se elle quizesse fazer outro caminho, elles não haviam deixar o que levavam; e assim com muita determinação se desviáram a maior parte delles, e foram ter a Chars, e o Baxá a Altucalá com os que o quizeram seguir. Chegado aqui o Baxá acompanhado sempre do arrenegado Manuchiar, e como já

já desconfiado do successo passado, temendo-se que ficasse de todo perdido diante do Turco, determinou de deitar as culpas todas sobre o Manuchiar, e cortar-lhe a cabeça. Pera isto formou processos contra elle em segredo, que em todas as nações do Mundo tem o demonio semeado esta malicia, e tirou testemunhas falsas, que affirmáram que elle se carteava com o Semetrombel, e que por sua ordem o levára por aquella parte, porque sabia muito bem que nella o esperavam. Com isto determinou de matar o Manuchiar dentro na sua tenda, e o mandou chamar perà isso: e ou elle parece que foi avisado, ou que suspeitasse, e se receasse de alguma cousa, levou comsigo trinta, ou quarenta dos seus mais determinados, e os avisou que ficassem de fóra da tenda, e que sentindo dentro reboliço, cortassem as cordas, e a deixassem cahir; e a outros poucos, que deviam entrar com elle, lhes mandou que tanto que ouvissem remetter com o Baxá, dessem elles em todos os que com elle estavam na tenda. Entrando elle na tenda, como o Baxá tinha avisado os seus, lançáram logo mão delle; mas elle, que era hum homem mui grande, e forçoso, lançou mão da espada, e descarregou sobre hum Sangiaço, que lhe poz a mão,

mão, tamanho golpe pela cabeça que lhe cortou o turbante, e foi descendo com o golpe, levando-lhe huma orelha com huma pequena de queixada, e com aquella furia foi endireitando com o Baxá, e gritando pera os seus o ouvirem, e lhe deo algumas cutiladas, e matou hum Camareiro seu, que estava junto delle, o que tudo fez em hum mesmo tempo com tanta presteza, que quando os seus, que estavam dentro, remettêram pera dar nos Turcos, já elle tinha feito tudo. Os de fóra tanto que sentíram o reboliço, cortáram as cordas da tenda, que veio toda de romaria sobre elles ao tempo que o Almuchiar tornava a endireitar com o Baxá Mahamede, que ficou tão embaraçado com aquella presteza, que não pode tomar nenhuma determinação; e o Manuchiar tanto que vio a tenda cahida sobre todos, foi-se recolhendo pera a sua estancia, e poz-se com os seus armados a huma parte. O Baxá arreceando-se que o Manuchiar estivesse conjurado contra elle com os Turcos, porque todos hiam escandalizados delle, mandou abater as tendas, e alevantou o campo, sem querer entender com o Manuchiar, e foi caminhando pera a Cidade de Erzeni; e o Manuchiar desviou-se pera outra parte, e despedio logo correios ao

Grão

Grão Turco, a quem escreveo todas as cousas passadas, e as desordens do Baxá Mahamede; e com isso mandou muitas peças ricas, e presentes grossos aos Baxás privados, porque entendeo que nisso estava toda a sua justiça, e que aquelle era o bom negociar; e assim o foi, porque o Turco o mandou chamar por cartas mimosas, e com promessas de honras que lhe fez, indo-se logo ver com elle, e lhe deo licença pera ir invernar á sua terra, e o Baxá ficou desacreditado, e mal recebido. Os Persas, e Georgianos, depois que alcançáram aquella grande vitoria, foram-se recolhendo carregados de ouro, e de despojos, que o Oxá festejou muito, e ainda muito mais as desavenças que o Manuchiar teve com o Baxá, porque do que passou com o Turco não tinha ainda recado, e entendeo que já o Manuchiar ficava em desgraça do Turco, que era o com que as cousas da Persia podiam ir a melhor estado.

CA-

CAPITULO II.

De como Roque de Mello chegou á Malaca: e de como huma grande Armada do Achem foi sobre aquella Fortaleza: e da bateria que deo ás náos que estavam no Porto.

PArtido Roque de Mello de Goa, como atrás dissemos no Cap. IX. do Livro II. foi ter a Malaca a 20 de Junho; e mostrando suas Patentes a D. João da Gama, disse que se cumprisse o que o Viso-Rey mandava, e sobre ellas fez seus protestos, e reclamações pera requerer as perdas, e damnos por quem bem lhe viessem. Roque de Mello tomou posse da fazenda de ElRey com que começou a correr, ficando D. João na Fortaleza até se cumprirem os dous mezes que o Viso-Rey concedeo a D. Miguel da Gama seu irmão pera elle poder arrecadar a sua fazenda. Estando assim as cousas, aos 22 dias de Agosto appareceo sobre aquella Fortaleza huma Armada do Achem de cento e sincoenta vélas, em que entravam sete náos de alto bordo, e onze Galés bastardas, tudo o mais lancharas, bantis, e outras embarcações; e primeiro que tratemos do que fez, daremos razão que Armada era esta, e a que

que hia. Na Decada IX. ſe diſſe como fa- leceo Soltão Malafaxa Rey da Viantavſa, que era caſado com huma filha do Achem, e não ſem ſuſpeita de peçonha, que dizem mandar-lha dar Enchiſadel, a que com- mummente chamamos Raſale, que era ir- mão de ſua mãi, pera lhe tomar o Reyno, como logo fez, porque não havia outro herdeiro; e tanto que foi obedecido de to- dos, ſe caſou logo com a mulher do ſobri- nho filha do Achem, de que elle ſe tomou tanto, que determinou de ſatisfazer-ſe da- quella affronta. Succedeo logo poucos dias depois fugir-lhe hum Capitão, chamado Sin- garax, em huma Galé carregada de ouro, e fazendas, e eſte meſmo Rey agazalhallo, e recolhello, ſem o querer entregar, man- dando-lhe o Achem pedir logo. E ajuntan- do affronta a affronta, mandou preparar huma fermoſa Armada pera mandar ſobre elle, que era eſta, que appareceo ſobre Malaca, que hia mui bem provída de mui- ta artilheria, munições, e gente, e por Ca- pitão Mór vinha Amaraxa, ou Araxa, ho- mem prudente havido por Cavalleiro, e com elle outros tres Capitães principaes, Raxa Macote por Capitão das Galés, Ma- raxalbela por Meſtre da artilheria, e Se- ringa Malagorim por Meſtre de Campo; eſtes levavam por regimento que foſſem ſo- bre

bre a Cidade de Lor, e não se levantassem de sobre ella sem a tomar, e arrasar, não lhe entregando Singa Rajá, que lá estava fugido; e que de passagem désse vista a Malaca, e vissem se lhe podiam fazer alguma cousa. Esta Armada appareceo á vista daquella Fortaleza a dezenove de Agosto; e tanto que víram tamanha Armada, acudio D. João, e com elle Roque de Mello pera prover nas cousas necessarias, ajuntando-se pera isso em casa do Bispo com os mais Fidalgos, e Officiaes que alli havia; e a primeira cousa que fizeram foi mandar prover de gente, e munições duas náos, que estavam no porto, huma Santo Antonio, Capitão Fernão Ortiz de Tavora, que tinha vindo de Maluco, que se foi metter nella com alguns soldados, que o quizeram acompanhar; a outra de D. Jorge Baroche, Capitão de Cochim, de que era Capitão Estevão de Valladares, e mandáram que D. Henrique Bandarra com todos os Malayos, e alguns Portuguezes se fossem pera a Tranqueira do Ilher, porque os inimigos não se mettessem naquella povoação; e porque o Baluarte Sant-Iago, que o mesmo D. João tinha levantado de novo, estava ainda imperfeito, todos juntos, sem se escusar nenhum estado de pessoa, começáram a cavallo a correr com o

que lhe faltava; os inimigos chegáram já perto de noite, e surgíram hum pouco affastados da terra pera a banda do Ilher; e D. Henrique Bandarra, tanto que se cerrou a noite, lançou fóra das Tranqueiras a hum João Rebello, casado, e morador em Malaca com alguns companheiros pera vigiarem a praia, porque os inimigos não viessem desembarcar nella sem serem sentidos, e assim se foi pôr a huma parte com grande vigia na Armada. Os Achens, passado o quarto da modorra, determináram lançar alguma gente em terra pera verem o estado em que a Tranqueira estava, e pera isso despedio o Capitão Mór alguns bantis ligeiros, que foram pôr as proas na praia, em que os nossos estavam, e com muito silencio foram demandar as Tranqueiras pera darem nellas; e passando por onde estava João Rodrigues, que os não vio, senão quando sentio o ferro, porque o tomáram de sobresalto; com tudo sentindo-se cortar, e vendo que eram inimigos, puzeram todos as mãos ás armas, e começáram huma muito arrazoada briga, indo-se todavia recolhendo pera a Tranqueira até onde elles o seguíram. D. João Bandarra vendo a revolta, sahio fóra a favorecer os nossos: sendo sentido dos inimigos, foram-se recolhendo pera as suas embarcações, sem os nossos os

se-

seguirem, assim por ser de noite, como por não saberem o numero da gente que era: ao outro dia levou-se toda a Armada de remo; e foi dando huma vista á Cidade, e foi surgir na banda de fóra na Ilha das náos o mais perto que pode ser, e logo os Capitães deitáram gente nella, a que começou a fazer Tranqueiras, porque determináram de bater alli as náos pera fazerem alguma cousa, antes que se recolhessem, e ver se as podiam metter no fundo; e assim as mandáram bater com grande importunação, fazendo mór damno na náo Santo Antonio, que ficava mais em barreira; em que mettéram muitos pelouros de setenta; e oitenta arrateis de ferro coado, e lhe feríram alguns soldados. Aquelle dia, que começáram a bater as náos (que foi o segundo da chegada da Armada) tomou Roque de Mello posse da Fortaleza por nelle se acabarem os dous mezes de tempo que o Conde tinha limitado a D. João da Gama, que com a gente da sua obrigação, depois de entregar a Fortaleza, se apresentou no Baluarte Sant-Iago, donde acudia a tudo o que era necessario, correndo com a fortificação daquelle Baluarte até o acabar, o que tudo fez com muito trabalho seu, e de todos. Os inimigos hiam continuando com a bateria das náos, e hum dia foram

alguns batéis seus a fazer alguma remettida a modo de quererem desembarcar; a que acudio D. João da Gama, e mandou embarcar alguns soldados em outros Bantins ligeiros, o que elles fizeram com muita pressa; e commettendo com os inimigos, os foram correndo; e Antonio de Andradre, que hia em hum Bantim, chegou a hum Caleluxe muito fermoso, e o abalroou, e axorou das primeiras pancadas; e Nuno Vieira Velho, e outros Bantins foram seguindo os mais, que a poder de remo lhes escapáram, e se foram recolhendo pera a Armada com alguns homens menos, e muitos feridos. Fernão Ortiz de Tavora, que estava na náo, padeceo infinito trabalho; porque quinze dias continuos, que a batêram, varáram a náo por muitas partes, o que logo era reparado com muito trabalho seu, e dos companheiros que comsigo tinha; e entre elles se assinalou hum Gaspar Dias de Reboredo mais, Cidadão de Goa, que foi dos primeiros que se offereceo a entrar naquella náo, por ver que ninguem se queria ir pera ella pelo risco que corria, e muitos fez o Capitão embarcar por força, mas todos trabalháram, e peleijáram com muito valor, e esforço.

CAPITULO III.

De como os Turcos, que hiam na Armada do Achem, ordenáram humas balsas de fogo pera queimarem as náos: e de como Nuno Monteiro, que andava no estreito em huma Galeaça, foi soccorrer a Malaca: e da aspera batalha que teve com a Armada do Achem: e de como por desastre tomou fogo; e se abrazou, e queimou.

MUito enfadados ficáram os Capitães do Achem de em quinze dias não terem feito nada, tendo gastado muita parte das munições naquella bateria das náos: pelo que alguns Turcos, que na Armada vinham, se lhe offerecêram a fazer humas balsas de fogo com que queimassem as náos, que fabricáram sobre duas jangadas cheias de barrís de alcatrão, polvora, e outros materiaes; e tendo-se acabadas na enchente da maré, as tomáram as Galés á toa, e as leváram até ao canal pera a corrente as ir deitando sobre as náos, e alli lhes deram fogo, e as largáram: e ellas começáram a correr com tanta braveza, que metteo nos nossos muito grande espanto. Fernão Ortiz, Capitão da náo Santo Antonio, que estava diante, orde-

denou algumas defensões pera desviar a-quellas balsas; sobre o que elles, e todos os seus soldados trabalháram tudo quanto foi possivel. O Mestre da náo, que era hum mulato muito valente homem, chamado Bartholomeu Fernandes, vendo o risco que as náos corriam, se as jangadas cahissem sobre ellas, se embarcou com muita pressa em huma manchua pequena, e com elle dous soldados valentes homens, hum chamado Gonsalo de Sousa, e do outro não soubemos o nome; e tomando o remo em punho, com muita força chegáram a tempo que as Galés ainda traziam as jangadas á toa, mas já vinham ardendo; e sem recearem nenhum perigo, mettêram-se entre ellas, e as jangadas, e deram pique aos cabos, com que as jangadas se foram atravessando, e desviando do canal, e com muita ligeireza se tornáram a recolher pera as náos, indo após elles muitas nuvens de pelouros, e alguns batéis muito ligeiros; mas de tudo os livrou Deos, pera livrarem as náos daquelle soberbo fogo. Chegados á náo, metteo-se o Mestre no Batel, que com os companheiros, e marinheiros, que com grandes espeques, e estorpalhos molhados foi desviar as balsas de fogo, que se foram desfazendo por esse mar; e senão fora a industria do Mestre,

sem

sem dúvida que os Galeões foram abrazados. Fernão Ortiz de Tavora, e Estevão de Valadares não se descuidáram; mas tambem varejáram as Galés soberbissimamente, com o que se foram recolhendo pera a mais Armada com bem de damno, e de desgosto de não vir a effeito aquelle negocio, que elles tinham por averiguado; e assim foram continuando sua bateria com tenção de se não alevantarem dalli sem metterem aquelles Galeões no fundo.

Vendo os nossos o vagar com que os inimigos mostravam estar, ficáram muito enfadados, e ficou havendo desconfianças de poderem as náos sustentar-se a tão espantosas baterias, como cada dia lhe davam: pelo que D. João da Gama desejoso de provar a mão com os inimigos nas estancias, e fazer hum feito muito honrado, se offereceo ao Capitão, e Bispo, e lhe deo taes razões, e esperanças de lhe tomar a artilheria, que lhe concedêram a jornada; e ajuntando os Fidalgos, e soldados amigos de sua obrigação, fez hum corpo de perto de duzentos homens, e pareceo bem aos Capitães mandarem avisar aos das náos, pera que com toda a gente estivessem prestes em seus batéis pera se acharem naquelle negocio; e porque a ida dos Galeões era muito arriscada, a engeitáram

mui-

muitos; mas Nicoláo Pinto da obrigação do mesmo D. João se offereceo pera isso; e embarcando-se em huma embarcação pequena muito ligeira com outro companheiro, chegou ao Galeão de Fernão Ortiz, e lhe deo o recado, e a ordem de como havia de desembarcar, e em que horas, e o mesmo ao Capitão da outra náo, com o que se prepáráram, e negociáram os batéis pera aquella hora limitada; mas como a fortuna sempre anda desviando as occasiões de honra a quem a busca, o fez a esta em hum caso muito lastimoso, e muito pera sentir, que foi este. Ao tempo que os inimigos apparecêram, andava Luiz Monteiro por Capitão de huma Galeaça no estreito de Sincapura, e trazia perto de sessenta soldados, os mais delles filhos de Malaca, a quem D. João da Gama logo mandou avisar da Armada do Achem, mandando-lhe que se passasse ao estreito de Sabão por ficar mais desviado do inimigo, e que delle se não apartasse, porque elle o avisaria de tudo o que succedesse; e que não deixasse passar nenhuns Turcos, e Juncos de mantimentos, e os detivesse comsigo, porque não fossem cahir nas mãos dos inimigos, e se provessem nelles: e não se segurando só em este recado, mandou-lhe segundo, e terceiro, e o mesmo fez Roque de

de Mello, depois que tomou posse da Fortaleza, com penas de caso maior se fizesse o contrario; mas elle como era muito esforçado, e trazia comsigo tantos filhos de Malaca, pareceo-lhe a todos que não fariam o que deviam, senão fossem soccorrer aquella Fortaleza; e porque entendiam que a Galeaça só podia peleijar com toda aquella Armada, concertados todos nesta opinião, não dando pelos mandados, e protestos do Capitão, fizeram-se á véla pera Malaca, e apparecêram ao mar. Tanto que da Fortaleza foram vistos, despedio logo o Capitão hum Bantim muito ligeiro, em que mandou embarcar hum Nuno Vieira, por quem mandou dizer a Luiz Monteiro que logo se tornasse pera o estreito, sobpena de caso maior, do que lhe a elle deo pouco, porque recolheo dentro a Nuno Vieira, e deixou-se ir seu caminho com a Galeaça posta em armas, e a artilheria lestes, e carregada com determinação de passar por toda a Armada inimiga, e ir surgir na Poça. Os inimigos tanto que víram a Galeaça, embarcáram com muita pressa toda a artilheria que tinham nas estancias, e com toda a Armada repartida em duas partes foram commetter a Galeaça; e cercando-a á roda, a começáram a bater muito furiosamente. Luiz Monteiro, que

que vinha lestes, e a ponto, recebeo os inimigos com muito animo, e começou a descarregar nella toda a sua artilheria, que lhes fez mui grande damno; porque como o mar estava coalhado de embarcações, todos os tiros se empregavam mui bem, matando, e destroçando tudo o que achavam; e tal destruição fizeram em todos os navios, que depois de haver muito que durava a batalha, se affastou a Armada pera fóra quasi destroçada; e tomando entre si conselho, assentáram de abordarem a Galeaça com os Galeões, que eram mais alterosos que ella, e os guarnecêram muito bem, e enchêram da melhor gente da Armada, e foram commetter a Galeaça, disparando nella aquella tempestada de trovões, e coriscos, que parecia que tremia o mar, e a terra, e depois investíram a Galeaça por ambos os bordos. Luiz Monteiro, e os companheiros puzeram-se em sua defensão com tamanho animo, e valor, que não arreceavam em nada aos inimigos, e fizeram tão altas cousas, e tão grandes, que não ousa a penna a escrevellas, nem as palavras bastam pera as especificar; que foi tamanho o damno, e estrago que fizeram em os Galeões, que lhe foi forçado apartar-se, ardendo em vivo fogo de muitas panellas de polvora, que nelles lançáram

ram os da Galeaça, posto que os mais dos soldados estavam feridos, e abrazados do muito fogo, e das muitas panellas de polvora; e andavam com o furor da briga tão animosos que nada sentiam; senão fora a desaventura que lhe succedeo, houveram de chegar a Malaca victoriosos de tamanha Armada; e foi, que estando na mór furia da briga; os inimigos já affastados pelos não poderem soffrer, acertou a véla da Galeaça a tomar fogo; e andando os nossos apagando-o, cahio huma faisca pela escotilha abaixo; os peccados a encaminháram pera huma gamela de polvora, onde os bombardeiros estavam carregando humas cameras de falcões; e dando nelles, tomáram fogo, e dalli passou á mais polvora que estava em barrís, e com aquella furia arrebentáram as cubertas por esses ares com tamanho terremoto, que foi espanto. Da Fortaleza foi visto aquelle espectaculo com tamanho sentimento, que se poz toda a gente em pranto, por terem os mais dos moradores nella filhos, e irmãos, e sobrinhos; a Galeaça ficou alli ardendo em chammas, abrazados nella quasi todos que alli hiam, porque parece que permittio Deos que com aquelle genero de morte pagassem a desobediencia de seu Capitão, que contra tanto mandado seu vieram

buf-

buſcallo naquelle lugar: alguns que o fogo lançou ao mar, tomáram os inimigos vivos, e os leváram cativos; e contentando-ſe com aquelle feito, que elles com todo o ſeu poder não puderam alcançar, meio deſtroçados ſe fizeram na volta de Lor, aonde entráram, e os Capitães mandáram pedir ao Ragalé que lhes mandaſſe logo Singa Rajá, do que elle zombou, porque já eſtava muito fortificado, e provido de tudo. Os Achens vendo aquelle deſengano, deſembarcáram em terra, e aſſentáram ſeu campo á cuſta de muitas vidas dos ſeus, e começáram a bater a Cidade com muita furia por eſpaço de hum mez, em que aſſim os de fóra, como os de dentro recebêram aſſás de damno. O Ragalé vio-ſe tão apertado, que lhe foi neceſſario mandar pedir ſoccorro ao Capitão de Malaca, que por conſelho do Biſpo, e de D. João da Gama, Capitães, e peſſoas principaes, aſſentou de lho dar, porque não convinha terem alli o Achem, que era muito poderoſo, e mandou negociar dez, ou doze batéis, cujos Capitães eram Antonio Fernandes de Ilher, D. Henrique Bandarra, Antonio de Andrade, e outros filhos de Malaca, e os mandou que ſe foſſem metter em Jor, e ajudaſſem a defender aquella Cidade.

Eſ-

Estes navios entráram de noite pela barra dentro, sem serem sentidos dos inimigos; e prepassando pela galé de Raja Malota, que estava apartada das outras, deitáram-lhe huma somma de panellas de polvora, e apôs ellas se baldeáram dentro, e á espada matáram quantos nella estavam, e a Raja Malota cortáram a cabeça, e se sahíram com ella, e foram desembarcar em terra, e entráram em Jor, e a apresentáram a ElRey, que a estimou muito, e logo a mandou arvorar em sima de hum baluarte; pera que os inimigos a vissem. Os Achens ficáram muito amedrontados daquelle negocio, e muito mais de lhes dizerem huns escrávos que tomáram, que era chegada huma grande Armada de soccorro a Jor, e que o Capitão de Malaca se ficava embarcando pera vir peleijar; e certo que parece que Deos guiou as linguas a estes, porque logo os inimigos ficáram tão descorçoados, que sem quererem esperar mais, se embarcáram, e deram á véla pera o Achem. Disto foi logo avisado Roque de Mello por hum Bantim, que Antonio Fernandes de Illier despedio com recado; e porque esperava por horas pela náo de S. Thomé, que havia de vir carregada de fazendas, em que todos os daquella Fortaleza traziam seu cabedal, receando-se que os inimigos a en-

con-

contráſſem; deſpedio hum Bantim ligeiro carregado de munições com regimento ao que nelle hia, que ſe foſſe de longo da coſta da terra de Malaca até dar com ella, e que lhe metteſſe dentro as munições; e aſſim deſpachou outro Bantim a eſperar a Armada dos inimigos pera ver por onde ſe recolhia. O Ragale, tanto que ficou deſapreſſado, e que vio os inimigos recolhidos, deitou ao mar ſincoenta Bantins, muito ligeiros, em que ſe embarcou com a melhor gente que tinha, e foi ſeguindo os inimigos pera ver ſe os podia derrubar; e vendo que ſe recolhia com muita preſſa pela via de Bancales, e que hia já mui alongado delle, fez volta pera Malaca, por lhe parecer ſer obrigação dar os agradecimentos ao Capitão do ſoccorro que lhe mandára, pera o que lhe mandou diante pedir licença; e depois do recado chegou á bahia, e pondo a proa no caes, deſembarcou em terra com muita ſegurança, e alli chegou o Capitão, e o Biſpo, e os Vereadores, e o povo, que o recebêram com muita honra, e o Capitão o levou pera a Fortaleza, e o banqueteou aquelle dia eſplendidamente, e o meſmo fez a todos os ſeus, e ſobre a tarde lhes foi moſtrar a povoação de dentro da Fortaleza, que eſtava com todas as janellas alcatifadas, e pelas ruas

mui-

muitas charamelas, e outros instrumentos de alegria; e daquelle caminho se foi embarcar. Estando já no caes, lhe mandou D. João da Gama, a quem o Ragalé desejou muito ver por neto do Conde Almirante, que descubrio a India, seu filho mais velho; a quem o Ragalé fez muitas honras; e despedindo-se de Roque de Mello muito satisfeito dos gazalhados que lhe fez, dando-se hum a outro pessas, e brincos ricos, e curiosos, e com isso se embarcou, e se tornou pera Jor. D. João da Gama não quiz ver o Ragalé, nem sahio de sua casa por pontos de opinião, mas mandou-o visitar por seu filho, como dissemos.

CAPITULO IV.

De como Fernão de Miranda foi a Surrate esperar as náos de Meca, e tomou huma Cidade de Balala: e do grande motim que houve em toda a Armada contra o Capitão Mór.

JÁ atrás (no fim do Cap. XV. Livro II.) démos conta de como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandára a Fernão de Miranda que na entrada de Agosto fosse esperar as náos de Meca, e que tomasse todas, quer trouxessem cartas, quer não; e jun-

juntamente com estas cartas escreveo outras ao Capitão de Dio, em que lhe mandava que no mesmo tempo mandasse a Armada da obrigação daquella Fortaleza ao porto de Goga, e que alli esperasse por huma náo do Hecbar, a quem o Conde D. Luiz de Ataíde tinha dado cartas pera ir tomar aquelle porto, sem a obrigarem ir pagar os direitos a Dio. Fernão de Miranda tanto que veio daquella jornada do Rey de Sarzeta, que atrás contámos Livro II. Cap. XV. logo começou a tratar da Armada, e a mandar negociar todos os navios que havia, e a ajuntar marinheiros, e todas as mais cousas necessarias pera aquella jornada, o que fez com tanta diligencia por haver falta de marinheiros, que elle mesmo em pessoa foi a Baçaim, e Atanà negociallos; e ajuntando huma somma de marinheiros, tornou-se a Damão, onde se começou a deitar a Armada ao mar, a que acudio por terra o Veador da Fazenda, que estava em Baçaim, e correo com todas as despezas, e provimentos, conforme as Provisões que o Viso-Rey lhe tinha mandado sobre aquelle negocio; e em fim tal pressa deram todos á Armada, que quando foram vinte e quatro de Junho, vespera do Apostolo Sant-Iago, sahio Fernão de Miranda pela barra fóra com vinte navios fermosamente guarnecidos, e cheios

de

de muita, e boa ſoldadeſca, que em Damão ficou aquelle inverno por cauſa da guerra.

Os Capitães que foram na jornada são os ſeguintes: Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, D. Franciſco da Gama, Pedro de Souſa, Miguel de Azevedo do Couto, Pedro de Negreiros, Antonio Pegado, Chriſtovão Leitão, Luiz Rodrigues Fajardo, Antonio de Andrade, D. Pedro de Mello, Nuno Alvares Pereira, Fernão Martins de Souſa, Meſtre Domingos Veneziano, grande official de galés, D. Manoel de Azevedo, Pedro Homem Pereira, Franciſco de Miranda Henriques, Antonio de Lima, Antonio Rodrigues o Ponoba. Dada á véla, foram eſtes navios ſeguindo ſua jornada, e acháram os mares tão groſſos da invernada que os comia, por ſer naquella enſeada o inverno a mais ſoberba, e medonha couſa da vida, e foram de feição, que com a força rendeo o maſtro ao navio do Capitão Mór, que ſe paſſou a outro, e mandou ao ſeu Comitre que metteſſe o navio no rio de hum Braſari, que divide as terras de Damão das de Balſar, defronte de quem então eſtavam, e que mandaſſe buſcar outro maſtro a Damão, e que logo ſe foſſe pera Surrate, como elle fez, entrando dentro do rio com trabalho, e no meſ-

mo dia foi recado a Damão, e nelle lhe mandáram o maſtro novo. Fernão de Miranda foi ſeu caminho com toda a Armada quaſi alagada, e com todos os mantimentos quaſi molhados, e podres: e quiz Deos que o meſmo dia afferraſſe o rio de Surrate, onde entráram com muito riſco, e trabalho, por ſer a mais ſoberba barra de mares, e mais perigoſa de baixos, e reſtingas que ha em toda a India, por cauſa do grande eſcarceo que alli faz o mar com o fluxo, e refluxo, que he o mais apreſſado, e impetuoſo que no Mundo ha, e ao outro dia chegou o navio com o maſtro novo, mas ſem mantimentos, por irem podres, como todos os mais de toda a Armada: pelo que lhe foi forçado deſpedir recado a Damão, pera que o proveſſem de novo, o que o Veador da Fazenda fez com muita preſſa, e carregou alguns Tarins de biſcouto, e arroz que lhe mandou, e elle meſmo foi a Surrate ver, e prover a Armada, porque havia de paſſar a Dio a tomar poſſe daquella Fortaleza até chegar Manoel de Miranda, que era provído della, que foi no Outubro ſeguinte; e o Licenciado Franciſco de Frias, depois que proveo a Armada, atraveſſou a Dio, e tomou poſſe daquella Capitanía. Fernão de Miranda deixou-ſe eſtar dentro em Surrate

te, e todos os dias de madrugada mandava dous navios a vigiar o mar, o que fazia com grande risco, e perigo por causa da barra que he cruelissima; assim foram continuando até os tres dias de Setembro, em que os homens andavam já cançados, e quebrantados, e com todo o fato podre por aquellas aguas, que alli chovem, pois em dando na roupa, logo a apodrecem toda, e o que era porque andavam sem mantimentos, que cada dia se lhes molhavam, porque tudo nadava em agua, assim do mar, como do Ceo, que por todas as partes lhes entrava, e tudo com tanto trabalho, e soffrimento que só Portuguezes o puderam aturar.

Neste dia víram os navios, que sahíram a vigiar, huma fermosa náo, que vinha do mar em fóra com todas as vélas dadas a demandar aquella barra; e fazendo sinal á Armada, sahio toda logo pera fóra alvoroçados todos pera se cevarem, e restituirem nella dos trabalhos soffridos até então; e este dia foi o de maior tormenta, que naquella jornada tiveram, e os navios passáram aquella barra com o mór perigo, e trabalho que todos: a náo houve logo vista dos navios; e conhecendo ser da Armada Fortaleza, preparou-se na volta do mar, e despregou os traquetes que levava toma-

dos, e Fernão de Miranda a foi seguindo com bolços da véla, porque os navios não podiam aturar os mares, e se hiam affogando, e alagando, só Diogo de Miranda largou toda a véla, porque tinha hum navio possante, e foi-se sahindo melhor aos mares; e chegando á náo, lhe atirou a amainar, o que ella não quiz fazer, antes lhe respondeo com outra bombardada, e se deixou ir seu caminho sem dar por nada. Diogo de Miranda a foi seguindo por poppa esbombardeando-a, e ella respondendo-lhe com outros tiros mais grossos, e dando-lhe os que hiam nella vista, pera que vissem os nossos o ruim partido que tinham; e assim era verdade, porque aquella náo além de ser muito alterosa, e grande, trazia perto de seiscentos homens brancos, e vinte pessas de artilheria. Fernão de Miranda chegou a ella com toda a Armada a tempo que já hia anoitecendo, em que se ella fez na volta do Sul, por se não metter na enseada, pelo que se compassou com ella Diogo de Miranda pela não perder, e toda a noite foi fazendo farol a toda a Armada, pera que vissem, e assim o seguio toda a Armada, soffrendo toda a noite grandes ventos, e mui desempassados mares, o que tudo lhe fazia estimar em pouco o desejo que todos levavam de se

cevarem naquella náo, que forçado havia de vir muito rica.

Tanto que amanheceo, rodeou Fernão de Miranda a náo com todos os navios, e a foi esbombardeando, porque não era possivel abordalla, assim pela grossidão dos mares, como por ser muito alterosa, pelo que tratou de a desapparelhar, porque não havia outro remedio; mas ella se deixou ir muito confiada em seu poder, disparando a sua artilheria por huma, e outra parte, de que quiz Deos livrar os nossos navios, que escapáram a ella por irem enterrados, e escondidos entre os mares, que eram tão cavados, que a tempos se não viam huns aos outros. Indo assim neste trabalho, lhe deram da Galeota de Nuno Alveres Pereira com hum pelouro de meia espera, que quiz Deos que lhe acertassem no mastro, que logo veio abaixo com todo o velame, ficando-lhe só a cevadeira, e mezena com que se deixou ir seu caminho, disparando sempre sua artilheria, e em Damão foram ouvidos os tiros, porque hiam já tanto ávante com o Balsar; e entendendo o Capitão Martim Affonso que a nossa Armada peleijava, negociou logo com muita pressa hum navio de hum Belchior Quinteiro, e lhe mandou metter muitas munições, pannos velhos, ovos,

azeite de coco, unguentos, dous Cirurgiões, e os despedio logo, pera que se houvessem feridos que os fossem curar, e se faltassem munições á Armada, os pudessem prover; e já sobre a tarde chegára a Armada, indo já avante acalmada, e os Mouros quasi desconfiados, e em differentes pareceres sobre o que fariam, porque huns diziam que fossem demandar terra, que estava perto, e que varassem nella pera ao menos salvarem as vidas; outros diziam que não fizessem tal, porque ainda que varassem não podiam escapar ao cativeiro, e ao menos mulheres, e filhos, que quasi todos alli levavam, que melhor seria peleijarem até morrer, porque isso era menos mal, que vir ás mãos dos Portuguezes. Indo nesta indeterminação, foi-lhes forçado surgirem hum pouco antes do morro do parcel, porque se acháram em fundo de menos de seis braças, e depois se resumíram em mandar commetter partidos ao Capitão Mór, porque já não tratavam de mais que de se segurarem as vidas; e que quando lhas não quizessem dar, que então fizessem o que fizeram os da Ilha dos Mortos, que era matarem as mulheres, e filhos, e depois peleijarem até morrer em vingança da crueza que haviam de usar; e pondo huma bandeira de paz, lançáram

hum

hum homem ao mar, que foi afferrar a fusta de Francisco de Miranda, que o levou ao Capitão Mór; e lançado a seus pés, lhe disse, que Cide Balala, Capitão daquella náo, lhe mandava pedir licença pera lhe mandar dous homens honrados a tratar com elle cousas que importavam, o que lhe elle concedeo; e vindos a elle, lhe pedíram da parte do Capitão, e de todos os que vinham na náo, que lhes fizessem mercê das vidas, e lhes dessem embarcações pera se poderem ir a terra, que elles lhe deixariam a náo com todo o seu recheio. Fernão de Miranda poz aquelle negocio em pareceres dos Capitães dos navios, e assentáram conceder-se-lhes o que pediam; porque segundo estavam determinados (segundo parece haver-lhes contado o Mouro, que veio á náo, o que lá passava) estava certo não se renderem sem custar as vidas de muitos; e que pois lhe entregavam a náo, que era tão rica, e poderosa, sem golpe de espada, que não havia pera que esperar mais. Assentado isto, passou-lhe o Capitão Mór hum seguro Real, em que concedia as vidas a todas as pessoas que na náo estavam, e que os poria em terra muito seguramente, sem receberem aggravo algum. Com este seguro ficáram os Mouros desalivados, porque só o

ca-

cativeiro ſentiám ; e logo fizeram entrega da náo ao Feitor da Armada , e outras peſſoas , que o Capitão Mór elegeo , e todos ſe embarcáram pera terra com ſuas mulheres , e filhos , ſem levarem mais que os veſtidos. Os ſoldados da Armada vendo aquelle negocio , e que ſobre tantos trabalhos , e riſcos , como em dous mezes tinham paſſado , ſe lhes deſarmáram em vão as eſperanças que tinham do ſaco daquella náo , ajuntáram-ſe alguns navios que ſe falláram , e foram-ſe ao Capitão Mór , e de fóra ſe deſmandáram em palavras contra elle ; e depois que ſe deſenfadáram , deram á véla pera Damão , ficando os ſeis navios com o Capitão Mór , e pelo caminho foram fazendo bandeiras negras , com que entráram pela barra de Damão , o que meteo grande confusão na Cidade , porque não ſabia o que era paſſado , e aquellas inſignias triſtes vinham repreſentando algum mal , e deſaſtre.

Chegados á praia , deſembarcáram todos ao ſom de tambores , e pifanos , armados , e poſtos em ſom de batalha ; e atraveſſando a Cidade , ſe foram metter em hum baluarte de ſobre o campo , e alli ſe fizeram fortes. O Capitão da Cidade não ouſou a bulir comſigo , por ſerem perto de trezentos homens , e todos tão amotinados ,

-e conformes, que cada vez que queriam, attraveſſavam a Cidade com bandeiras deſenroladas, e tocando tambores, e piſanos, ao que os moradores todos ſe recolhêram em ſuas caſas, onde ſe fortificáram; e chegou o deſatino a tanto, que paſſando hum dia eſtes ſoldados pela porta de S. Franciſco, atiráram á portaria muitas eſpingardadas, porque fora na Armada hum Padre, que foi de parecer do partido do Capitão Mór. E neſta fórma chegavam todos os dias até á praia a vigiar a Armada, porque eſtavam todos juramentados de matarem Fernão de Miranda: eſte foi o primeiro motim deſte toque, que na India ſe vio entre Portuguezes.

E tornando a Fernão de Miranda, quando vio ir os navios daquella maneira, ſentio muito, e ainda o ſentíra mais, ſe ſoubera a fórma em que os delles andavam em Damão eſperando por elle; e dando cabo á náo, a levou a Damão, e entrando com ella pela barra já em ſima do banco, onde he mais perigoſo, lhe cortáram as toas, ſem ſe ſaber quem, a fim della dar no banco pera a roubarem; e não eſteve diſſo muito longe, porque repontava a maré, e vinha já deſcabeçando pera fóra. Fernão de Miranda com alguns navios do ſeu bando acudio a fazer cabe-

ça

ça á náo, e a foi affaſtando do banco á força do remo; e como a poz no canal, deitou ancora, e na outra maré a metteo dentro, e paſſou-ſe do ſeu navio em huma manchua pequena pera fazer amarrar á náo, e ſegurar os ſeus navios, e foram-ſe pera terra. Os ſoldados do motim, que traziam o olho na Armada, arrebentáram pela praia; e vendo o navio do Capitão Mór com o eſporão em terra, remettêram com elle, e com hum furor deſatinado o entráram pera o matarem, cuidando que eſtava dentro; mas quiz Deos que eſcapaſſe áquella furia com ficar (como diſſemos) na manchua: a praça era toda huma confusão, e labyrinto, de ſorte que parecia huma batalha campal, porque tudo eram eſpingardadas, gritos, e alaridos, que atroavam a terra: os ſoldados não o achando no ſeu navio, entráram em todos os mais em buſca do Capitão Mór ſem o acharem. O Capitão da Cidade quando vio aquelle deſarranjo acudio á praia com Religioſos, e com Crucifixos alevantados, bradando por miſericordia, ſem ſerem ouvidos, nem ouſarem a ſe metter no meio daquella confusão. Fernão de Miranda ouvindo o labyrinto, ſem ſaber o que era, endireitou com a terra; e antes de chegar a ella, o aviſáram do negocio, pelo que lhe foi forçado re-

co-

colher-se pera a outra banda, onde se deixou estar até á noite, em que os soldados do motim se recolhêram ao baluarte, e Fernão de Miranda se foi metter em S. Francisco, sem ninguem o saber. O Capitão da Cidade com os Religiosos graves, e honrados gastáram toda aquella noite, e todo o dia seguinte em os moderarem, resumindo-se o Capitão que se o haviam pelas prezas que esperavam da náo, que elle se obrigava a lhas dar por aquillo que se alvidrassem. Em fim, tanto trabalháram nisto todos, que se abrandáram os soldados, e se concertáram que dessem a cada hum dezeseis Venezianos, que he o mais que se achou por Juizes louvados; a quantia de dinheiro que se nisto montava se entregou logo aos Capitães pera a repartirem por elles. Com isto se apaziguou o negocio, e se dissimulou, porque pera se haver de castigar tão grande motim, foram muitos, e muito honrados os culpados nelle: da mais fazenda da náo se fez logo inventario, e se mandou recado ao Viso-Rey pera prover naquelle negocio.

CAPITULO V.

De huma náo do Hecbar, que foi repreza-da em Goga, a que acudio Fernão de Miranda: e de como o Viso-Rey a man-dou largar: e do castigo que deo Fer-não de Miranda aos moradores do Cas-telete.

ATrás no Cap. IV. Liv. III. ficou dito como o Viso-Rey D. Francisco Mas-carenhas escreveo a Dio áquelle Capitão, que mandasse a Armada da obrigação da-quella Fortaléza a esperar as náos de Me-ca ao porto de Goga. Este recado chegou depois da morte de D. Pedro de Menezes, por cuja virtude o Alcaide Mór, que lhe tinha succedido, mandou negociar os na-vios, e commetteo a jornada a Francisco Ferrão da Cunha, que fora com D. Pedro por Capitão Mór da enseada, de que se elle escusou por inconvenientes que teve, e elegeo a Braz de Azevedo, Capitão do Baluarte do mar, que na entrada de Agos-to sahio pela barra fóra com sinco navios mui bem negociados; e chegando aos ca-naes de Goga, surgio nelles, e poucos dias depois chegou huma fermosa náo do Hecbar, que vinha de Meça, e trazia car-tas do Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, pera

que

que livremente pudesse ir descarregar em Goga, sem a obrigarem a ir pagar direitos a Dio destas cartas; e das duvidas que a elle puzeram os rendeiros das alfandegas de Dio, na nossa Decada IX. se verá melhor. A náo como vinha com salvo conducto, foi com muita segurança surgir dentro dos canaes, onde a nossa Armada estava, que a rodeou logo, e não deixáram desembarcar nenhuma cousa, nem ir da terra nada, e Braz de Azevedo despedio com muita pressa recado a Dio do que havia de fazer. Os rendeiros das Alfandegas tanto que souberam estar a náo reprezada, mandáram logo protestos, e requerimentos a Braz de Azevedo, pera que levasse a náo pera Dio, porque os direitos della lhe pertenciam pelos Capitulos de seu arrendamento. A estes protestos respondeo Braz de Azevedo, que elle não havia de bulir na náo, sem mella daquelles cães pelo risco que corria; porque como a havia de tirar por força, e contra a vontade dos de dentro, estava certo que quando se não defendessem, não haviam de querer marear as vélas; e que para o elle fazer, havia de mister muitos marinheiros, e pilotos, o que elle não havia de tomar sobre si, e que se havia de deixar estar até ter recado do Viso-Rey.

Es-

Eſtava por Governador em Cambaya hum Bancare chamado o Rao, que o primeiro dia que a náo alli chegou teve rebate, e com muita preſſa mandou homens de muito recado a Goa a requerer por parte do Hecbar juſtiça ao Viſo-Rey, allegando que elle não fora ſabedor da guerra, antes a eſtranhára muito a ſeus Capitães, porque elle era amigo do Eſtado, e nunca quebraria as pazes que com elle tinha feito. Em quanto eſtes Procuradores chegam a Goa, continuaremos nós com a náo de Goga.

Eſtando aſſim Braz de Azevedo com ella repreza até eſperar recado certo do que havia de fazer, foi aviſado que no rio de Surrate ſe negociavam alguns paraos pera virem favorecer a náo, porque parece que o Rao queria uſar de ambas as mãos: pelo que foi neceſſario mandar recado a Fernão de Miranda, que eſtava já com a náo em Damão, que tanto que ſe lhe deo, deſpedio logo Diogo de Miranda com alguns navios pera ſe ir ajuntar com Braz de Azevedo, em quanto elle não hia, porque eſtava acabando os negocios da outra náo. Os recados de Fernão de Miranda, e os Procuradores do Rao chegáram quaſi juntamente a Goa; e vendo o Viſo-Rey as cartas de Fernão de Miranda, deſpedio Franciſco Paes pera ir a Damão tomar entrega

da

da náo, e das fazendas, e que levasse tudo pera Goa; em breves dias chegou a Damão, e tomou entrega de tudo, e voltou pera Goa com a náo. Fernão de Miranda como se vio desembaraçado daquelle negocio, logo se fez á véla pera Goga, e se ajuntou com Braz de Azevedo, e ficou esperando recado de Goa, que lhe não tardou, porque logo chegou hum navio muito apressado, em que vinham os Procuradores do Rao, que abbreviáram tanto este negocio, que em vinte dias foram, e tornáram, porque se souberam mui bem negociar, que apresentáram a Fernão de Miranda Cartas, e Provisões do Viso-Rey, em que lhe mandava que largasse a náo do Hecbar, porque se assentára em conselho dos Capitães ser assim necessario por muitos, e justos respeitos, que se não declaravam; porque pera compensação das perdas que o Estado recebeo com a guerra de Damão, e pera credito dos Portuguezes, bastava a náo do Cide Balala, que elle tinha tomado por força de armas, e com esta resolução entregou Fernão de Miranda a náo, ficando-lhe na mão boas alviçaras, que os Mercadores por isso lhe deram, porque vinha a mais rica que nunca sahio de Judá; porque pelo livro della só em ouro, e em prata trazia carregados seiscen-

tos

tos mil cruzados, a fóra muito coral, borcados, recuicas, e outras fazendas.

Entregada a náo, vendo-se Fernão de Miranda desoccupado, e junta a Armada de Dio, a sua não se quiz recolher, sem provar a mão, na Cidade de Gengimez, ao que commummente chamam o Castelete, oito leguas de Goga pera Dio, por ser de Reineis grandes ladrões, cujo porto foi sempre recolhimento de todos os Malavares, Coutacolões, e Onores, que por alli andavam ás prezas das embarcações que hiam de Cambaya, e donde os navegantes daquella costa tinham recebido notaveis damnos, do que o Estado estava bem escandalizado; e muitas vezes tratáram os Viso-Reys de mandar desfazer aquella ladroiça, que sempre encommendáram aos Capitães do Norte das Armadas; mas nunca se poz as mãos na obra, o que Fernão de Miranda quiz agora fazer por se ver desoccupado de tudo, e para isto deixou espias de confiança pera verem o sitio, e gente que dentro tinha; e sendo bem informado de tudo, desembarcou naquella parte hum dia pela manhã, levando a dianteira Diogo de Miranda, por ser seu Tio, e Fidalgo velho, que com a gente de dez navios, que pera isso lhe tinha nomeado, commetteo a Cidade, que está na face do

mar,

mar, cercada de huma tranqueira á roda, e huma parte della sobre hum penedo ingreme, que a natureza alli poz, fizeram hum Castellete de adobes com seus baluartes, e revézes, que fica todo sobre a Cidade; e de huma ponta do penedo com hum rebelim, que vai fechar com a tranqueira da Cidade, por esta parte commetteo D. Manoel de Azevedo, e pela outra ponta da outra banda Pedro de Borges, e Diogo de Miranda pela fronteria da Cidade; e posto que acháram muita resistencia, fizeram por aquella parte entrada com morte de muitos inimigos, entre os quaes foi hum irmão dos Capitães do Castellete, que tinha a seu cargo aquella parte, e assim entráram a Cidade, aonde já acháram Pedro de Vargas, que achando huma quebrada em hum canto do rebelim, se lançou por elle dentro com os seus, e foi levando os inimigos até á Cidade. D. Manoel de Azevedo, que estava tambem no canto do Castellete, vio huma bombardeira aberta, de que os de dentro com a pressa se descuidáram, e por ella se metteo com os da sua obrigação, e foi entrando o Castellete ás cutiladas, matando muitos dos inimigos, e os mais delles o despejáram, e se recolhêram pera a Cidade, aonde já os nossos andavam pondo o fogo a tempo que Fernão de Miran-

da hia entrando com a ſua companhia; e porque a Cidade ſe acabou de deſpejar de todo, e os ſoldados ſe não deſmandaſſem, mandou-lhe dar fogo por todas as partes, e ſe ſahio pera fóra, e recolheo a ſua gente, porque havia por alli muitos lugares pertos, donde podia recreſcer ſoccorro, e ſuccedeſſe deſaſtre, pois até alli tiveram tão bom ſucceſſo.

Feito eſte negocio muito a ſeu ſalvo, ſe recolheo aos navios, e ſe foi para Damão, por ſe lhe acabarem os provimentos, e alli achou carta do Viſo-Rey, em que mandava ſe paſſaſſe a Baçaim, aonde havia ordem pera lhe armarem outros navios pera andar todo o verão na coſta do Norte, como adiante ſe verá. Franciſco Pais chegou com a náo a Goa, e juntamente com elle o Cide Balala Capitão della com alguns mercadores principaes, que ſe concertáram com o Viſo-Rey; e pela fazenda della, que tinha ainda em ſi, lhe deram vinte e ſete mil pardaos; mas o caſco da náo ſe lhe não quiz vender, com o Cide Balala metter todas as valias que havia em Goa, o que fez ſuſpeitar a alguns homens, que trazia nos entre-forros muitos Venezianos; ſe os ella tinha, elles ſe ſumíram ſem os ninguem ver. Em fim a náo carregou-ſe por ElRey, e depois foi vendida a D. Paulo

de

de Lima, quando foi entrar na Capitanía de Chaul.

CAPITULO VI.

Das cousas que neste anno acontecêram em Maluco: de como o Governador das Manilhas escreveo a Diogo de Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal ElRey D. Filippe, e de outras cousas.

QUando démos relação da perdição de D. João da Gama, o fizemos tambem de como o Galeão que Fernão Telles despedio pera Maluco com provimentos, de que era Capitão Fernão Ortiz de Tavora, não passára de Malaca, pelo que a Fortaleza de Maluco se vio em tanto trabalho, e fomes por causa da guerra, e lhe faltárem tres annos os Galeões da carreira, como na Decada IX. se verá mais largamente: e se D. João da Gama, Capitão de Malaca, o não provêra, sempre sem dúvida passára a mór trabalho. Agora vendo Diogo de Azambuja, Capitão daquella Fortaleza, que lhe faltára tambem este anno o Galeão da India, não sabia o que cuidasse; porém não desesperou de a soccorrerem de Malaca pela via da Jaoa na monção ordinaria, que era em Julho seguinte.

Estando com estas esperanças, remediando-se o melhor que podia com grande provisão, chegou ao porto de Tidore huma Fragata aos dez dias de Março deste anno de 1582. em que andamos, a qual vinha de Manilha, e nella hum Francisco de Duenhas com seis Hespanhoes, que Diogo de Azambuja recebeo bem, e o Duenhas lhe deo huma carta do Doutor Sant-Iago de Vera, Governador das Filippinas, com huns actos, e papeis authenticos, que lhe vieram por via da nova Hespanha; e abrindo a carta, vio que dizia assim:

» Si hasta aqui era mui justo nos frequentassemos, y tratassemos a menudo, » siendo tan vicinos, y vassallos de Reys » Catholicos, y tan amigos, y deudos, mu» cha mas rason ay al presente pera hazelo, » haviendo sido Dios servido de juntar es» tos Reynos en cabeça de ElRey Don Fi» lippe nuestro Señor; de lo succedido à» cerca desto non ay particular relacion en » esta, assi por tener por cierto la havra » jà tenido bien larga, y copiosa por la » India, y aun segun sospecha nuevo Viso» Rey; pero por la incertidumbre que las » cosas de la mar tienen, enbio con esta to» das las relaciones, que an venido a mis » manos de lo subcedido despues de la mor» te del Cardenal Rey, y assi mismo presu-

puesf-

» pueſto que em vueſtra merced, como per-
» ſona de tan buenas partes, de quien ſe
» ha hecho confiança de Plaça tan impor-
» tante nò puede dexar de concurrir la
» fidelidad que tiene jurada, y deve a ſu
» Rey, y que lo es ElRey Don Filippe nu-
» eſtro Señor que al preſente reina, y eſtà
» recebido em Portugal por toda la nobre-
» za del, me ha parecido que ſi por aca-
» ſò la novedad preſente huvieſſe alguna
» cauſado en eſſa tierra, y en Malaca, y
» Macao con los naturales dellas por nò los
» tener en la ſubjecion que los que nòs ou-
» tros poſſeemos offerecer de my parte
» el ſoccorro que deſde aqui puede Su
» Mageſtad darles, que pera las fuerças de
» por aca nò ſon pocas, a Dios gracias, las
» de aqui aſſy de gente, como navios, ga-
» leras, como de artilheria, y municiones:
» aſſy preſupueſta ſu fidelidad, offerecien-
» do neceſſidad, lo ofreſco yo a vueſtra
» merced em nombre de Sua Mageſtad
» contra todos os que intentaren de le
» deſſervir en qualquiera manera; y en eſta
» raſon eſcribo al Capitan mayor de Mala-
» ca la que con eſtà và. Vueſtra merced ſe
» la encamine en haviendo con quien, y
» una copia de las nuevas, que embio; y ſi
» ubiere alguna coſa particular en que le
» pueda ſervir, me aviſe dello, pues es ra-
» ſon

» ſon que entre nos-otros aya toda huma-
» nidad ; y del portador, que es un buen
» ſoldado, podrà vueſtra merced ſaber lo
» demàs que de acà quiſiere. »

Lida a carta, e papeis que com ella lhe deram, ficou Diogo de Azambuja muito ſobreſaltado, porque por elles claramente ſe moſtrava ſer ElRey D. Henrique morto, que elle ainda não ſabia, e ter ſuccedido no Reyno ElRey D. Filippe, por ſentença dada pelos Governadores, e Defenſores do Reyno de Portugal, que o dito Rey D. Henrique em ſua vida tinha nomeados; e conſideradas aquellas couſas, vendo que ás obras de Deos não havia que dizer, logo tornou a deſpachar a Fragata, e reſpondeo ao Governador de Manilha na fórma ſeguinte:

» Recebi a carta de V. Senhoria com as
» mais relações que me mandou, que lhe
» vieram de Heſpanha na era de 1580. e
» chegou a tempo que eu não tinha novas
» de Portugal, nem da India, por me faltar
» o Galeão dos provimentos eſte anno. E
» com receber grande contentamento de ter
» cartas, e novas de V. Senhoria, não pude
» deixar de ſentir naquelle gráo, que a ra-
» zão me obriga, a morte tão apreſſada de
» meu Rey de Portugal; porque entendo
» que ſe vivêra mais tempo, deixára as
» cou-

» couſas dos Eſtados de ſeus Reynos tão
» bem ordenadas, que não ſuccedêram as deſ-
» ordens, e deſconcertos que são paſſados;
» mas pois noſſo Senhor diſſo foi ſervido,
» praza a elle que iſto ſeja pera principio
» de maiores bens (e não pera maiores
» caſtigos) como confiamos todos que ſeja.
» Eſtando os Reynos de Caſtella, e Portu-
» gal unidos debaixo do Governo, e admi-
» niſtração do meſmo Catholico Rey Dom
» Filippe, que receberemos com toda a fi-
» delidade, e obediencia, vendo ſeu pro-
» prio, e eſpecial recado, e certeza de ſer
» legitimo Rey de Portugal; e quanto aos
» ſoccorros que V. Senhoria offerece, eu o
» eſtimo, e tenho em muito particular mer-
» cê; mas ao preſente não ha novidade na
» terra mais que a guerra que tenho com
» ElRey de Ternate, que tenho poſto em
» eſtado que com eſtes poucos Portuguezes
» poſſo ſeguramente eſperar pela Armada,
» que eſpero por via de Jaoa, que ſerá da-
» qui a tres mezes; e não me vindo, con-
» forme o eſtado em que eſtiver, aviſarei a
» V. Senhoria, porque então he a monção
» dos vendaveis, que mui de preſſa póde
» lá ſer o recado. A carta que eſcreveo ao
» Capitão de Malaca, mandei ao da Forta-
» leza de Amboino com as mais relações
» pera dalli as encaminhar a quem Franciſ-

» co

» co de Duenhas tambem efcreveo. A via-
» gem que fez até aqui foi muito acertada;
» porque fe viera pela derrota que trazia,
» fem falta fe perdêra, por terem arrenega-
» do todos os Chriftãos do morro; he pef-
» foa pera muito, e fiquei-lhe muito affei-
» çoado, folgára que fora melhor agazalha-
» do, mas o tempo, e a terra não podem
» dar mais de fi; delle póde V. Senhoria
» faber as novas da terra. Noffo Senhor,
» &c. da Fortaleza dos Reys Magos de
» Tidore a 20. de Março de 1582.» Partida efta Fragata, ficou Diogo de Azambuja efperando recado de Malaca, affim pera fe prover pelas neceffidades em que efteve, como pera faber as certezas das novas do Reyno, parando na guerra com o Rey de Ternate, e pairando com o de Tidore, porque não podia mais.

CAPITULO VII.

De como Diogo de Azambuja mandou pedir soccorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das cousas que succedêrão até chegar D. Alvaro de Castro, que faleceo.

ASsim ficou Diogo de Azambuja esperando pelo soccorro de Malaca, tendo pera si que sem dúvida lhe viria; mas como Fernão Ortiz de Tavora não passou, e as cousas de Malaca se embaraçáram, não lhe foi nenhum provimento: pelo que vendo elle a monção passada, despedio apressadamente recado ao Governador de Manilha, pedindo-lhe o soccorresse, porque estava com muita necessidade. Este recado chegou a Manilha em poucos dias; e vendo aquelle Governador o trabalho em que aquella Fortaleza estava, e que já lhe ficava em obrigação, por haver succedido no Reyno de Portugal ElRey D. Filippe, que havia de estimar muito soccorrer aquella necessidade, mandou logo negociar dez embarcações cheias de mantimentos, e munições, e nellas mandou embarcar Hespanhoes, e por Capitão D. João Ronquilho, homem havido por esforçado; e dando-se pres-

preſſa, chegou com toda aquella Armada junta a Tidore, e foi muito feſtejado de todos, e os mantimentos ſe repartíram com ordem, e outros ſe guardáram pera as neceſſidades. Poucos dias depois diſto chegáram novas a Diogo de Azambuja, que na Ilha de Pachão eſtavam dous juncos de Jaos carregados de cravo; e vendo quanto em perjuizo aquillo era do commercio de El-Rey, pedio a D. João Ronquilho quizeſſe ir com ſua Armada dar nelles, o que elle acceitou; e negociando-ſe bem, foi tomar Bachad. Os Jaos tanto que víram a Armada, quizeram ſegurar as vidas, e houveram por ſeu partido deixar os Juncos, e pôr ſuas peſſoas em terra. D. João Ronquilho chegou aos Juncos, e os tomou com ſeiscentos bares de cravo, que tinham em ſi trezentos cada hum; e não ſe contentando com eſta boa preza, determinou de dar em terra, e haver os Jaos ás mãos; e aſſim deſembarcou com todos os ſeus: e nem em terra os quizeram os Jaos eſperar, e ſe recolhêram pera o mato, aonde tambem os foram buſcar, e os commettêram denodadamente. Os Jaos perſeguidos daquella maneira, determináram-ſe a morrer; e fazendo-ſe amoucos, remettêram com os noſſos, mettendo-ſe pelas lanças ſem nenhum medo, e foram ferir mortalmente alguns Portuguezes que hiam

ijam na companhia. Vendo a determinação dos Jaos, disseram aos Hespanhoes que vinham amoucos, e que trabalhassem por hos desviar que lhe não chegassem. Hum Hespanhol daquelles indireitou com hum Jao, e lhe metteo huma lança pela barriga; e lançando o Jao as mãos á hastea, foi correndo por ella pelo corpo, trabalhando por chegar ao Hespanhol com hum criz que levava; mas acudio outro Hespanhol, e deo no Jao tal golpe que o derribou morto, e alguns dos Jaos peleijavam com humas armas, a que chamam Calabas, que são á maneira das fisgas, que tem huma arpoeria de pouco mais de braça e meia com o cabo, e lhe andava prezo no braço; e assim como atiram, se acertam o inimigo, o fisgam, e alando pela arpoeria, os levam a si, e os matam, e assim hum destes atirando a hum soldado Portuguez, chamado Affonso Gil, o fisgou por huma ilharga, e foi alando por elle. Vendo-se o soldado daquella maneira, arrancou de hum criz, que levava na cinta, e deo tal golpe em si naquella ilharga, por onde a fisga estava mettida, que se abrio todo, e a fisga com a força se desafferrou, e o soldado foi logo soccorrido de outros que o tiráram, e o leváram ás embarcações, onde o curáram, e viveo depois muitos annos: em fim por não

gas-

gastarmos o tempo, os nossos apertáram tanto com os Jaos, que com morte de mais de sincoenta os mettêram pelos matos espessos, aonde os nossos não puderam entrar.

Feito isto, recolheo-se D. João Rouquilho com alguns feridos; e chegando aos Juncos, por se não embaraçar com elles, lhes mandou pôr o fogo assim carregados, e todos ardêram sem escapar nada; e depois, segundo nos disseram, o Doutor Sant-Iago de Vera, Governador das Filippinas, demandou este cravo a D. João Ronquilho, dizendo que já estava de preza pera ElRey, e que não o podia queimar, no que lhe deo muito trabalho, e não soubemos no que isto parou. D. João Ronquilho chegou a Tidore, onde ficou favorecendo a guerra contra ElRey de Ternate, dando alguns assaltos em suas Ilhas, e povoações. Dahi a pouco chegou áquella Fortaleza o Galeão da carreira, de que era Capitão João Alvares Pereira, em que hia embarcado; D. Alvaro de Castro provído com aquella Capitanía, que foi logo mettido de posse, e juráram ElRey D. Filippe por Rey pelos papeis que o mesmo D. Alvaro de Castro pera isso levava, e assim ficou correndo com os trabalhos da Fortaleza; e não havendo dous mezes que nella estava, quando deo huma enfermidade, que foi geral naquellas

Ilhas,

Ilhas, que era de ares corruptos, por haver mais de dous annos que não chovia; de que adoecêram todos, e começáram a morrer muitos, e dos primeiros foi João Alvares Pereira, Capitão do Galeão, e após elle D. Alvaro de Castro, que deixou nomeado em seu Testamento por Capitão da Fortaleza a hum Martim Affonso de Figueiredo, casado em Malaca, por huma Provisão que pera isso levou do Viso-Rey, em que lhe dizia que ElRey lhe fazia mercê da Capitanía daquella Fortaleza, sobre o que começou a haver algumas alterações, e bandos. D. João Ronquilho, que pousava na Fortaleza, estava enfermo, e vendo aquella confusão, fechou-se nella com os seus, e mandou dizer aos Officiaes, e moradores, que não havia de entregar aquella Fortaleza senão a quem se julgasse por justiça: que lhes requeria que se compuzessem, e se determinasse aquelle negocio sem alteração. Emfim depois de ambos os pertensores debaterem, e requererem seu direito, vieram-se compôr em o mesmo D. João, que tomando pareceres, e vistas as razões de ambos, julgou por Diogo de Azambuja, vista a Carta de ElRey, em que dizia que fazia a mercê que o Conde lhe diria, e a sua Carta, em que tambem dizia que elle lhe fazia a mercê, que o Conde lhe di-

diria do Capitão de Maluco, pelo que logo foi mettido de posse.

Poucos dias depois disso sarou D. João Ronquilho, e partio-se pera a Manilha, deixando já aquella Fortaleza em melhor estado. ElRey de Ternate tanto que soube da sua sahida, receando-se que tornasse com maior poder, achou-se sobresaltado, e pareceo-lhe que seria aquillo sua perdição; porque já que ElRey D. Filippe herdára aquelles estados, devia de mandar metter maior cabedal pera tornar a haver aquella Fortaleza ás mãos; e cuidando no que faria, pareceo-lhe melhor meio fazer-se amigo com ElRey de Tidore, persuadillo que se levantasse contra os Portuguezes, e Hespanhoes, que os matassem a todos, e que não consentissem mais outros naquellas Ilhas; e para o obrigar mais, metteo-se em algumas corocoras, e foi-se a Tidore, e do mar mandou recado a ElRey pera que se vissem, sem dar conta a Diogo de Azambuja de nada, e foi-se metter na sua corocora, de que o Capitão foi avisado; e receando-se de alguma novidade, recolheo em a Fortaleza a todos os Portuguezes, e negociou sua artilheria, e se poz em armas, porque o não tomassem de sobresalto. Juntos os Reys começou o de Ternate de persuadir o outro ao que levava no intento,

to, encarecendo-lhe ainda mais os Hespanhoes, affirmando-lhe que eram peiores de contentar que os Portuguezes, e que com tudo huns, e outros se não contentavam do que liberalmente lhes davam, senão que ainda se queriam fazer senhores das pousadas alheias, como se tinha visto naquellas Ilhas: que deviam de trabalhar por lhes cortar as raizes, primeiro que viessem a crescer tanto, que comessem tudo, e que lhes lembrasse que ambos eram parentes, cunhados, amigos, e sobre tudo de huma mesma lei, a quem os Portuguezes tinham feito tão grandes affrontas: que entendessem que se o jantassem hum dia, que a elle o haviam de cear ao outro, que o bom seria ajuntarem-se ambos, e convocarem parentes, e amigos, e cortarem aquelles herpes, primeiro que lhes chegassem aos corações. ElRey de Tidore o ouvio bem; e considerando aquellas cousas, e correndo-as alli todas pela memoria, entendeo que lhe vinha bem sustentar os Portuguezes em sua terra, porque se os lançasse della, estava muito certo tomar-lhe logo o Reyno ElRey de Ternate, como mais poderoso; e como todas as suas cousas as declaram por figuras, e comparações, não lhe respondeo mais que com esta pergunta: Se dous homens forem a hum desafio, hum com espada só, outro com

com espada, e rodella, qual delles estava de vantagem? O Rey de Ternate lhe disse, que o da rodella: Ah sim? disse o de Tidore: Pois que se vê que os Portuguezes são minha rodella, quero-me amparar com elles. Vendo o de Ternate aquelle desengano, voltou pera sua casa, e o de Tidore chegando a terra, lhe disseram que o Capitão estava na Fortaleza com todos os Portuguezes postos em armas, e em grande revolta, sem saberem o que era, do que elle ficou hum pouco embaraçado; e indo-se á Fortaleza, entrou nella só, e muito seguro, e confiado; e achando todos em armas, perguntou que novidade era aquella? Diogo de Azambuja vendo a segurança daquelle Rey, lhe respondeo, que lhe disseram que sua Alteza se fora metter nas corocoras de ElRey de Ternate, que era seu inimigo, e que já o tivera prezo; e por não saber o que aquillo seria, estava prestes pera lhe acudir, se lhe quizessem fazer algum desacato. ElRey estimou muito aquillo, e lhe disse que assim se esperava delle. Neste estado deixaremos agora estas cousas até tornar a ellas.

CA-

CAPITULO VIII.

Das Armadas que o Viſo-Rey D. Franciſco Maſcarenhas ordenou: e das náos que eſte anno de 582. partíram do Reyno: e do que lhe ſuccedeo na viagem.

POrque as couſas de Damão não póde ſer contarmo-las por pedaços, nos pareceo bem concluirmos com ellas, como temos feito, por não cortarmos o fio da hiſtoria: pelo que ſerá neceſſario tornar a continuar com as couſas, em que o Conde D. Franciſco Maſcarenhas provêo no inverno, e com as Armadas que deſpedio pera fóra. Acabado o verão, tratou logo o Viſo-Rey das Armadas, que havia de mandar pera fóra, e de reformar os navios pera iſſo, principalmente pera Malaca, porque determinou de nos primeiros dias de Setembro ſoccorrer aquella Fortaleza; porque nos derradeiros navios que daquellas partes vieram teve cartas de como o Achem affrontado do ſucceſſo paſſado mandava ordenar huma groſſa Armada contra aquella Fortaleza, e foram as novas a tempo que já não podia prover: pelo que tinha determinado de hũa entrada de Setembro mandar hum Galeão com cem

homens, e muitos provimentos, e munições, a que mandou dar grande preſſa; e juntamente com iſſo aos navios, e galés, que haviam de ir a Malaca, no que ſe gaſtou todo o inverno; e na entrada de Agoſto ordenou alguns navios pera mandar ao Malabar pera proverem de mantimentos na Coſta do Comorim, e algumas náos, que eſtavam carregando de pimenta pera Meca; e pera eſta jornada elegeo D. Gilianes Maſcarenhas ſeu ſobrinho, que começou a correr com a Armada: e porque pela muita guerra que Mathias de Albuquerque tinha feito o anno atrás ao Malavar, com que o poz em tanta neceſſidade, e aperto, que lhe mandou pedir pazes, ſobre o que elle o não quiz ouvir, pelo que lhe foi neceſſario mandar a Goa a tratallas com o Viſo-Rey eſte inverno, e com conſelho dos Capitães ſe aſſentou que ſe lhe concedeſſem; e que pera mais authoridade foſſe Mathias de Albuquerque ao Malavar, e que lá as aſſentaſſe, e concluiſſe com elle, ſem embargo de haver de ir em Janeiro entrar na Capitanía de Ormuz, porque tudo podia fazer até todo o Novembro, e que ſe podia recolher, e deixar a Armada a D. Gilianes Maſcarenhas pera ficar naquella Coſta todo o mais reſto do Verão. Concluido iſto, começou o Viſo-

Rey

Rey a deſpachar os navios que D. Gilianes Maſcarenhas havia de levar, que haviam de ſer oito, que a quatorze de Agoſto lançou pela barra fóra com tempos ainda verdes, e grandes trovoadas. Os Capitães que foram com elle, são: D. João da Cunha, Franciſco de Brito de Siqueira, Antonio Pereira Pinto, Belchior Brangel, Lopo de Atouguia, Diogo Canto, e Sebaſtião de Negreiros; e chegando eſta Armada ao rio de Bacanor, ſoube D. Gilianes eſtarem dentro duas náos á carga pera o Achem, pelo que ſurgio ſobre aquella barra, porque não ſahiſſem pera fóra. Vendo os Mercadores impedida a barra, e que ſe deixaſſem de fazer viagem perdiam muito, mandáram tratar com D. Gilianes Maſcarenhas que queriam ir pagar direitos á Fortaleza de Barçalor, e a tomarem Cartazes daquelle Capitão, e que lhe dariam a iſſo fianças, e ſeguranças, o que lhes elle concedeo, e elles foram pagar direitos, e moſtrar como não levavam fazendas defezas. Feito iſto, paſſou D. Gilianes á Coſta do Malavar, e foi por ella tomando alguns navios pequenos, que hiam a buſcar a nóz, e conforme a Certidão que paſſou deſta jornada, foram treze; e ſendo aviſado que no rio de Cunhale ſe faziam preſtes alguns navios de Coſſarios pera ſahirem a rou-

roubar, foi-lhe neceſſario tomar-lhes aquella barra, aonde eſteve com infinito trabalho, até chegar Mathias de Albuquerque com a mais Armada, e por iſſo o deixaremos até tornar a elle; porque he neceſſario continuarmos com outras couſas.

Depois que ElRey D. Filippe teve os recados que diſſemos, e vio como ficava na India jurado, e obedecido pacificamente, e bem differente do que pela ventura ſe eſperava, determinou de prover em muitas couſas pera o bom governo daquelle Eſtado, e entrou no deſpacho das náos, de que havia de ir por Capitão Mór Antonio de Mello de Caſtro, que tinha comprado aquella viagem a Pedro Peixoto da Silva; e dando-ſe preſſa ás náos, que eram ſinco, ſe fizeram á véla a quatro de Abril, o Capitão Mór na náo S. Filippe, Diogo Taveira nas Chagas, onde ſe embarcou, João da Silva, irmão de Fernão da Silva, Regedor da Caſa da Supplicação, que era deſpachado com a Capitanía de Malaca, e levava comſigo D. Manoel de Almada ſeu ſobrinho, filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e de huma ſua irmã, Luiz Caldeira na náo S. Luiz, onde ſe embarcou Gaſpar de Brito do Rio, que eſtava deſpachado com a Capitanía de Ormuz, Gonſalo Rodrigues Cal-

Caldeira, na náo Boa-Viagem, e João da Fonseca no Galeão S. Francisco, que havia de ir carregar a Malaca. Estas náos seguindo sua viagem, achâram tempos tão fortuitos, que a náo Capitânia, e o Galeão de Malaca, por não poderem passar os abrolhos, arribáram ao Reyno, e a náo Chagas passou adiante, e foi tomar Moçambique tarde, que lhe foi forçado ficar alli; e depois na entrada de Dezembro se partio pera o Reyno com a carga da náo S. Pedro, de que era Capitão Leonel de Lima, que tinha vindo de Malaca; como no Cap. VIII. do Liv. I. se verá; porque por chegar alli tão destroçada, que não podia fazer viagem, se assentou que se tomasse á náo Chagas aquella carga; e se tornasse pera o Reyno, e que a náo S. Pedro fosse invernar á India pera se concertar, porque alli não havia apparelho pera isso: e certo que parece grande descuido não haver naquella Fortaleza huma Ribeira de ElRey com a Fabrica de Madeira de toda a sorte, entenas, e ferro, porque cairo, e breu ha infinidade delle pera alli se concertarem as náos que alli invernão, e se proverem do que houverem de mister, a cuja falta, e mingua vimos alli perder muitas que importavam muito, e em que ElRey, e os contratadores das

náos,

náos, e os passageiros recebêrão notaveis perdas: e tudo póde ElRey pôr naquella Fortaleza, em taurins grandes, e vendello muito bem aos contratadores das náos, no que fora mercadoria, e dobrára o seu dinheiro; e as náos, que tanto lhe importa achar alli o remedio que agora lhes falta. Esta náo S. Pedro, depois que deo carga ás Chagas, partio-se pera a India em fim de Março; e por não poder tomar a barra de Goa, foi invernar onde invernou a náo S. Luiz, de que era Capitão Luiz Caldeira: foi-se metter no parcel de Sofala; e estando surta defronte do Rio Quilimani com levantes, foi com as correntes caçando pera terra; o que visto por Gaspar de Brito, e por outros, havendo a náo por perdida, embarcáram-se no batel, e foram-se pera terra, o que foi causa de todos descorçoarem, porque com elles estavam animados. Estando os Officiaes em grandes desconfianças, passou pela náo Sampayo, que vinha de Sofala, e o Capitão disse aos Officiaes da náo que se fizessem á véla com a cevadeira, e mezena, e armassem huma cruzeta (porque tinham já cortados os mastros) e se fosse pera Moçambique que elle os acompanharia, porque começava já a ventar da banda do ponente; mas como os Capitães, e Officiaes estavam des-

cor-

forçoados de todo , e já não tratavam de mais que de salvar as vidas , podendo salvar a ellas , a náo , e as fazendas , não querendo fazer nada do que elle disse , o Capitão do Pangaio , tanto que a maré encheo por sua propria vontade , deram pique ás amarras , e foram varar em terra pera onde se foram no batel , deixando a náo em secco ; e fazendo-se em pedaços , sem quererem os Officiaes della mais que quatrocentos mil cruzados de reales , que levavam de partes , nem passarem-se com elles ao Pangaio , o que muito bem puderam fazer , se entendêram que a náo forçado se havia de perder ; e davam por razão que aquelle dinheiro corria o risco daquella náo , e que tirando-o della , acontecendo-lhe algum desastre em terra , lho fariam pagar , como se em ficar na náo ganhavam seus donos alguma cousa , e corria menos risco que na terra , e assim se perdeo todo á mingua , e não sabemos o que em Portugal se fez nisso.

Este dinheiro foi ter todo ás mãos dos Mouros , e Cafres da terra , e delles aos casados de Moçambique , onde Gaspar de Brito morreo de febres , só a náo Boa-Viagem chegou este anno á India , por que o Conde Viso-Rey teve novas de ElRey , que elle festejou muito , e com isso despedio

dio o Galeão, que eſtava já preſtes pera Malaca, de que tinha nomeado por Capitão Pedro Lopes de Souſa, que por achar tempos contrarios tornou a arribar, o que o Conde ſentio muito pela neceſſidade em que aquella Fortaleza havia de eſtar.

CAPITULO IX.

Das couſas que o Viſo-Rey mais proveo: e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monroi a Cananor: e de como D. Miguel da Gama ſe foi pera o Reyno na ſua náo Reliquias.

VEndo o Viſo-Rey que não havia mais que a náo Boa-Viagem pera ir pera o Reyno, por terem chegado novas de Cochim, que não fora lá nenhuma outra náo, ficou triſte, porque quizera elle que em ſeu tempo não ſe ſentíra na India falta de pimenta, que he o ſubſtancial; e pera remediar iſto, ſe contratou com D. Miguel da Gama pera ir a ſua náo Reliquias pera o Reyno, que elle preparou, e negociou muito bem pera ſe ir nella, porque não quiz eſperar pera fazer outra viagem de Japão, porque era tão pouco cubiçoſo, que ſe contentou com o procedido da pri-

mei-

meira: couſa muito pera eſpantar, porque o officio da cubiça he, que quanto hum homem mais tem, mais deſeja então.

Em quanto o Viſo-Rey dava deſpacho ás couſas do Reyno, deſpedio Mathias de Albuquerque pera o Malavar, que ſe fez á véla em fim de Outubro com duas galés, elle em huma, e Leonel de Brito na outra, e dezeſeis navios, cujos Capitães eram André Furtado de Mendoça, D. João de Caſtro, Antonio de Azevedo, Gonſalo Coelho, Sebaſtião de Macedo, Luiz Gonſalves Magro, Coſme de Lafetar, Duarte da Silveira, Franciſco Fernandes Moricale, Pedro Fernandes ſeu ſobrinho, e outros: levava mais huma galeaça, de que era Capitão hum Foão Correa, de ſua obrigação, carregada de mantimentos, munições, e outros provimentos pera a Armada.

Deſpedida eſta, ordenou o Viſo-Rey com a Cidade outra pera andar na Coſta do Canará, dando guarda ás cafilas de mantimentos, que vem a Goa, que ſe havia de fazer do hum por cento da Cidade, como eſtava contratado com ella: deſta Armada foi por Capitão Guterres de Monroi de Béja, que hia em huma Galé, e ſinco navios, de que eram Capitães Jeronymo de Azevedo Coutinho, João da Silva de Vaſconcellos, Gonſalo de Souſa, Bal-

Balthazar Fernandes, e Manoel Nunes. Esta Armada fez este verão tres, ou quatro viagens com cafilas muito grandes, com o que a Cidade se proveo bastantemente pera o inverno.

Despedidas estas Armadas, foi o Viso-Rey dando pressa aos despachos das náos, que haviam de ir pera o Reyno, porque não eram mais de duas, e havia muita gente: foi a feira tão cara, que por darem hum lugar pera dormir a hum homem, e de comer a elle, e a hum moço, levavam os Officiaes oitocentos pardaos. Esta he a razão, por que muitos deixáram de ir requerer seus serviços, porque não tinham com que poderem supprir a tão excessivas despezas, como são as desta viagem, e depois as da Corte, e ficam morrendo de fome pelos Hospitaes da India.

E tornando ás náos a Boa Viagem, tomou primeiro a carga, e partio-se pera o Reyno: as Reliquias pelo muito que teve que concertar, deo á véla a vinte e hum de Fevereiro, tão tarde que hiam os homens desesperados de poderem chegar ao Reyno. Seguindo estas náos seu caminho, já junto das Ilhas Terceiras pelejou a náo Boa Viagem com tres, ou quatro Inglezas; e foi a briga tal, que depois de muitos damnos de parte a parte, se foram

os

os inimigos recolhendo. A náo Reliquias achou no Cabo de Boa-Esperança tamanhos contrastes que esteve arriscada, e os Officiaes quizeram muitas vezes arribar a Moçambique; mas D. Miguel da Gama sempre os animou, e esforçou, soffrendo grandes riscos, e perigos por passar ao Reyno; e assim pairou tanto, até que Deos lhe deo tempo com que passou o Cabo, e chegou a Lisboa, e surgio dentro no rio defronte dos Paços, acudindo toda a Fidalguia, e Senhores que havia na Corte pera desembarcarem D. Miguel da Gama. Quiz a desaventura que das muitas bombardadas que a náo atirava pera salvar a Cidade, que tomasse fogo, estando rodeada de muitas embarcações, e com muito trabalho se apagou: e pela muita, e grande revolta em que isto metteo a Cidade, e pelo risco em que foz a náo, e tanta nobreza, mandou ElRey que nunca mais salvassem as náos depois de estarem surtas. Este Fidalgo vendeo a sua náo, e depois de ir beijar a mão a ElRey, se recolheo pera a Vidigueira, onde se quietou, e aposentou, e furtou muitas vezes o corpo a honras, e lugares bem honrados.

E deixando estas cousas, tornemos a Mathias de Albuquerque, que deixámos partido pera o Malavar, que de caminho foi vi-

visitando as Fortalezas do Canará, provendo em muitas cousas; e chegando a Calecut, surgio com toda a Armada sobre seu porto, e tratou com o Comorim por recados sobre o negocio das pazes, de que elle em principio mostrou gosto; mas como dellas não esperavam os Mouros proveitos, senão perdas, que lá tiveram suas intelligencias com que entretiveram o Camorim, que começou a se mostrar frio naquelle negocio; e sobre refens que lhe o Capitão Mór pedia pera conclusão das pazes, começou a haver tantos inconvenientes, e dilações, que enfadado Mathias de Albuquerque daquellas cousas (como quem sabia mui bem donde nasciam todos aquelles estorvos) mandou lançar em terra alguns Naires, que o Comorim lhe tinha mandado a' modo de refens. E por elles lhe mandou dizer, que lhe havia por alevantadas as tregoas; e que soubesse que lhe havia de fazer toda a guerra que pudesse; e tanto que foi noite, deo recado a toda a Armada que se ajuntasse a elle, e fossem surgir defronte da Cidade, e a batessem do mar, em quanto elle lhe não fizesse final, porque determinou de mandar queimar duas náos, que estavam varadas a huma parte, e quiz fazer crença de commetter a desembarcação pela face da

Ci-

Cidade pera divertir os inimigos a terem, os que haviam de ir áquelle negocio, tempo de o fazerem a ſeu ſalvo: o que encarregou a Franciſco Fernandes Malavar, e lhe deo ordem do que havia de fazer, e em ſua companhia mandou a Manchua do cercaço da ſua Galé com alguns ſoldados de confiança pera ajudarem. Preſtes todos, tanto que foi o quarto da madorra, chegou a Armada a terra, e começou a eſbombardear com grande terremoto, e eſpanto. Os Mouros, que acudíram áquella parte, cuidando que os noſſos queriam deſembarcar, e o Comorim, mandou que acudiſſe todo a ſeu poder, e a praia ſe encheo de gente armada. Franciſco Fernandes, e os companheiros, que tinham a cargo queimar as náos, tanto que ouvíram a tormenta da artilheria, foram-ſe cozendo com a ribeira, e hum pouco affaſtados das náos deſembarcáram em muito ſilencio; e chegando a ellas ſem acharem impedimento algum, lhe puzeram o fogo muito á ſua vontade; e depois de atear em ambas, ſe foram recolhendo a ſeu ſalvo, ficando as náos ardendo com tamanha braveza, que mettêram eſpanto em toda a Cidade, e aſſim ſe desfizeram em pó, e cinza com grande mágoa, e dor do Comorim, porque o houve por affronta notavel.

Fei-

Feito isto, recolheo-se Mathias de Albuquerque, e foi por toda aquella Costa, fazendo a mór guerra que pode, mandando queimar muitas povoações por Francisco Fernandes Malavar, e por seu Sobrinho, a quem acompanháram todos aquelles Fidalgos, e Capitães com muito gosto; e as principaes que se queimáram foram Paxagale, Copocate, e Chatica, que são as maiores, e as mais soberbas daquella Costa. Estas cousas todas se fizeram com muito risco, e perigo, assim á desembarcação, como ao recolher; e deixando toda a Costa assolada, e abrazada, fazendo-se tempo do Capitão Mór se ir negocear pera Ormuz, entregou a Armada a D. Gilianes Mascarenhas, como lhe escreveo o Viso-Rey, quando lhe mandou licença pera se ir entrar na sua Fortaleza por lhe caber o tempo, e na sua galé se recolheo pera Goa na entrada de Dezembro, e começou a tratar de seu despacho, que o Conde D. Francisco lhe deo mui liberalmente, e em Janeiro se embarcou.

CAPITULO X.

O que aconteceo a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar pera irem castigar o Colle.

HE necessario que continuemos agora com Fernão de Miranda, e com D. Jeronymo Mascarenhas, que esperam por nós ha muito. Já atrás temos dito de como o Viso-Rey mandou ordem a Fernão de Miranda pera em Baçaim armar alguns navios, pera com elles ficar guardando a Costa do Norte todo o resto do Verão. Com este recado se foi por Baçaim pera dar pressa áquelles negocios, e em poucos dias armou oito navios muito bons, e cheios de muito illustrosa soldadesca, e meiado de Novembro se fez com todos á véla. Os Capitães eram Francisco de Miranda Henriques, Manoel de Carvalhal, Pedro de Vargas, Luiz de Freitas, Gaspar Vaz, Pedro de Sousa, e Braz da Silva de Abreu: neste mesmo tempo chegou D. Jeronymo Mascarenhas de Ormuz com toda sua Armada; e sem descançar dos trabalhos da jornada, o despedio o Viso-Rey logo com huma Armada de oito navios pe-

pera ſe ir a Baçaim ajuntar com Fernão Miranda, pera que ambos com o Capi- daquella Cidade foſſem dar hum caſtigo ao Rey dos Colles pelos damnos que aquellas terras de Baçaim havia tantos annos recebiam delle, de cujos moradores tantos clamores vinham cada dia aos Viſo-Reys; e querendo o Conde acudir a iſto pela grande perda que ElRey, e os moradores daquella Cidade recebiam, ordenou que ſe ajuntaſſem todos eſtes Capitães, e que entraſſem pelas terras de Colle, e lhas deſtruiſſem de todo, por tocarem aquellas couſas já no credito do Eſtado; porque os Lavradores das Aldeias foreiras a ElRey de Portugal pera viverem ſeguros deſte ladrão, lhe pagavam em ſegredo huma penſão, que era de cada mura de bate dous larins, que vinha a montar muito pela groſſidão daquellas terras: pelo que tinha o Viſo-Rey mandado a Manoel de Saldanha, Capitão daquella Fortaleza, que ſe fizeſſe preſtes com todos os ſeus moradores, pera que em chegando D. Jeronymo, e Fernão de Miranda, puzeſſe logo aquella jornada em effeito. D. Jeronymo partio de Goa na entrada de Janeiro deſte anno de quinhentos oitenta e tres, em que com o favor Divino entramos, e os Capitães de ſua Companhia foram Pedro Homem

Pe-

Pereira, João Rodrigues Coutinho, Antonio de Lima, D. Manoel Affonſo Henriques, João Barriga Simões, Balthazar Jorge Barata, e Domingos da Coſta. Dada á véla, foram correndo a Coſta, e anoitecendo-lhe hum dia defronte de Ceitapor, recolhêram-ſe dentro naquelle Rio; os navios de D. Manoel Affonſo Henriques, Pedro Homem Pereira, Balthazar Jorge Barata, e Antonio de Lima, e D. Jeronymo com os mais navios paſſou avante, e foi ſurgir em huma enſeada, que eſtava logo perto: os que entráram no Rio de Ceitapor foram aviſados, que dentro eſtavam dous paráos de Malavares; e pondo-ſe em armas, tomáram o remo, e foram-ſe pelo rio aſſima pera os tomarem de ſobreſalto, primeiro que tiveſſem aviſo delles; e chegando ao porto em que eſtavam ſurtos, aſſim como hiam á voga arrancada, os inveſtíram, e lançáram muitas panellas de polvora. Os Mouros, que eſtavam dormindo bem deſcuidados, acordáram em meio das chammas, e não fizeram mais que dar comſigo no mar; e dando os noſſos cabos aos navios, os tiráram com todo o ſeu recheio, e foram ſurgindo na boca da barra; e ſendo o quarto da madorra, víram os da vigia vir duas vélas de mar em fóra demandando o rio. Eſtas eram hum paráo, que tra-

trazia hum Tauri carregado de mantimentos, e que o dia de antes tinha tomado a hum Portuguez; e apôs estas vélas viram logo outra, que era a fusta de João Barriga Simões, que por ficar fóra da enseada; onde se recolheo o Capitão Mór, houve vista daquellas vélas, e as vinha seguindo: o paráo veio demandando a barra sem ver os nossos navios, por estarem á sombra da terra já postos em armas, esperando que lhe fossem cahir nas mãos, como fizeram; e o primeiro que poz a proa no paráo foi Balthazar Jorge Barata; e primeiro que chegassem, lhe deram do paráo (porque tambem vinham prestes) com hum berço, cujo pelouro o tomou pela testa, e logo o derribou morto; e do outro pelouro cahio tambem hum soldado chamado Domingos Pinto; que tambem logo morreo. Pedro Homem Pereira, que hia logo apôs Balthazar Jorge, poz a proa no paráo, e se baldeou dentro com seus soldados, e em breve espaço axoráram o navio, mettendo todos os Mouros á espada; e dando toa ao paráo, e o Tauri, tornáram-se a seu porto, onde surgíram até pela manhã, e os leváram a D. Jeronymo, que não festejou muito aquillo, pela morte do Barata, e despedio os navios dos Malavares, e o Tauri pera Goa, e com elles D. Manoel

Af-

Affonſo Henriques, Pedro Homem Pereira, João Rodrigues Coutinho, Antonio de Lima, e Domingos da Coſta, ficando com elle os navios de João Barriga, e o que foi de Balthazar Jorge Barata, de que fez Capitão D. Bernardo de Menezes, que hia em huma Almadia pera Baçaim.

Eſtes navios, que hiam pera Goa, encontráram quatro paráos de Malavares, com quem peleijáram muitas horas muito esforçadamente; e por ſerem muito grandes, e levarem muita gente, não puderam ſer abordados; e ſe affaſtáram os noſſos com hum ſoldado, que ſe chamava de alcunha o Fonſeca, morto, e muitos outros feridos, e os Malavares ſe foram quaſi deſtroçados; os navios chegáram a Goa, e o Viſo-Rey deo o paráo com todo o ſeu recheio áquelles Capitães, e ſobre iſſo fez mercê de dinheiro, e logo os deſpedio com tanta preſſa, que ainda tomáram D. Jeronymo á entrada de Baçaim, que ſe deteve em Chaul.

Agora continuaremos com Fernão de Miranda, que deixámos ſahido de Baçaim; e andando dalli até Gaçaim, teve por novas que na enſeada de Cambaya andavam alguns corſarios, pelo que lhe foi forçado voltar pera lá; e ſendo tanto ávante com a Gaçaim, eſtando ſurto da banda de fó-

ra, elle com dous navios, de que eram Capitães Luiz de Freitas, e Braz da Silva; porque os mais estavam em terra, víram vir do mar duas galeotas de Malavares á véla, que os vinham demandar, cuidando serem navios de Mercadores; e sendo já perto que os conhecêram, e víram que estavam em armas, e com o remo em punho, voltáram em outro bordo pera se acolherem; mas Fernão de Miranda com os seus navios largáram as vélas, e os foram seguindo: huma das galeotas não se preparou tão bem, e ficou á terra, e de longo della foi fugindo; a esta tomou Fernão de Miranda o balravento, e desandou sobre ella; e assim á véla lhe poz a proa de meio a meio, deitando-lhe logo dentro huma somma de panellas de polvora, e da pancada ficou a galeota toda adornada, e da pressa que tiveram de acudirem a véla se acabou de virar, tendo primeiro dado huma boa surriada de espingardadas aos nossos, de que feríram alguns, e matáram Pedro de Valderrama, muito bom soldado. Fernão de Miranda tomou a véla, e a remo andou á pescaria dos Malavares, que andavam a nado, e assim ás espingardadas, como ás lançadas, não escapou hum só de mais de cento e sincoenta que eram. Dos outros Capitães hum Luiz de Freitas foi

se-

ſeguindo a outra galeota até perto de Baçaim, que eram duas leguas; e indo já a tiro de falcão, lhe atirou huma bombardada, que quiz Deos que lhe acertaſſe o maſtro, e que déſſe logo com elle em baixo; e chegando á galeota, lhe poz a proa, e de bordo a bordo tiveram huma mui aſpera batalha, principalmente da eſpingardaria, de que feríram alguns dos noſſos, e entre elles a Luiz de Freitas de huma eſpingardada pela boca, que lhe raſgou toda huma queixada. Eſtando travados huns, e outros, chegou o navio de Braz da Silva, que tambem os foi ſeguindo; e dando huma bombardada na galeota, a metteo no fundo, e no mar foram todos os Malavares mortos. Feito iſto, voltáram os noſſos pera Baçaim, onde Fernão de Miranda deixou os feridos, e tomou outros ſoldados ſãos, e tornou a correr a enſeada de Cambaya, por onde andou até lhe darem recado do Viſo-Rey, que ſe foſſe a Baçaim ajuntar com D. Jeronymo Maſcarenhas pera a jornada de Colle; e deixando tudo, voltou pera lá; e quando D. Jeronymo chegou áquella Cidade, havia poucos dias que elle era entrado nella.

CAPITULO XI.

De como o Capitão de Baçaim com D. Jeronymo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe aconteceo até chegarem á sua Cidade, e a queimáram, e destruírão.

CHegados estes dous Capitães a Baçaim, acháram já a Manoel de Saldanha, Capitão daquella Cidade, prestes pera a jornada, que o Viso-Rey lhe tinha encommendada, e era tambem chegada toda a gente de cavallo das Tanadarias de Tarapor, e Maym pelo ter assim escrito o Viso-Rey a Martim Affonso de Mello, Capitão de Damão, a quem encommendou muito que tratasse com o Rey de Sarzeta pera se achar naquella jornada; e assim pera mais segurança della, com a primeira guia daquelles caminhos, que eram intrataveis, Martim Affonso de Mello teve nisto tal ordem que se vio com este Rey, e de tal maneira o persuadio ao que o Viso-Rey lhe pedia, que lho não pode negar. E assentados nisso, lhe deo o Rey de Sarzeta dous filhos em refens pera segurança de sua lealdade, e elle se foi fazer prestes na Cidade de Talavarim, que he no extremo das terras de Damão, e das de Col-

le

le pera alli esperar os Capitães. Manoel de Saldanha tanto que teve recado de Damão, poz-se logo em campo com toda a gente que havia, e fazendo alardo, achou duzentos de cavallo Arabios, e oitocentos soldados de pé, e quinhentos peães gentios da obrigação das terras, a fóra escravos dos Portuguezes, e Christãos naturaes; e entre todos oitocentos de espingardas de toda esta gente fizeram tres bandeiras; a primeira de toda a gente de Baçaim, que seriam perto de trezentos homens, havia de ir com o Capitão de Baçaim, que levava a bandeira de Christo, e com ella ficáram estes Fidalgos, e moradores daquella Cidade de Baçaim Jorge Pereira Coutinho, Antonio de André Pereira, e seus filhos, D. Francisco de Noronha, D. Francisco de Menezes, e D. Bernardo seu irmão, D. Ruy Gomes da Silva, Manoel de Mello, Ayres da Silva de Mello, D. João Tello, e outros; e das outras duas bandeiras eram Capitães D. Jeronymo Mascarenhas, e Fernão de Miranda, e a gente de cavallo de Tarapor, e Maim ficou com seus Capitães pera rodearem o exercito, e pera corredores, e descubridores do campo, em que entrava tambem huma companhia de gente de cavallo de Baçaim, de que era Capitão D. Francisco de Noronha;

e por não haver differenças entre D. Jeronymo, e Fernão de Miranda, ordenáram que fossem aos dias, hum na retaguarda, e outro na vanguarda, e nesta ordem começáram a caminhar, levando assim a bagagem, como algumas peças de artilheria de campo no meio do exercito: a primeira jornada fizeram até Agaçaim, e dahi passáram a Manora, e Assari, no que se detiveram três dias, e dalli passáram a Talaverem, onde já acháram o Rey de Sarzeta com cento e sincoenta de cavallo, e quinhentos peães: os Capitães lhe fizeram grande recebimento, e Manoel de Saldanha o levou sempre a par de si, fazendo-lhe em toda a jornada grandes mimos, e agazalhados, e á sua gente mandou que fosse diante a descubrir o campo, e a mostrar os caminhos, e de longo de huma ribeira camináram sete dias, por onde se foram detendo, por ser muito fresca, e de boa agua até entrarem pelos matos, por que foram marchando com infinito trabalho, por ser todo tão espesso, aspero, e intratavel, que se não podia romper por elle pela malicia dos caminhos, que são muito estreitos, e por entre serranias altissimas, e bambuaes, que sobem ao Ceo, e tão grandes, e frondosos que de hum só pé sahe huma mata, que toma grande dis-

distancia, e de huma a outra parte se vem ajuntar por sima, deixando os caminhos tão estreitos, e fechados, que em muitas partes era necessario descerem-se dos cavallos, e levarem-nos pelas redeas, e irem cortando ramos, que davam pelos rostos a todos, e lhes fizeram muitas rascaduras, porque cortam como navalhas, dando estes bambuaes de quatro em quatro annos nas pontas novas que lanção, humas espigas de trigo faminto, que quasi quer parecer centeio, mas mais louro, de que se faz muito arrazoado pão, e delle colhem huma grande quantidade por aquelles matos, de que muitas vezes se sustentam. Por entre estes matos caminháram os nossos muito de vagar, assim pela espessura do caminho, como pela grande força da calma, que affogava os homens, por ser entre serras altissimas, onde o Sol reverbera, e onde nenhuma maneira de vento, nem viração tem entrado; e havendo quatro dias que caminhavam por entre elles, veio ter com os da nossa dianteira hum filho do Colle mais moço, e levado aos Capitães, lhe disse que elle andava fugido de seu pai por aggravos, e sem-razões que lhe tinha feito, e que vinha alli pera os servir, e acompanhar, e mostrar os caminhos, e avisallos de muitas cousas, e que a primei-

ra

ra era que não bebessem da agua dos poços que achassem, porque em todos tinha seu pai lançado trigo cozido, que he a mór peçonha que póde ser; os Capitães o agazalhátam, e recebêram bem, e lhe deram hum bom cavallo, e algumas peças outras, e aquelle dia, e noite foi com elles; e ao outro dia desappareceo sem ninguem dar fé delle, nem se soube nunca o que aquillo fora; mas devia de arrepender-se do odio com que vinha contra o pai. Indo assim os nossos mui enfadados do caminho, chegou hum peão apressado, e deo duas cartas a Manoel de Saldanha, huma de D. Francisco de Castro, Capitão de Chaul, e outra de Francisco de Frias, Veador do Melique, e lhe escrevêra, que elle tinha escrito a Cide Bofetá (aquelle Capitão Abexim, a que D. Constantino tomou Damão, como na Decada VII. fica dito) que depois que foi lançado daquellas terras, se foi pôr a soldo do Melique, Rey de Chaul, e Tavia entre os extremos de seus Reynos, e daquelle dos Colles lhe mandava que com tres mil homens de cavallo partisse logo em favor dos Capitães de ElRey de Portugal, e lhe ajudasse a destruir os Colles, e que lhe escrevesse que se fosse detendo até elle chegar; mas porque não sabia se aquillo era algum estrata-

ge-

gema, lhe encommendava muito que se apressasse, e que trabalhasse muito de fazer o negocio a que hiam, primeiro que elle chegasse. Estas cartas as mostrou Manoel de Saldanha a D. Jeronymo, e a Fernão de Miranda, e logo as novas se espalháram pelo exercito, com que começou rostinhos, e desconfianças, a que os Capitães acudíram, temperando-as com muito esforço, affirmando que aquillo eram invenções do mesmo Colle pera os entreter, e fazer tornar atrás, e assim foram passando adiante com grande resguardo, e no cabo de quinze dias chegáram á vista de Tavar, Cidade que estava edificada em o cabo de hum fermoso campo muito largo, e direito, e em sima de huma serra muito fermosa, que como atalaia descubria pera todas as partes muito longe. A Cidade era grande, e fermosa, a mór parte das casas de pedra, e terna, e os aposentos de El-Rey, que eram fantasticos, estavam cercados á roda de jardins, e pomares frescos a seu modo. Tanto que os nossos descubríram a Cidade, na mesma ordem que levavam a foram commetter, toda a gente de pé em hum esquadrão com suas bandeiras desenroladas, e a de cavallo pela testa della de huma, e outra parte: acertou este dia de ser a dianteira de Fernão de Miranda,

que

que ordenou a ſua gente muito bem, e com muita confiança commetteo a Cidade, que logo foi entrada ſem reſiſtencia; porque a tinha ElRey deſpejada, e eſtavam todos os ſeus moradores por ſima das ſerras vendo o noſſo exercito. Entrada a Cidade, vendo os Capitães que não tinham com quem peleijar, mandáram-lhe dar fogo por todas as partes, que ſe ateou ſoberbiſſimamente, pelo que os noſſos ſe ſahíram pera fóra, e a huma parte della aſſentáram o ſeu arraial, porque dalli deſcubriam o campo pera todas as partes, e não os podiam inquietar com ſobreſaltos: aqui eſtiveram tres dias, em que mandáram queimar todas as aldeias vizinhas, onde ſe roubáram muitas couſas, e matáram muito gado, e cativáram alguns lavradores, não deixando por alli couſa em pé que não foſſe feita em pó, e cinza.

CAPITULO XII.

De como os noſſos ſe foram recolhendo: e dos recontros que tiveram com os inimigos: e dos caſos que nelles ſuccedêram.

PAſſados tres dias, em que os noſſos eſtiveram ſobre aquella Cidade, vendo que lhe não ficava já nada em que moſtrar

ſua

[...]ira, alevantáram o arraial, e foram marchando por aquelle fermoso campo com suas bandeiras desenroladas ao som de seus tambores, e pifanos; e indo pelo meio do campo, lhe sahíram alguns de cavallo, e traváram com os nossos, que não deixáram seu compasso, e no cabo do campo lhe sahio ElRey dos Colles ao encontro com hum corpo de gente, que se estimava em seis mil homens, e tinha mandado diante hum Capitão seu com huma boa companhia, pera que travasse com a vanguarda, tanto que entrasse pelo mato, como fez; e outro Capitão que por outra parte pegasse com elle. Com aquelle corpo de gente commetteo os nossos da retaguarda, e o mesmo fizeram pelas outras partes, e deram muito trabalho aos que hiam entrando no mato, porque lhes tinham tomado as partes altas, e de sima os fréchavam a sua vontade. D. Jeronymo Mascarenhas, que levava a vanguarda, deitou duas mangas de arcabuzeiros pelas ilhargas do mato, que foram varejando de huma, e outra parte sem descançarem, e derribando muitos dos inimigos; e Manoel de Saldanha, que hia no meio com a bandeira de Christo, tambem se vio em aperto, porque os inimigos dos altos lhe feríram muita gente; e os que mór trabalho,

e

e risco passáram; foram os de cavallo, porque hiam mais em barreira, e não se podiam aproveitar delles por irem a fio por aquellas estreituras. ElRey, que pegou com a retaguarda tambem, apertou muito com Fernão de Miranda, que não deixou o seu compasso, nem sahir soldado algum do seu lugar, laborando com sua arcabuzaria com muito boa ordem: e todavia assim apertáram com elle, que lhe foi necessario voltar com sua companhia, e mandou a D. Francisco de Noronha, que ficou com elle, que com a gente de cavallo pegasse com os inimigos, por ser ainda no campo largo, o que elle fez com muito esforço, derribando daquelle primeiro encontro alguns, e misturados todos travâram huma fermosa batalha.

D. Francisco de Noronha andando na briga foi dar com hum soldado, que estava no chão debaixo dos pés dos cavallos dos inimigos; e rompendo nelles, os fez affastar, e alevantar o soldado, e lhe deo huma estribeira, e o fez cavalgar nas ancas, porque estava muito ferido; e com esta volta que Fernão de Miranda fez, paráram os inimigos, e os nossos tornáram a seu caminho até entrarem nas estreituras, por cujas ilhargas lançou Fernão de Miranda D. Bernardo de Menezes, e D. Ma-

noel

noel Affonso Henriques com suas companhias pera irem com sua espingardaria varejando os matos, e se affirma que matáram por entre elles muitos inimigos, porque oitocentas espingardas, que hiam no exercito nunca descançáram, e foram fazendo por aquelles matos grande destruição. Neste trabalho passáram até anoitecer, que se recolhêram a huma aldeia, em que descançáram até pela manhã com grandes vigias.

Ao outro dia tornáram a seu caminho, e começando a marchar, alevantou-se huma voz por todo o exercito que o Cide Bofetá vinha já com tres mil de cavallo perto, e que aquelle dia seria com elles: isto causou em todos grande alvoroço, e nunca os Capitães puderam ensacar donde aquella nova sahio, pelo que não deixáram de imaginar que era invenção do Colle pera fazer desordenar os nossos, como muitos começavam a fazer; e foi a cousa de feição que se sumírão alguns, e se adiantáram, e chegáram ás nossas terras hum dia primeiro que todos. Os Capitães sentindo aquelle alvoroço, acudíram a elle o melhor que puderam; e com grande confiança, e animo os aquietáram, e foram caminhando com grande resguardo por algumas aldeias que mandavam queimar;

Es-

Este mesmo dia chegou hum peão muito apressado, e deo a Manoel de Saldanha huma carta, e pareceo que era do mesmo Cide Bofetá; e nella lhe dizia que ao outro dia seria com elles; e como tinham aquellas cartas de D. Francisco, e de Francisco de Frias, em que o avisavam que elle se fazia prestes pera o ir soccorrer, ou fosse verdade, ou não, não se quizeram misturar com elles, e foram mais apressadamente fazendo sua jornada, dormindo nas melhores aldeias que achavam, não deixando de serem perseguidos dos inimigos, e de escaramuças. O Rey de Colle desejava de se satisfazer da affronta que lhe fizeram, e determinou de arriscar tudo, ou tomar vingança della, e foi sempre ladrando apôs elles até hum passo mui estreito, e difficultoso, que aquelles matos tem, onde se vem ajuntar duas grandes serras, e pelo pé deixam hum caminho tão estreito, que escassamente podem caber dous homens: aqui esperou o Colle os nossos com toda a sua gente lançada por sima das serras, que ficavam como perpendiculares sobre aquelle transito pera dalli ás frechadas os derrubarem hum a hum; sem se poderem ajudar huns aos outros, e pareceo-lhe que tinha alli a victoria certa, porque naquelle mesmo passo desbaratou

o

pai deste mesmo Colle ao Capitão do Malique, que foi sobre elle, e lhe matou perto de dous mil homens; e segundo alguns homens antigos de Tarapor dizem, foi este mesmo Cide Bofetá, e para memoria desta victoria tem alli huma serra de ossos, e caveiras. Chegados os nossos a este passo, foram entrando por elle, e os inimigos começáram de sima a encravallos muito á sua vontade, sem elles se poderem valer, nem defender; porque como os inimigos estavam por sima daquelles picos, e pela ligeireza que lhe a natureza deo, despidos, e encaixados com seus arcos, e espingardas nas mãos, saltavam de penedo em penedo, como bugios, e hiam fréchando os nossos a seu salvo, de que se elles não podiam defender por lhes ficárem os outros sobre as cabeças, e com o pezo das armas não poderem menear-se; e todavia quem as levava escapou ás fréchadas, e todos os mais ficáram tão empenados, que pareciam ouriços cacheiros.

Com todo este aperto não se descuidáram os Capitães de sua obrigação, e foram dando ordem á arcabuzaria, e varejando com ella pera todas ás partes; e como era tanto, sempre foi derribando muitos, e neste transe peleijáram todos valerosamente, na fórma em que o podiam fazer. Fer-

não de Miranda, que tambem naquelle dia lhe coube a retaguarda, foi muito apertado dos inimigos, e esteve perdido de todo; e chegando estas novas ao Rey de Sarzeta, que hia em companhia de Manoel de Saldanha, em ouvindo que Fernão de Miranda vinha trabalhado, como era grande seu amigo, virou muito apressadamente alto: *Peleija, meu Irmão*, que assim lhe chamava sempre; e chegando a elle com a espada na mão, como o vio em tamanho aperto, poz-se junto a elle; e chamando pelos soldados Portuguezes, lhes disse, que bradassem pelo Sant-Iago dos Portuguezes. E com este impeto com que entrou acompanhado dos seus, carregáram os nossos inimigos, e os fizeram voltar, ficando-lhes daquella feita nove de cavallo estirados. Passado este transe, em que tambem morrêram alguns dos nossos, foram caminhando mais desaffogadamente a entrarem nas terras de sua jurisdicção, deixando El-Rey de Colle tão destroçado, que muitos annos não tornáram os seus a se reformar, e a semear suas Aldeias, pelo que lhe foi forçado mandar pedir pazes, desistindo da imposição que queria pôr nas Aldeias dos Portuguezes, que o Viso-Rey lhe mandou conceder; e por ser já fim do verão, recolhêram-se aquelles Capitães das Armadas pera Goa.

CA-

CAPITULO XIII.

Da desastrada perdição de D. João da Gama, vindo de Malaca: e de como se salvou no batel: e do que passou até chegar a Cochim.

SUccedêram tantas cousas juntas na entrada deste anno de 583. que não foi possivel continuarmos com ellas por ordem, e por isso seguiremos nisto o melhor que nos parecer, porque nos não fique alguma, nem as confundámos, e por isto deixámos a perdição destas duas náos pera este lugar, por não cortarmos o fio ás cousas que succedêram mais perto.

No Cap. IX. do Livro II. temos dito como o Conde D. Francisco despachou Roque de Mello pera ir entrar na Capitanía de Malaca, de que tomou posse, da maneira que dissemos; e sendo a monção de se partir pera a India, que foi este Dezembro passado, embarcou-se D. João da Gama com sua mulher, e filhos, e fazenda em huma náo de D. Jorge Baroche seu sogro, que estava por Capitão de Cochim; e vinha tão rico este Fidalgo, que affirmavam trazer mais de cento e vinte mil pardáos de seu, e em sua companhia partíram outras náos, em que entrava o

Galeão, de que era Capitão Fernão Ortiz de Tavora, que não passou a Maluco, como já dissemos, porque lhe veio melhor tornar-se de Malaca com fazendas a fretes, por cuja falta a Fortaleza de Maluco padeceo os trabalhos que dissemos, posto que D. João da Gama a proveo algumas vezes, sendo Capitão de Malaca, como na IX. Decada fica dito. E seguindo estas náos sua viagem por differentes derrotas, aos 11. dias de Janeiro, entrando pelo boqueirão de Nicubar ás doze horas da noite, encalhou a náo em huma lagea, que está em 11. gráos, com tanta força, que logo se abrio pelo meio. D. João da Gama estava a este tempo de proa vendo mandar á via (porque já os Officiaes hiam com receio daquelle baixo); e sentindo encalhar a náo, foi correndo á poppa, aonde tinha sua mulher, e filhos, e já não pode passar por estar a náo aberta; e sendo avisado que os marinheiros se senhoreavam do batel, receando que lho levassem, acudio a elle, e mandou hum criado seu, pera que visse se podia passar á poppa, e lhe detivesse sua mulher, e filhos pera os recolher no batel; e assim foi; porque os Lascarís, que assim se chamam os marinheiros Arabios, vendo a náo encalhada, os que estavam de poppa saltáram

ram no batel, e forám-se alardo á proa pera tomarem suas mulheres que nella levavam, e recolherem-se. D. João da Gama vendo o batel de proa, lançou-se dentro com alguns criados seus, e desamarrando-se, foi demandar a poppa pera recolher sua mulher, e filhos; mas como naquelle boqueirão corriam as aguas muito, e o batel hia empachado, e sem remos mettidos, foi-se desviando da náo hum pedaço grande; o que visto por D. João, mandou surgir, e lançou ao mar hum pequeno balão, que dentro hia, e nelle mandou embarcar tres homens de confiança, pera que lhe fossem trazer a mulher, e os filhos, e elle se deixou ficar no batel, porque os marinheiros se não levantassem com elle. Os que hiam no balão fizeram esquipallo com alguns remos, e puzeram a elles escravos, valentes homens, e a poder de braço chegáram á náo, e recolhêram D. Joanna, que acháram sentada em hum camarote do porpao, e com ella tres, ou quatro criados seus, que a não largáram, que estava como morta, porque não sabia dos filhos, que eram dous, de que logo daremos razão. Mettida esta senhora no balão, a leváram a seu marido; que em extremo sentio vella daquella maneira, e não saber dos filhos, a

que

que elle queria muito, e principalmente ao mais velho. Este menino estava com a sua ama em outro gazalhado; e sentindo ella a matinada, o tomou comsigo, e sa- bio ao convés, que estava já [illegible] agua, e alli entre as mãos se lhe affogou o menino sem lhe poder valer: o outro, que era mais moço, lançou mão delle hum criado, e com elle se poz da proa na- quella parte, que estava assentada sobre a lage, e alli o teve comsigo até o metter em huma jangada, que alguns fizeram, onde o balão o achou, e o leváram ao batel, aonde já tinham levado sua mãi, e então soube da morte do outro filho; e tomando este nos braços, pranteou o mor- to com tantas mágoas, que internecêram a todos, e magoáram muito mais a D. João, que queria áquelle filho como os seus olhos; mas vendo que para remedio de todos era necessario esforço mais que lagrimas, tanto que amanheceo, foi de- mandar huma daquellas Ilhas de N[illegible]ar, a que estava da banda do Norte, que era despovoada, e nella desembarcou com sua mulher, e gente que com elle hia, e man- dou o balão recolher toda a que estava na não, que acháram em jangadas, e por ilhotas que alli havia, e em dous dias re- colhêram perto de trezentas pessoas entr

Por-

Portuguezes, e escravos, e morrêram affogados mais de sincoenta.

Vendo-se D. João naquelle estado, e que não havia outro remedio pera sahir dalli senão no batel, tratou de o concertar pera isso; e dando-lhe busca, achâram sinco, ou seis mãos de arroz, e algumas ovas de peixe seccas, a que os Malaios chamam trubos, que era o mantimento dos marinheiros que hião no batel; tudo isto mandou D. João pôr a bom recado, e deo ordem a se fazerem arrombados ao batel de muitos bambas que na Ilha havia, e cortar alguns canudos de outros muito grossos pera nelles recolherem agua pera a viagem, e mandou despejar o batel de muitas cousas que levava pera recolher nelle a gente que pudesse; e em quanto se isto fez, não quiz D. João que se bulisse no mantimento que havia, que era aquelle arroz, e ovas, e o tempo que alli estiveram se sustentáram de marisco todos, e de palmitos de sessenta palmeiras que na Ilha havia; e por não haver com que as cortar, lhes foram assima tirar os olhos. D. João deo muita pressa ao concerto do batel, porque se receou que da outra Ilha, que era povoada, e em que viviam grandes ladrões, os viessem saltear, e estava precatado com algumas armas que po-

póde ajuntar, das que o mar foi lançando por aquellas ilhotas; e como teve tudo prestes com sua mulher, e filho, e todos os Portuguezes, que eram sincoenta e quatro, vendo que ainda o batel era carrega de mais, escolheo os escravos, e escravas de melhor feição, e mais obrigação, e recolheo dentro perto de noventa; e a todos os mais que ficavam na Ilha fez huma falla, em que lhes dizia que bem viam a diligencia que fizera por salvar a todos; que lhes rogava que se consolassem, e ficando naquella Ilha, passassem como pudessem; que elle lhes promettia, e dava sua fé que na primeira terra de Christãos que tomasse, compraria hum navio pera os mandar buscar a todos; e com isto se fez á véla, e foi seguindo seu caminho com tão grande resguardo do arroz, que não comiam senão de vinte em vinte e quatro horas huma pouca de canja, que se cozinha em hum boião do Pegú, e meio quartilho de agua a cada pessoa, não querendo D. João que a elle, a sua mulher, e filho dessem mais que o ordinario; e assim foram atravessando aquelle grande golfo com tenção de irem tomar Negapatão pela banda de fóra da Ilha de Ceilão; mas como o Piloto já arriado da perdição, no cabo de treze dias achou-se dentro

enseada da Ilha de Ceilão: e porque o tempo não dava lugar pera sahirem della, e ir demandar os baixos, desembarcáram em Veadala com seguro dos Adagares, que são os principaes da terra; mas depois com a cubiça do resgate lhos quebráram, e reprezáram. Vendo-se D. João náquelle trabalho, mandou avisar o Padre Fernão de Menezes da Companhia de Jesus, que estava na costa da pescaria por Reitor, pera que o soccorresse. Era este Padre neto do Conde de Gantanhede, e filho de D. Pedro de Menezes da Fermozelha, homem virtuoso, e bom Theologo, que tanto que teve recado de D. João, logo despedio dous charatones carregados de mantimentos, e soldados; e chegando a Beadala, recolhêram D. João com toda a sua companhia, e no batel, e charatones se foi D. João de longo da costa até Cochim. Desembarcados em terra, logo D. João comprou huma Galiota, e metteo nella hum homem de sua obrigação, e lhe mandou que fosse buscar aquella Ilha, e recolhesse todas as pessoas, que nella ficáram, por se desobrigar da fé que lhes tinha dado. Este navio chegou áquella Ilha quasi no fim de Maio, e não achou nella pessoa viva, porque os da Ilha povoada tanto que víram que o batel se

par-

partio, foram á Ilha, e leváram a todos que nella acháram comsigo. Huma cousa notáram aqui os da Galeota, que não he pera passar: esta foi, que as palmeiras, a que os nossos tinham comidos os olhos, estávam outra vez renovadas, e cheias de cocos em espaço de sinco mezes que aquillo havia passado. O Capitão do navio, vendo que alli não havia que fazer, deo á vela pera Pegú, onde levava por regimento fosse invernar.

CAPITULO XIV.

De outra náo que se perdeo vindo da China junto de Jor: e dos recados que passáram entre o Capitão de Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda, que elle roubou della.

ENtre as náos que esta monção partíram da China, foi huma de hum Simão Ferreira, que fora Contratador da Alfandega de Malaca, na qual se embarcou a mór parte dos mercadores ricos que aquella monção partíram pera a India, e se affirma que vinha a mais rica que nunca partíra do porto de Macao; e atravessando o grande golfo de Cambaya da Ilha de Pulo Candor pera Pucotimão, teve hum tem-

po

porta-rijo que lhe levou o batel; e passado elle, indo demandar Malaca, fóra do trabalho da tormenta, que foi grande, fazendo pela ventura mais conta com o mundo que com Deos, com quem a não fazemos senão aos tempos de necessidade; o trabalho, sendo em treze de Janeiro, tanto ávante, como o rio de Jor; indo á véla descuidados, e contentes, foram encalhar em huma restinga de pedras, que está de redor de duas leguas ao mar daquelle rio; e estando a restinga cuberta, por ser agua preamar, de todo; e sendo a cousa tão sabida de todos, que não havia pessoa que a ignorásse, e o Piloto que na náo vinha havido pelo melhor de todos daquellas partes; e tanto, que vindo hum Junco em sua companhia, estando ambos surtos, hum dia de antes, e vindo os Pilotos á falla, deo o da náo regimento ao outro do rumo que havia de governar pera se affastar da restinga, pelo qual o Junco foi governado, e passou a seu salvo, e a náo foi encalhar nella de meio a meio em dia claro, e sereno; e dizendo muitos passageiros ao Piloto que hiam perto della, do que elle zombou, ou pera melhor dizer, quillo Deos cegar, e que os peccados de todos os levassem assim a encalhar, sem se poderem desviar, que parece quiz

Deos

Deos castigar o desafforo dos mercadores daquellas partes, que sem temor nenhum seu vem carregados de moças cativas, alvas, e fermosas, com quem estão muitos annos amancebados, trazendo-as em suas camaras, como suas mulheres; e como grandes, e publicos peccados são de Deos castigados com grandes, e publicos castigos, elle os tem dado taes nestas viagens da China, e Japão na perdição de muitas, e ricas náos, que puderam os homens recolherem-se, e recearem a pezada mão de Deos: e certo que parece que assim como naquellas partes reina mais a sensualidade que em todas outras, assim parece que mostra Deos alli mais sua ira naquelles duros, medonhos, e infernaes tempos, com que tantas vezes ameaçou, e castigou a muitos que chamam tufões, dos quaes já em outra parte démos particular relação. E tornando á historia, encalhada a náo no baixo, foi-se logo toda a huma banda; e como os homens hiam descuidados de tal damno, tomando-os assim de supito, ficáram todos como pasmados: e todavia alguns mais espertos acudíram a cortar os mastos, e alijar o fato do convés ao mar; mas nada aproveitou, porque como era preamar, e a maré começou logo a escabecear, ficou toda a náo em secco, e o

ju-

junco, que hia em sua companhia, do qual era Capitão, e senhorio Francisco Viegas, como hia governando pelo roteiro do Piloto, foi-se desviando ao mar derredor de huma legua; e em vendo encalhar a náo, surgio, e mandou lá o seu batel, mandando aos que nelle hiam que não chegassem á náo, porque lhe não mettessem dentro alguma ancora, pera portar, por recear metter-lho no fundo, por ser pequeno. Chegado elle á náo, víram andar todos della occupados a fazerem jangadas pera se salvarem, e outros já embarcados em alguns balões pequenos, que trazia a náo dentro, e hiam encaminhando pera o junco; e o primeiro que encontráram, foi hum, em que hia Antonio Dias de Mendoça, mercador rico, que levava na náo sincoenta mil pardáos seus, e com elle tambem Simão de Mendoça, que vinha de fazer huma viagem do Japão. Com este balão voltou o batel pera o junco, aonde tambem foram ter os mais balões, e jangadas, ficando na náo o senhorio della com algumas pessoas. Tanto que da terra víram dar a náo na restinga, acudíram muitas embarcações, a que chamam Celezes, que começáram a roubar, e escorchar tudo o que puderam; e Simão Ferreira, dono da náo, vendo aquillo, embarcou-se em hu-

huma daquellas embarcações, e foi á Jor, e se apresentou áquelle Rey, e lhe contou sua desaventura; e pedio-lhe que, pois era amigo de ElRey de Portugal, lhe quizesse dar embarcações por seu dinheiro pera ir tirar as fazendas daquella náo, e levallas a terra, que dellas lhe pagaria seus direitos. ElRey o consolou, e lhe disse que se não agastasse, porque tudo se lhe daria, e mandou logo que o Official da guarda, e Alcaide do mar fosse á náo, e lhe levasse todos os Portuguezes, que estavam na náo, o que elle fez; e depois que despejou a náo delles, e que os teve comsigo, mandou tirar toda a fazenda, e a recolheo na Cidade em tarracines, a que elles chamam Gudões, e o mesmo fez a toda a artilheria, cordoalha, poleame, e tudo o mais que se pode tirar da náo; e andando nesta descarga, foi passando outra náo, que vinha atrás, de que era Capitão Ignacio de Lima, que vinha de fazer viagem do Japão, em cuja companhia se foi o junco pera Malaca, e deram novas ao Capitão Roque de Mello do que se passava. Vendo elle a importancia do negocio, despedio logo João Rebello com cartas, e recado pera aquelle Rey, mandando-lhe requerer fizesse entrega de todos os Portuguezes, e fazendas, conforme ao

con-

contrato das pazes que entre elles havia; e vendo-se elle com aquelle Rey, e tratando aquelle negocio com elle, lhe disse; que estava prestes pera entregar tudo, mandando-lhe mostrar as fazendas, pera que visse que as tinha juntas, e bem acondicionadas; e assim o foi entretendo com manhas, e invenções até se partirem pera a India todas as náos que estavam em Malaca, porque tinham em Goa hum Embaixador, que nas primeiras náos, em companhia de D. João da Gama, tinha enviado ao Viso-Rey a confirmar as pazes, e outros negocios, porque lho não reprezasse; porque logo determinou de se alevantar com aquella bolada, que era de tamanha importancia. Tanto que foi avisado serem todas as náos partidas, começou a vender em segredo todas as sedas aos Crames, de que João Rebello foi avisado, e se lhe queixou disto, e escreveo a Roque de Mello tudo o que passava, aconselhando-lhe que armasse alguns bantins, e mandasse esperar estes Crames ao recolher pera as suas terras; e que tambem mandasse algum dinheiro a comprar aquella fazenda, que se vendia em bom preço. Este recado achou ainda huma náo, que estava pera dar á véla pera a India, pela qual Roque de Mello escreveo ao Viso-Rey tudo o que naquelle

ne-

negocio passava, e juntamente despedio hum Cheli, chamado João Pereira, com vinte mil cruzados em dinheiro seu pera os empregar naquellas fazendas. João Rabello puxou tanto por aquelle negocio com ElRey, lembrando-lhe as obrigações, e amizade que tinha com o Estado, e que não quizesse quebrar as pazes; porque o Viso-Rey havia de acudir áquellas cousas, que ElRey por lhe tapar a boca lhe começou a fazer entrega de algumas cousas de menos substancia, como foram, pedra hume, louça, cobre, artilheria, e outras miudezas, pera as quaes lhe pedio elle licença pera comprar hum junco pera as mandar pera Malaca, a qual lhe elle deo; mas por detrás defendeo que se lhe não vendesse senão hum muito pequeno. Estando as cousas neste estado, chegou a Jor o João Pereira, que o Capitão de Malaca tinha enviado com o dinheiro, o qual levava ordem pera se entregar a João Rebello, a quem escreveo, que alli lhe mandava aquelle dinheiro pera pagar a ElRey todas as despezas, e direitos das fazendas da náo, pera que ElRey tivesse maior gosto de as entregar; mas como João Pereira sempre foi havido por suspeitoso, e homem de invenções, desembarcou de noite, e em muito segredo se foi ver com El-

Rey,

Rey, e lhe deo conta do que passava, affirmando-lhe que o Capitão, e Bispo diziam, que a fazenda da náo era perdida pera elle, por dar a sua á costa, e que por isso mandava por elle aquelles vinte mil pardáos pera resgate da seda. Com isto ficou ElRey desaliviado, e pedio o dinheiro a João Pereira, o qual lhe elle deo, e ao outro dia se vio com João Rebello, e lhe deo duas cartas do Capitão; e perguntando-lhe elle pelo dinheiro, lhe disse que ElRey lho tomára, do que João Rebello ficou enfadado, e bem entendeo a maldade do Cheli, e foi logo ver-se com ElRey, e lhe mostrou as contas do Capitão, pera que visse que mandava aquelle dinheiro pera lhe pagar os gastos, e direitos daquella Fortaleza, pedindo-lhe que pois já que o tinha em si, lhe mandasse entregar as fazendas, e que se pagasse dos gastos que tivesse feito. ElRey lhe disse, que começasse a embarcar as miudezas, e artilheria, e que depois o faria ao mais. Com esta palavra comprou João Rebello huma champana, por lhe não caber aquillo no junco, que já tinha; e começando a embarcar a artilheria nella, o mandou ElRey chamar, e lhe disse que não era contente que se embarcasse naquella champana a artilheria de ElRey de Portugal seu irmão, pois não

era bem se arriscasse assim. João Rebello lhe respondeo, que elle tinha licença pera isso, e que elle tomava o risco de tudo sobre si; mas ElRey como todos aquelles cumprimentos eram fingidos, e tinha determinado o que havia de fazer, dissimulou; e depois da artilheria embarcada, mandou huma noite dar furo á champana, e em amanhecendo se achou toda debaixo da agua. Não deixou João Rebello de suspeitar a maldade de ElRey, e foi-se a elle com alguns companheiros; e presentes os seus, lhe encampou a artilheria de ElRey, e a fazenda da náo, pera a todo o tempo dar conta della ao Viso-Rei da India, e de tudo mandou fazer hum termo; e sahido de alli, embarcou-se pera Malaca, levando forçosamente o dinheiro; mas fez-se disto tão pouco caso, que julgáram todos que o Capitão o não perdeo, e os mercadores da náo tiveram por seu partido mandarem hum homem a Jor a pedir áquelle Rey licença pera mandarem resgatar suas fazendas, a qual lhe elle deo, e elles fóra de Jor houveram muita parte dellas.

CA-

CAPITULO XV.

Do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar todo o resto do verão: e do que aconteceo a André Furtado de Mendoça no rio de Cunhale com humas Galeotas de Mouros.

ENtregue D. Gileanes Mascarenhas da Armada do Malavar, ficou continuando na guerra contra o Çamorim, queimando, destruindo, e assolando seus portos, tendo tal guarda, e vigia, que não puderam lançar pera Meca suas náos, porque em lhas sentindo em qualquer rio, logo eram queimadas. Os mesquinhos clamavam, e começavam a sentir a fome sobre as mais perdas, que todas eram suas, de casas que lhes queimavam, de palmeiras que lhes cortavam, e das almadias que lhes tomavam, de sorte que em toda aquella costa havia destes prantos, e miserias, o que tudo D. Gileanes fazia com pouco risco; porque aquelles Capitães Malavares, que com elle andavam, como homens que sabiam as ruas, os becos, e as serventias, faziam a salvo seu tudo como ladrões de casa; e tanto fizeram, que duas vezes puzeram fogo á Cidade de Calecut, de que ardeo muita parte, e se perdêrão muitas

fazendas, e na barra lhe tornáram huma Galeota, sobre a qual houve jogo de espingardadas, de que morrêram muitos Mouros; e por outras duas vezes lhes queimáram a povoação de Panane, onde os nossos tivéram huma muito crespa briga, em que os Mouros recebêram bem de damno; e assim fez D. Gileanes a guerra, que nas partes em que se elles menos receavam, alli achavam comsigo os nossos, e lhe faziam sentir o seu flagello. E entre os lugares que mór damno recebêram, foi a Ilha de Carimão Duruti, meia legua pelo rio de Chale assima, na qual D. Gileanes mandou dar por Francisco Ferreira Moncelo, e com elle a mór parte dos Capitães da Armada; os quaes desembarcáram nella huma madrugada, e entráram, queimáram, destruíram, e matáram muita gente, e a fóra outra inutil, que morreo affogada no rio, aonde se lançáram pera passarem á outra banda, e foram queimadas muitas fazendas; e huma grande casa cheia de salitre: o mesmo damno passáram as povoações de Calagate, Calecur, e Marate vizinhos, e Calecu, Curiche junto de Chale, e pelo rio de Chatua huma boa povoação, onde acháram grande resistencia; mas por fim da referta com morte de muitos inimigos se recolhêram a seu salvo, deixando a povoação

ção ardendo em fogo, na qual se queimáram muitas fazendas, e dentro em huma casa hum Palanquin muito rico da pessoa do Comori, o que elle teve por grande affronta, e agouro; e as barras de suspeita, onde podia haver paraos, mandou o Capitão Mór tomar, e repartio por ellas os navios da Armada pera lhe impedirem a navegação: e destas coube a André Furtado huma vez o rio de Cunhale, por ser maior cuvil de ladrões daquella Costa. E estando aqui com grande resguardo, e vigias com sinco, ou seis navios, de que eram Capitães Cosme de Lafetar, Christovão de Tavora seu irmão, Antonio Pereira Pinto, D. João da Cunha, e outros no quarto d'alva, víram vir tres vélas demandar aquella barra, as quaes eram duas Galeotas de traquete de Malavares, que traziam á toa huma naveta pequena de Manoel de Miranda, Capitão de Dio, a qual tomáram em sahindo daquelle porto pera ir pera a Costa de Melinde carregada de fazendas, e de mercadores Portuguezes, e Gentios. Os nossos em havendo vista dellas, leváram-se, e puzeram-se em armas; e como as Galeotas vinham descuidadas de poderem alli achar aquelle impedimento, nem houveram vista dos navios, por estarem abrigados a terra, foram marrar com el-

elles, e huma das Galeotas poz o esporão por hum dos bordos da fusta de Cosme de Lafetar, a qual como estava prestes, deo-lhe huma surriada de panellas de polvora, e espingardaria que a axorou, e após isso se lançou dentro com os seus soldados, e acabou de rendella, porque os Mouros que escapáram, lançáram-se ao mar: a outra Galeota ficou mais perto de Christovão de Tavora, a qual como tambem hia lestes, deo-lhe huma falcoada, que levava hum cartuxo; e tomando-a de poppa a proa, foi fazendo tal destruição, que affirmáram matar-lhe sessenta homens, e investio-a, e lhe deo cabo, e logo se lançáram dentro nella sete soldados dos que hiam de proa, os quaes eram Miguel Alvares do Canto, Manoel de Sousa, homem Fidalgo, Francisco Tavares, Balthazar Vaz Villela, Gaspar Vaz natural do Porto, e outros dous, a que não soubemos os nomes, os quaes ás cutiladas foram entrando pela Galeota, e os Mouros estavam neste ponto pera cortar a cabeça a hum Vasco Pereira, de sete que tinham tomado na Naveta, e o tinham lançado sobre hum banco pera isso; e o Miguel Alvares, que foi o primeiro que entrou, deo entre elles com huma panella de polvora, com que os abrazou, e se affastáram, deixando a D. Vasco Pereira

com

com hum final já no pescoço. Estando estes sete dentro na fusta dos Mouros, quiz a desaventura que ou quebrasse o cabo, com que hia atracada á nossa fusta, ou lho cortassem, com o que a fusta ficou por detrás da Galeota dos Mouros, que foi varar na sua praia; a qual estava já cuberta de Mouros, que acudíram a favorecella, e entre elles o mesmo Cunhale, que andava capitaniando, e fazendo chegar os seus á Galeota, que já estava em secco, e os nossos sete dentro em batalha com os Mouros, fazendo maravilhas em armas. Christovão de Tavora vendo-se desamarrado da Galeota, mandou remar ávante pera acudir aos seus; mas eram tantas as espingardadas, e tão bastas as nuvens de fréchas, que cahiam sobre todos, que não podiam os marinheiros passar ávante, e nesta involta quiz a desaventura acertassem huma roqueirada por sima do joelho a Christovão de Tavora pelo lagarto que o varou todo, e elle se encostou ao masto com hum acordo, e animo espantoso, e mandou remar ávante, porque o seu canteiro estava já cahido com huma espingardada, e não havia quem mandasse aos marinheiros, que hiam descorçoados. Os que estavam na Galeota dos Mouros carregáram sobre elles tanto, que não foi possivel poderem-se defender; e ha-

havendo já mais de huma hora que pelejavam, vendo-se todos feridos de muitas feridas, e que o seu navio não podia chegar a tomallos, houveram por partido lançarem-se a nado a elle, porque ahi já não tinham que fazer, por a Galeota já estar quebrada, e assim se lançáram ao mar; e elles, e os cativos, que na náo tomáram, que hiam naquella Galeota; só hum, que não sabia nadar, ficou nella, e Balthazar Villela atassalhado de muitas feridas, de que logo morreo; e o cativo, que ficou dentro, foi levado a terra, e o Cunhalé por sua propria mão lhe deo hum golpe, que o partio pelo meio. Os que se lançáram ao mar, foram tomar a sua fusta, só dous cativos tomáram a de Antonio Pereira Pinto. Estes da Galeota ficáram todos feridos, Miguel Alvares de huma lançada, e outra fréchada, Manoel de Sousa huma espingardada, que lhe varou hum braço, e a barriga. Francisco Tavares huma fréchada por huma ilharga, e outros outras feridas. D. João, que foi demandar a naveta, cuidando que era tambem de inimigos, chegou a ella, e o mesmo fez André Furtado; e alguns Mouros, que dentro hiam em guarda, logo se lançáram ao mar; e os soldados, que entráram dentro, querendo-a escochar, o não consentio André

dré Hurtado, e teve muito trabalho em lho defender. Acabado este negocio, affastáram-se os nossos pera fóra, e se recolhêram pera Cananor, levando comsigo a naveta com os mercadores, e gentios que nella hiam, aos quaes lhe deo sua fazenda, e alli se curáram os doentes; mas o valeroso mancebo Christovão de Tavora faleceo daquella bombardada, e dizia-se que de mal curado; mas ella foi grande, que lhe cortou a perna, e o lagarto, e acabou alli hum Fidalgo, quando começava a florecer, e a dar de si muito grandes esperanças; e Cosme de Lafetar seu irmão, que o sentio em extremo, levou a Galeota, que rendeo por poppa do seu navio. Desta maneira proseguio D. Gileanes na guerra, e por toda aquella Costa em tantas necessidades, que obrigados della, o Rey de Chale lhe commetteo pazes, que lhe elle concedeo, fazendo-se Vassallos de ElRey de Portugal com certas pareas, e se obrigou a dar do seu rio lugar pera huma Fortaleza na parte que o Viso-Rey da India apontasse; e pera ella toda a pedra, e cal, trabalhadores, e mais cousas que fossem necessarias, e que correria com a Christandade, assim como de antes o fazia, e a favoreceria em tudo, e entregaria algumas peças de artilheria, que eram de ElRey

de

de Portugal, das quaes logo fez entrega. Com isto se deixou D. Gileanes andar pela Costa até ser tempo de se recolher; e andando já pera isso, foi avisado que em Panane se fazia huma fermosa náo pera Meca, mas que estava em parte, onde se não podia queimar; e querendo-lhe estorvar a navegação, lhe mandou tomar a barra por alguns navios, que lhe tomáram hum batel, que hia carregado de pimenta pera ella, o qual com medo dos nossos navios varou em terra, e a poder de espingardadas foi tirado; e sendo tempo de se recolherem pera Goa, ajuntou D. Gileanes Mascarenhas as náos da China, Malaca, Maluco, e mais partes, e com ellas se foi recolhendo de vagar por causa dos Noroestes.

CA-

CAPITULO XVI.

Da antiguidade da Cidade de Barcelor na Costa Canará: e de como os moradores della tratáram de tomar a nossa Fortaleza, e por traição, o que não houve effeito por chegar a ella D. Gileanes Mascarenhas: e de como elle destruio as Aldeias de Asselona, e Cuculí nas terras de Salsete.

A Cidade de Barcelor, que está situada na costa do Canará em altura de quatorze gráos do Norte escaços, segundo as escrituras dos antigos Gentios daquellas partes, foi o mais celebrado porto, e emporio de toda a costa da India: e pelas cousas que nos contáram alguns Mercadores, nos faz parecer ser este o porto Selero de Plinio, de que fallando, elle disse assim: » Quem partir do porto Selero (que » elle mette em quatorze gráos do Norte » na Costa da Arabia, o qual parece ser » o porto de Curia Muria, que hoje anda » verificado em dezeseis gráos e meio) e » caminhar com o vento hipalo, que he o » Ponente, e for governando a Levante, » irá tomar de frécha hum dos portos de » Canará, de Batecalá pera Barçolor. » E como esta Cidade por sua antiguidade se

vê

vê preceder todas as daquella Costa, podemos conjecturar ser o Selero de Plinio porque em riquezas, modo de governo policia, com tudo o mais, he mui differente de todas as daquella Costa, porque esta só se governa como republica por certo numero de Senadores, eleitos pelo povo, que sempre são os mais antigos, que parece tomáram da communicação dos Estrangeiros da Europa, que pela via do mar roxo antiquissimamente em tempo de Plinio, e antes muito navegáram pera elle, pelos grandissimos proveitos que destas partes levavam, que, segundo affirma Plinio, montavam cento por hum; e tambem porque em nenhuma Cidade da India das maritimas houve sempre tão ricos moradores como nesta; porque mui sabido he que os mais delles fallavam por barras de ouro, e ainda na nossa entrada na India houve muitos que fallavam por tantos alqueires de Pagodes, por onde parece que seu commercio, e trato foi sempre maior que de todas as Cidades da India; e estes naturaes de Barçelor, a que chamam Chatins, que na lingua propria quer dizer Mercadores, são homens de grande governo, de muito bom conselho na paz, e guerra, pelo que vivêram tantas centenas de annos sem jugo alheio, conservando-

do-se sempre em seu ser, sustentando-se de *suas mercancias*, e *grangearias da terra, que dá muito arroz, gengivre*, pimenta, e fazem *muitas, e finas roupas, e outras cousas muitas, cujas rendas, ou fóros, ou direitos de todas as entradas*, e sahidas se offerecem a hum Pagode seu muito venerado, e alli ficam em deposito pera as necessidades publicas; e de cem annos a esta parte, depois que os Portuguezes descubríram a India, se offerecêram á devação dos Reys de Bisnaga, mas não que lhes fiquem sujeitos, e com obrigação de pareas; e depois que o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde fez naquelle seu porto aquella Fortaleza o anno de 569. (como em seu lugar com o favor Divino diremos) foram os naturaes desfalecendo assim no credito, como na renda, porque ficáram com hum colar no pescoço, sem se poderem menear pera parte alguma, porque os mercadores Estrangeiros deixáram de continuar seu porto, assim pelo abatimento das mercadorias, como pela grande cubiça dos nossos Capitães, que tudo o que por aquelle rio entra, chamam á Fortaleza, e o comprão á sua vontade, tapando-lhes os canos todos pera os Chatins haverem as fazendas, senão por suas mãos, pelos preços que querem, o que lhes foi sempre tão

máo

mão de soffrer, que muitas vezes tratáram de sacudir de si aquelle jugo, que tanto lhes carregava, fazendo guerra muitas vezes áquella Fortaleza, e pondo-a em apertos, e necessidades, como na IX. Decada se verá; e agora sendo Capitão D. Francisco de Mello de Sampayo, que trabalhava por enriquecer como todos, assim veio a escandalizar os naturaes, que tratáram de lhe tomar a Fortaleza á traição, por elle naturalmente ser hum homem apoucado, e ter alli sua mulher, com a qual estava mais acanhado: pera isso se concertáram com huns Christãos da terra da obrigação da Fortaleza, nos quaes sentíram inclinação pera isso, promettendo-lhes grandes dadivas, se lhes dessem modo pera poderem tomar aquella Fortaleza; e andando elles notando, e buscando ardís pera isso, offereceo-lhes o diabo hum, que se Deos lho não estorvára, estava certa a perdição de tudo; e foi, dizerem aos Chatins que as nossas Endoenças vinham perto, e que naquelles dias estavam os nossos occupados em suas penitencias, e que costumavam quinta feira de noite a fazerem huma grande procissão da Fortaleza até á povoação de fóra, onde os Christãos pousavam, que se puzesse huma copia de gente detrás da Fortaleza embrenhados em huns

ma-

matos, que alli havia; que tanto que a procissão sahisse, viessem elles de longo do muro, e se mettessem na Fortaleza, porque ficava só, e se fechassem de dentro, e que a mais gente estivesse em parte que désse de supito nos nossos, andando na procissão, e os matassem a todos, o que seria muito facil por quão descuidados estariam daquelle negocio. Assentado isto, em que havia pouco que fazer pelos descuidos com que vivemos na India, e com que tratamos com homens que cada dia escandalizamos, estando todos prestes pera aquella hora, ordenou Deos pelas orações, e innocencia de alguns daquella Fortaleza, trazer D. Gileanes Mascarenhas com toda a sua Armada a mesma quinta feira de Endoenças pela manhã, o qual por ser aquelle dia tão celebrado de todo o Christão, lhe pareceo bem passallo naquella Fortaleza; e achando-se aos Officios Santos, e á procissão, os Chatins de Barcelor, que estavam prestes pera aquella hora, vendo o estorvo que se lhes offerecêra com a vinda da Armada, desistíram por então do que tinham ordenado. D. Gileanes passou alli aquelle dia, e noite; e ao outro dia, depois do Officio acabado, se embarcou, e foi fazendo seu caminho pera Goa; e chegado ao Cabo da Ruma, já meiado

do de Abril, achou huma Almadia com huma carta do Conde D. Francisco Mascarenhas, pela qual lhe mandava que desembarcasse no rio do Sal, que vai cortando as terras de Salsete, e esbocar no mar pegado á porta do cabo; e que castigasse as Aldeias de Asselona, por andarem seus moradores alevantados, e não quererem pagar os foros. D. Gileanes despedio a cafila pera Goa, e desembarcou com toda a gente em os navios pequenos, e foi demandar as Aldeias de Asselona, que são tres, muito prosperas, e grandes, e as destruio, assolou, queimou, e cortou muitas palmeiras, com o que os alevantados ficáram mui quebrados, e muitos annos não tornáram as terras a seu ser. Acabado este feito, tornou a embarcar, e foi-se pera Goa.

Depois no inverno lhe mandou o Viso-Rey que ajuntasse toda a soldadesca, e fosse a Salsete, e désse o mesmo castigo ás Aldeias de Cuculí, que sempre foram cabeça nos alevantamentos, e as principaes, e de mais, e peior gente que todas as de Salsete. D. Gileanes o fez assim; e ajuntando quinhentos soldados, se passou a Salsete, e com suas bandeiras desfraldadas entrou por aquellas Aldeias, e todas poz a ferro, e a fogo, sem deixar cousa em pé, e tudo á vista de todos os inimigos mesmos,

lhos, que eram muitos, e andavam em magotes de ſerra em ſerra, vendo deſtruir ſuas fazendas, ſem ouſarem a lhes acudir. Por aqui andou dez, ou doze dias fazendo mui grandes eſtragos até o Viſo-Rey o mandar recolher.

CAPITULO XVII.

Dos tratos que mais tiveram os Chatins de Barcelor pera lhes entregarem a Fortaleza, os quaes foram deſcubertos: e de como o Viſo-Rey mandou André Furtado a ſoccorrella: e das couſas em que mais proveo o Viſo-Rey.

PArtido D. Gilianes de Barcelor, vendo os Chatins que perdêram por ſua cauſa tão boa occaſião, tornáram logo a apertar com os meſmos Chriſtãos, e aſſentáram com elles que lhe abririam a Fortaleza huma noite, e que peitariam pera iſſo os que tinham as chaves. Eſtes velhacos, a quem o demonio trazia cegos, deſcubríram eſte negocio a outro Chriſtão, de quem o Capitão fiava as chaves; e tantas promeſſas lhe fizeram que o rendêram, e concluíram entre todos, que de noite no quarto da madorra metteſſem até ſincoenta homens por eſcadas, que lhe lançariam de ſima, e

que estes dessem fogo á artilheria, que elles teriam cevada, e a este final acudiriam tres mil homens de armas, que haviam de estar prestes; que nesta revolta o que tinha as chaves da fortaleza lhe abriria as portas; que a tomariam; e que quando isto não pudesse ser, que subissem todos pelas escadas, que lhe ficariam lançadas, e que os sincoenta se fortificariam no Baluarte até os mais subirem. Assentado isto entre todos, e que o dia havia de ser vespera de Pascoa, como nosso Senhor he guarda das Cidades, elle ordenou que se viesse a descubrir esta traição, ou ao menos a suspeitar pela muita familiaridade que víram ter estes velhacos com os Chatins, e nas muitas idas, e vindas, que neste dia fizeram ao Barcelor; pelo que o Capitão os mandou prender, e pôr a tormento, no qual confessáram tudo, assim como temos dito; pelo que foram executados publicamente, e logo despedio ao Viso-Rey o traslado dos autos, e papeis, pera que soubesse o estado em que ficava, e o remediasse, e provesse, e teve dalli por diante grandes guardas, e vigias nas chaves, e nos Baluartes. Os Chatins sabendo serem descubertos, determindruam declaradamente fazer guerra á Fortaleza, e tomalla por armas, e pera isto se confederáram com ElRey de Tolar seu

vi-

vizinho, que quiz achar-se neste negocio; e ajuntando ambos sinco mil homens, abaláram contra a Fortaleza com tenção de roubárem a povoação de fóra, e cativarem os casados que nella moravam pera assim ficar a Fortaleza mais enfraquecida: isto não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber o Capitão, o qual com muita pressa mandou recolher dentro tudo o que havia na povoação, e poz Capitães, e gente de guarnição pelos baluartes, e preparou a artilheria pera a sua defensão, e recolheo os mantimentos que pode, e reparou as partes mais fracas, e tornou a avisar ao Viso-Rey do perigo em que ficava. Os inimigos chegáram á povoação a segunda oitava da Pascoa no quarto da alva; e achando-a despejada, lhe puzeram o fogo. Alguns soldados nossos, que ficáram em guarda da couraça, onde a gente estava recolhida, sentindo os inimigos, sahíram a elles já manhã clara, e ás espingardadas matáram alguns, e se recolhêram, e os Chatins foram assentar o seu campo em parte, em que a artilheria lhe não podia fazer nojo, e dalli commettêram, e inquietáram os nossos com rebates, e assaltos; e como os provimentos da Fortaleza (que mais se podem chamar cumprimentos) são sempre tão taixados, começáram

a faltar as munições, pelo que foi necessario a Francisco de Mello recorrer ao Capitão da Fortaleza de Onor; que estava muito perto, o qual com muita pressa lhe mandou huma manchua com polvora, chumbo, murrões, e outras cousas desta sorte, e alguns poucos soldados, com que se ficáram remediando melhor. Chegados os recados ao Viso-Rey, no mesmo dia mandou fazer prestes André Furtado de Mendoça pera ir de soccorro, e lhe deo tanta pressa que aos quinze de Abril, dous dias depois do recado, sahio pela barra fóra com quatro navios, de que, fóra elle, eram Capitães Diogo Corvo, Pedro Fernandes Moricole, e Pedro Fernandes Malavar, e em sua companhia foram alguns navios, que estavam pera ir pera Cochim, ficando o Viso-Rey negociando outros pera lhe mandar logo. André Furtado deo-se tanta pressa, que em dous dias chegou áquella Fortaleza; e desembarcando em terra, a tomou logo á sua conta por levar Provisões sobre tudo, e proveo os Baluartes de Capitães, e hum deo a Diogo Corvo, e outro a Pedro Velloso, e mandou reedificar as partes necessarias, e fez todas as mais cousas que cumpriam á defensão daquellas Fortalezas com muita ordem, e presteza. Os inimigos tanto que souberam ser chega-

gado soccorro, alevantáram o campo, e desistíram da empreza. Logo André Furtado foi avisado, e despedio os navios pera Cochim, e Cananor, que foram em sua companhia, e ordenou algumas manchuas, com que começou a fazer guerra pelo rio dentro aos Chatins, dando-lhes muitos, e contínuos assaltos por todas as Aldeias; e hum dia mandou a Diogo Corvo que désse no campo dos Chatins com a sua gente, o que elle fez com muito animo, e teve huma mui boa referta com os inimigos, aos quaes tratou muito mal; e depois de fazer ao que hia muito bem, se recolheo com huma espingardada em huma perna, da qual logo sarou; e outro dia foi o mesmo André Furtado dar em o Pagode Condansur, ao qual se recolheo alguma gente, e lhe lançou dentro tanto fogo, que abrazou a todos, e queimou o Pagode, o que elles sentíram muito, por ser de muito grande veneração sua pela offensa feita á sua religião, e na reedificação, e purgação delle (a que elles chamam desempolear) gastáram muito dinheiro, e tempo. E porque tornou a haver alteração nos conjurados com aquellas cousas, avisou André Furtado ao Viso-Rey, pedindo-lhe gente, a qual elle lhe logo mandou em dous navios, de que eram Capitães Affonso Ferreira da Silva,

va, e Gaſpar Fagundes, os quaes chegáram áquella Fortaleza já em quinze de Maio. Com todas eſtas couſas não ſe tinha o Viſo-Rey deſcuidado das outras de ſua obrigação; porque no tempo que deſpedio André Furtado, andava negociando os provimentos pera Malaca, e Maluco, que eram dous Galeões, o em que tinha arribado Pedro Lopes de Souſa em Setembro paſſado, do qual deo a Capitanía a Sebaſtião de Rezende; e o outro Galeão, que havia de ir para Maluco, era do Capitão Fernão Botto Machado provído com aquellas viagens. Eſtando já preſtes pera partirem, chegáram as novas de Malaca, e o Embaixador que ElRey de Jor mandava a confirmar as pazes, que tinha feitas com D. João da Gama, ao qual o Viſo-Rey recebeo bem, e mandou apoſentar; e porque não houve dúvida em o Regale entregar a fazenda da náo de Simão Ferreira, pois lhe ficava naquella Cidade o ſeu Embaixador, aſſentou-ſe em Conſelho, que baſtava por então o Galeão de Sebaſtião de Rezende, porque tambem era já o fim de Abril, e não havia tempo pera mais ſoccorro: eſtes dous Galeões partíram de Goa já tarde; e por acharem os tempos contrarios, tornáram a arribar, e Sebaſtião de Rezende foi tomar Goa a Velha, e Fer-

não

não Botõ metteo-se em Angediva, onde invernou; e com o mesmo tempo, que foi Sul desfeito, arribáram tambem as náos que hiam pera Malaca, e a da China, de que era Capitão Francisco Pais, que hia fazer a viagem do Japão por D. Leoniz Pereira, que estava posta nelle, e ficou tambem invernando em Goa a Velha; e Ayres Gonsalves, que estava em Japaor fazendo aquella viagem que tinha comprado, ficou fazendo estoutra, que cabia a Francisco Paes por virtude de sua Patente, porque era provído de huma, cuja Patente dizia que tinha falta de algum registo. Esta arribada destas náos sentio o Viso-Rey muito pela falta que havia de fazer em Malaca, e pela necessidade que lá podia haver naquelle tempo.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

DE-

DECADA DECIMA

Da Historia da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Das cousas que este anno de 583. em que andamos succedêram em Persia: e de como Oxa foi contra seu filho Abax Mirza, que estava no Coboraçone por induzimento de Mirza Salmas Georgiano.

JÁ que temos entrado no inverno, seguiremos a ordem que começámos, que he contar nelle as cousas alheias, e assim continuarémos com as da Persia, de que o anno atrás temos dado razão: pelo que se ha de saber, que quando Axathamas, como já temos dito, tratou de desherdar seu filho Codabanda por cego, e deixar o Reyno a Ismael filho segundo, havendo que da culpa da natureza a não tinhão seus netos filhos de Codabanda, e que não era justiça que seus filhos, que depois de sua morte lhe houveram de succeder no Reyno, ficassem desherdados, determi-

minou repatir com elles ſeus eſtados, por não ſer de todo notado de cruel. E aſſim deo a Provincia Cohoraçone a Abax Mirza o mais moço; e que em quanto elle Chathamas foſſe vivo ſe não intitularia ſenão por Governador; mas que depois tomaria o titulo de Rey, deixando o mais velho pera outra couſa, que elle teria em ſeu peito, a qual pela morte o atalhar não houve effeito, ficando o pobre Principe chamado Amirhanze Mirza desherdado, ſendo por ſi muito valeroſo, e digno por certo do grande, e eſtendido Imperio da Perſia; mas como os Reys não reinam ſenão por ordem de Deos, e não da dos homens, e as eleições que a elles lhes parecem açertadas, nos olhos de Deos são muitas vezes reprovadas, ordenou depois elle que lograſſe o Iſmael o Reyno pouco, e foſſe morto pelos ſeus, e que tornaſſe o Reyno a Codabanda, a quem de direito pertencia, como na Decada IX. mais particularmente ſe verá. Eſte Rey Codabanda tanto que foi eleito, e poſto na Cadeira do Reyno, deo o governo de tudo a Mikar Salmas Georgiano, homem revoltoſo, inhumano, e muito cubiçoſo, o qual caſou logo ſua filha que tinha com Amirhazem Mirza, filho herdeiro de Codabanda, com que ficou ſua tyrannia deitando maio-

res

res raizes. Este vendo que seu genro havia de herdar o Imperio da Persia por morte de seu pai, e que seu irmão Abax Mirza estava na Provincia Cohoraçone, que o avô em sua vida lhe dera, foi-lhe mão de soffrer, parecendo-lhe que se ficasse naquelle estado, por morte do pai ficava o Imperio da Persia muito quebrado, por ser aquella a principal Provincia delle; e querendo atalhar isto, metteo em cabeça a ElRey, que o Abax Mirza seu filho se intitulava no Cohoraçone, onde estava, por Rey da Persia, e que já não lhe conhecia obediencia, o que claramente se via, porque já nas revoltas passadas nunca lhe mandáram soccorro contra o Turco; e como puzesse sem dúvida o pé na Persia, o prenderia a elle, e a seu irmão, e os mataria pera ficar senhor de tudo; e como este homem tinha grande authoridade diante de ElRey, e aquelle negocio tocava em tyrannia, cousa tão aborrecida, fez indignallo contra o filho, pelo que assentou com os do seu Conselho que Salmas tinha sobornados, que lhe era necessario acudir ao Cohoraçone, em quanto o Turco não bolia comsigo; e querendo ultimamente partir em pessoa com todo o seu poder contra o filho, concertou-se com o Mamuchiar arrenegado (que com o successo de

Te-

Tefil ficou odiado com o Turco) e depois de se tornar pera as suas terras, se tinha casado com huma irmã de Simão Bel, cousa que Oxá estimou, por entender que assim teriam as cousas da Persia mais folego; e o concerto que fez com elle, foi, que elle, e seu cunhado se fizessem em hum corpo contra o Turco, porque por serem seus Estados juntos, bem podiam a pouco custo defender-lhe aquelles passos, e entradas, e romper-lhes os exercitos, que por elles passassem, e com isso deixou a Imagulichão, Capitão mui experimentado, na Provincia de Xerutão, e em Tabris a Himarcham, Capitão dos Turquimaes, com o qual (por ter delle algumas suspeitas) teve primeiro praticas, em que o quietou, e se segurou; e depois de prover em estas cousas, e outras, se poz no caminho de Cohoraçone, levando comsigo seu filho, e sogro, que teceo aquellas meadas; e continuando seu caminho, foi entrando por aquella Provincia até á Cidade Censuar, a qual achou fechada, e o seu Capitão recolhido dentro com grande guarnição, porque não sabia o modo, e tenção com que aquelle Rey vinha; e pera se desenganar, lhe mandou hum Embaixador primeiro saber delle se tinha algumas culpas, e que primeiro o ouvisse, porque aquillo que fize-

ze-

zera: não era mais do que pera segurar sua pessoa; mas como o Mirza Salmas hia com o animo damnado por desviar ElRey de lhe acceitar satisfações, lá por detrás induzio aos soldados que commettessem a Cidade, e matassem ao Capitão, e que elle lhe segurava hum grande saque della; e tanto fez nisto, que sem ordem alguma accommettêram com muitas escadas, e vaisvens, com que deram com as portas fóra, e assim foi a Cidade entrada com morte do Capitão, e saqueada, roubada, e escalada de todo com grandes cabeças. Feito isto, passou ElRey adiante com o seu exercito, e foi recolhendo as guarnições das Cidades de Nexcor, Maxet, Nirsis, Turbat, Guien, Malan, e Coran, mandando cortar as cabeças a alguns de seus Capitães por ordem do Salmas, porque com a morte destes (que eram os principaes daquella Provincia) ficasse o Abax menos poderoso. E assim chegou á Cidade de Hers muito forte por sitio, e bem cercada de muros, e cavas cheias de agua, a qual o Grão Tamorlão, que a edificou, fez alli trazer de muito longe. Nesta Cidade, que era a cabeça daquelle Estado, estava Abax Mirza com muitos Capitães inimigos mortalissimos de Mirza Salmas; e estava muito fortificado, porque não sabia a tenção do pai,

e

e fora avisado da ira com que hia entrando por aquella Provincia; e até se não certificar da verdade, não quiz offerecer-se á ira do pai. Chegado ElRey áquella Cidade, assentou sobre ella seu campo, e começou a sentir em seu animo diversos effeitos de dor do filho, vendo que o caso que alli o trouxera era de sorte, que por força havia de parecer cruel aos homens, havendo por grande infelicidade aquelle caso: e que seu filho em lugar de sustentar, e defender a dignidade paterna, e ajuntar suas forças com elle pera resistirem a tamanho inimigo, dera occasião (segundo lhe fazia crer o falso Salmas) pera lhe entrarem por seus Reynos, e lhe tomarem parte de suas Cidades; e posto que estas cousas o atribulavam muito, e o Salmas cada dia mais o atiçava a ira, e indignação contra o filho, desejava de haver algum bom modo pera algumas cousas virem a bom estado, e não chegar a banhar as mãos no sangue do filho; e mais tambem, porque aquella Cidade era mui forte, e estava muito bem provída, pelo que não era possivel rendella tão de pressa. O Principe Abax Mirza tanto que seu pai assentou o campo, logo lhe escreveo huma carta, em que lhe pedia que lhe significasse as cousas que o movêram a indignar-se

con-

contra elle; e se era pera lhe tirar aquelle senhorio, que ElRey seu avó lhe tinha dado, de que elle estava de p[illegible], sem nunca nelle o deservir, não era justo inquietar-se naquella materia, e que elle como filho obediente estava prestes pera com o sangue, e com a vida obedecer a todos os mandamentos paternos, e a reconhecello por Rey, e Senhor, como o era, e que ninguem mais que elle houvera de trabalhar pera o sustentar naquelle Estado, e favorecello, e ajudallo contra seus vizinhos, e comarcãos, huns bequis, que de contínuo lhe faziam dura guerra: que isto era honra, e credito do Imperio da Persia, e não mover contra elle seus exercitos, com que désse ousadia aos inimigos em elle virando as costas a voltarem sobre elle, e acharem-no enfraquecido pela falta dos Capitães que lhe matára; que se sua vinda era a castigar algumas culpas, que elle pela ventura inadvertidamente commetteria contra seu serviço, que elle estava muito apparelhado pera com a vida, e estados fazer todas as emendas que fossem necessarias pera sua satisfação; e isto mesmo escreveo ao Principe. Lêrão sós, considerando nellas as razões, e reverencia com que se submettia a elles, vencidos de piedade, ficáram alguma cousa temperados na

na ira, e assentáram de levar aquelle negocio por outros termos; e assim lhe respondêram que sua vinda não era pera lhe tirar o que seu avô lhe dera, mas que, se fosse necessario, pera lho dar, e confirmar de novo; mas que só o trazia a grande desobediencia que mostrára em se intitular por Rey da Persia, sendo elle vivo, e não querer mandar hum só Capitão em sua ajuda contra os Turcos, que com tamanhos exercitos lhe tinham entrado por suas Provincias. Com estas cartas ficou Abax Mirza desatinado, entendendo logo serem tudo invenções do Salmas seu inimigo, e assim logo tornou a escrever a seu Pai, que lhe désse licença pera mandar seus Embaixadores, porque determinava de mostrar diante delle sua innocencia, e a maldade de quem induzíra contra elle as armas paternas. ElRey lha mandou, e elle despedio alguns homens graves, e velhos pera representarem suas cousas a ElRey: estes chegados a elle, os ouvio só com o Principe; elles prostrados por terra lhe deram sua embaixada nesta fórma: » Senhor, » Abax Mirza teu obediente filho te manda por nós humilhar a estes teus pés, e » que te jura pelo Creador dos Ceos, e » da terra, que estendeo este ar, e poz a » terra sobre os abysmos, e ordenou esses

» Ceos

» Ceos, com as estrellas, e espalhou as
» aguas de redor da terra, e o fogo sepa-
» rou em sua esfera, e que de nada fez
» todas as cousas viventes, e pela cabeça
» do Profeta Mafamede, por sua mulher,
» e filhos; que já mais na culpa que lhe
» puzeram, elle nem por obra, nem por
» pensamento tem peccado contra ti, e o
» mesmo juramento fazemos nós por elle:
» e da sua parte, e da nossa pedimos que
» mandeis tirar devassas deste caso, e que
» castigueis o que tiver culpa nelle, e que
» seja elle o primeiro que com a cabeça
» pague tamanho erro, se o commetteo,
» porque desde que seu avô o poz nesta
» Provincia até hoje, se não tem intitulá-
» do senão por Governador da Cidade de
» Heri, o que se verá claramente pelas
» Provisões, Cartas, e Mandados, que em
» os mais dos Officiaes acháram, que nun-
» ca em sua imaginação lhe entrou inti-
» tular-se por Rey da Persia, porque nem
» por da Provincia Cohoraçone o fez nun-
» ca. » Todas estas cousas ouvio ElRey
com muita attenção; e respondeo que assim
o cria delle, e que sobre isso se fariam as
diligencias necessarias, e vio os mandados
que Abax Mirza lhe tinha passado, e fez ti-
rar além disso grandes inquirições, e por
tudo vio ser grande falsidade o que Salmas
lhe

lhe tinha dito; e vendo ſua malicia, e innocencia do filho, poz tudo em Conſelho dos principaes Soltões do ſeu exercito, e por todos foi Abax Mirza julgado por ſem culpa. Os Embaixadores de Abax recolhêram a ſentença pera lha levarem, foram-ſe com ella aos pés de ElRey, e lançados a elle, beijando a terra, lhe pedíram muito affincadamente que não diſſimulaſſe com aquelle negocio, e que caſtigaſſe a Salmas por caſar falſamente a Abax Mirza ſeu filho, ſó a fim de lhe fazer cortar a cabeça, por ficar o Principe ſeu genro ſenhor abſoluto de tudo, e elle depois da morte de ſua Alteza ficar governando todos aquelles Eſtados; e que pela ventura como em couſa de reinar não havia Lei, vieſſe elle ainda a aſpirar áquelle Imperio, e matar pera iſſo o Principe ſeu genro; e com iſſo o certificáram de muitas tyrannias, e maldades, que o Salmas tinha commettidas, de quem ninguem ouſou nunca accuſallo pela poſſe que tinha no Governo, e no Reino. Vendo ElRey aquellas couſas, e certificado em ſegredo de alguns que tudo era verdade, chamou os do ſeu Conſelho, e lhes deo conta de todo aquelle negocio, pedindo-lhes que nelle o aconſelhaſſem fielmente: todos lhe diſſeram, que pois Mir Salmas induzíra as armas paternas contra o ſan-

gue de seu proprio filho tão falsamente, tirando-o pera isso da Persia em tempo que os Turcos nella hiam mettendo o pé, dando occasião a se embaraçarem as cousas de feição que fosse total a destruição daquelle Imperio, que muito justo era tivesse o castigo, que elle pertendia dessem a seu filho Abax, que só acháram culpado nos casos que falsamente lhe punha. Com isto mandou ElRey logo ir diante de si a Salmas, e lhe mandou cortar a cabeça, o que o Principe seu genro não tomou a mal. ElRey se reconciliou com o filho, a quem fez muitas honras, e agazalhados, e o confirmou naquelle Estado, no qual proveo de pressa em algumas cousas, e voltou pera acudir ás da Persia.

CAPITULO II.

De como sabendo o Turco da ida do Xá ao Coboraçone, mandou proseguir na empreza da Persia, e das cousas que nella succedêram.

DEsta jornada do Cohoraçone foi logo o Turco avisado da ida do Xá; e parecendo-lhe que por alli lhe abria Mafamede caminho pera entrar naquelle Reyno da Persia, de que tão sequioso andava, não quiz perder as occasiões que lhe o tempo offerecia; e entretanto que punha

as

as mãos nesta obra, quiz, em quanto o Xá por lá se detivesse, mandar proseguir na empreza da Cidade Orravião, e segurar o caminho que vai de Cahars pera ella, como que lhe ficaria o da Tabris mais facil, e aberto, porque determinava de o mandar logo conquistar; e pera esta jornada elegeo Terat Baxa Bebel, e porfiado em suas opiniões, mas todavia de bom conselho, de idade de quarenta annos, ainda que de animo terrivel, de engenho prompto, e vivo pera casos arduos, e muito affeiçoado ao serviço de ElRey, e lhe deo por regimento que nesta jornada se não embaraçasse com outra cousa, senão na conquista de Baivan; e que nas cousas do arrenegado Manuchiar não bolisse, porque ainda que era digno de castigo pelos passados, como Barcad Mahamed, queria dissimular, e servir-se delle pera lhe levar o dinheiro pera o provimento de Tenfliz, pera o qual lhe mandou sincoenta mil cruzados, e lhe escreveo cartas honradas só por escusar ao Baxá Ferat aquella jornada.

Este Baxá partio de Constantinopla, e se passou a Calcedonia pelo caminho de Amazia, e Civás, e chegou a Erzerum, onde esperou a gente, que tinha mandado fazer por Tripoli de Suria, Damasco, Alepo, e por toda a Judea, Palestina, Baby-

Jonia, Bitinia, Cappadocia, Armenia, Baçorá, e em fim por todas aquellas partes, das quaes lhe acudia muita, e muito dinheiro, e provimentos necessarios pera aquella jornada, e com hum exercito de cem mil cavallos partio este Março passado de Azerum, e em oito dias chegou a Cahars, guiando-o neste caminho Maxatehão Georgiano, que de Christão mudou sciisma, tomando a Lei dos Persas; e fugindo depois pera o Turco, tomou a sua: daqui de Cahars passou a Ruivan, e tres dias antes chegou a esta Cidade, reedificou huma Roca mui velha, e destroçada, a que os Turcos chamam Asia Catasi, e nella deixou quatrocentos soldados com hum sangiaço. Esta Cidade de Raivan está junto a hum monte altissimo, que de contínuo se vê cheio de nuvens, pela fralda do qual ha grandes, e fertilissimos campos, por causa das muitas, e grandes ribeiras, que descem abaixo, e os retalhão, todos os quaes se vam metter no rio Arase; está nove jornadas de Tabris, e no caminho tem Naincan, Chizifal, Maraut, e Sufian, lugares todos fortes por terem caminhos, e passos mui difficultosos, e asperos pera exercitos. Tem a Cidade de Raivan da banda do Norte a de Tenflis, e pela banda do Sul os campos Calderanes,

e mais aſſima pera o Tropico a Aban. Como logo Marciano Tocomac, Capitão de Raivan, vendo a grandeza do exercito dos Turcos, mandou recado a Simirchão, Governador de Tabris, pera que lhe ſoccorreſſe, e o meſmo fez a Semaomber, e outros potentados da Georgia; mas de nenhuma parte lhe acudíram, porque andavam todos occupados na defensão, e nos paſſos, e caminhos de Teflis, porque lhe não metteſſem os Turcos ſoccorro. Cuidando que o Baxá deſpediſſe logo gente a iſſo, alguns tiverão pera ſi que o Limurchão, que eſtava em Tabris, fora peitado do Baxá, pera que ſe não boliſſe, nem ſe impediſſe a obra da fortificação, que pertendia fazer em Raivan. Vendo-ſe Tocomac naquelle eſtado, e que faltavão os ſoccorros, que ſempre eſperou, houve por melhor conſelho deſpejar a Cidade, e deixar nella ſó a gente inutil, e elle com toda a de guerra deixar-ſe andar no campo pera inquietar os inimigos. O Baxá tanto que chegou a Raivan, tratou logo do Forte, que o Turco lhe mandava fazer, no qual logo começou a pôr as mãos, e edificou nos jardins que Tocomac tinha de fóra do muro, e em quinze dias levantou os muros, e baluartes em altura defenſavel. Tocomac como andava com a gente li-

ligeira, deo-lhes alguns toques, em que lhe matou muitos Turcos. E por sem dúvida se tem que se lhe mandáram os soccorros que pedio, que sempre alcançára huma grão victoria, porque era muito grande Cavalleiro. O Baxá como tinha os muros á roda em boa altura, mandou em meio alevantar huma fermosa, e alta torre pera della descubrir as montanhas, e ao redor da Fortaleza mandou abrir huma grande, e funda cava, a qual encheo com agua daquelles rios, de que abrio hum braço pera ella; e como teve acabado tudo, poz nella por Capitão a Sinão Baxá filho de Sagal, deixando-lhe as guarnições bastantes de artilheria, mantimentos, munições; e levantando o exercito, voltou pelo mesmo caminho a Cahars, onde deixou o Cembel com oito mil soldados, e muitos provimentos, e ordens pera cada anno irem de trezentos em trezentos receberem suas pagas a Erzerum, a Alepo, e outras Cidades da Suria, por não aguardarem pelos soccorros como Sirão; e antes que se levantasse de sobre aquella Fortaleza, despedio huma companhia de soldados com os sincoenta mil cruzados que o Turco mandava pera o arrenegado Manuchiar levar a Teflis, e lhe escreveo sobre isso cartas honradas, affirmando-lhe que ... r alli po-

ornar á graça do Turco. Dado este conselheiro ao Manuchiar, desejoso de se soldar com o Turco, se poz logo no caminho de Teflis com quinhentos soldados de guarda; mas como Deos nosso Senhor tinha determinado outra cousa delle, ordenou que neste caminho se encontrasse o Asemahombec, seu cunhado, o qual sabendo delle ao que hia, o reprehendia, e reprehendeo gravissimamente de deixar a Fé de Christo, em que nascêra elle, e seus avós, pela malvada, e falsa seita de Mafamede: que lhe pedia, e rogava muito pelo amor, e parentesco que com elle tinha, quizesse cahir no erro que tinha commettido, e deixasse aquella infame servidão, em que andava do Turco Amurates, da qual por fim de padecer infinitos trabalhos, e cuidados, não colheria outro fruto que hum aspero cativeiro, e pela ventura huma desordenada morte, a qual elle por fim de tudo vinha a dar aos seus mais valídos, e que mais honras lhe mereciam: e que por fim de tudo lhe lembrava a fé que tinha dado a ElRey da Persia; e antes de se elle partir pera a Cohoraçone, de se ajuntarem ambos contra o Turco, e lhe defenderem os passos por suas terras, e que não quizesse ficar tido por fementido entre todos os Georgianos, e Persas. Com tão ef-

fi-

ficazes palavras lhe disse o Asemechon estas cousas que de todo o envergonháram; e cahindo no erro que tinha feito, o certificou ao cunhado com mostras de muito grande arrependimento; e tomando os criados do Turco, que lhe trouxeram o dinheiro, a todos cortou as cabeças; e ajuntando-se com o Asemechon (além do parentesco) juráram de novo huma perpétua paz, e confederação contra o Turco, tratando logo alli de tornarem aos passos acostumados, e a lhe defenderem tudo o que pudessem os soccorros de seus fortes.

O Baxá Ferat chegando a Erzerum, foi avisado de tudo, e em extremo sentio aquelle negocio pelo trabalho que receava a Teflis pela falta de provimentos; pelo que lhe foi forçado despedir Azem Baxá com quinze mil cavallos escolhidos, e lhe deo quarenta mil cruzados, pera que os levasse a Teflis; e porque fossem mais ligeiros, e afforrados, repartio pelos soldados a quantidade de trigo que cada hum em seu cavallo podia levar pera metter em Teflis: este soccorro em quinze dias foi, e tornou de Teflis, tendo de passagem alguns recontros com os Georgianos, nos quaes morrêram alguns Turcos. Após este soccorro despedio o Baxá a Resuan com seis mil soldados pera irem destruir as ter-

ras

ras de Manuchiar, o qual pelas achar despejadas, fez nellas alguns roubos, e damnos, e com isto se recolheo. ElRey Codabanda da Persia foi logo avisado de todas estas cousas por correios mui apressados; e largando tudo, voltou pera seu Reyno. E chegando a Caabriz, deteve o exercito, e mandou fazer mais gente por todas as Provincias, e escreveo a seus Governadores que sob pena de morte se fossem juntar logo com elle a Tabris; e dando-se todos a pressa, ajuntáram hum bom exercito, do qual Ferat Baxá, que estava ainda em Erzerum, foi logo avisado, e despedio correios ao Turco com cartas, em que lhe mandava dizer, que ainda que estava determinado de passar a Nassajun pera edificar hum Forte, por ser assim necessario pera a jornada de Tabris, que sobrestava no negocio, por saber de certo que o Xá havia de peleijar com elle, o que elle não queria fazer sem seu recado. O Turco lhe respondeo que não entendesse por então em mais que em segurar o passo de Thomaniz, e Delori, pera que não fosse necessario o anno seguinte mandar novo exercito pera soccorrer aquellas praças, senão que ficassem em estado de o fazer com qualquer pouco cabedal. Com isto desistio o Baxá da empreza de Naci-

van,

van, do que o Xá foi avisado, e desfez o exercito; e porque achou Ermichon, Capitão de Tabris, culpado nas cousas dos Turcos, podendo com os Turquimães defender-lhe a obra de Raivan, mandou-lhe arrancar os olhos, e o condemnou em perdimento de bens, e fez Capitão dos Turquimães a Alegulichão, que era mortal inimigo de todos, com o que elles se amotináram, e assim deixaremos as cousas da Persia até tornarmos a ella.

CAPITULO III.

De como os moradores das Aldeias de Cuculí, e Salsete matáram o Padre Rodolfo Aquaviva, e outros quatro Companheiros, e a razão porque.

COmo os Padres da Companhia de Jesus, verdadeiros agricultores do Ceo, andavam espalhados pela India pera romperem matos marinhos, e estereis, e cortarem todos os espinhos, e cardos das idolatrias, cujo fruto havia tantas centenas de annos não era outro que morte, e perdição; e como as Aldeias de Salsete, que são sessenta e seis, tão vizinhas á Ilha de Goa, que erão do Estado da India, estavam ainda por cultivar, querendo dispôr por todas el-

ellas a planta Evangelica, que désse fruto de vida, puzeram mãos á obra pelos annos do Senhor 1559. aonde com muito trabalho de corpo, e espirito começáram a cortar, e dissipar o mato bravo, de que todos aquelles campos estavam cubertos, achando pera isso grandes inconvenientes, e impedimentos em os naturaes, mas grandes favores em todos os Viso-Reys, e Governadores da India, principalmente em D. Antão de Noronha, que por acudir ás affrontas que os Padres recebiam naquella santa obra, favoreceo-os, e ajudou-os com o gladio temporal, castigando os culpados, e pondo-lhes por terra mais de duzentos Pagodes, como melhor se verá na Decada VIII. onde cabe o tempo deste Viso-Rei; e com este castigo, e affronta de sua Religião ficáram sempre os naturaes tendo grande odio aos Padres; e ainda lhe cobrá-ram maior, depois que víram multiplicar tanto a semente Evangelica, e alevantar em as mais de suas Aldeias templos ao verdadeiro Deos, e seus filhos, e netos; e parentes entrarem cada dia na manada dos Catholicos, sem lho elles poderem estorvar: ainda os escandalizou mais cuidarem que o castigo que o Conde D. Francisco Mascarenhas (como atrás dissemos) lhe nascêra dos Padres, o que lhes fez accres-

cen-

çentar odio a odio, com o qual andavam espreitando occasião pera se poderem satisfazer nelles, a qual lhe o tempo logo offereceo por esta maneira.

Estava neste tempo por Reitor das terras de Salsete o Padre Rodolfo Aquaviva Napolitano, filho do Duque d'Arria, sobrinho de Claudio Aquaviva, Geral de toda a Companhia, o qual havia pouco tinha vindo das terras do Grão Mogor, varão de vida exemplar, e de grande humildade, com a qual não só a Christãos, mas ainda a Mouros, e Gentios tinha admirado; porque todo aquelle tempo que andou na Corte do Mogor assim resplandeceo o cheiro de suas virtudes (de que sempre foi riquissimo) que vindo della contra sua vontade, por cumprir com a obediencia, deixou em todos aquelles Mogores tamanhas saudades, que quando lhes chegou a nova da sua morte, assim foi sentida, que se viram no Hecbar publicos affectos de sentimento: em fim, como hiamos dizendo, estando este varão por Reitor em Salsete, desejava muito de trazer á manada de Christo as sinco Aldeias de Cuculí, que estavam ainda bravias; e praticando com os Padres, que tinha por companheiros, o modo que nisto teria, assentou-se que as fossem visitar de passagem, e notassem o sitio em que se po-

poderia levantar Templo, e que logo tomasse posse dellas por Christo, abalizando-as com o marco da nossa redempção. Andando nestes santos propositos, succedeo virem alguns Gentios daquellas Aldeias pedir aos Padres que quizessem ir a ellas a fazer humas amizades entre dous principaes, que estavam em odio mortalissimo, por cuja causa todas as Aldeias andavam em revoltas, e postas em bandos. Isto acceitáram os Padres com muito gosto, tendo pera si que Deos lhes offerecia aquella occasião, pera o que tanto desejavam; e pondo-se o Padre Rodolfo a caminho, levou comsigo quatro companheiros, que eram o Padre Francisco Pacheco, pai dos Christãos daquellas Aldeias; Francisco Aranha, sobrinho de D. Gaspar, e primeiro Arcebispo de Goa, e em sua companhia foram o Escrivão da Fortaleza de Rachol com dous Portuguezes, e alguns Christãos da terra. Chegados á Aldeia Couri, cabeça daquellas, foram muito festejados dos Gentios, a cujo rogo hiam, que os agazalháram em huma ramada, que pera isso tinham feito. Aqui acudíram logo muitos moradores pera verem fazer aquellas amizades; e em quanto huma das partes tardou, praticáram os Padres entre si daquelles desejos, com que andavam, e notáram

hum

hum lugar pera alevantarem huma Cruz. Esta pratica foi entendida de alguns; e sahindo-se dalli com muita pressa, deram rebate na Aldeia daquelle negocio; e hum delles, que era havido por grande feiticeiro, soltando os cabellos, começou a persuadir a todos que acudissem pela honra de seus Pagodes, e que tomassem vingança nos Padres, que foram causa daquellas affrontas, chamando a grandes vozes pelos idolos, bramindo, e excitando a todos com tal vehemencia, que se lhes chegáram muitos, e tomáram as armas pera irem dar nos Padres, seguindo todos aquelle feiticeiro, que com os cabellos espalhados pelos hombros hia adiante saltando, e embravejando. Disto forão os Padres avisados, e pareceo-lhes bem tornarem-se a recolher, e assim o foram fazendo, e no caminho encontráram com esta caterva infernal, que em vendo os Padres, remettêram a elles com huma furia temeraria. O Padre Pacheco, que sabia a lingua, adiantou-se com os braços abertos, como que os queria abraçar por amizade, dizendo-lhes que se aquietassem, e não receassem perturbação, nem novidade alguma; mas elles como hiam damnados, sem escutarem razões, lhes respondêram com as armas; e achando mais perto o Padre Rodolfo com aquella modes-

tia

tia que ſempre teve, lhe deram hum golpe pelas pernas, de que logo cahio; e pondo-ſe de joelhos, com os olhos no Ceo, e as mãos alevantadas, inclinou o peſcoço, no qual lhe deram dous façanhoſos golpes, e por hum hombro hum que lhe derribáram o braço todo, e finalmente lhe atraveſſáram o peito com huma aguda ſetta, que elle ſentio bem pouco, porque eſtava ſua alma já levantada ſobre eſſes Ceos; os mais deram em os outros Padres tantos golpes, e feridas, que rendêram logo os eſpiritos a Deos noſſo Senhor; ſó o Irmão Franciſco Aranha ficou cahido, e eſtirado no chão com hum terrivel golpe pelo peſcoço, e os peitos atraveſſados com hum agudo dardo, ainda vivo, mas havido de todos por morto. E não perdoando eſtes barbaros carniceiros a peſſoa viva, matáram todos os mais da companhia, ſó hum Portuguez eſcapou pelo eſconder hum daquelles Gentios ſeu amigo. Feito iſto, tomáram aquelles innocentes corpos dos Padres, e os leváram a raſtos até hum poço que alli eſtava, e os lançáram dentro. O Irmão Aranha, que ainda eſtava vivo, de quem elles ſe deſcuidáram, vendo os barbaros occupados naquella carniceria, foi-ſe em gatinhas recolhendo pera hum mato, que alli eſtava perto, e nelle ſe embrenhou.

Vin-

Vindo aquelles ferozes algozes de dar aquella sepultura aos Padres, parece que foram avisados como o Irmão Aranha se fora recolhendo pera aquella parte; e não querendo que lhe escapasse, o foram buscar, e trouxeram á porta de hum Pagode, e alli amarrado a huma arvore lhe offerecêram, e lhe persuadíram que adorasse seu Idolo: o Irmão Aranha respondeo muito constante, que não era tão bruto que adorasse páos, e pedras, como elles faziam, de que elles tomados o assettiáram como a outro Sebastião, e sua bemaventurada alma banhada no fresco, e innocente sangue foi dalli receber a coroa do martyrio em companhia dos mais. Succedeo isto aos 15 de Julho deste anno de 1583. em que andamos, no mesmo dia, em que doze annos antes foram pelos hereges mortos os Padres Ignacio de Azevedo, e seus 39 companheiros, indo pera o Brazil, pelo que he este dia mui celebrado em toda a Companhia.

As novas da morte destes Padres chegáram logo a Goa, e com elles se alvoroçou todo o povo, com desejos de irem tomar satisfação dellas, movidos da grande caridade, e amor de Deos, por ser aquillo feito em offensa sua; mas o Conde D. Francisco Mascarenhas lhes foi á mão, por serem já os aggressores passados pera as

ter-

terras dos Idalxás, dizendo que as cousas tinham tempo, e que elle o buscaria, em que tomasse a vingança delles igual a tão barbara maldade.

CAPITULO IV.

Do que mais aconteceo em Barcelor: e da guerra que André Furtado fez aos Chatins: e dos navios que o Conde em Agosto despedio pera o Malavar: e de como D. Jeronymo Mascarenhas partio pera Malaca com huma Armada.

TOrnemos a André Furtado, que deixámos em Barcelor, porque he necessario continuarmos com elle. Atrás dissemos como o Conde Viso-Rey lhe mandou mais dous navios, cujos Capitães eram Francisco Ferreira da Silva, e Gaspar Fagundes. Chegados elles a Barcelor, armou André Furtado sinco calamutes, duas manchuas, e outras tantas almadias, com o que andou todo este inverno por aquelles mares destruindo, queimando, e cortando todas as povoações dos Chatins: e hum dia foi commetter a Ilha, que chamam a Grande, na qual elles tinham feito tranqueiras, e vallos, porque tinham alli muitas fazendas; e huma madrugada mandou desembar-

car nella Affonſo Ferreira da Silva, dei-xando-ſe elle ficar na ſua manchua em guarda dos navios. Affonſo Ferreira teve com os inimigos huma aſpera briga, porque acudíram muitos delles a lhe defenderem a deſembarcação; mas os noſſos apertáram com elles, que com morte de muitos os leváram de véncida por toda a Ilha, até os metterem por huma ponta que paſſa á outra, e ao paſſar della fizeram os noſſos nelles hum grande eſtrago; e ficando a Ilha deſerta, a mettêram a ferro, e a fogo, ſem deixarem couſa em pé, em que ficáram dos noſſos alguns feridos, e dous mortos, hum em terra, e outro na manchua do Capitão Mór, de huma eſpingardada. Paſſado iſto, lhe mandou dar duas vezes em Barcélor de cima; e junto do Pagode, antes de chegar á Cidade, lhe queimáram todas as povoações que por alli havia; e lhe cortáram hum bom numero de palmeiras; e em hum paſſo eſtreito, aonde elles tinham hum berço de metal pera defenderem a paſſagem, deſembarcou André Furtado com a gente da ſua manchua, e lho tomou em fim, que cada dia lhe dava aſſaltos, e lhe fazia tantos damnos, e deſtruições por todas as partes, que os obrigou a lhe pedirem pazes, que lhe elle não concedeo, por não ter ordem do Viſo-Rey; e

ſen-

sendo já alguns dias de Agosto, tanto que o tempo lhe deo lugar, sahio pela barra fóra com sinco navios muito bem concertados, e com elles andou por aquella Costa, esperando huma náo dos Chatins, que se esperava vir de Meca, a qual parece que adivinhou o tempo, e se foi a Ormuz, onde pagoũ os direitos livremente, por se não saber ainda lá da guerra. O Viso-Rey foi avisado por cartas suas de todas as cousas succedidas naquelle inverno, e de como ficava na Costa com os navios; pelo que ordenou logo nove, de que eram Capitães Simão Moniz da Camera, Jorge da Silva, Luiz Gonsalves Magno, D. João Rolim, Luiz Figueira de Azevedo, Martim Moniz, D. Francisco Tello, D. João Pereira, Thomé Vaz, e lhe mandou que fossem ajuntar-se com André Furtado pera andarem com elle até chegar D. Gilianes, que havia de ir por Capitão Mór. Partidos estes navios, que foi na entrada de Setembro, ficou o Viso-Rey entendendo nas cousas de Malaca, porque pela derradeira náo que della chegou teve as novas da perdição da náo de Simão Ferreira, e do que tinha succedido a Rajale com o Capitão de Malaca sobre a entrega da fazenda, e da artilheria; e pondo estas cousas em Conselho, assentou-se que se mandasse hu-

ma Armada possante, assim pera o Rajale fazer razão de si, como a visse, como pera enfrear o Achem, por haver novas que fazia a sua Armada prestes sem saber pera onde; e com isto ter ElRey escrito nas náos passadas que fora avisado que em Inglaterra se faziam algumas náos prestes pera passarem á India: que mandasse huma boa Armada áquellas partes; e que passando lá estas náos, as buscassem, e ensacassem. Assentado isto, elegeo o Conde por Capitão Mór desta Armada a seu sobrinho D. Jeronymo Mascarenhas, e lhe nomeou tres Galeões, huma Galé, e quatro Galeotas, que tudo estava já prestes no inverno, e começou a pagar á gente pera esta Armada. Desta eleição se aggravou Sebastião de Rezende, que tinha arribado em Abril (como atrás dissemos) dizendo que elle estava eleito, e com os gastos feitos pera aquella jornada, e que se-lhe não podia tirar, sobre o que não foi ouvido: depois nos disseram que em Portugal demandára o Conde sobre este negocio, requerendo-lhe os gastos das peças, e outras cousas.

Em fim, nomeado D. Jeronymo Mascarenhas, o fez com elle o Conde os Capitães que havia de levar, que foram estes: João Furtado de Mendoça no Galeão Santa Catharina, João Rodrigues Coutinho na

Ga-

Caraça Sant-Iago, e o Capitão Mór na náo Santo Antonio, Pedro Homem Pereira na Galé, e Lopo de Atouguia, João Rodrigues Coutinho, Vasco da Silva, Sebastião Bugalho, Paulo Coutinho nas Galeotas, e pera esta jornada se pagáram a alguns trezentos homens. O Conde despachou o Embaixador do Rajale pera ir com D. Jeronymo, e lhe confirmou as pazes, que lhe D. João da Gama tinha feitas, cujos mais substanciaes pontos eram, que não seria amigo do Achem, nem recolheria os Chincheos em seu porto; e lhe accrescentou o Conde mais, que tornaria a fazenda, e artilheria da náo de Simão Ferreira. Esta Armada se fez á véla de vinte de Setembro por diante, e com ella continuaremos em seu lugar, e primeiro partio o Galeão, de que era Capitão Fernão Botto Machado pera Maluco, o qual tinha invernado em Angediva, como atrás fica dito.

CA-

CAPITULO V.

Da Armada que este anno de 583. partio do Reyno, na qual ElRey proveo o Arcebispado da India: e do novo contrato que se fez das náos com Manoel Caldeira: e de como D. Gilianes Mascarenhas foi por Capitão Mór ao Malavar: e do que aconteceo a André Furtado até elle chegar.

VEndo ElRey D. Filippe as cousas da India tão quietas, tratou muito de proposito de prover em todas ellas, querendo imitar aos Reys seus predecessores, que sempre (como muitas vezes dissemos) continuáram nesta conquista do Oriente com os dous gladios espiritual, e temporal, com os quaes se abríram aquelles primeiros alicerses. Tendo cartas de como era falecido o Arcebispo de Goa D. Fr. Henrique de Tavora, determinou de a prover de outro Prelado, e apresentou pera isso ao Summo Pontifice a Fr. Vicente da Fonseca da Ordem dos Prégadores, hum dos melhores de seu tempo, pelo que lhe era muito acceito; e vindo-lhe suas letras Apostolicas, o mandou ElRey embarcar com muitas honras, mercês, e mimos na Armada deste anno, que se negociava por novo con-

contrato que ElRey della mandou fazer com Manoel Caldeira, removendo o que estava feito com Luiz Cesar por justos respeitos que pera isso teve, pelo qual novo contrato se obrigou Manoel Caldeira a mandar todos os annos á India sinco náos, e que ElRey seria obrigado a lhe dar cada anno mortos oitenta mil cruzados pera a fabrica das náos; e que elle Manoel Caldeira poderia nomear cada anno huma pessoa pera Capitão de huma das náos, e estes oitenta mil cruzados a dezeseis mil cruzados por cada hum; e que lhe fazia ElRey mercê de huma Capitanía Mór da Carreira da India pera casamento de huma filha, a qual depois casou com Luiz Mendes de Vasconcellos, filho de Joanne Mendes de Esporan, que foi casado com Dona Anna, filha de D. Antonio de Ataíde, Conde da Castanheira. E como foi tempo, poz Manoel Caldeira as náos de verga d'alto, e de vinte de Março por diante se fizeram á véla, indo por Capitão Mór Antonio de Mello Crasto na náo S. Filippe, em que o anno passado tinha arribado: as mais náos eram o Salvador, Capitão Estevão Alvares, na qual se embarcou o Arcebispo D. Fr. Vicente, a náo Sant-Iago, Capitão Fernão da Veiga, em S. Francisco João de Trigueiros, em S. Louren-

renço Balthazar Marcos, que vinha pera servir nella, Ruy Gonsalves da Camera, hia mais o Galeão Sant-Iago pera Malaca, de que era Capitão Manoel de Medeiros. Este anno despachou ElRey muitos homens, e mandou algum dinheiro ao Conde D. Francisco pera ajuda das despezas do Estado: estas náos tiveram boa viagem, tomou Cochim, as mais foram a Goa por todo o Setembro: S. Salvador, em que vinha o Arcebispo, desgarrou a barra de Goa, e foi ao Cabo de Rama abaixo sinco leguas, onde esteve muitos dias surta por causa dos tempos contrarios, e o Conde lhe mandou as Galés pera a revocarem. Chegadas as náos, e festejadas á saude de ElRey, logo o Conde despachou João Correa de Brito pera ir entrar na Capitanía de Columbo, e Ceilão, da qual era provído, e foi embarcado no Galeão dos provimentos, de que era Capitão Antonio de Brito do braço cortado. Feito isto, entendeo no despacho da Armada, que havia de ir ao Malavar, da qual estava nomeado por Capitão Mór D. Gilianes Mascarenhas; e tanta pressa lhe deo, que aos 20 de Outubro o deitou pela barra fóra: levava duas Galés, e elle em huma, e D. Manoel de Menezes, filho de D. Pedro de Menezes o Ruivo na outra, e vinte navios de remo, de que eram

Ca-

Capitães Antonio de Azevedo, D. Jeronymo de Azevedo, D. Francisco de Menezes, irmão de D. Manoel assima, D. João Rolim, Diogo Corvo, D. Jorge da Gama, filho do Conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama, que este anno tinha vindo do Reyno com mil pardaos de tença cada anno pera seu entretenimento, Manoel do Carvalhal, Tristão Vaz da Veiga, Belchior Bungel, Antonio de Lemos, Pedro da Fronteira, Francisco Fernandes Arel, Francisco Fernandes Moricale, Pedro Rodrigues, todos tres Malavares, Manoel Caldeira, Pedro Gonsalves, Pedro Garcia, Belchior Vaz, Estevão Gonsalves, Antonio Pires, Pedro Rodrigues, e outros: e porque os Chatins de Barcelor tinham mandado pedir ao Viso-Rey pazes com muita instancia, commettendo partidos honrosos, lhas concedeo, e deo por regimento que lá as acabasse de assentar com elles, e as jurasse.

Entre tanto que D. Gileanes não chegou ao Malavar, daremos razão das cousas que succedêram a André Furtado de Mendoça. Atrás dissemos como em Agosto partíra de Barcelor, e andára por aquella Costa esperando huma náo dos Chatins, que havia de vir de Meca. Andando naquella paragem, chegáram a elle os nove navios que

o

o Viso-Rey lhe mandou diante pera se ajuntarem a elle até chegar D. Gileanes, e com elles se passou logo á Costa do Malavar, e por ella se deixou andar com grande vigia sobre seus portos, porque não sahissem cossarios a roubar. Andando por ella, lhe deram huma carta de D. Jorge de Menezes Baroche, Capitão de Cochim, em que o avisava de serem passados ao Cabo de Comorim oito, ou nove navios de Malavares ao cheiro de hum junco da China muito rico, que por falta de tempo foi invernar a Negapatão, pelo qual se esperava por todo o mez de Outubro. Com estas novas se passou logo ao Cabo de Comorim, tomando de passagem Cochim pera se prover das cousas de que hia falto, e chegando ao Cabo, não achando alli novas de paraos, passou-se a Toutocorim, que lhe pareceo que os paraos seriam passados da outra banda dos baixos pera esperarem o junco; e tomando parecer com os Pilotos sobre o passar os baixos á outra banda pera ir ensacar os paraos, achou contradicção nelles, affirmando-lhe que era muito tarde, e que lhe podia acontecer algum desastre: pelo que se deixou andar por aquella paragem, assim porque se os paraos tomassem o junco, haviam de voltar por alli com as fazendas, e forçado lhes

ha-

haviam de cahir em as mãos, como pera recolher alguns navios de Bengala, e de toda a Costa de S. Thomé, que naquelle tempo haviam de vir pera Cochim; e andando aqui, teve por novas que junto do Cabo andava hum navio de Malavares esperando prezas: indo-o buscar, espalhou os seus navios ao mar, e á terra por lhe não escapar; e andando dous delles Capitães D. João Rolim, e Diogo Corvo com outros em huma paragem, amanhecêram estes dous com o parao, estando surto: o navio de D. João Rolim acertou de ficar com a véla virada no bordo em que o parao hia; e tanto que vio os nossos navios, cortou a amarra, e deo á véla; e foi tão ditoso que o alcançou, e lhe poz a proa assim á véla, lançando-lhe logo algumas panellas de polvora, e apôs ellas alguns soldados, que em breve espaço axoráram o navio; matando alguns Mouros, e lançando os mais ao mar. A este tempo chegou Diogo Corvo, que já não havia mais que a pescaria do mar, tomou ainda vinte e tantos vivos, e tomando o navio, foram demandar André Furtado, que o festejou muito; e depois de recolher toda a cafila, e ter por certeza que os paraos eram recolhidos, voltou pera Cochim, onde deixou todos os navios dos Mercadores, e com os

seus

ſeus da Armada foi buſcar D. Gileanes, já andava na Coſta do Malavar.

CAPITULO VI.

De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio: e tornou a conquiſtar aquelle Reyno: e de como o Conde D. Franciſco mandou Fernão de Miranda com huma Armada á enſeada de Cambaya, e do que lhe ſuccedeo.

NA Decada IX. ſe verá como o Timitichão, Governador de Cambaya, entregou aquelle Reyno ao Hecbar Rey dos Mogores, e como elle caſtigou ElRey Almodafar, e o entregou a hum de ſeus Capitães. Eſte Rey cativo andou na Corte do Mogor em poder daquelle Capitão até eſte tempo em que andamos, que ſeria derredor de dez annos, em que as couſas de Cambaya ſe ſeguráram tanto, que com não haver naquelle Imperio mais de trezentos Mogores, aſſim eram temidos, e reſpeitados, como ſe foram trezentos mil, por não haver hum ſó Capitão daquelles antigos vivo, e os naturaes ſerem quaſi mulheres na affeminação, e pouco animo. Succedeo o anno paſſado de 582. alevanta-

[illegible]-se alguns estados, que o Mogor tinha nas partes de Bengala, a que o Hecbar mandou acudir por aquelle Capitão, que trazia o Rey de Cambaya, que foi áquelle negocio com hum grosso exercito, levando aquelle Rey comsigo, o qual parece que nesta jornada teve alguma communicação com humas mulheres do Capitão, as quaes lhe deram favor pera fugir, e assim desappareceo huma noite em trages mudados: e por caminhos differentes, sempre embrenhado, e com muito risco de sua pessoa, foi ter ao seu Reyno de Cambaya, e na Cidade de Cambarate se recolheo em casa de hum Baneane de quem se fiou, o qual o teve em tanto segredo, que em hum mez que alli esteve não foi visto, nem conhecido de outra pessoa; e por ordem do mesmo Baneane, que o acompanhou, se passou áquella Costa do rio, e chegou á terra do Jambo, que foi hum dos Capitães que nas revoltas de Cambaya se alevantou com o que possuia, e governava como já dissemos; e dando-se-lhe a conhecer, foi delle recebido, e tratado como herdeiro de hum tamanho Imperio, de quem elle era vassallo, consolando-o, e promettendo-lhe de o favorecer até o metter de posse do Reyno, e carteando-se com o Amicham, filho de Tarta-

tachão, ſenhor de Junagor, e da Coſta de Dio; e como Rey de Cache, de quem já nas outras Decadas démos razão, lhe fez a ſaber da vinda daquelle Principe, e o mandáram viſitar com preſentes, e grandes offerecimentos, concertando-ſe ElRey com elle, e lhe deo huma filha por mulher, a qual elle acceitou por não ficar de todo deſapegado em poder daquelles tyrannos, que ſe tinham alevantado com o que era ſeu, e por ter já aquelle recolhimento ſeguro pera ſua peſſoa; e depois de fazerem ſeus deſpoſorios com grandes feſtas, tratáram todos de o irem metter de poſſe do Reyno de Cambaya, viſto eſtarem as couſas todas diſpoſtas pera então o fazerem com menos cabedal que em outro tempo; e formando ſeus exercitos, em que havia mais de trinta mil cavallos, tomando o Almodafar comſigo com muita veneração, entráram com elle pelo Reyno de Cambaya, e o mettêram de poſſe da mór parte de ſuas Cidades, e Villas ſem golpe de eſpada, e foram cercar o Cotubicham ſenhor de Baroche em Veredora, e lhe deram tão aſperos combates que o chegáram a eſtado de o commetter com partidos, ao que ElRey Almodafar deo orelhas, e chegáram a ſe concluirem, com condição que ſe ſahiſſem todos com ſó ſuas peſ-

pessoas, pera o que lhe passou seguros; debaixo dos quaes lhe entregáram a Cidade; e querendo ElRey começar a fazer o que fez o Hecbar aos Capitães de Cambaya, tanto que houve Cotubidichão ás mãos, mandou-lhe cortar a cabeça, e o mesmo fez a todos os Capitães que com elle estavam; e deixando alli em Veredora guarnições, passáram-se a Baroche, onde estavam os filhos, e mulher do Cotubidichão, e lhe puzeram muito apertado cerco; mas por a Cidade ser muito forte, os de dentro lha defendêram muito bem. Estas cousas chegáram logo ao Viso-Rey; e porque era negocio de muita importancia, o poz em Conselho, e assentáram que era necessario ir-se elle em pessoa ao Norte, e deixar-se estar em huma daquellas Fortalezas até ver em que paravam as cousas de Cambaya, porque poderia ser occasionaria o tempo conjunção pera poder lançar mão de Surrate a pouco custo, porque naquelles tumultos sempre haviam de ficar alguns postigos abertos por onde se pudesse metter hum pé em qualquer daquellas Fortalezas, porque ás vezes he certo o rifão, *Rio turvo proveito de pescadores*; e que além de importar muito aquelle porto, seria muito necessario pera segurança das terras de Damão; e se o Mogor tornas-

nasse a voltar, sendo a Fortaleza de Surrate do Estado da India, ficariam sempre tendo-lhe com ella hum pé no pescoço. Assentado isto, despedio o Viso-Rey Fernão de Miranda com doze navios pera se ir metter na enseada de Cambaya, e ver aquellas cousas, e em que paravão, pera que se o tempo lhe offerecesse alguma occasião, não se perder á mingua. Fernão de Miranda se fez logo á véla em 28. de Outubro, e os Capitães que o acompanháram foram Antonio de Azevedo, D. João de Crasto, Cosme de Lafetar, Gonsalo de Sousa, Fernão de Macedo, D. Jorge de Almada, Antonio de Lima, Luiz Falcão, Ignacio Nunes, Balthazar Gonsalves; e sem se embaraçarem com cousa alguma, chegáram á enseada a tempo que ElRey Almodafar tinha a Cidade de Baroche em muito aperto, e logo deitou Fernão de Miranda em terra algumas pessoas de confiança, ensaiadas do que haviam de fazer. Estas começáram por sua parte ter algumas intelligencias, assim com ElRey, como com a mulher, e filhos do Cutubidichão, fazendo-lhes crer que era alli chegado com aquella Armada em seu favor, offerecendo-se a ElRey pera o ajudar, e á mulher, e filhos do Cutubidichão pera os favorecer, ajudar, e salvar, quando fosse necessario;

e

de maneira soube tecer isto, que com todos lhe ficou o lanço formoso, e todos lhe ficáram, agradecendo seus offerecimentos, e assim se deixou ficar defronte de Baroche com grandes espias em terra, porque o avisassem de tudo o que succedia, indo ElRey continuando o cerco com muita pressa; porque bem entendia que como chegassem as novas ao Mogor, havia de voltar, e assim os deixaremos até seu tempo.

CAPITULO VII.

Das alterações que houve no Reyno de Idalxá: e de como alguns Capitães tratáram de metter Cosuchão de posse daquelle Reyno: e do que sobre isto fez o Conde D. Francisco Mascarenhas: e de como partio pera o Norte: e do que succedeo a Fernão de Miranda.

ERa tão soberano o governo de Lavarchão Abexim no Reyno de Idalxá, que o não podiam soffrer os mais Capitães; e confederando-se Anel Maluco, Capitão General daquelle Reyno, Calabetechão, e Ziadaulchão, tratáram de metter no Reyno a Cosuchão filho de Miliachão, que estava em Goa, e lançarem fóra hum

Rey tão fraco, que consentia a soberania dade de hum Abexim, sendo elles Capitães naturaes de tamanhos merecimentos, e partes, e de mais experiencia, e ser que o Abexim; e porque isto fosse em mais segredo, tratáram estes senhores do Reyno, e Capitães delle de metterem o Cufo no Balagate escondido; e depois de alli o terem, declararem-se com todos, e metterem-no de posse do Reyno: e pera isto despedíram pessoas de muita confiança pera Goa, pelas quaes mandáram significar ao Cufo sua determinação, pedindo-lhe que trabalhasse tudo o que pudesse pera passar a Balagate escondido, pera que como o lá tivessem, sem dúvida o metteriam de posse do Reyno. Praticadas estas cousas entre estes enviados, e o Cufo, deo elle conta ao Conde Viso-Rey dellas, o qual por lhe não parecer bem aquelle modo; por haver que não poderia ter effeito, e que ficava quebrando as pazes ao Idalxá, não quiz dar licença ao Cufo, antes o entregou ao Alcaide Mór Affonso Vaz Viegas, pera que o tivesse em custodia, em quanto elle acudia ao Norte pera onde se negociava com muita pressa, dando outra muito grande ás náos que haviam de ir pera o Reyno, e escrevendo a ElRey o estado das cousas da India.

Da-

Dado despacho ás náos, foram tomar carga a Cochim, e de alli se fizeram á véla até quinze de Janeiro de 584. em que com o favor Divino agora entramos, e embarcáram-se nestas náos muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e o Padre Nuno Rodrigues da Companhia, que levava tres Fidalgos Japões a Roma a dar a obediencia ao Summo Pontifice; e de sua chegada ao Reyno, e da jornada que fizeram por toda a Italia até se apresentarem ao Papa, não daremos relação; e quem a quizer ver, achar-se-ha escrita em Latim pelo Padre Duarte de Sande, e já impressa.

Partio tambem de Goa pera o Reyno já de vinte de Fevereiro por diante D. Francisco de Crasto, que acabára de ser Capitão em Chaul, em huma náo sua que o destruio; porque tendo tirado mais de sete mil pardaos de sua Fortaleza, não se contentando com elles, se metteo naquella náo, a qual por ir mal arrumada, e não soffrer a véla, tornou a arribar logo o primeiro dia; todas as mais náos chegáram ao Reyno a salvamento, sem lhes acontecer desastre, só a náo Salvador, indo correndo de hum temporal, lhe deo hum mar tão grosso, que lhe levou a varanda, e nella a Estevão Alvo seu Capitão com hum filho seu, e os passageiros elegêram por Capi-

tão Alexandre de Sousa, que hia alli embarcado, que acabára tambem de ser Capitão de Chaul.

E tornando ao Conde D. Francisco Mascarenhas, tanto que despachou as náos do Reyno, logo se embarcou pera o Norte, que foi pelas oitavas de Natal, e levou os navios, que se puderam ajuntar; porque como hia a modo d'Aforada, e com voz de visitar as Fortalezas, não houve paga, nem ajuntamento geral, e ainda o acompanhàram de vantagem de quarenta navios de Capitães que ás suas custas os armáram.

Primeiro que o Conde se embarcasse, entregou o governo a D. Fr. Vicente Arcebispo pera com o Capitão Chanceller, e outros Deputados despacharem todas as cousas.

Foi sua pessoa embarcada na Galé bastarda, e em outra D. Pedro de Castro, irmão do Conde de Basto, e nos mais navios os Capitães seguintes: *João da Silva*, *Pedro Lopes de Sousa*, *Manoel de Sousa*, *Ayres da Silva*, *Jorge Barreto*, *Francisco de Sousa Rolim*, *João de Faria* Secretario, *Sebastião Barbosa* Ouvidor Geral, *João Mendes Pestana*, *Manoel Vaz*, *Affonso Pereira Coutinho*, *Alberto Homem da Costa*, *Antonio Colaço Lobo*, *Domin-*

gos Carvalho, João Rodrigues, D. Francisco Deça, o Licenciado Simão Borges, Martim Furtado, e outros navios de serviço.

Na barra de Goa deixou o Viso-Rey dous navios pera sua guarda, de que eram Capitães Diogo Rodrigues Froes, que ficava por Cabeça, e Sebastião Coelho; e porque ficavam ainda em Goa muitos navios, despedio o Conde de caminho Pedro Lopes de Sousa com outros sinco pera os ir recolher, porque havia novas de Cossarios, e elle foi seguindo sua derrota, Pedro Lopes de Sousa com outros sinco (pera os ir recolher) e foi recolhendo a si os navios que sahião pera fóra, mandando recado aos que estavam dentro, que logo se sahissem pera fóra, porque até outro dia esperava por elles: o que fez com todos os que se ajuntáram, com os quaes se fez á véla, ficando em Goa hum fustarão, em que se embarcava hum Embaixador do Mogor, que estava em Goa, o qual se deixou ficar de vagar, porque tinha muitas fazendas pera embarcar; e quando sahio pera fóra, já não achou a Armada, pelo que se foi só seguindo sua viagem, indo alli embarcado João Rodrigues Preto, filho de Simão Gonsalves Preto, Chanceller Mór do Reyno, que por se descuidar da embarcação

ção em que havia de ir, quando acudio ao caes, ja não achou outra senão aquella, e aos dous dias de sua viagem déram com elles huns Catacoulões que os abalroáram, e entráram, abrazando-os os Mogorês com muito fogo que dentro lhe lançáram, com o qual alguns se botáram ao mar, e o mesmo fez João Rodrigues Preto que logo morreo; os ladrões roubáram o navio, e o deixáram com os Mogores, a que não fizeram mal por ser Mouros, e ainda lhes leváram mais de trinta mil cruzados que levavam empregados em cousas pera o Mogor: assim roubados, e destroçados chegáram a Chaul, aonde já o Viso-Rey estava, que sentio muito fazer-se-lhe aquella descortezia quasi na sua companhia; pelo que logo despedio outra vez o mesmo Pedro Lopes com seis navios pera levar a cafila pera Goa, e pera ir dar guarda á que havia de vir das Fortalezas de Canará com mantimento pera Goa, e de sua viagem adiante daremos razão.

Alli em Chaul se deixou o Conde ficar despachando algumas cousas, e despedio pessoas de confidencia, humas pera irem a Baroche em muito segredo a visitar aquelle Rey; e offerecendo-lhe pera o favorecerem, e ajudar, e outras pera fazerem o mesmo á mulher, e filhos do Cutubdi-

chão,

chão, que ainda estavam de cerco, e entre tanto aperto que se fallava já em concertos, pelos quaes dahi a poucos dias se concertáram, com condição, que deixassem ir todos livremente, e que lhe entregariam a Cidade. Fernão de Miranda, que não se descuidava em nada, foi logo avisado daquelles tratos, pelo que com muita pressa lançou huma pessoa em Baroche, pela qual mandou dizer á mulher, e filhos do Cutubidichão que se não fiasse de hum homem, que sobre o mesmo seguro lhe matára seu marido, offerecendo-lhe aquella Armada pera nella os pôr onde quizesse com toda a sua fazenda, parecendo-lhe que pelo escandalo que tinha tão fresco daquelle Rey lhe acceitasse seus offerecimentos, no que faria hum muito grande negocio, e de muita honra, e proveito pera o Estado; mas como estavam já sobre concertos, e os seus já muito atemorizados, quizeram antes correr seu risco, e entregarem-se ao Almodafar Mouro, como elles, que não fiarem-se dos Portuguezes, e assim se lhe entregáram, e ElRey poz naquella Fortaleza por Capitão Nazircham, irmão de sua mulher, com dous mil homens, tomando todos os thesouros de Cutubidichão, e huma colcha que valia quatrocentos mil cruzados, porque era toda de setim broslada, e lavrada de

de monterias de ouro, e cachos de aljofar, obra além de muito rica mui curiosa, que se podia imaginar que eram muitos, e tantos, que hum Portuguez chamado Francisco Rodrigues, muito continuo Mercador de Cambaya, nos affirmou que só a renda valia a dita quantia. Recolhido tudo isto, foi ElRey com todo o seu exercito cercar a Cidade de Amadabá, onde estava fortificado Agicola, coláço de ElRey dos Mogores, e no cerco houve muitos successos que deixamos. E porque aquelle negocio era pera devagar, deixou ElRey alli seu sogro com doze mil cavallos, e elle com todo o mais poder foi senhoreando tudo o que havia do Reyno, assolando, destruindo, e roubando todas as Cidades, villas, e lugares de maneira, que o miseravel Cambaya padeceo em pouco mais de dez annos as mores mudanças, castigos, e destruições que em todo o Oriente se víram. Fernão de Miranda tanto que foi avisado daquelle negocio, não tendo alli mais que fazer, recolheo-se pera o Viso-Rey.

CAPITULO VIII.

Do que fez o Mogor, tanto que soube das cousas de Cambaya: e de como huma náo sua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios pera a reprezar, e do que passou.

DE todas estas cousas acontecidas em Cambaya teve logo o Mogor aviso, o que sentio muito, e lhe deram bem em que cuidar; e logo sem fazer detença, despedio o Mirzacham, filho do Capitão Parsee, que lhe ajudou a conquistar aquelle Reyno, como já dissemos, o qual com a mais gente que pode ajuntar se poz em caminho, ficando o Hecbar fazendo-se prestes pera partir apôs elle.

Estando assim as cousas neste estado, e todo o Reyno quasi posto em poder do Rey Almodafar, chegou á Cidade de Goga huma náo do Hecbar, que vinha de Juda, a qual trazia cartas do Viso-Rey, e surgio dos Canaes pera dentro, sem saber as revoltas que no Reyno hiam. Braz de Azevedo, Capitão Mór da Armada de Dio, que havia alguns dias estava alli favorecendo os navios que hiam de Cambaya pera aquella Fortaleza a pagarem os direitos, tan-

tanto que vio a náo surta, foi-se a ella; e sabendo ser do Hecbar, que trazia cartas, tratou de lho não guardar, e de levar pera Dio, porque havia que o Mogor pela guerra que mandára fazer a Damão tinha quebradas as pazes, e já as cartas lhe não valião: os Mercadores da náo requerêram sua justiça, e com isso lhe dariam alguma cousa, com que elle a deixou, e se foi pera Dio.

O Capitão da Cidade de Goga, que já estava pelo Almodafar, tanto que vio surta a náo, e a nossa Armada ida, mandou-lhe metter dentro cem espingardeiros pera sua guarda, e mandou levar a terra os mais ricos Mercadores que nella vinham, e com elles os Capitães, e Officiaes, e mandou desapparelhar a náo, porque determinava de a descarregar; e despedio logo recado a ElRey, o qual com muita brevidade mandou Mustafá com sinco, ou seis mil cavallos pera fazer desembarcar as fazendas. Os Mercadores da náo, e outros de Cambaya, que estavam interessados naquella náo, despedíram recado a outros seus procuradores, que tinhão em Dio, os quaes requerêram a Manoel de Miranda, Capitão daquella Fortaleza, que mandasse levar aquella náo a Dio, porque elles queriam pagar os Direitos della, se lhes fizessem

em algum favor. A isto acudio Serepte, hum Bramene rico, que era o rendeiro, e se concertou com os Procuradores dos Mercadores todos em hum preço moderado, com o que Manoel de Miranda despedio logo Balthazar de Siqueira, que alli estava por Provedor da Fazenda, pera que fosse levar aquella náo a Dio, o qual foi embarcado em hum navio com quarenta homens, e levou huma Manchua, de que era Capitão hum Luiz de Oliveira, com alguns soldados, e deo-se tanta pressa, que o mesmo dia partio de Dio; e passando de noite por Madre Faval, lhe sahio hum paráo de Malavares, pera o qual se poz em armas, e commetteo; mas vendo elle aquella determinação, fez-se pera a volta do mar, e Balthazar de Siqueira foi seu caminho, e á outra noite seguinte chegou a Goga, e foi demandar a náo pera fallar com os de dentro; mas elles que já estavam postos em armas, lhes bradáram que se affastassem, porque era de noite, e não sabião quem eram. Balthazar de Siqueira lhes mandou fallar por hum Abexim que comsigo levou, muito conhecido de todos os de Cambaya, chamado Cide Raná, o qual lhe disse que alli hia naquelles navios, e que não queriam mais que favorecer os Mercadores, porque a gente de El-

Rey

Rey os não roubasse, e que só a isso partíra de Dio: que vissem se haviam mister alguma cousa, porque estava prestes pera tudo o que cumprisse a elles; e em ouvirem isto, lhe respondêram que se affastassem, que como fosse de dia, fallariam com elle, o que elle fez; e chegando a terra, lançou nella o Cide Raná pera tomar falla de hum Babugi Sarage da náo, pera saber delle a vontade dos Mercadores, e se queriam ir pera Dio, mandando-lhes offerecer muitos favores. Posto o Cide Raná em terra, negociou tudo muito bem, e soube que os Mercadores não desejavam outra cousa, antes mandáram requerer a Balthazar de Siqueira que os levasse a Dio, que elles eram contentes de cumprir o que estava assentado com o Rendeiro daquella Alfandega ácerca dos direitos das fazendas daquella náo. Com isto tanto que foi ao outro dia, mandou Balthazar de Siqueira dizer á gente que estava em guarda da náo, que os Mercadores que alli vinham eram livres, e que podiam levar suas fazendas pera onde quizessem, e que queriam ir pera Dio, pera onde elle os havia de levar, e por isso que se determinassem. A isto lhe respondêram, que o que tocava ás fazendas dos Mercadores consentiriam em se irem, e as levarem; mas que

as

as que fossem do Hecbar do Rao, e de outros alevantados, não a haviam de entregar, porque pertencia a ElRey Almodafar, como verdadeiro Senhor, e herdeiro daquelle Reyno. Vendo Balthazar de Siqueira aquella determinação, dissimulou, porque não tinha Armada pera nada, e esperava cada dia por mais navios, que o Capitão de Dio ficou de lhe mandar; e por lhe não sentirem fraqueza, foi entretendo o negocio com recados, e protéstos. Neste meio tempo chegou a Goga Amostafa, que tinha despedido ElRey Almodafar com sinco, ou seis mil homens, e alguns elefantes, o que elle mandou pera recolher a fazenda da náo, e logo soube de tudo o que os da náo tinham passado com Balthazar de Siqueira, e lhes mandou recado que nada deixassem desembarcar, porque toda aquella fazenda pertencia a ElRey Almodafar seu Senhor, e que elle estava alli pera os favorecer contra os Portuguezes, e que não se levassem de nada; e com este recado se alteráram os da náo, que era muito grande, e com hum cão de metal pela proa a ir, e vir da terra com recados, e resposta de Mustafá, o qual mandando advertir aos da náo que se os nossos apertassem muito, elles cortassem as amarras, e dessem com a náo á costa, on-

de

de os noſſos lhes não podiam fazer mais nojo, e aſſim ſe ſalvaria toda a fazenda. Neſtas idas, e vindas que o batel fazia, paſſava pela fuſta de Balthazar de Siqueira, ſem o ſalvar, nem uſar com elle de cortezia alguma, moſtrando niſſo eſtarem ſoberbos com o favor de Muſtafá; do que tomado Balthazar de Siqueira, mandou a Luiz de Oliveira, Capitão da Manchua, que tanto que o batel tornaſſe a paſſar pera terra, o foſſe abalroar, e abrazaſſe todos os que hiam nelle, e lhe prefez pera iſſo vinte ſoldados. O Luiz de Oliveira ſe fez preſtes; e vindo o batel pera terra já á boca da noite, indo demandar o eſteiro, endireitou com elle, e lhe poz a proa, e logo lhe lançou dentro tantas panelas de polvora que o axorou, e abrazou todos os que nelle hiam, matando muitos, e cativando todos os mais, e com o batel por popa ſe recolheo pera onde eſtava Balthazar de Siqueira. Tanto que da terra víram o fogo, e a briga, acudíram á praia, e gritáram aos da náo que lhe cortaſſem as amarras; e querendo-o fazer, acudíram a iſſo os Mercadores, porque os tinha já Balthazar de Siqueira mandado aviſar, que ſe a gente que lá eſtava em guarda quizeſſe bolir nas amarras, que a metteſſem á eſpada, que elle ſeria logo em ſeu favor.

Eſ-

Estando assim este negocio, sendo o quarto d'ante alva, chegáram alguns navios de Dio, que lhe vinham dar soccorro, com os quaes Balthazar de Siqueira rodeou a náo; e tanto que amanheceo, que os de lá víram os navios, commettêram logo partidos, e seguro, pera que livremente se pudessem ir pera terra, o qual elle lhes concedeo, e a gente que alli estava de guarnição se começou logo a desembarcar, deixando a náo aos Mercadores com todas as suas fazendas, e Balthazar de Siqueira mandou buscar Taurís pera descarregar a náo, porque não era possivel tiralla dalli. Ao outro dia chegou Fernão de Miranda com sua Armada, o qual havia pouco tempo era vindo a Dio a se prover; e sabendo o que tinha Balthazar de Siqueira passado em Goga, voltou pera lá, e achou o negocio em tão bom estado, que por não ter que fazer se tornou pera a enseada, e Balthazar de Siqueira ficou descarregando a náo em muitos Taurís, e navios, que logo acudíram de Dio, e nelles levou toda a fazenda, e em Dio pagou os direitos, conforme ao concerto que os Procuradores dos Mercadores tinham feito com o rendeiro, sem se fazer nenhum aggravo a Mercador algum.

CA-

CAPITULO IX.

De como Mizarchão chegou a Cambaya: e dos recontros que teve com a gente de ElRey até chegar o Hecbar: e de como ElRey Amodafar lhe largou o Reyno, e se recolheo: e do que fez o Conde D. Francisco no Norte: e de como os Malavares matáram D. João de Castro: e da morte de D. Gonsalo de Menezes.

TAnta pressa deo o Mizarchão, que o Mogor despedio ás cousas de Cambaya, que em menos de quarenta dias entrou por aquelle Reyno, onde se lhe ajuntáram alguns Capitães do Mogor que andavam espalhados, com os quaes determinou de dar batalha a ElRey Amodafar, que cá estava outra vez sobre a Madava; e chegando duas jornadas daquella Cidade, assentou o seu exercito, por esperar mais gente, e dalli mandou alguns corredores até Madava, que tiveram alguns encontros com a gente daquelle Rey, em que de ambas as partes houve perdas.

Estando as cousas assim, poucos dias depois chegou o Hecbar pela posta em camellos, como da outra vez; e entrando por aquelle Reyno com hum arrazoado exercito, foi tomando outra vez tudo o

que

que estava por Amodafar : estas novas lhe chegárão, com as quaes tomou tão grande medo, elle, e os mais da sua liga, que sem guardarem momentos levantáram o exercito, e foram-se; e passando por Cambujete, e pelas mais Cidades daquella parte, as saqueou todas, e dellas levou hum grande thesouro com que se recolheo a seus Reynos; o Hecbar teve aviso de sua ida, e em fresco despedio Mizarchão com trinta mil de cavallo, pera que fossem seguindo os inimigos, e lhes conquistasse suas terras, e os destruisse de todo: e pera mais o obrigar, e honrar, lhe deo o titulo de Chanchana, que he como Condestable do Reyno, o qual na sua lingua quer dizer *Senhor dos Senhores*. Partido este Capitão, despedio tambem os filhos de Cutubidichão com hum grande exercito pera irem cercar Marzichão, cunhado de ElRey Amodafar, que estava em Baroche mui fortificado ; e ao mais velho deo a Capitanía daquella Cidade, como seu pai a tinha : e das jornadas destes dous Capitães adiante daremos razão, porque he necessario continuarmos com as cousas por ordem.

As novas da chegada do Mogor a Çambaya foram logo ao Conde Viso-Rey, que estava em Chaul ; e sabendo que tinha outra vez conquistado aquelle Reyno,

e que os Reys da liga eram fugidos, houve que não tinha que fazer naquelle negocio, e mandou a Fernão de Miranda que corresse toda aquella costa do Norte pera haver novas de alguns cossarios; e andando por ella, foi avisado que alguns paráos eram passados pera a enseada de Cambaya, pelo que fez volta pera lá; e andando após os ladrões, lhe deo hum tempo tão grosso, por ser em conjunção de Lua, que esteve toda a Armada perdida, e foi-lhe necessario correr com pequenos bolsos de véla por onde cada hum pode, o que lhe durou todo aquelle dia, e noite, vendo-se cada hora, e cada momento submergidos dos mares que crûzavam por cima delles: ao outro dia de madrugada abonançou o tempo, e cada hum se achou pera sua parte, sem saberem huns dos outros, cuidando cada hum delles, pelo tempo que passou, que os outros seriam perdidos. D. João de Castro foi amanhecer entre Tarapor, e Maim na costa de Damão, pera Baçaim; e indo demandar a terra quasi destroçado, foi dar de rosto com dous paráos de Malavares, que parece que com a mesma tormenta se tinham recolhido em algum rio daquelles. D. João fez logo tomar as armas, vindo mais pera descançarem todos, que pera entrarem em outro pe-

perigo; e porque trazia toda a polvora molhada, negociáram alguma que acháram de melhor feição pela surriada que haviam de dar; e porque os paráos vinham alongados hum do outro algum espaço, mandou ao seu catureiro que lhe investisse logo o que vinha mais perto, porque rendendo-o, ficar-lhe-hia menos que fazer; e apertando o remo, foram demandar o cossario, o qual se foi detendo tudo o que pode, quando vio aquella determinação, porque o outro chegasse; e quando D. João de Castro chegou a lhe pôr a proa, já o outro estava com elle; e como este Fidalgo desejava de se parecer com seus avós, encommendando-se a Deos, e animando os seus, investio ambos os navios, ficando-lhe hum por poppa, e outro por proa; e depois que os nossos despendêram as panellas de polvora todas com que abrazáram muitos Mouros, leváram mãos ás armas, porque as espingardas não hiam pera nada, e ás cutiladas, e lançadas peleijáram muito valerosamente, matando muitos dos inimigos que nunca lhe puderam entrar o navio, sobre o que trabalháram bem; mas os nossos lho defendêram com grande valor, recebendo sobre isso muitas, e muito grandes feridas que o animo, e furor lhe não deixava sentir. D. João, vivo retrato do

morto avô, fez este dia tamanhas maravilhas que pasmou a todos; porque com ser muito mancebo, quando era necessario mandar, o fazia, como se toda sua vida cursára a guerra; mas a fortuna invejosa de hum tão honrado pensamento, endireitou hum pelouro de huma espingarda que o tomou pelos peitos, que logo o derrubou morto. Os seus vendo o seu Capitão estirado, determináram satisfazer sua morte, e vendêram muito caro suas vidas; e assim fizeram cousas notaveis com grande damno, e destroço dos inimigos; mas como Deos nosso Senhor tinha alli posto o termo a todos, acertou de dar huma panella de polvora em hum barril della, que tinham os nossos de poppa, e tomando fogo, deo com quantos havia do masto á ré por esses ares, ficando a fusta despejada; e assim os peitos que as armas inimigas nunca puderam vencer, as suas proprias foi necessario que tambem se comprassem, pera que elles se rendessem com mais gloria, e escapáram vivos só tres, que foram cativos, dos quaes ainda hoje vive hum Manoel Nogueira casado em Goa, de quem nós soubemos este successo.

A mais Armada de Fernão de Miranda foi tomar diversos portos, toda destroçada, e desbaratada; e de alguns marinheiros

que

que se salváram a nado do navio de D. João de Castro soube o Capitão Mór a desaventura que lhes succedeo, a qual sentio tanto, que ainda que perdêra hum irmão muito querido, se não entristecêra mais, e assim mostrou no exterior a tristeza que todos nelle sentíram; e depois que ajuntou os navios, se foi a Chaul, onde o Viso-Rey estava, e da barra lhe mandou as novas da perda de D. João por Antonio de Azevedo, por elle se não atrever a lha dar; e elle lhe certificou o grande sentimento com que Fernão de Miranda hia por aquelle máo successo. O Conde sentio muito a morte daquelle Fidalgo, assim pelo parentesco que com elle tinha, como pelas esperanças que de si tinha dado, e mandou chamar Fernão de Miranda, e o consolou, e mandou que tornasse a voltar pera sima em busca dos ladrões, e que se não affastasse muito de Damão, em quanto o Mogor andasse por Cambaya: o que elle fez, e tornou a buscar a enseada sem achar cousa alguma; e vendo que a Costa de Dabul pera Goa ficava sem guarda, despedio pera ella Antonio de Azevedo com seis navios, com os quaes andou todo o resto do verão dando guarda ás cafilas que hiam pera Goa. Neste tempo faleceo nesta Cidade D. Gonsalo de Menezes, que este anno ti-

nha vindo servir a Capitanía de Ormuz, muito rico, e foi enterrado em S. Francisco com grande dor, e sentimento de todos, por ser hum Fidalgo de muito grandes partes, e qualidades de sua pessoa: nunca casou, e teve huma filha natural, que depois foi casada com Garcia de Mello, filho de Affonso de Torres, cunhado do Alferes Mór do Reyno D. Jorge de Menezes, irmão do mesmo D. Gonsalo, que ambos foram filhos de D. João de Menezes, Alferes Mór de Portugal, e de Dona Maria de Mendoça, filha de Jorge de Mello Pereira, de alcunha o Trança, e neto de D. Luiz de Menezes, Capitão Mór do mar da India, que foi em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca seu irmão, e ambos filhos do Conde Prior D. João de Menezes.

CAPITULO X.

Das cousas que acontecêram em Goa, estando o Viso-Rey no Norte: e de como Cusochão foi levado por engano ao Balagate, onde lhe tirâram os olhos: e do que succedeo ao Viso-Rey até chegar a Goa.

NO Cap. VII. deste Livro démos conta de como Anel Maluco, e outros Capitães do Idalxá se concertáram com o Cu-

Cufochão, filho de Malechão, pera o metterem em Balagate, e de como o Viso-Rey o deixou entregue ao Alcaide Mór, pera que se não fosse de Goa.

Estas cousas não puderam correr em tanto segredo, que não fosse ás orelhas do Abexim de Lavarchão, que tinha o Rey moço em seu poder, e governava absolutamente tudo, as quaes lhe deram muito em que cuidar; mas como era velho, e sabedor, houve que os mesmos Capitães lhe abríram caminho pera haver Cufo ás mãos, pera com isso acabar de sobresaltos, que cada dia recebiam aquelles Reys com a estada destes homens em Goa; e abrindo a bolsa, que he o melhor negociar de todos, dizem que quitára algumas pessas entre nós pera o favorecerem, e formou cartas falsas em nome dos Capitães, que se carteavam com o Cufochão, chapadas com suas proprias chapas, que houve ás mãos por invenção, nas quaes lhe diziam trabalhasse todo o possivel por se passar da outra banda, porque logo lhe haviam de acudir muitos Capitães pera o guardarem; e que como elles tivessem recado, o mandariam levar pera sima do Gate. Estas cartas deo a hum Bramene por nome Vitula, de que se confiou, e por elle escreveo tambem o de Lavarchão Amoratechão,

e

e Governador de Cochão, e lhe dava conta daquelle negocio, mandando-lhe que da sua parte escrevesse tambem o Cusochão que se fosse pera elle, e que o esperava. Estas cartas deo o Bramene a Cusochão em muito segredo, e tratou com elle aquelle negocio, fezendo-lho muito facil com que o abalou: logo apôs elle lhe lançou o Delevachão hum Diogo Lopes Baião, que tratava no Balagate em cavallos, homem suspeitoso assim a Deos, como á Coroa, do qual se affirma ter do Idalxá sete mil pardaos de renda cada anno por velhacarias suas, novas, e alvitres que levava de Goa cada vez que hia com cavallos. Este vio-se em Goa com o Cuso algumas vezes em segredo, e assim o soube persuadir ao que queria, affirmando-lhe que o esperavam de sua banda, e que sem dúvida em pondo os pés no Balagate, seria Rey, que lhe tirou algumas dúvidas, se as tinha, com a carta de Vitula, e assim por sua ordem desappareceo huma noite, e passou-se da outra banda, e foi-se recolher em huma Aldeia chamada Perio, huma legua de Benastarí, onde lhe acudio alguma gente, que não sabia dos tratos, a lhe fazer veneração. Disto foi logo Maratechão avisado, e despedio hum Capitão com duzentos de cavallo que o prendeo, e levou

aon-

aonde elle eſtava, e com elle ſe poz no caminho do Gate; e chegando a huma Fortaleza chamada Morigi, achou recado de ElRey que logo lhe tiraſſe os olhos, porque receou que indo com elles houveſſe alguma alteração, o que logo Marutachão fez, achando-ſe o pobre Cufo muito enganado, e entendeo que ſó os Portuguezes lhe falláram ſempre verdade; e depois de cego, foi levado a Viſapor, e ElRey o mandou metter em hum Caſtello forte, e lhe mandou dar ſinco Pagodes cada dia pera a ſua deſpeza; mas durou pouco, porque logo faleceo de huma poſthema. Depois mandou o Idalxá levar ſua mulher, e huma filha que tinha, e lhe deo humas boas Aldeias, e além diſſo ſincoenta pardáos cada mez para ſeu entretenimento. Eſtas couſas todas paſsáram, em quanto o Conde D. Franciſco eſteve no Norte, o qual depois que vio não tinha que fazer nas couſas de Cambaya, deo deſpacho a muitas daquellas Fortalezas do Norte, no que gaſtou quaſi todo o Março; e por ſer tempo de ſe ir pera Goa a prover nas couſas do Sul, ſe fez á véla, deixando Fernão de Miranda com a ſua Armada pera invernar em Damão, e ordem pera que Antonio de Azevedo, e D. Jorge de Almada deſſem mezas aos ſolda-

dos;

dos ; e indo o Viſo-Rey tanto ávante como Sefardão, nove leguas de Chaul, encontrou Pedro Lopes de Souſa, que tinha mandado a dar guarda á cafila de Canará ; e depois que a deixou em Goa a ſalvamento, voltou pera o Norte em buſca do Viſo-Rey, acompanhando-o até Dabul o Falſo : dalli o deſpedio o Viſo-Rey com hum regimento que ſe foſſe pôr ſobre a barra de Dabul até ſahir de dentro huma náo de João Cobaço, que os Turcos tomáram em Maſcate (como em principio deſta Decada Cap. X. do Liv. I. temos dito) eſtando outra vez á carga pera lá; porque indo pera o André em Setembro paſſado, arribára áquella Cidade, e ajuntou-ſe a iſſo o que agora contaremos brevemente.

Quando o Abexim do Lavarchão ſe alevantou com o governo do Reyno do Idalxá (como ha pouco diſſemos) pera ſegurar-ſe em ſua tyrannia, deſterrou poucos, e poucos os Capitães, e privados, que foram de Alião Yalxa, em cujo poder ficou ElRey Abrahemo ſeu ſobrinho ; e entre eſtes foi hum Cid Ali caſta Ceide, e de tamanha prudencia, e governo, que em quanto Alião Yalxa viveo, teve o ſello do Reyno, e governou tanto tudo, que pera ſer Rey não lhe faltava mais que o

no-

nome, e com este degradou tambem huma mulher casta Cherquís de idade de sessenta e sinco annos, pequena de corpo, muito alva, e parecia que em seu tempo fora fermosa, de grande governo, e prudencia, e affirmou-se que estava ainda virgem; cavalgava em fermosos cavallos, em que era tão destra, e exercitada, que em todo o Balagate não havia quem lhe fizesse vantagem; vestia Cabaias muito finas até abaixo do joelho, e calções compridos até o peito do pé, e çapatos mouriscos, toucava toalhas muito alvas, e finas, com que dava algumas voltas poucas de redor da cabeça de feição que com as pontas se vinha a rebuçar quasi até os olhos, peleijava nas batalhas com arco, e aljava a modo das Amazonas; e certo que se parecia em tudo, segundo o que se della diz. Esta mimosa mulher de ElRey Alião era odiada de todos os Grandes do Reyno, porque mexericava com ElRey, e ainda diziam que lhe fazia haver os filhos, e filhas; em fim ambos foram degradados, e por adherencia alcançáram licença pera se irem embarcar a Dabul pera Meca, onde então se estava fazendo prestes. E sabendo que o Conde Viso-Rey estava em Chaul, lhe escrevêram que tinham negocios muito importantes que tratar com elle, e que

fi-

ficavam embarcados pera Meca, que os mandasse tomar na barra, e levar pera Goa, porque cumpria assim ao serviço de ElRey de Portugal.

Despedido Pedro Lopes de Sousa, deo-lhe o Viso-Rey por regimento que tomasse estas pessoas, e as levasse comsigo, e o Viso-Rey passou pera Goa, onde logo começou a tratar dos provimentos de Malaca, Maluco, e Ceilão, mandando dar pressa ás Armadas que havia de mandar pera aquellas partes, a que logo tornaremos; porque he necessario continuar com outras cousas.

CAPITULO XV.

De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali, e Bebi Acilá: e do que passáram em Goa: e do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar: e das pazes que fez com o Comorim.

APartado Pedro Lopes do Viso-Rey, foi em sua Armada a Dabul, e por causa dos nordestes se recolheo no Falso, que he abaixo duas leguas, e alli esteve até á entrada de Abril, que o avisáram, que a náo estava carregada, e posta no canal pera sahir pera fóra; e levando a ancora,

rá, foi-se a Dabul, e surgio de redor da náo, e mandou dizer ao Tanadar que se lhe não entregasse a náo, que fora de João Cabaço (que tambem estava á carga) que havia de levar aquella pera Goa. O Tanadar tanto que vio aquillo, mandou com muita brevidade descarregar a outra náo, e a entregou a Pedro Lopes de Sousa, tendo ainda com elle muitos cumprimentos. Pedro Lopes tanto que deitou a náo fóra, recolheo no seu navio o Cid Ali, e a Bebi com sua fazenda, e familia; e sahindo-se do Reyno, foi-se pera Goa, levando a náo comsigo; e por ventarem nordestes, em breves dias chegou áquella barra: o Conde Viso-Rey mandou metter a náo dentro, e a entregou a Leonardo de Figueiredo, irmão de João Cabaço cuja era, e ao Cid Ali, e Bebi mandou agazalhar, e correo com elles muito bem. As cousas que tratáram algumas vezes com o Viso-Rey não se sabem, mas suspeita-se que foi pera favorecer Mahamede Cham, irmão do Cufo, pera o metterem no Reyno, porque já do Meale não havia mais entre nós que aquelle filho bastardo; e não vindo estas cousas a effeito, depois de estar em Goa mais de hum anno, foi-se o Cid Ali pera o Mogor, e a Bebi foi preza pela Inquisição por cousas que não sabemos; mas dizia-se que persua-

ſuadia algumas peſſoas Chriſtans pera ſe tornarem á Lei de Mafamede, e outras couſas; pelo que foi caſtigada, e degradada pera Ormuz, donde por via do Conde ſe paſſou pera o Mogor, e o perſuadio a ir conquiſtar aquelle Reyno, o que elle depois fez, como em ſeu lugar diremos.

Agora concluiremos com D. Gileanes Maſcarenhas, Capitão Mór do Malavar, que ha muito que deixámos, porque foi neceſſario, por não contarmos ſuas couſas por pedaços. Depois que eſte Capitão Mór chegou áquella Coſta, ſe lhe adiantou André Furtado, que tinha vindo do Cabo do Comorim (como atrás fica dito) começou a continuar na guerra, defendendo a navegação pera todas as partes, e mandando-lhe queimar muitas povoações, em que entráram Capocate, e Cetûr, em que fizeram grande damno, e aſſim lhe abrazáram, e tomáram muitas embarcações, e pelo rio de Chale dentro lhe queimáram as povoações do Curi, Manduriti, onde lhe cortáram muitas palmeiras, e matáram muito gado, groſſo, e miudo, que os Naires tem por couſa religioſa, e que muito ſentem; e ſecretamente por ordem de Franciſco Fernandes o Malavar ſe poz de noite fogo aos Paços do Comorim em Calecut, que ardêram por muito bom eſpaço, do que el-

elle se houve por muito injuriado ; e por esta maneira queimáram tambem Pariangale, e Pulipatecule junto da Fortaleza de Chanhalé, e outras povoações pelo rio dentro, e lhe deram em outros lugares, em que sempre lhe fizeram assás de damno, e em todo este verão tomáram os nossos vinte e dous Cataculões, que são os que mór estrago fazem em navios Portuguezes, que todos os outros navios.

Estas cousas todas fizeram os Capitães da Armada todas por vezes, ganhando nestas sahidas muita honra ; e por não serem cousas em que he forçado nomear os homens, os não particularizaremos ; e nesta envólta tomáram tambem sete gandras das Ilhas de Maldiva carregadas de fazendas, e queimáram huma náo, que estava carregando pera Meca. Com estas cousas poz o Capitão todos os moradores daquella Costa em tantas necessidades, que commovido o Comorim do pranto geral de todos que acudiam a lhe fazer queixas, lhe mandou commetter pazes, ao que elle deo orelhas ; e tanto puchou por isso, que vieram a assentar que se vissem na praia de Calecut pera de rosto a rosto as concluirem, porque se receava o Comorim que os seus Regedores estivessem peitados dos Mouros ; e que se corresse aquelle nego-

gocio por elles, nunca se faria nada bem feito. Concluido nisto, mandou o Comorim as seguranças de sua pessoa, e com isso desembarcou hum dia limitado, levando comsigo quasi todos os Capitães da Armada, que estavam com as proas em terra. O Comorim ao mesmo tempo chegou á praia acompanhado de seus Regedores; e havendo nas visitas as cortezias ordinarias, tratáram sobre o modo de pazes, de que o Capitão Mór levava seus apontamentos feitos; e debatidos entre elles, brevemente vieram a concluir com as condições seguintes.

» Que elle Comorim se obrigava a dar-
» lhe lugar pera huma Fortalèza no rio de
» Panané em restituição da de Chale com
» hum pedaço de campo pera povoação,
» e a habitação da gente Christã da terra.

» Que assim os Christãos, como os
» Mouros pagariam os direitos de todas
» as fazendas que entrassem, e sahissem
» daquelle Porto, assim como pagavam na
» Alfandega de Cochim.

» Que elle Comorim daria seis peças
» de artilheria de metal pelas que se to-
» máram em Chale.

» Que se obrigava a dar pimenta nos
» seus Reynos pera duas náos do Reyno
» pelo preço que a dava ElRey de Cochim.

» Que

» Que se obrigava a mandar cortar os
» esporões aos navios de remo que em
» seus portos houvesse, e que ficariam de
» Carga.

» Que entregaria todos os Portuguezes,
» e Christãos que por todo o seu Reyno
» houvesse cativos.

» Que derrubaria a Fortaleza que o
» Cunhale tinha feito no seu Reyno, tan-
» to que a de Panane fosse feita de pedra,
» e cal, e outras cousas que não relatamos
» por serem estas as principaes. »

O que o Comorim logo concedeo, e
assignou com seus Regedores nos papeis
que disso se fizeram, e elle passou de tu-
do Ollas, o que tudo se fez com muito ap-
plauso, e contentamento de todos. Feito
isto, embarcou-se o Capitão Mór; e de-
pois de recolher os navios de Malaca,
China, Bengala, e de todas as mais par-
tes daquella banda, deo á véla pera Goa,
e de caminho foi provendo, e visitando as
Fortalezas de Canará, e com toda esta ca-
fila chegou a Goa aos 8. de Abril.

CAPITULO XII.

Do que succedeo a D. Jeronymo Mascarenhas em toda a viagem até se tornar pera a India: e do que lhe aconteceo em Ceilão: e dos assaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.

DEixámos de continuar com D. Jeronymo Mascarenhas, porque o guardámos pera este lugar por contarmos suas cousas todas juntas. Partido elle de Goa com toda a Armada, foi seguindo sua derrota; e sendo dos Canaes de Gomes pera dentro, affastando-se delle a fusta de Lopo de Atouguia, foi correndo de longo da Costa do Achem, e por ella encontrou a náo do Reyno, que hia pera Malaca, porque era em Outubro; e parecendo-lhe que era náo Ingleza por irem com a imaginação nos Inglezes, foi demandalla, e sem a conhecer, se poz ás bombardadas a ella. Os da náo como tambem hiam receosos de Achans, parecendo-lhes tambem que a fusta era delles, pela mesma maneira os serviram com alguns tiros, que não fizeram damno por serem de longe. Andando nisto, lhe entrou o vento rijo com que a fusta deixou a náo, e foi seguindo sua viagem;

gem; e chegando a Malaca, deram por novas que encontráram huma náo Ingleza, e que peleijáram com ella. Poucos dias depois chegou ella, e affirmáram todos que peleijáram com huma Galiota de Achens; mas logo se soube o engano.

D. Jeronymo chegou a Malaca; e ajuntando-se em casa do Capitão Roque de Mello com o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes, praticáram sobre as cousas que levava por regimento sobre o negocio de ElRey de Sor, e da náo de Simão Ferreira, e sobre as cousas do Achem; e praticadas entre elles, assentou-se que pois o Achem não bolia comsigo, e o Rajale tinha satisfeito da sua parte com sua obrigação; e entregou a artilheria, e parte da fazenda; e que das mais tinha provado por hum instrumento, que mandou requerer que se tirasse, como os Coletes a tinham roubado; e sendo elles os que menos quinhão, ou nenhum leváram, senão só o nome de Coletes, que he de Ladrões, que he o que quizeram dar aos que mais roubáram, que se não havia de bolir com elle, e que jurassem, e confirmassem as pazes como o Viso-Rey mandava; e que deixassem alguns navios naquelles estreitos pera favorecerem os juncos, e mais embarcações, que viessem de Jaoa, e das mais

partes com fazendas, e mantimentos pera Malaca, com esta resolução desemastreou D. Jeronymo os Galeões, e os mandou concertar, e despedio Pedro Homem Pereira na sua Galé pera levar o Embaixador ao Rajale, e haver de jurar as pazes. Elle lá foi bem recebido daquelle Rey, que tinha bem feita a cama ás suas cousas, e jurou as pazes com muitas festas.

Chegada a monção da India, deixou D. Jeronymo por Capitão daquelle mar a João Furtado de Mendoça no seu Galeão, e com elle Vasco da Silva em outro chamado S. Pedro, e S. Paulo, que tinha vindo de Maluco, no qual tinha ido D. Alvaro de Castro, e alguns navios Nantins, que lhe mais havia de ordenar. Negociado isto, e outras cousas, deo á véla pera Goa, e foi seguindo sua viagem, em que o deixaremos por hum pouco pera darmos razão das cousas que neste tempo succedêram em Ceilão.

Atrás démos conta de como João Correa de Brito foi entrar na Capitanía de Columbo, de que veio provído do Reyno em companhia do Conde D. Francisco. Chegado áquella Fortaleza, foi continuando na guerra contra o Reju com muita substancia; e por ser avisado que no porto de Baligão estavam recolhidos tres paraos

da

de Malavares cheios de muitas prezas, que aquelle verão fizeram pela Costa de Negapatam, despedio Ambrosio Leitão por Capitão Mór de quatro navios com regimento que os fosse tomar dentro no mesmo rio. Partidos estes navios, poucos dias depois chegou D. Jeronymo Mascarenhas com sua Armada ao porto do Columbo, e João Correa de Brito lhe pedio mais alguns navios pera irem ajuntar-se com Ambrosio Leitão, porque lhe não escapassem os paráos, D. Jeronymo lhe deixou Pedro Homem Pereira na sua Galé, e a Galeota de João Rodrigues de Carvalho, e elle se partio pera Goa. João Correa, além destas embarcações, mandou negociar outras algumas a terra, ainda que pequenas, e mandou embarcar nellas os Araches, Manoel Pereira, e Domingos Fernandes com duzentos Lascarins, e deo por regimento a Pedro Homem que entrasse no rio de Balagão, e tomassem os paráos, e queimassem a povoação. Chegados estes navios á ponta de Balangale, encontráram Ambrosio Leitão; e ajuntando-se todos, foram surgir na boca do rio, onde os paráos estavam, e alli ordenáram que todos os Portuguezes desembarcassem por huma parte, e os Araches pela outra pera divertirem os inimigos, e lhes ficar a desembarcação mais folga-

gada, e assim foram demandar a terra; e na em que os Portuguezes puzeram os pés acháram hum grande corpo de gente, que acudíra a lhes defender a desembarcação; com os quaes traváram huma fermosa, e arriscada batalha, porque os inimigos eram muitos mais, e peleijavam por defensão de suas casas, e fazendas. Os Araches com seus Lascarins desembarcáram em outra parte; e não achando defensão, foram demandar huma ponte por onde os inimigos haviam de passar, se fossem fugindo dos nossos, a qual estava da banda do Pagode de Tanavaré; e porque nenhum podesse escapar, a desfizeram; e dando volta por dentro de huns palmares, foram rebentar pelas costas dos inimigos, que andavam em batalha muito travada com os nossos; e arremettendo a elles com grande furia, e grita, matáram, e derribáram muitos, e todos os mais como foram tomados de sobresalto, desacorçoáram, e lançáram a fugir: os nossos os foram seguindo por huma parte, os Araches pela outra até os metterem pela povoação, fazendo huns, e outros muito grande estrago nelles; e por não haver desordem, que sempre nestes casos succede, mandáram os Capitães pôr fogo ás casas, que eram cubertas de palha, e palmas, o qual ateou tão furiosa-

mente que em breves horas foi tudo feito em pó, e cinza, porque ardêram muitas lojas cheias de roupa, anfião, azeites, manteigas, canella, e outras cousas, que accendêram muito a braveza do fogo, o que tudo estava pera carregarem pera Meca, Achem, Masulipatão, Pegú, e para outras partes, por ser este rio huma grande escala de todos. Feito isto, puzeram fogo aos navios, que achàram assim em terra, como no mar, que foram vinte e sinco miudos, e hum Galeão, que fora de Portuguezes, que varou naquella costa, o qual estava já concertado pera ir pera Meca; só os paráos dos Malavares se salváram, por estarem pelo rio assima tres leguas em parte a que os nossos não podião chegar; morrêram dos inimigos mais de duzentos, e derredor de cento de Malavares. Com esta vitoria se recolhêram os nossos a Columbo, com o qual o Raju ficou tão affrontado, que queria morrer de pezar. Pedro Homem Pereira, e João Rodrigues de Carvalho deram logo á véla pera Goa, aonde chegáram quasi ao mesmo tempo que D. Jeronymo Mascarenhas.

CAPITULO XIII.

De como ElRey de Cochim desistio do direito que tinha na Alfandega, e o traspassou a ElRey de Portugal: e dos alvoroços que houve naquella Cidade sobre este negocio.

AS cousas que o Viso-Rey trazia mais encommendadas de ElRey, eram fazer duas Alfandegas, huma em Chaul, e outra em Cochim, sobre o que elle trabalhou muito todo o seu tempo com solicitar este negocio por meio de pessoas principaes seculares, e Religiosos, e com muitas promessas que por parte de ElRey fez aos moradores daquellas Cidades; e aonde fez mais instancia foi na Cidade de Cochim, porque não he tratar com povo, porque pera elle estava já havia muitos annos a Alfandega feita, porque todos os Portuguezes, e moradores daquella Cidade pagam direitos a ElRey de Cochim por hum Alvará, que ElRey D. João lhes tinha passado o anno de mil e quinhentos e trinta, porque lhes fez graça de lhes conceder que os casados naquella Cidade lhe pagassem das entradas das fazendas da China a seis por cento, havendo respeito aos grandes merecimentos dos Reys antepassados, e

se

seus. Este Alvará lhe confirmou ElRey D. Filippe o anno de 1580. em que foi jurado por Rey de Portugal por huma carta escrita em Badajoz a 7. de Novembro. Esta graça lhes concedeo, com declaração que só os casados, e moradores de Cochim lhe pagariam os direitos assima declarados; e depois que ElRey D. João lhes fez a primeira concessão, correndo o tempo em diante, forão os moradores daquella Cidade fazendo tantos, e taes serviços aos Reys de Cochim, que por elles lhes fizeram de lhes quitar dous e meio por cento nos direitos de suas fazendas, e que só ficassem pagando a tres e meio, o que depois se veio a entender que era em muito damno, e perjuizo da Alfandega de Goa; e Chaul, e Baçaim se vasavão naquella Cidade, e se despachavam por meio daquelles moradores como suas, por que logo a Alfandega de Goa (a mór parte da fazenda dos moradores) sentio muito abatimento em suas rendas, e entradas, no que ElRey mandou prover, e dar ordem com que isso se evitasse. Estas cousas tratou o Conde D. Francisco em muito segredo por cartas com o Licenciado Francisco de Frias, que em casa de ElRey de Cochim estava homiziado por muitos Capitulos, que outro Letrado deo contra elle, de erros que commettêra

em

em ſeus officios; e como eſte homem era ſagaz, e de grandes traças, e invenções, com que tinha obrigado aquelle Rey muito, porque de ſeu ſaber, e letras ſe aproveitava pera ſeus negocios. Tratando eſta materia muitas vezes com elle, o perſuadio em que tornaſſe a renunciar em ElRey de Portugal a poſſe em que eſtava dos direitos que os moradores daquella Cidade lhe pagavam, dando-lhe claramente a conhecer as grandes perdas que as rendas da India recebiam com aquellas liberdades, promettendo-lhe da parte de ElRey muitas outras honras, e favores, que vieſſem a importar mais á ſua fazenda. Tantas couſas lhe diſſe, e tantas promeſſas lhe fez ſobre eſta materia, que veio a conceder no que o Conde pedia, e deſpachou logo Ituana Camena, Geral Capitão de ſeu campo, e Regedor Mór de ſeus Reynos, e Jangará Mena ſeu Lingua, e com elles Bento Ferreira ſeu Secretario, com todos os poderes que lhe podia dar pera irem em companhia de D. Gileanes a Goa a tratarem, e concluirem aquelle negocio com o Viſo-Rey. Eſtas peſſoas foram em Goa muito feſtejadas, e recebidas; e entrando o Viſo-Rey com elles em negocio, o levou por taes termos, e lhe concedeo pera o ſeu Rey tantas couſas que vieram a concluir

no que o Viso-Rey pertendia; e pelos poderes que levavam, fizeram logo suas capitulações, e contrato, cuja substancia he a seguinte.

» Que ElRey de Cochim desistia daquelle dia pera todo o sempre de todo
» o direito, e acção que tinha na Alfan-
» dega de Cochim, e dos direitos que seus
» moradores lhe pagavam, por quaesquer
» Cartas, Alvarás, e Concessões que elle
» tivesse, assim de ElRey D. João, como
» de ElRey D. Filippe, e o traspassava nel-
» le, e em todos os Reys de Portugal seus
» successores; e havia por bem que todos
» os direitos que elle arrecadava naquella
» Cidade pelas graças a ElRey de Cochim
» concedidas, se arrecadassem, e recebes-
» sem daquelle dia por diante pera a fa-
» zenda de ElRey de Portugal por mão de
» seus Officiaes, e Thesoureiros.

» E que todos os moradores, que não
» fossem casados em Cochim, que viessem
» da China, Malaca, Maluco, e mais par-
» tes do Sul, não pudessem desembarcar,
» nem baldear suas fazendas no porto de
» Cochim, e passariam a Goa a pagar di-
» reitos dellas; e os casados, assim Portu-
» guezes, como Mouros, Gentios, e Ju-
» deos, pagariam em Cochim, aonde des-
» embarcariam suas fazendas a seis por

» cen-

» cento a ElRey de Cochim, a fóra as la-
» gimas dos Officiaes: e que na dita Al-
» fandega de Cochim pagariam direitos a
» ElRey de Portugal todas as fazendas que
» alli fossem ter de todas as mais partes;
» todos os Portuguezes, filhos dos Portu-
» guezes, mestiços, e Christãos da terra;
» e que as sahidas pera fóra destas fazen-
» das pagariam ao Rey, de cuja jurisdic-
» ção delle Rey de Cochim pagariam dis-
» so mesmo direitos de sahida a ElRey de
» Portugal, com outras clausulas, e apon-
» tamentos que deixamos por não serem
» necessarios. »

Feitos estes papeis, e assignados estes concertos, despachou o Conde os Embaixadores com muitas honras, e mercês, e escreveo áquelle Rey cartas de grandes agradecimentos, significando-lhe o muito grande serviço que tinha feito a ElRey de Portugal naquelle negocio, com que evitára muitas vezes desordens, e damnos nos rendimentos de suas Alfandegas, e mandou grandes Provisões ao Licenciado Francisco de Frias com poderes de Védor da Fazenda, e Ouvidor Geral pera pôr este negocio em ordem: escreveo a D. Jorge Baroche, Capitão daquella Cidade, e a Manoel de Sousa Coutinho, que alli estava com sua mulher, e casa, o qual tinha fa-

tido da Capitanía de Ceilão, e outras pessoas com quem elle tinha communicado aquelle negocio, pera que o favorecessem, e ajudassem em tudo. Chegados estes Embaixadores a Cochim, publicáram-se logo os regimentos da Alfandega, os quaes tanto que foram sabidos dos casados, e moradores, que estavam innocentes de tudo, ajuntáram-se, e praticáram sobre este negocio; e assentáram que defendessem a sua liberdade por armas, quando os não quizessem ouvir por justiça: e sahidos de alli todos juntos, foram a casa do Capitão, e diante delle fizeram seus protestos, e requerimentos, dizendo que lhe não podiam tirar a sua liberdade em que estavam, pois ElRey D. Filippe lha concedêra; e elle Capitão, quando o juráram por Rey naquella Cidade, e della deo nova homenagem, jurou de lhos sustentar: que eram muito leaes vassallos de ElRey de Portugal, e que assim o tinham mostrado sempre nas cousas de seu serviço, que se offerecêram: que elles não hiam naquelle negocio contra elle: que quizesse que lhe pagassem os direitos, e que a Alfandega fosse por elle, que estavam muito prestes pera isso; mas que não haviam de consentir darem-se a hum Rey Gentio, como aquelle. O Capitão trabalhou pelos quietar, dizendo-lhes

que

que elle naquelle negocio não podia nada, que ElRey lhe faria justiça, se lha requeressem. Sobre isto se ajuntáram todos algumas vezes em camera, e nella assentáram que o defendessem pelas armas contra quem lhe quizesse dar suas fazendas a ElRey de Cochim, ficando sempre reservado o serviço de ElRey, a que todos estavam tão obrigados; e porque não houvesse quem se lançasse de fóra naquelle negocio, ordenáram que fizessem todos juramento solemne de defenderem suas liberdades até perderem as vidas, e as fazendas, e com isto fizeram chamamento de todos os naturaes Christãos com os Portuguezes fazendo alardo, no qual se affirma acharem mais de quinze mil espingardas, porque entravam nisto mais de dez mil Christãos daquelles; e postos todos em armas, foram-se á Igreja de S. João, que está fóra da Cidade, e puzeram hum Missal sobre o Altar, e sobre elle juráram todos de defenderem suas liberdades, de perderem as vidas, e de matarem, e perseguirem todos os que solicitassem, e fallassem contra sua justiça; e mettêram depois mais, que se por alguma via em algum tempo algum de aquelles que alli estavam fossem prezos pela justiça, e condemnados em pena de morte, e perdimento das fazendas, que em tal caso to-

dos acudiriam por isso, e se tornariam a incorporar pera o tirarem, e salvarem até arriscarem as vidas, e as fazendas. Com isto se recolhêram pera a Cidade, não deixando de continuar com seus protestos em favor de suas liberdades. O Capitão D. Jorge tanto que vio o que estava assentado, mandou chamar o Licenciado Francisco de Frias acompanhado de sua guarda, e com outros homens pera logo começar a correr com as cousas da Alfandega; e chegando ao terreiro da Fortaleza, deram os casados nelle pera o matarem, e por dita se acolheo á Fortaleza, onde D. Jorge o fechou, e depois com trabalho o tornou a mandar pôr pera casa de ElRey de Cochim, aonde estava, e assim perseguíram muitas pessoas, que corriam por parte do Viso-Rey neste negocio, e os principaes foram Manoel de Sousa Coutinho, e Luiz Correa, cunhado de D. Antonio de Noronha, os quaes se temêram, e vigiáram grandemente, e da casa de ElRey de Cochim não ousava a apparecer ninguem na Cidade; e ainda mandáram dizer áquelle Rey, que lhe haviam de ir queimar a sua povoação, e destruir a sua Cidade, e dar-lhe batalha em campo, por isso que se determinasse, porque elles por sua liberdade estavam apostados a perderem as vidas, e as

fa-

fazendas; e as pessoas que isto mais sentiam, eram as mulheres, que de dia, e de noite persuadiam os maridos a sustentarem as suas antigas liberdades, porque esses foram os dotes que com ellas achárain; porque se lhes puzessem direitos, seria pera aquelle Rey tudo o que elles ganhassem. Vendo o Capitão aquella união geral, não ousou de bulir com cousa alguma, e parou o negocio da Alfandega, porque já tambem era o inverno entrado. O Viso-Rey depois de despedir estes Embaixadores, despachou as náos pera a China, Malaca, Maluco, pera onde foi Fernão Ortiz de Tavora, por sentença que houve da Relação, posto que Fernão Botto tinha partido entráda de Setembro, e levou sentença pera carregar primeiro que elle: foi embarcado no seu Galeão Duarte Pereira de Sampaio, que era despachado com a Capitanía daquella Fortaleza, por serem vindas novas ser falecido D. Alvaro de Castro, como atrás dissemos, e com isto se cerrou o inverno.

*t*ava muito menos gente, nomeando-lhe hum numero com que se elle determinou a pelejar com quatro mil Georgianos que tinha, e negoceando-se, foi buscar os Baxás. De tudo isto foi logo avisado o Ferat Baxá; e temendo-se que o poder de Simão Bel fosse maior, despedio com muita pressa os Baxás de Caramania, e Maés com mais de mil homens pera se irem ajuntar aos outros. Simão Bel deo-se tanta pressa, que em breves dias chegou a hum porto junto de Teflis, onde os Baxás estavam alojados, e tinham parte do exercito detrás de huns montes, onde Simão Bel os não via; e vendo elles aquelles que alli estavam no paiz, que seriam seis mil, parecendo-lhe que não havia mais gente, pelo que as espias lhe tinham dito, deo logo nelles com tamanho impeto, que do primeiro encontro lhe matou mais de quinhentos, e poz todos os mais em desbarato. O Baxá do Cracremit, que era o que estava com mais gente detrás dos montes, acudio com todo o resto de poder, e foi dar em Simão Bel, que levava o Baxá Resuan de vencida. Vendo elle tamanho poder, houve-se por enganado das espias; e entendendo que se se retirava estava certa sua perdição, animando brevemente os seus, remetteo com os Turcos, e com

hum

hum muito grande valor, e esforço os esperou; e misturando-se todos, travaram huma batalha tão aspera, e cruel, que foi espanto. Simão Bel como era grande cavalleiro, e entrava naquella batalha com desesperação, fez tamanho estrago nos Turcos, que os teve quasi desbaratados; mas como o numero era tão desigual, tornáram os Turcos a voltar sobre os Georgianos, e os foram arrancando do campo com morte de muitos. Vendo-se Simão Bel perdido, pondo o remedio nos braços, voltou aos inimigos, e metteo-se entre elles como hum leão bravo, fazendo tão grande estrago nos Turcos que os fez pasmar, fugindo todos delle como de algum touro feroz; e todavia trabalháram tanto por lhe matar o cavallo, até que o fizéram; e cahindo Simão Bel, esteve muito perto de ser prezo, como foram alguns dos seus; mas soccorreo-o Deos nosso Senhor naquelle conflito, com que ao mesmo tempo que cahio apparecêram os Baxás, que Ferat Baxá mandava de soccorro aos outros; e como a batalha andava toda revolta, e travada, parecendo a Resuan que aquella gente que apparecia era de Simão Bel, que lhe vinha de refresco, ficou tão sobresaltado que logo se começou a recolher, e sobreesteve o pezo da batalha, com que Simão Bel teve tem-

po de se pôr em outro cavallo, e recolher os seus, com que se foi desviando o melhor que foi possivel, deixando feito tamanho estrago nos Turcos, que quando os do soccorro chegáram víram o campo todo coberto de corpos mortos. Chegados estes a Reñan, tanto que elle os conheceo, foi tamanho o seu nojo de lhe escapar o Simão Bel das mãos, que houvera de morrer. O Simão como sabia a terra, metteose logo pelos lugares asperos, e seguros, dando graças a Deos de o salvar do perigo em que esteve por aquelle modo, porque sem dúvida senão fora o engano, não pudera escapar. Os Turcos se recolhêram a Themani com menos tres mil que perdêram na batalha, o que Ferat Baxá sentio muito; e provendo aquelle forte, deixou nelle por Capitão Asan Baxá com oito mil soldados, e muitas munições, e provimentos; e porque determinava de se passar com todo o exercito contra o Manuchiar, como levava por regimento, por se vingar da offensa que tinha feita do dinheiro com que o anno passado se alevantou; e pondose ao caminho, começou a cahir a invernada tão cruel de chuvas, e neves, que não podiam dar passo, e com isto foram faltando os mantimentos, com o que os soldados se amotináram algumas vezes. O Baxá com

tu-

tudo isto foi tomando o caminho por sima dos montes Piricardos, por neves, e frios, e caminhos tão asperos, e intrataveis, que de puro cansaço lhe morrêram muitos, e com grande trabalho, e perda chegou á Cidade de Glefeu do senhorio do Manuchiar, a qual achou deserta, por serem seus moradores recolhidos a lugares asperos, e solitarios; e querendo aqui o Baxá alevantar o forte, amotinaram-se-lhe quasi todos, e chegou a cousa a lhe fazerem descortezias publicas, e juráram que se logo não voltava pera Erzerum, que o haviam de matar. Vendo elle aquellas desordens, alevantou o exercito, e foi-se seu caminho, e em hum dia chegou á Cidade de Ardacan, sendo jornada de dous, só por quebrantar os soldados. Ao outro dia indo marchando, de madrugada lhe deram em os carros, em que levava suas mulheres, e lhas tomáram sem mais apparecerem: alguns affirmáram que os seus lhes fizeram aquella descortezia; mas o que se presume por mais certo he, que os Georgianos lhes deram aquelle assalto. Assim affrontado chegou o Baxá a Erzerum inimistado com todos por sua porfia, e contumacia.

CA

CAPITULO III.

De como Francisco Gale foi por ordem de ElRey deſcubrir a Coſta da nova Heſpanha de 40. gráos pera ſima: e da derrota que levou deſde o porto de Acapulco até Japão, e dahi até tornar ao meſmo porto.

POrque não he fóra da noſſa hiſtoria, e conquiſta a viagem que fez Franciſco Gale por ordem de ElRey, em que gaſtou tres annos, daremos aqui razão della conforme a relação que elle meſmo mandou de toda ella ao Viſo-Rey de nova Heſpanha; a qual nos veio ter á mão: pelo que ſe ha de ſaber (ſegundo nos diſſeram) que querendo ElRey D. Filippe deſcubrir por aquella coſta adiante de quarenta gráos pera ſima tudo o que pudeſſe, pera ver ſe era verdade o haver algum canal por ſima da Tartaria, que paſſaſſe até ao mar Septentrional, eſcreveo ao Viſo-Rey da nova Heſpanha que mandaſſe áquelle negocio peſſoas expertas, que trabalhaſſem deſcubrir o que tanto deſejava, e ſobre o que tantos já trabalháram, como foi João Gaboto, Piloto Inglez, homem famoſo em ſeu officio, o qual conſiderando que não havia a terra de ſer tão fechada, que não deixaſſe paſſagem

gem pela parte do Norte de hum mar a outro, como o tinha feito pelo Sul naquelle estreito, que Fernão de Magalhães achou, tendo lido em Plinio o Caboto, como foram mandados alguns mercadores Indianos ao Proconsul da Galia Metello Celere, os quaes foram *lançados com tormenta* ao mar de Suecia; e lendo tambem como Dematico Moscovita, Embaixador daquelle Duque a Paulo Jano Bispo de Nocera, que escrevia a historia do seu tempo, que de Duberia, rio muito grande de Moscovia, quem por elle caminhasse pera o Norte, iria dar em hum grande mar; e navegando á mão direita por elle, iria dar na Provincia de Cathayo: querendo o João Gaboto commetter esta jornada, morreo, e deixou muito encommendado a seu filho Sebastião Gaboto, o qual no anno de 1557. partio de Inglaterra de 60. gráos, e por sima da Moscovia foi navegando até 72. e meio, e descubrio por este caminho a terra nova, os Japonios, e Teutones, e chegou aos famosos rios Condora, e Pecora, que vam esbocar no mar do Norte na costa de Moscovia; e indo em demanda do rio Obij, famoso da Tartaria, que Abrão Hortelio faz entrar na alagôa Chitara no meio da Tartaria em 63. gráos do Norte, por lhe entrar o inverno, e achar muitas neves,

não

não passou ávante, e tornou-se pera Inglaterra.

E pondo o Viso-Rey da nova Hespanha em obra àquelle negocio, encarregou aquella viagem a Francisco Gale, homem experto, e arrazoado Cosmografo, o qual partio do porto de Acapulco a 10. de Março do anno de 1582. levando por regimento que descubrisse a costa da nova Hespanha até sincoenta gráos, e que trabalhasse por ver, e saber se havia algum boqueirão que cortasse a terra; e fazendo sua viagem, foi pelo rumo de Les-Sudoeste até 16. gráos, affastado da terra 25. leguas; e mudando o rumo, foi governando 30. leguas a Leste, e as 180. a Leste, e a quarta de Sudoeste até dar na Ilha do Engano, que he a mais Meridional da dos Ladrões, a qual está em 13. gráos e meio de latitude, e 164. de longitude, e o Occidental do Meridiano fixo, que passa pela Ilha Terceira dos Açores. Daqui tomou sua derrota a Leste, e por elle governou 180. leguas até chegar ao Cabo do Espirito Santo na Ilha Tendara a primeira das Filippinas; e passando adiante ao mesmo rumo 18. leguas mais, chegou ao boqueirão, que esta Ilha faz em Adolução, a qual se acha em 13. gráos escassos, e toda esta costa achou çuja até ao Cabo do Espirito Santo.

Adi-

Adiante 8. leguas deste Cabo está o dos Covos, arrazoado porto, por huma Ilheta que tem na boca; e no cabo do boqueirão meia legua desta Ilheta está hum Ilheo pequeno de feição de hum pão de assucar: do cabo deste boqueirão ao Norte em quarta do Nordeste 10. leguas de Mora a Ilha dos Cataduanes, que está huma legua affastada da Ilha de Lução; e do mesmo boqueirão a Les-Sudoeste seis leguas fica a Ilha de Capuli, a qual se corre a Les-Sudoeste, e a Les-Nordeste, e tem de comprido sinco leguas, e de largo quatro, e está em 12. gráos e tres quartos. Desta Ilha ao Nordeste quatro leguas estam tres Ilheos no Porto de Builegan na Ilha de Lução, que se corre Norte Sul affastado meia legua da terra firme, e a mais do Sul está em 13. gráos. Neste canal ha 20. braças, e acha-se arêa branca, e as aguas vam tirando pera Sudoeste: de aqui foi governando ao mesmo Sudoeste, e quarta de Lueste 20. leguas até dar na ponta da Ilha de Tição da banda de Lueste, e corre-se Leste-Oeste, e será de 13. leguas de comprido, e a ponta está em 12. gráos e 3. quartos; e a meio caminho desta Ilha com a de Capuli estam tres Ilhetas, que chamam das Laranjas, e foi por aqui costeando da banda do Norte, e achou fundo de 22. braças de arêa branca.

D

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO V.

CAPITULO I.

Das couſas que ſuccedêram em Cambaya: e de como o Mogor tornou a ſenhorear aquelle Reyno.

JÁ entramos no inverno, em que nos cabem as couſas alheias, e por iſſo continuaremos com ellas. Atrás no Cap. IX. do Liv. IV. temos deixado Mizarcham (a que daqui por diante chamaremos Chancana) deſpedido com hum grande Exercito apôs aquelles Reys, que entráram com o Amodafar pelo Reyno de Cambaya, e os filhos do Cutubidicham com outro contra Baroche, que eſtava ainda pelo Rey Amodafar, em que Mizarcham eſtava por Capitão; agora continuaremos com elles, e primeiro ſerá com o Chancana. Partido eſte Capitão apôs aquelles Reys com trinta mil de cavallo, foi-os ſeguindo; porém com receio por ſerem ſeus eſtados em ſerras aſperas, e-

e paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos, por onde forçado havia de paſſar muito arriſcado. E porque pera paſſar a conquiſtar a ſerra de Junagor, onde o Amocham eſtava, havia de paſſar pelas terras do Rey de Zambo, que eram trabalhoſas, quiz uſar com elle de manha pera ſe ſegurar, e valer-ſe delle neſta jornada, porque depois que acabaſſe, ahi lhe ficava tempo pera ſe vingar; e aſſim ſe carteou com elle, e tratou reduzillo ao ſerviço do Mogor, promettendo-lhe fazer perdoar todas as culpas que tinha, e outras couſas, em que não quiz ſer avaro, ás quaes elle ſe rendeo, tanto pelo intereſſe, quanto por médo; e concertados ambos, foram contra o Amocham, que já eſtava aviſado de tudo, e ſe tinha recolhido na ſerra do Juganor com muitos provimentos, munições, e ſoldados, e grangeou alguns Portuguezes, que naquelle porto eſtavam com ſeus navios comutando ſuas fazendas, pera que ſe metteſſem na ſerra com elles, como fizeram, com que ficava bem ſeguro. E eſta ſerra de Juganor he tão alta, ingrime, e intratavel, que canção os olhos de olhar pera ſima, a qual a natureza fez em roda fechada toda á mão, deixando-lhe hum ſó paſſo muito ingrime, e eſtreito pera ſe ſubir aſſima á Fortaleza, que fica no cume della, e por

este caminho assim ingrime até sima ha de huma, e outra parte muitos baluartes, e guaritas fortissimas, e a entrada abaixo he tão fortificada com muros, e couraças que a fazem inexpugnavel; porque além de ser assim necessario pera defender a entrada, a fortificáram mais por ter em baixo agua, de que toda a serra se sustenta, a qual he de hum fermoso poço, donde he levada até ao cume da serra por nove noras, e a primeira vai cahir em hum tanque muito fermoso, que está ao primeiro baluarte; e dalli por outra nora sóbe a outro tanque, que está em outro poço, e assim vai até á Fortaleza, e della bebem todos, e he bastante para tudo; posto que no inverno a agua da chuva, que se recolhe em alagôas, sustenta muito tempo o gado que em sima se recolhe. O Chancana antes de chegar á serra foi avisado que o Rey Amodafar era passado adiante com o de Cache, pelo que houve por melhor conselho cercar o Amichão, e tomar-lhe aquella serra, porque com ella se faria logo senhor de todos os mais estados; e assentando o seu campo ao pé della, notou seu sitio, e Fortaleza, e houve que todo o tempo que alli gastasse seria baldado, porque aquella serra não se podia tomar por nenhumas forças humanas, e com isso começáram a cahir aspe-

ras aguas de inverno, em que não era possivel poder-se por alli deter; e alevantando o exercito, foi destruindo todos os lugares de redor com tenção de se tornar pera Cambaya, e deixar aquella jornada pera o verão seguinte. O Rey do Zambo como era homem muito acautelado, vendo a tenção do Chancana, receando que como o não houvesse mister lançasse mão delle, e pagasse por todos, como vio tempo, se lhe desviou, e metteo pelos matos, por onde o Chancana o não quiz seguir, fazendo volta pera Cambaya, onde ainda achou o Hecbar, e logo o despedio pera ir conquistar o Reyno de Verara; e nesta jornada o deixaremos pera continuar com os filhos de Cutubidicham, de que deixamos partido contra Baroche.

Chegados estes Capitães com oito, ou dez mil cavallos á vista daquella Cidade, lhe puzeram hum muito rijo cerco, commettendo-a muitas vezes por assaltos, em que houve damnos de ambas as partes; porque o Mizarcham era grande cavalleiro, e estava bem provído; e todavia vendo que aquelles Capitães accommettiam tão determinadamente, e que era já meiado de Junho, e tinha o soccorro tão longe, e sobre tudo a esperança da vida duvidosa; porque se os filhos do Cutubidicham o to-

mas-

massem, forçado lhe haviam de cortar a cabeça, como seu cunhado Amodafar fez a seu pai; sobre tudo recear-se dos que tinha comsigo, porque tinha suspeitas que estavam alguns delles peitados sobre quem já trazia o olho: querendo a sua vida, a guardou até que lhes entregou huma grande festa, que elles fazem na Lua de Julho, em que os Mouros costumam fazer suas quaresmas, e jejuns, e nelles não comem mais que huma vez ao dia, e esta de noite, com grandes gostos, e ceremonias. Como tinha já traçado na fantazia o que havia de já fazer, tomou huma noite de aquellas alguns homens de mais obrigação sua até vinte, e quando vio, e sentio os do arraial mais embebidos em seus banquetes, em que gastavam de ordinario até passante de meia noite, sahio da Fortaleza, e com muita confiança foi entrando por meio do exercito sem alvoroço algum, notando, e vendo os Mogores em suas tendas comendo, e bebendo com muito regozijo. E perguntando-lhe alguns quem hia alli? respondeo na sua lingua que era *Foão*, que vinha de vigiar, nomeando alguns daquelles Capitães apartados das estancias por onde passava, porque lhe sabia os nomes, e as estancias todas; e como elles hiam com aquella confiança, e era de noite, não houve

ve que suspeitar, nem que replicar, e assim atravessáram todo o arraial; e como o Nazircham se vio fóra delles, apressou-se o mais que pode, andando toda aquella noite sem descançar até se pôr em paragem segura, que pode caminhar a seu salvo, e assim foi ter ao Reyno do pai. Ao outro dia, que na Fortaleza o achàram menos, mandáram recado aos filhos do Cutubidichão, e lhe abríram as portas, e foram recebidos dentro, como senhores daquella Cidade, e com isto acabou o Reyno de Cambaya de *ficar outra vez em mão* dos Mogores; e *não tendo o Hecbar alli* mais que *fazer*, *partio-se pera* a *Cidade* de Agaya, e deixou em Cambaya por Governador a Gicoia seu collaço.

CAPITULO II.

De como o Turco mandou Ferat Baxá prover os Fortes que tinha nos Estados da Persia: e da batalha que Simão Bel deo a Resuan Baxá, em que o desbaratou.

DEixámos o anno passado as cousas da Persia em Ferat Baxá desistir da empreza do Nativan, e mandar-lhe o Turco segurar os passos de Thomani, e Lori, porque

que pertendia proſeguir na empreza de Tabris. Com eſte recado do Turco lançou fama o Ferat Baxá, que queria paſſar a Nativan, pera que o Perſa acudiſſe alli, e elle tiveſſe tempo de fazer as fortificações que lhe mandavam: e aſſim neſta primavera partio de Erzerum pela via de Aſſancalaſi, e chegou a Chars, onde ſe deteve oito dias a prover as couſas daquella Fortaleza. Dalli ſe paſſou a Lori, donde deſpachou Aſſan Baxá com ſinco mil cavallos pera ir deſcubrir a terra até Thomanis, o que fez ſem achar quem lho impediſſe até Heleri, huma Fortaleza que foi de Simão Bel Georgiano, a qual tem huma roca fortiſſima com huma alta, e funda cava rodeada de muralhas fortes, e terá de circuito huma boa legua, eſtá duas jornadas de Trifelis. Chegado aqui o Baxá, fortificou, e renovou muros, e torres, e poz alli por Capitão a Ali Baxá de Grecia com oito mil ſoldados, duzentas peças de artilheria, e muitos provimentos, e lhe deo por regimento que como lhe o tempo déſſe lugar, fortificaſſe o Caliſi (hum lugar tres leguas de Lori) e proveſſe de artilheria, e gente; e Ferat Baxá com o reſtante do exercito foi caminhando de Thomanis, pondo quatro dias, ſendo jornada de hum ſó, porque foi muito de vagar por aquelles cam-

pos,

pos, que eram muito abundantes de tudo, dando paſto largo a todo o exercito. Foi eſta Fortaleza de Thomanis de Simão Bel Georgiano, onde ſe elle recolhia; e quando o Turco começou a mandar proſeguir na empreza da Perſia, a mandou derribar; porque ſe não fortificaſſem nella os Turcos, porque ſe não atreveo a ſuſtentalla por falta de artilheria. Chegado aqui o Baxá, começou a levantar logo hum Forte, como levava por regimento, que alevantou, e edificou na boca de hum paſſo eſtreito que tinha, onde acháram outro Caſtello derrubado, que o Baxá mandou renovar, e fez o muro á roda de dous mil paſſos, e em meio mandou levantar hum forte cavalleiro, e por todo eſte forte, e Caſtello repartio duzentas peças de artilheria miuda. Poſto tudo em eſtado defenſavel, deſpedio Reſuan Baxá, e o Baxá de Cracremit com vinte mil cavallos pera ir prover o forte de Teflis, o que fizeram em nove dias. Aqui foi ter com elles Daut Cham Georgiano, irmão de Simão Bel, e ſe lhe offereceo por ſervidor, e vaſſallo do Turco, o que elles eſtimáram muito, e lhe fizeram muitas honras, e gazalhados. Diſto foi logo Simão Bel aviſado por eſpias que trazia, as quaes ou enganadas, ou peitadas dos Turcos, lhe affirmáram que o Baxá Reſuan le-

Da ponta da Ilha de Tição até á ponta de Burias, da banda de Lueste, se corre Leste-Oeste legua e meia, e por aqui embocou o canal governando ao Sul, e quarta do Sudoeste tres leguas até desembarcar em fundo de 16. braças, arêa entre branca, e aleonada. Está este canal em 12. gráos e meio, e correm as suas aguas ao Norte: a Ilha de Barcis se corre Noroeste Sueste, a ponta do Noroeste vai dar á costa de Lução, e entre huma, e a outra não podem passar senão navios pequenos, tanto, que Francisco Gale sahido do canal andou duas leguas até a Ilha de Marbate, que se corre Leste a Oeste, será de 8. leguas de comprido, e quatro de largo, e o meio della está em a altura de 12. gráos e hum quarto, e he hum pouco alta. Do canal de antre o Tição, e Burias, foi governando ao Nordeste 13. leguas, ficando-lhe ao Sul Masbate, e ao Norte Burcas, e foi ter a Bontroia, que he hum Ilheo pequeno, e alto, que parece copa de sombreiro, e está em 12. gráos e dous terços. Por este caminho fica ao Sul a Ilha de Cebujão, que se corre Nor-Noroeste, e quarta de Norte, e Sueste, e quarta de Sul: he alta, e curva, e tem de comprido oito leguas, e a cabeça do Norte della está em 12 gráos e hum terço; e nesta derrota ha 35. bra-

ças de fundo, arêa branca: deste Ilheo de Bontoia 9. leguas ao Sul estam tres Ilhas huma após a outra, a primeira a chamada Bantozilho, outra Cimára, e a terceira das Cabras, e por entre ellas póde passar qualquer náo, e a mais do Sul está em 12. gráos e hum quarto: da Ilha Bantozilho governou ao Noroeste 4. leguas até o canal de entre as Ilhas Vereges, e a Ilha de Manduque, deixando as Vereges ao Sul em 12. gráos e tres quartos, que são dous Ilheos tamanhos como duas fragatas, e Manduque ao Sul na mesma altura. Esta Ilha he grande, corre-se a Les-Noroeste, e Les-Sueste, terá doze leguas de comprido, e sete de largo, e da banda do Norte faz com a Ilha Lução hum canal comprido, e estreito com voltas, e muitos baixos, de modo que não póde passar navio algum, e está a derradeira ponta de Leste della em 13. gráos, e hum quarto, e no canal ha 18. braças, e o fundo de arêa preta, e miuda. Deste canal dos Bereges, e Manduque ao Noroeste 12. leguas vam demandar a terra do Mindouro na ponta de Dumari, que está em 13. gráos largos; e sinco leguas daquelle canal pera o Sul fica a Ilha do Mestre do Campo, que está em 12. gráos, e nesta derrota ha 45. braças arêa branca. Nesta ponta de Manduque começa a Ilha de Min-

dou-

Douro, tem de comprido Leste-Oeste 25. leguas, e 12. de largo, e a ponta mais do Sul está em 13. gráos, e a do Norte em 13. e dous terços, a derradeira terra de Leste em 13. e hum quarto: esta Ilha faz canal com a do Lução de 5. leguas de largo, e tem fundo de 12. braças. Andadas sinco leguas de Manduque, está o rio da povoação de Aganan, que he baixo, e não póde entrar navio por elle; e ahi a 2. leguas estam os Ilheos de Baco, que sam tres, os dous estam da terra 300. covados, e entre o derradeiro, e a costa passam navios pequenos, e entre estas, e as outras ha 20. covados, tudo baixo, e as náos passam de fóra desta arrimadas a ella, como 150. covados. Passadas ellas, foi governando pera a terra pera passar por entre a terceira Ilha, e o rio de Baco, arrimandose mais do meio do canal á Ilha, que dista desta das outras huma legua: neste canal ha 10. braças, lama, e cascalho, e o rio de Baco he largo, mas de pouco fundo. Desta Ilha a duas leguas está o Cabo de Rescasco, podem passar bem chegados á terra, porque ha grandes correntes; e dahi a meia legua está a povoação de Mindouro, que tem porto pera náos de até 150. toneladas, e defronte deste porto tres leguas ao Norte está a Ilha de Cuca, que

ſe corre Leſte Oeſte de Mindouro. Foi governando a Leſte Noroeſte 8. leguas; e foi tomar a ponta do baixo de Tulles na Ilha de Lusão, e paſſou affaſtado da coſta 170. covados por cauſa do parcel que alli tem, e achou fundo de 8. braças, lama, e caſcalho. Correm-ſe eſtes baixos ao Norte, e quarta de Noroeſte duas leguas até o rio de Arcabado, e de alli vai correndo a coſta dos Lumbones 4. leguas ao meſmo rumo; toda eſta coſta he alta á maneira de orgãos, e tem bons portos pera navios pequenos. Correndo os Lumbones ao Sul duas leguas, fica o Ilheo de Fatam, e outras quatro Ilhetas baixas, que chamam do Lubão, que eſtá em 13. grãos e meio, e a entrada da bahia de Manilha em 14. e hum quarto; e dahi ao Norte 6. leguas eſtá o porto do Cabite, ficando a terra da banda de Sudoeſte, que he baixa, e chama-ſe os baixos do rio de Canas; e por toda eſta bahia ao rumo aſſima ha de 10. braças até quatro: aqui na Manilha invernou Franciſco Gale, e o anno paſſado de 583. partio na derrota de Macao na China, como levava por regimento, e foi governando 18. leguas a Leſte até o porto de Sambales; e ás 8. leguas pera o Sul ficão 2. Ilhetas de Marambales, e apartado dellas huma legua eſtá o cabo de Cambal

tales, governou ao Norte, e quarta de Noroeste 35. leguas affastado da costa, huma até o Cabo de Bellinao, que está em 16. gráos e dous terços, he terra alta, e montuosa. De Belinao foi ao Norte, e quarta do Noroeste 45. leguas até ao Cabo Bojador, que he a terra mais septentrional da Ilha de Luçáo, que está em 19. gráos. Passado este Cabo, faz a costa grande enseada, e depois se corre ao Norte até o Bojador, e he terra de arrecifes. Do Cabo Bojador governou ao Es-Noroeste, 120. leguas até o Ilheo branco, que está á entrada das Ilhas de Cantão em 22. gráos largos affastado da costa da China 4. leguas. Aqui em Macao ficou esperando a monção pera Japão, que he em Julho, e partio a 24. deste mez deste anno, em que andamos de 1584. Governando a Les-Sueste 150. leguas, dobrou os baixos dos Pescadores, e principio dos Lequios da banda de Leste, que chamão as Ilhas Fermosas, que estão em 21. gráos e tres quartos; e posto que nesta derrota os não vio, teve informação delles por hum Piloto Chincheo, que comsigo levava. Dobrada a Ilha Fermosa, governou a Leste, e quarta de Nordeste 260. leguas até passar as Ilhas dos Lequios, e foi affastado dellas 50. leguas: estas Ilhas disseram os Pilotos Chincheos

que

que eram infinitas, e que tinha muitos, e bons portos, e que os naturaes se pintavam pelos rostos, e corpos como os Bisaios das Filippinas; tem ouro, e vam em navios pequenos á China, e Japão carregados de couros de veados, e algum ouro em pó: a mais Oriental, e Septentrional destas Ilhas está em 29. gráos. Passadas ellas, estam as de Japão, que tem todas de longitude 135. leguas, e a mais Oriental está em 32. gráos até as dobrar todas, governou a Leste, e quarta de Nordeste as ditas 135. leguas, e as 70. andadas adiante estam huns balcões em quatro Ilhas juntas a outras 30. leguas: estas são povoadas de huns homens muito pequenos, e de grandes toucados, que tem lingua mui differente dos Chins, e Japões, e vam áquellas Ilhas com resgate de ouro, pannos de algodão, e pescados salgados como atuns, e a estas Ilhas poz Francisco Gale por nome Armonicas. De aqui foi governando a Leste, e quarta de Nordeste; e tendo andado 300. leguas ao Oriente do Japão, achou hum mar grande, e de levadia do Norte, e Noroeste, largo, e espaçoso, sem baixo, nem impedimento algum, o qual se não applacava com qualquer vento que ventasse, e de aquella maneira lhe durou 700. leguas: por todo este caminho foi achando grande quanti-

da-

[illegible] de balças, e atuns, e alvacoras, e bonitos que são pescados, que de continuo andam em canaes, e correntes pera verterem com ellas as ovas, e gerarem sua creação, por onde inferio o Gale haver canal entre a terra firme da nova Hespanha, e a Tartaria, e assim o averiguou. Este, segundo nosso juizo, he aquelle, em cuja demanda foi Sebastião Gaboto, como em principio deste Capitulo dissemos, o qual vem cortando a terra da Asia pela Moscovia, e Tartaria, e vai esbocar nesta parte entre a terra de Uracan, que fecha com a da nova Hespanha na contra costa da terra da Asia, onde ella fenece; e proseguindo o Gale sua derrota, foi tomar terra da costa da nova Hespanha em 37. gráos e meio, terra alta, bem assombrada, cuberta de arvoredo, e sem neves, a qual tinha já descuberto Francisco Vasques de Coronado por ordem de D. Antonio de Mendoça, Viso-Rey da nova Hespanha o anno de 1540, e achou por ella navios de Mercadores com alcatruzes de ouro nas poppas, e por acenos lhe disseram que em trinta dias vinham de sua terra áquella costa, segundo conta João Baptista Ranuzio no seu Livro, que elle recopilou de varias viagens, em Italiano, por onde possivel he fossem estes navios dos portos de Cathaio, e que sahissem por

es-

este canal entre Huracan, e a terra da Asia, posto que tambem podiam ser aquellas Ilhas Armonicas que achou o Gale, porque navegam pera todas aquellas partes; e tornando ao roteiro do Gale, foi por esta costa, e por toda ella quatro leguas ao mar achou balsas de raizes, milhas de arvores, e canas, e muitos lobos marinhos, por onde não póde deixar de haver muitos rios, bahias, e bons portos até o porto de Acapulo: de 37. gráos e meio governou a Sueste, e quarta do Sul, e ás vezes quarta de Leste, segundo o vento cursava até o Cabo de S. Lucas, que está na entrada da California em 22. gráos, e 50. leguas do Cabo do Mendoeiro. Neste caminho das 500. leguas a longo da costa ha muitas Ilhas, ainda que pequenas, nas quaes não póde deixar de haver bons portos, e as sabidas são Santo Agostinho em 30. gráos e tres quartos; a dos Cedros em 28. gráos e hum quarto; a Ilha, e baixos de S. Martinho em 23. gráos: toda esta terra se entendeo ser povoada, porque todas as noites foram por ella vendo muitos fogos: do Cabo de S. Lucas até á outra banda de Sudoeste da California governou a Les-Sueste 80. leguas até o Cabo das Correntes, que está em 19. gráos e tres quartos. Por este caminho ao Norte huma legua fi-

cam

em tres Ilhas chamadas as Irmans, arrumadas ao mesmo rumo, quatro leguas huma da outra, e será cada huma de duas até tres leguas. Do Cabo das Correntes governou a Sueste, e quarta de Leste 130. leguas até o porto de Acapulco, e por este caminho a 20. leguas andadas está o porto da Natividade, e de alli a 8. mais o de Sant-Iago, e a 6. mais a praia de Culima.

De toda esta viagem deo o Gale informação ao Viso-Rey da nova Hespanha, que mandou esta relação a ElRey D. Filippe; com que se houve por averiguado haver canal naquella parte, em cuja demanda tornou a mandar o anno de 586. o mesmo Gase, que morreo na viagem, e lhe succedeo Pedro de Hunamunho, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IV.

De como Fernão Boto Machado chegou a Maluco, e de sua morte: e como Diogo de Azambuja tornára a ficar naquella Fortaleza de Maluco: e da morte de ElRey Babu de Ternate: e das differenças que houve sobre a herança daquelle Reyno.

O Anno passado de 583. chegámos da chegada de D. Alvaro de Castro a Maluco; e de sua morte, e como Diogo de

de Azambuja tornára a ficar naquella Fortaleza, e de então até chegar o Galeão da carreira não houve cousa notavel, senão miudezas, com que não queremos embaraçar a historia, e a 8. dias de Julho surgio naquelle porto Fernão Boto Machado, cuja vinda foi muito festejada pela falta que havia de provimentos, e com os que levava de dinheiro, e roupas se suppríram as necessidades: e parecia que abríram os daquella Fortaleza os olhos, porque todo o seu remedio está naquelles galeões, que he bem miseravel estado a dúvida que têm as esperanças do remedio della de anno em anno.

Estava a este tempo ElRey Babude Ternate muito doente, e com grandes alvoroços em Ternate sobre quem lhe succederia no Reyno, porque não tinha filhos legitimos, e hum só bastardo chamado Boxar, ou Bousaide, a quem o Reyno não pertencia, porque entre estes Reys Mouros de todo este Arquipelago não póde herdar o Reyno, senão o que for filho daquella mulher que elles hão pela sua verdadeira, a que chamam Putri, e he tanto como Princeza, a qual forçado ha de ser casta de Reys; e posto que tenham outras muitas, e dellas muitos filhos, só aquella he a Rainha, e os filhos os herdeiros; mas como

esta ordem se tinha quebrado em ElRey Soltão Eiro, que Diogo Lopes de Mesquita mandou matar, por ser filho de ElRey Rujalé bastardo, que o subio áquella cadeira, por não haver outro legitimo por morte de ElRey D. Manoel seu irmão, que morreo em Malaca, como na Decada V. Cap. X. do Livro ultimo fica dito, o qual Soltão Eiro deixou sinco filhos, quatro bastardos, e hum legitimo, e os bastardos eram Babu, que estava doente, Cachitulo, Cachilougo, Cachilquipate, o legitimo era Mandraxa menino filho da Rainha verdadeira, ao qual o Reyno de direito pertencia, pelo que por morte do pai ficou Cachilbabu nomeado no Reyno o mais velho dos bastardos por ter animo, e prudencia pera proseguir na guerra contra os Portuguezes até tomar vingança da morte do pai, como fez: assim tomou logo a Fortaleza, como temos contado na Decada IX. ficando-se creando o irmão legitimo debaixo de sua administração, e tutoria, e assim foi crescendo, e esperando que lhe entregassem o Reyno, ou ao menos que por morte do Babu o deixasse nomeado por herdeiro; mas como nestas cousas de reinar não ha fé, determinou o Babu de constituir no Reyno seu filho Sultão Bosaide, posto que bastardo, e pera isto se tinha car-

tea-

teado com o Rey de Tidore, que o favorecesse com lhe ter promettido huma filha que tinha em casamento, sobre o que tinha feito seus concertos, e papeis, nos quaes o mesmo Soltão Bosaide se lhe obrigava a tanto que succedesse no Reyno darlhe sua irmã em casamento pera com isso o obrigar, e continuar com seu favor; e depois destes concertos feitos, os tratou o mesmo Babu com seu irmão Cachiltulo, que éra mais velho de todos, e lhe pedio consentisse na eleição que queria fazer em seu filho, pois o Reyno lhe não pertencia a elle senão a seu irmão Mandraxa, promettendo-lhe os titulos de Capitão Mór do mar, e do governo da justiça, e com muitas outras honras, e partidos; e foram tão grandes, que o movêram a favorecer huma tão grande injustiça com o ajudar a tirar o Reyno a seu proprio irmão; que tanto póde o interesse, e tanta força tem a cubiça, não só entre estes Mouros, e Gentios, senão ainda entre Principes Christãos, que muitas vezes lhes faz deixar as cousas d'alma pelas da vida tão incertas. Cachiltulo confiado no que lhe tinham promettido, começou a favorecer o sobrinho, e a bandear-se o Rey de Ternate Gapehaguna com seu proprio irmão; e como a doença de Babu era mortal, faleceo poucos

dias

dias depois da chegada do Galeão; e antes de lhe fazer as exequias, puzeram o filho na cadeira do Reyno ſem o Principe Mandraxa poder fazer nada, por ſer ſó, e todos, ou os mais eſtarem peitados, e bandeados da outra parte; não deixando porém de andar com inſignias de Principe herdeiro, que são ſombreiro, e chinellas, até que o matáram, como adiante diremos. Cachi Azaide como tomou poſſe do Reyno, logo cumprio ao Thio Cachiltulo tudo o que lhe prometteo, com o que ſe ficou ſuſtentando em ſua tyrannia até ſe fazer poderoſo, e ſe ſeguir no Reyno. Neſtes termos deixaremos as couſas de Maluco, proſeguindo-ſe ſempre na guerra, a qual ElRey novo continuou logo, por lhe ſer aſſim muito encommendado de ElRey ſeu pai.

CAPITULO V.

De como o Conde D. Franciſco Maſcarenhas mandou matar os culpados na morte dos Padres da Companhia, que matáram em Cuculí: e da manha que Gomes Eannes de Figueiredo Capitão de Rachol teve pera os haver ás mãos.

MUito deſejou o Conde D. Franciſco Maſcarenhas de tomar ſatisfação da morte dos Padres, que os moradores de Cu-

Cuculí matáram, na propria pessoa dos homicidas, sobre o que trabalhou tudo o que pode; mas como elles se havião por tão culpados, não se seguráram senão nas terras do Idalxá pera onde se passáram com mulheres, e filhos, sem (por muito que o Conde nisso trabalhou) os poder haver ás mãos; mas como a mágoa que tinha de aquelle negocio era muito grande, encommendou muito a Gomes Eannes de Figueiredo, Capitão de Rachol, que trabalhasse tudo o que pudesse por todos os modos, e vias pera haver ás mãos os proprios delinquentes, e os matasse a todos. Gomes Eannes andava pelas terras com soldados, e peães fazendo toda a guerra que podia aos moradores daquellas aldeias, queimando-lhes, e destruindo-lhes tudo o que achava, com o que ficáram de todo desertos; e porque andava de vagar neste negocio, tinha feito huma tranqueira forte na aldeia de Cuculí, na qual se recolhia, e fazia de alli assaltos, e entradas até ás terras dos Mouros; e os naturaes daquellas aldeias vendo-se desterrados, e perseguidos, mandáram por algumas vezes apalpar a Gaspar Gomes Eannes com pazes, pedindo-lhe misericordia, e que queriam tornar a povoar aquellas aldeias, e pagar os foros a ElRey. Gomes Eannes lhe

não

não respondeo a proposito por mais os segurar pera o que pertendia : em fim elles como alli era a sua patria , e natureza , e tinham suas terras , e fazendas , promettendo grandes partidos até que Gomes Eannes os ouvio , e lhes passou hum seguro pera os principaes virem em nome de todos os moradores ver-se com elle pera concluirem os partidos. Com isto vieram dezeseis Gancares, os mais honrados, e ricos, e os proprios homicidas dos Padres , que elle trazia a rol, entre os quaes entrava hum Agaralque preto muito valente homem, e de quem aquellas aldeias todas haviam grande medo ; e outro Ramagaro muito temido tambem de todos, que foram os dous que puzeram o ferro nos Padres. Gomes Eannes os recebeo bem pelos segurar, e os agazalhou no forte comsigo sem dar conta a ninguem do que determinava, por se não vir a saber por via de algum peão ; mas o mais que se tinha declarado com os soldados antes de virem , foi dizer-lhes que o que lhe vissem fazer, fizessem todos como elle, pegassem. E como entre aquelles vinham dous innocentes naquelle negocio, não quiz elle que pagassem a culpa dos mais, e os mandou pera huma camera em que dormia , como que queria fallar com elles ; e como os teve seguros , tomou o Aga-

Aganaique-preto pela mão, e o apartou á huma parte da caſa, em que todos eſtavam, como que lhe queria dizer alguma couſa, tendo dado de olho aos ſoldados, pera que eſtiveſſem preſtes; e levando de hum punhal mui leſtes, lhe deo tres feridas que logo o matou. Os ſoldados que eſtavam com o tento nelle, vendo o que fizera, remettêram com os mais, e lhe deram tantas feridas que os acabáram: os dous que eſtavam dentro recolhidos, ouvindo o eſtrondo fóra, lançáram-ſe de huma gurita a baixo, e acolhêram-ſe, mas os culpados pagáram alli com o meſmo genero de morte, que deram aos innocentes Padres. Chegadas eſtas novas aos moradores das aldeias, as deſpovoáram por muitos tempos; e por ſentença da Relação de Goa foram todas julgadas pera ElRey, e o Viſo-Rey D. Duarte de Menezes fez mercê dellas: as de Cuculí, que são ſinco, a João da Silva; e as de Aſelóna, que são tres, a D. Pedro de Craſto o qual depois quando ſe embarcou pera o Reyno, fez doação dellas ao Noviciado dos Padres da Companhia, e nellas tem hum muito bom Forte, em que ſe recolhem, e tem ſua Igreja, onde os freguezes de aquellas aldeias todas vam ouvir ſuas Miſſas, porque ha já por ellas muitos Chriſtãos que cada dia ſe vam

con-

convertendo, porque o ſangue dos innocentes Padres, que alli foram martyrizados, ha de clamar a Deos tanto, até que ſe convertam todos a elle; e parece que eſtava iſto profetizado pelo Padre Pedro Berna, o qual chegando huma carta que o Padre Alexandre de Valegnano, Viſitador da Companhia na India, eſcreveo em Latim ao ſeu Prepoſito Geral a Roma, coſtumava a dizer que em quanto nas aldeias de Cuculí ſe não derramaſſe ſangue, havia de ſer pouca, ou nenhuma a converſão dos Gentios: e que o coração lhe denunciava algumas vezes que havia de padecer martyrio naquellas partes, por onde ha de permitir Deos que o ſangue deſtes Martyres ſeus ſervos não ſeja alli derramado em vão, como já vai moſtrando no fruto que cada dia ſe faz nellas, e nos Templos, que ſe vam alevantando ao Altiſſimo Deos nos lugares dos Pagodes, e abominações diabolicas, de que hoje já não ha memoria. E por ſima de aquelles famoſos, e altos montes (de que todas eſtas aldeias eſtam cercadas) ſe vem altiſſimas, e fermoſiſſimas cruzes alevantadas, até que o tempo dê lugar pera de todo ſe extinguir os diabolicos ritos, em que alguns ainda andam cegos, pera que abrindo os olhos, conheção a verdade da noſſa Lei, não ſó eſtes,

mas tambem todos os mais vizinhos, e comarcãos.

CAPITULO VI

Da Embaixada que o Viſo-Rey mandou ao Oxá pelo Padre Fr. Simão de Moraes da Ordem de Santo Agoſtinho: e da occaſião que houve pera iſſo: e do que lhe aconteceo na jornada.

NA Armada do anno de 583. teve o Viſo-Rey D. Franciſco Maſcarenhas cartas de ElRey pera Oxá Cadabonda Rey da Perſia ſobre o perſuadir a continuar na guerra contra o Turco, offerecendo-ſe ao ajudar o Viſo-Rey com Armadas pelo eſtreito do mar roxo pera com ellas o divertir. E como ElRey Filippe era muito prudente, e ſabia que os Reys Mouros ſão amigos de grandes oſtentações, e que pera lhe mandar Embaixador conforme ſua grandeza, e a vaidade daquelle Mouro cuſtava muito, eſcreveo ao Viſo-Rey lhe mandaſſe aquella carta em fórma que lhe pareceſſe que não desfaria na opinião de ambos, nem de ſorte que ſe pudeſſe aquelle Rey queixar, nem tomar; e deixando aquelle negocio em ſeu parecer, e dos do ſeu Conſelho; e andando o Viſo-Rey diſcorrendo

ſo-

sobre o modo que nisto haveria, e teria, praticando o negocio muitas vezes com pessoas de bom entendimento, e experiencia, sem acabar de se resolver, succedeo vir a Goa hum Armenio, pessoa veneranda, homem prudente, e de grandes mostras de santidade com huma hypocrisia farisaica, que só contava hum milagre que acontecêra ao Principe Anze Mirza, primogenito de ElRey da Persia, que era este.

Casou este Principe com huma senhora Georgiana Christã, posto que scismatica, mas conservava todavia, como todos os Georgianos, a Cruz de Christo, e muitas cousas da Fé. Adoeceo o Principe, e chegou a estado de desconfiarem delle os Fysicos, o que a mulher sentio em extremo. Estando só com elle hum dia, o consolou de sua enfermidade, e lhe disse, que tivesse confiança em Deos, que elle era poderoso pera lhe dar vida: que se quizesse ter saude, fizesse huma mézinha, que lhe ella ensinaria, que tinha tanta virtude, que ella se obrigava a logo sarar. O Principe, que lhe era affeiçoado, lhe disse, que era contente de fazer por sua saude o que lhe ella aconselhasse. Vendo ella o Principe disposto, tirou do seio huma Cruz, e amostrou-lha, dizendo-lhe, que se cresse, e que se se encommendasse áquelle Senhor, que

nella morrêra, de todo o ſeu coração, que ella confiava que logo recebeſſe ſaude. Alguma couſa ficou o Principe ſuſpeiſo pela liberdade com que a mulher lhe fallou, naquella materia tão deſviada, e fóra de ſua crença, e ſeita; e todavia quando a vio tão ſegura, e prometter-lhe com tanta confiança ſaude, parece que obrou o Eſpirito Santo em ſua alma algum bom effeito, com que lhe abrio o entendimento pera ſe affeiçoar aos Myſterios da noſſa Santa Fé; e aſſim reſpondeo á mulher, que ſe aquelle Deos que dizia, lhe deſſe ſaude, que elle faria o que ella dizia; e então lhe diſſe ella: Já que aſſim he, affeiçoai a vontade ao que vos diſſe, e olhai pera eſta Cruz, e tende confiança que tereis ſaude por ſeu meio. Eſtando neſtas praticas, chegáram os Medicos; e diſſimulando elle o caſo, eſcondeo a Cruz, e tomando-lhe elles o pulſo, o acháram ſem febre, e com tanta melhoria que paſmáram, porque ſe tinham ido de alli deſconfiadiſſimos, e aſſim em breves dias alcançou ſaude perfeita, e ſe levantou.

E praticando eſte Armenio com o Viſo-Rey ſobre as couſas da Perſia, e contando-lhe eſte milagre, lhe affirmou que ſe foſſem lá alguns Religioſos, que ſem falta o Principe Arza Mirza, que governava Reyno

no por ſeu pai, que era cego, ſe faria Chriſtão pela affeição que tinha á noſſa Santa Fé, e quaſi que ſe obrigaria a iſſo. Não deo o Viſo-Rey inteiro credito ao Armenio, porque são difficultoſas as couſas daquella qualidade de mudar de Lei hum Mouro creado na falſa ſeita de Mafamede accommòdada á natureza corrupta de todos. E poſto que a couſa era muito pera duvidar, e eſtava aquelle negocio entre o Principe, e ſua mulher, que ninguem o ſabia mais pera publicar-ſe o milagre por via da Santa Cruz, pareceo a todos fingimento do Armenio, e que tratava aquelle negocio por alguns reſpeitos particulares. Todavia não deixou o Viſo-Rey de cuidar que bem poderia Deos noſſo Senhor obrar aquellas, e outras maravilhas maiores, porque tudo eſtava em ſua mão, e aſſim deo conta diſſo ao Padre Fr. Miguel dos Anjos, Provincial dos Religioſos da Ordem de Santo Agoſtinho, que tinham vindo de Portugal deputados pera aquella empreza, como na Decada VIII. temos dito, quando tratámos de ſua vinda. E como elle ſabia que o Padre Fr. Simão de Moraes era Religioſo muito virtuoſo, e de grande exemplo, e que os annos que eſteve em Ormuz no ſeu Convento aprendêra a lingua Perſa, e a lia, e eſcrevia tão bem como os meſ-

mos

mos Persas, disse ao Provincial que lhe parecia muito bem ir este Padre á Persia em companhia daquelle Armenio, e que levasse as cartas de ElRey pera o Oxá; porque não indo por mão de algum Embaixador com grande apparato, e acompanhamento (cousa que então o Estado não podia mandar) que por nenhuma outra pessoa podia ir mais authorizada que pela de hum Religioso tão grave, e tão perito na lingua Persa, que poderia representar tudo muito bem. Assentado isto entre ambos, negociou logo o Viso-Rey o Padre pera Ormuz pera onde se embarcou, e de aquella Fortaleza se poz no caminho logo da Persia; e chegados á Cidade Casbim, soube ser ElRey, e o Principe passados á Provincia Cohoraçone, por lhe terem entrado por elle os Husbeques, e tomado algumas Cidades, como já temos dito atrás; e não perdoando o Padre Fr. Simão de Moraes a trabalho algum, se poz logo ao caminho de Cohoraçone acompanhado do Armenio até chegar ao exercito do Oxá, que achou occupado na guerra contra os Husbeques; e mandando-lhe fazer a saber de como hia por Embaixador de ElRey D. Filippe, o mandou receber, e agazalhar bem, e proveo-lhe abastadamente, e depois o mandou levar diante de si, e o recebeo com gran-

grandes honras, por já saber que era Frade, e Sacerdote, a quem tinhamos tanto respeito, como elles tem aos seus Cacizes; e depois de o ouvir fallar a lingua Persa tão cortezãmente, lhe fez differentes gazalhados, e tomou a carta de ElRey com grande veneração, e mandou recolher o Padre, e que se lhe désse todo o necessario, que elle não acceitou, senão só o que lhe podia abastar, nem quiz tomar a ElRey peças ricas que lhe dava, de que elle ficou muito admirado, e com brevidade o despachou, ~~e respondeo a~~ ElRey em fórma; e nas cartas, fallando no Fr. Simão, chamava-lhe desprezador dos bens da terra; e parecendo-lhe bem mandar em companhia do Padre outro Embaixador pera assentar com ElRey as cousas daquella guerra, e persuadillo a mover a ella os Principes Christãos, pera o que elegeo hum Capitão seu dos principaes com bom acompanhamento, e casa, e ambos chegáram a Goa o Março seguinte, e foi aposentado junto ao Mosteiro de Santo Agostinho pera os Religiosos correrem com elle, e aonde eu o visitei algumas vezes, e me informei delle de muitas cousas da Persia: era homem, que tinha conhecimento das cousas de Geografia, e mostrou-me hum Padrão, em que tinha arrumados todos os Reynos, e Provin-

cias

cias do Oxá, cousa curiosa, com seus meridianos, e parallelos, que levava a ElRey, e á sua entrada o recebeo o Viso-Rey com magestade, e apparato; e aqui o deixaremos até tornar ao que lhe succedeo.

CAPITULO VII.

De como D. Gileanes Mascarenhas foi ao Malavar: e de como entrou o rio de Sanguicer pera castigar aquelle Naique: e do desastre por que foi morto.

TAnto que o Conde D. Francisco Mascarenhas vio entrado o mez de Agosto, e que a Costa da India se deixava navegar, ainda que com trabalho, tendo assentado que fosse D. Gileanes Mascarenhas ainda aquelle verão ao Malavar, pera onde mandava de pressa a Armada, succedeo ter cartas de Cochim, em que o avisavam que naquella Cidade havia grandes bandos, e desordens sobre a Alfandega, a que era necessario acudir; e com isto determinou de mandar de pressa D. Gileanes Mascarenhas com alguns navios pera temperar aquellas cousas pera depois de vagar lhe mandar mais Armada: e mandou logo pôr no mar quatorze navios ligeiros, e os proveo de mantimentos, e munições, e despedio D.

Gilyanes nelles com regimento que foſſe a Cochim, e trabalhaſſe por temperar aquelles moradores, encommendando eſte negocio por cartas muito aos Prelados, e Religioſos, pera que ſe metteſſem em meio, e trabalhaſſem por paziguar aquelles tumultos; e aſſim meſmo lhe deo por regimento que de paſſagem caſtigaſſe o Naique de Sanguicer. Era eſte Naique vaſſallo do Idalxá, e havia alguns annos que eſtava alevantado em ſete, ou oito aldeias, que rendiam outros tantos mil pagodes, e tinha ſeiscentos peães com que as defendia; e por ſerem no mato, não o podiam acolher ás mãos, e não ſó vivia aqui em deſerviço do ſeu Rey, mas ainda do Eſtado da India, porque começou a recolher alguns ladrões, e armar em ſeu porto alguns navios ligeiros, que do nome daquelle rio ſe chamavam Sanguiceis, os quaes trazem vinte homens de peleija, com que ſahem por toda a coſta do Norte a roubar aſſim os Portuguezes, como Mouros, e Gentios, e fazem cada anno notaveis roubos, com que os mercadores empobrecêrão, e não ouſavam de navegar ſenão em caſilas; e foi o ſeu deſaſſoro tamanho, que ſolicitavam, e recolhiam os eſcravos dos moradores de Goa, de que ajuntou huma grande cópia; e depois que eſtes ſe miſturáram com os la-

ladrões de Sanguicer, não só roubavam todos os Portuguezes que achavam, mas ainda os matavam, o que antes não faziam, porque se contentavam com lhe tomar as fazendas; e porque isto ficava em descredito do Estado, e tão perto de Goa, ordenou o Viso-Rey que os castigasse D. Gileanes de passagem, e lhe encommendou trabalhasse por destruir aquelle Naique de todo. D. Gileanes se embarcou por fim de Agosto; e porque a barra estava ainda soberba, sahio pela de Goa a Velha com os quatorze navios, dos quaes, fóra elle, eram Capitães Garcia de Mello; D. Francisco de Azevedo, Tristão Vaz da Veiga, Diogo Corvo, Paulo Coutinho, Ignacio Nunes de Mancelos, Diogo Jorge Barreto, Gaspar de Carvalho de Menezes, Sebastião de Negreiros, Francisco de Sousa Roli, Pedro Veloso, e Gaspar Fagundes. Levavam estes navios trezentos soldados dos mais velhos, e escolhidos de Goa; o primeiro dia que partio foi á noite surgir na enseada das Gales, pouco mais de meia legua antes do rio de Sanguicer: alli deo conta aos Capitães da ordem que levava pera entrar naquelle rio, porque até então a teve em segredo, e assentáram que ao outro dia seguinte entrassem o rio, e desembarcassem em terra. Com esta resolução despedio D. Gi-

Gileanes logo quatro navios, de que eram Capitães Garcia de Mello, Jorge Barreto, Diogo de Sousa, e outro pera irem sondar aquella barra, porque quando elle de madrugada chegasse, não se detivesse nada: estes navios chegáram á boca daquelle rio; e como não levavam Piloto que soubesse aquella barra, andáram ás redes a huma, e outra parte, dando aqui em huma pedra, lá em hum baixo, de maneira que não puderam acertar o canal, e de cançados surgíram, e ficáram esperando pelo Capitão Mór. Tem esta barra logo na entrada da banda de fóra hum banco de arêa, e pedras, he larga na boca, e tem fundo de quatro braças; e como entram dentro, entre as terras fica tão estreito o rio, que com dous tiros de pedra se passará, vai em muitas voltas, e sempre tira ao Sul: pelo meio vai hum canal ainda tão estreito, que escassamente póde passar hum navio de remo; e tudo o que fica de huma, e outra banda são penedos mui grandes, e perigosos como picos, haverá junto delles tres, ou quatro braças de fundo. D. Gileanes Mascarenhas, tanto que foi o quarto de alva, levou-se, e foi demandar o rio, cuidando o achasse já mui sabido; e chegando aos navios, soube delles o trabalho em que toda a noite andáram sem acharem o

ca-

canal. E por ir amanhecendo, determinou entrar o rio, porque a claridade do dia os encaminhava pelo canal; e porque o navio em que elle hia era grande, e pezado, mudou-ſe a huma fuſta, que hia na Armada pera de caminho a dar em Mangalor a Luiz Ferreira, que alli invernára com ſoldados pera nella o acompanharem, e nella metteo comſigo vinte ſoldados, e dous Padres, hum da Ordem dos Prégadores, chamado Fr. João Soares, muito bom Prégador, e Meſtre Apreſentado em Theologia, que lêra muitos annos, e outro era da Ordem do Serafico Padre S. Franciſco, e ás ſete horas do dia commetteo a barra; e como não levava Piloto, que ſoubeſſe o canal, foi ſempre ás apalpadelas, no que gaſtou até ás quatro horas da tarde, por haver da barra até á povoação de redor de ſinco leguas. E ſendo já perto della, e onde o rio era mais eſtreito, e perigoſo por cauſa dos penedos, e a agua deſcia com grande força por vir o rio cheio, e ſoberbo com as aguas da invernada, foram os navios, que hiam diante, cabeceando, e encoſtando-ſe aos penedos; e como alli era eſtreito, os que hiam atrás foram-ſe detendo por não encalharem nos outros. D. Gileanes vendo aquillo, mandou remar avante; e como o ſeu navio hia deſpejado, paſ-

ſou

rou por todos; e vendo huma calheta na praia já defronte da povoação, endireitou pera ella; e querendo pôr a proa em terra pera desembarcar por alli, como hia aviado do remo, foi varar em parte, que ficou encalhado entre dous penedos, sem poder sahir pera fóra. Os soldados vendo-se assim, lançáram-se a terra com os marinheiros, e começáram a lançar a fusta pera o mar; mas não puderam, porque estavam sobre as penhas, e os mais navios não puderam soccorrer-lhe, porque o de Jorge Barreto estava já entre huns penedos, donde nunca sahio, e assim mesmo o de Pedro de Sousa, e quasi todos os mais hiam dando pelas pedras, e bem tinham que fazer em se livrarem daquelles perigos, sem poder nenhum passar ávante. D. Gileanes por muito que trabalhou não pode affastar-se; e pera de todo o impedir, acudíram os inimigos, e carregáram sobre a fusta com nuvens de espingardadas, de que feríram muitos, e fizeram embarcar os que andavam lançando o navio ao mar. D. Gileanes vio-se perdido; e conhecendo o erro que fizera em commetter aquillo sem Pilotos, que o guiassem, todavia preparou-se pera se defender até que lhe pudessem soccorrer. Os inimigos estavam de sima de hum tezo ás espingardadas a elle, porque o falcão da

fus-

fuſta que laborava, os fez acolher á hum alto; mas o Naique acudio logo alli em ſima de hum fermoſo cavallo com huma meia lança na mão; e vendo os ſeus encurralados no tezo, foi-ſe a elles, e ás pancadas os fez chegar ao navio, e o cercárão por todas as partes, e ás lançadas, e fréchadas tratáram muito mal a todos, e já a mór parte dos marinheiros eram acolhidos aos outros navios a nado; e poſto que os ſoldados peleijáram muito valeroſamente, o navio foi entrado pela proa de hum cardume de inimigos; o que viſto por hum Paulo da Coſta, Cirurgião da Armada, que tinha nas mãos o Guião de Chriſto, chegou-ſe a D. Gileanes, que eſtava ao pé delle, e lho entregou, lançando-ſe logo ao mar pera ſe pôr em ſalvo, por haver tudo por perdido. D. Gileanes tomou o Guião, e o fez em pedaços, e o lançou ao mar, por não ficar em poder dos inimigos, e remetteo a elles armado com hum peito de prova, e hum eſcudo de aço, e com huma fermoſa eſpada começou a fazer maravilhas. Os Padres vendo tudo perdido, lançáram-ſe ao mar, como o víram fazer a alguns ſoldados; e o Fr. João Soares primeiro que chegaſſe ás outras fuſtas, ſe affogou, e o de S. Franciſco ſurdio mais até que ſe metteo na primeira que achou. D. Gileanes já

ſi-

ficava quasi só acompanhado de poucos, peleijando muito valerosamente; mas a fusta estava rodeada de mais de trezentos inimigos, e com perto de sessenta já dentro, que eram os com que D. Gileanes andava ás cutiladas, e os mais por todas as partes a combatiam, assim com fréchadas, como com lanças, e tiros de arremesso, como se fora algum touro bravo. Neste conflito chegou a elle hum Mocadão dos marinheiros, que sempre o acompanhava nas Armadas, e que nunca o quiz alli deixar, e lhe pedio que despisse as armas, e posto que não soubesse nadar, que elle se atrevia a pollo em salvo em qualquer daquelles navios, e que tratasse de salvar sua pessoa, que assim salvaria toda aquella Armada, e que depois tomaria vingança daquella offensa. D. Gileanes lhe respondeo, que não era elle homem que deixasse o seu navio, e se lançasse ao mar por medo da morte, e que acabaria com aquella espada na mão em seu officio, porque não tinha sangue pera fugir aos inimigos; e assim remettendo a elles, metteo-se em meio, e fez maravilhas. Das outras fustas, que estavam encalhadas, bem víram o perigo em que o seu Capitão Mór estava, e todos se desfaziam pelo soccorrer, mas não podiam, e assim estavam atroando os ares com gritos

de

de mágoa de verem assim matar diante dos seus olhos hum Fidalgo tão honrado, e seu Capitão Mór; e foi a mágoa disto tão grande, que houve soldado (a quem não pudemos saber o nome) que se lançou ao mar com huma lança na boca pera lhe soccorrer; mas não pode chegar á fusta com a grande corrente do rio. O Capitão Mór esteve em meio daquelle cardume de inimigos, tomando primeiro vingança da morte que lhe haviam de dar; mas como hum corpo só não póde aturar tanto, posto que o animo esteve sempre muito inteiro, e forte, todavia o cansaço o rendeo, e cahio na fusta já depois de muito atassalhado de muitas feridas: e acabou aqui desta maneira hum dos mais honrados pensamentos que havia, Fidalgo já feito, despachado com Ormuz, e em quem a India trazia os olhos, por lhe prometter de si muito grandes esperanças: e certo que parece que seu coração lhe adivinhava aquelle desastrado fim; porque nos affirmáram alguns, que escapáram da sua fusta, que em quanto foi por aquelle rio assima, o víram muito triste, e melencolizado, e que por algumas vezes dissera com huma tristeza no rosto muito grande: *Oh que rio tão triste, e mal assombrado!* E assim foi tanto, que nelle vio desarmadas em vão todas suas esperanças,

e

nelle ſepultou todos os trofeos das victorias que na India alcançou. Os inimigos tanto que víram o Capitão Mór morto, o deſarmáram, e tiráram ſeu corpo fóra, e o lançáram ſobre a terra, couſa tão certa pera todos. Tanto que a maré encheo, e que anoiteceo, tiraram-ſe os navios, que eſtavam encalhados, pera fóra, ſómente os de Diogo de Souſa, e Jorge Barreto, que ficáram ſobre as pedras, e todos os delles ſe ſalváram a nado, e os mais navios ſahidos dos penedos ſurgíram no Canal, onde paſſáram toda a noite muito triſtes, e em grande vigia por ſe recearem que o Naique armaſſe ſobre elles; e por eſtarem perto da terra, ouvíram chamar toda a noite de dentro das moutas que os ſoccorreſſem, e eram alguns feridos da Companhia de D. Gileanes que ſe embrenháram; e tanto que amanheceo, os foram recolhendo, que ſe lançáram elles a nado, e ſe foram pera fóra do rio.

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceo a estes navios, lhes succedeo: e de como chegáram á Barra de Goa as náos Caranja, e Boa-Viagem, que tinham partido do Reyno em companhia de D. Duarte de Menezes, que vinha por Viso-Rey da India.

SAhidos estes navios pera fóra, sem elegerem entre si os Capitães huma pessoa, se foram pera Goa, e surgíram em Mormugam, que he Goa a Velha, e de alli mandáram recado ao Conde Viso-Rey do desastre succedido a D. Gilcanes, que em Goa fez muito grande abalo de sentimento pela perda de tão honrado Fidalgo, que por suas partes, e qualidades era amado, e bemquisto de todos. O Viso-Rey lhes mandou dizer que se deixassem estar, que logo proveria no que convinha; e ao outro dia despedio Miguel Dias Picoto com hum regimento pera tomar posse daquella Armada, e andar com ella pela Costa até a prover de Capitão Mór; e por elle escreveo huma carta a todos aquelles Capitães, em que os consolava da morte de D. Gileanes, dizendo-lhes que muito bem sabia como elles procediam com sua obrigação, e que todos trabalháram pelo soccorrer,

pelo que não havia em que lhe pôrem culpas; e que alli mandava Miguel Dias Picoto, a quem obedeceriam como á mesma pessoa de D. Gileanes (dizendo que muito bem sabia que o fariam) e que com elle andassem na Costa até prover outro Capitão Mór. Com isto tornáram a dar á véla, e foram até á barra de Sanguicer, onde Miguel Dias se deixou ficar, e despedio quatro navios com quatorze mil pardaos dos contratadores da pimenta pera os levarem a Barcelor aos Feitores que lá tinham, como fizeram, e se tornáram logo pera elle Miguel Dias. Da barra de Sanguicer teve tratos com o Naique sobre lhe entregar os dous navios, que ficáram nas pedras, os quaes elles depois tiráram, e o corpo de D. Gileanes pera o levar pera Goa; e como o Naique estava receoso do castigo, acudio com muitas satisfações, que Miguel Dias por então lhe acceitou pera ver se podia effeituar o que levava em muito segredo, e o que lhe o Conde tinha muito encommendado, que era ver se podia matar aquelle Naique, que era razão, porque elle se tinha mostrado muito familiar seu, e facil nos requerimentos, e cumprimentos que com elle teve por pessoas que corrêram com isso; e depois de sobre isto tratarem por algumas vezes, vieram a

concluir em lhe fazerem pazes, e lhe entregar tudo o que pedia, pera o que assentáram de se verem ambos em hum navio perto da terra com seis homens cada hum. Nisto gastáram alguns dias, porque estes Gentios todas as cousas, ainda de menos confiança que estas, fazem com muito vagar, e por eleições de horas, e dias que lhes seus Bragmenes assinam; e por se lhes mostrarem muito especulativos, os vam dilatando com sinaes que dizem que notáram, ora da gralha que lhe passou pela parte esquerda, ora do cão, que lhe huivou, ora da osga que lhe cantou, e da outra que espirou, e de outras infinitas semsaborias que não tem conto: em fim estando nestas dilações esperando que lhe succedesse huma hora boa pera elle, que toda a que chegasse a se ver com Miguel Dias havia de ser bem má, porque o havia de matar ás punhaladas, como tinha determinado, chegáram neste tempo novas de Goa que ficavam na barra duas náos de Portugal, em que vinha Viso-Rey. Com isto se alvorotáram todos, e porque tambem lhes faltavam mantimentos por se lhes terem molhado; e vindo os Capitães todos á falla, assentáram de se irem; e sem lhes dar do seu Capitão Mór, leváram ancora, e deram á véla pera Goa, e na barra achá-

ram

ram as duas náos, que eram a Laranja, Capitão João Paes, onde vinha embarcado D. Jorge de Menezes, do Conselho de ElRey, e seu Alferes Mór, que trazia a Capitanía de Sofala, e Moçambique pera entrar logo: outra náo era a Boa-Viagem, de que era Capitão Lourenço Soares de Mello, que eram da Companhia de D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey da India com seis náos. O Conde D. Francisco foi logo avisado da vinda da Armada, e mandou recado aos Capitães que não passassem da barra, porque logo os mandaria prover de mantimentos, e dinheiro; mas elles como vinham descontentes, e enfadados, e esperavam cada dia pelo Viso-Rey novo, sem ter dever com o recado, foram entrando pera dentro, e surgíram no caes, aonde deixáram os navios, e se foram pera suas casas sem mais cumprimento algum. O Conde D. Francisco que o soube, os mandou metter no tronco pera proceder contra elles, e os castigar; mas como era bom Fidalgo, e brando, primeiro que se embarcasse pera Cochim, os mandou soltar.

CA-

CAPITULO IX.

Das Armadas que o Conde D. Francisco mandou pera fóra: huma de Cantacoulões pera o Norte, de que foi por Capitão Mór Pedro Homem Pereira; e outra pera o Malavar, em que foi D. Jeronymo Mascarenhas, e do que lhe succedeo: e das novas que chegáram do Viso-Rey D. Duarte de Menezes ser em Cochim.

PElas náos que chegáram á barra de Goa soube o Conde D. Francisco como era partido do Reyno D. Duarte de Menezes pera Viso-Rey, de que elles não davam novas. E porque poderia tardar, ou ir tomar Cochim, não quiz deixar de cumprir com suas obrigações, e prover a Fortaleza de Ceilão, a quem o Rajú fazia contínua guerra, e isso mesmo as Costas do Norte, e Sul de Armadas ordinarias; pelo que mandou dar pressa ao Galeão, que havia de levar os provimentos áquella Fortaleza, de que era Capitão Gaspar Barbosa, e o despedio entrada de Outubro com muitas munições, e deo oito mil pardaos em dinheiro pera a paga dos soldados, e ordinarias daquella Fortaleza: e porque os cossarios, que mór damno faziam no mar, eram huns,

a que chamam Coutacoulões, que sahiam de alguns rios do Malavar, que por serem muito pequenas, e ligeiras as fustas das nossas Armadas não podiam alcançar, elles a todos os navios de Mercadores que viam, chegavam, e roubavam, porque lhes não podiam fugir, e tinham feito grandes roubos, e desacatos ás Armadas, ordenou o Conde D. Francisco de lhes armar com outros navios pequenos, e ligeiros, pera que os buscassem, e tomassem; e tinha mandado preparar seis Coutacoulões muito leves, e com muito boas esquipações, e fez Capitão Mór Pedro Homem Pereira, que partio pela barra fóra a vinte e hum do mez de Outubro, e muito bem negociado, e com bons soldados: os Capitães que o acompanháram, foram Sebastião Bugalho, Francisco d' Almada, Miguel Coelho, Antonio Soares, e Ambrosio Pereira; e porque estes navios foram mandados, e ordenados pelo Conde D. Francisco, nos pareceo bem darmos aqui breve relação do que lhe succedeo todo este verão, posto que fosse já no tempo do Viso-Rey D. Duarte, por não entrarmos em principio de seu governo com miudezas. Partidos estes navios de Goa, foram-se á Costa do Norte, e passáram a enseada de Cambaya apôs alguns ladrões daquelles, de que logo tiveram novas,

vas, e elles tambem da Armada, e foram-se desviando tudo o que puderam: todavia não deixáram de fazer algumas prezas: em fim tantas voltas deram os nossos, que foram ensacar sinco delles no rio de Bombal junto de Bação, e alli foram abalroados, e mettidos quasi todos os que nelles andavam á espada, porque alguns se lançáram a terra a nado, e os navios ficáram todos com o recheio; os primeiros que aqui abalroárão foram Miguel Coelho, e Antonio Soares, que ficáram com alguns soldados, e marinheiros feridos: e depois disto tomou o Miguel Coelho outro ladrão destes no rio da Pedra; e porque todo este verão não lhes aconteceo mais, concluiremos aqui com elles.

O Viso-Rey tanto que despedio estes Coutacoulões, logo mandou dar pressa á Armada, que estava nomeada pera D. Gileanes Mascarenhas, que eram duas Galés, e vinte navios de remo, e nomeou por Capitão Mór seu sobrinho D. Jeronymo Mascarenhas; e andando pera lançar fóra esta Armada, teve recado de Cochim muito apressado dos alvoroços que havia naquella Cidade sobre a Alfandega, affirmando-lhe que os moradores estavam postos em armas pera defenderem suas liberdades, e que sem dúvida acontecerião desmanchos, e desor-

dens;

dens, se quizessem apertar com elles. A isto lhe respondeo o Conde, que era necessario acudir com pessoas religiosas, e graves, pera com suas authoridades, e amoestações trabalharem pelos moderar, e abrandar: pera isto elegeo o Padre Fr. André, Custodio de S. Francisco, que depois foi Bispo de Cochim, e com elle Heitor de Mello, Fidalgo velho, honrado, e prudente, e muito respeitado de todos, e os mandou embarcar em huma Galé da Armada, de que era Capitão Antonio de Azevedo, e encommendando-lhes muito trabalhassem todos por todas as vias, e modos que pudessem aquietar aquelles moradores, e tirallos da contumacia em que estavam, porque o não obrigassem a usar de rigor, e a se tornarem as armas Portuguezas humas contra as outras, cousa que seria muito escandalosa, quando a fidelidade Portugueza andava por exemplo entre todos os amigos, e inimigos: e deo por regimento a Antonio de Azevedo que como puzesse aquelles varões em terra, se deixasse ficar na barra de Cochim até ver em que paravam aquellas cousas; e que quando aquelles moradores se não movessem pelas prégações, rogos, e admoestações daquelles Religiosos, e todavia quizessem insistir em sua contumacia, que em tal caso elle An-

to-

tonio de Azevedo se poria naquella barra, e não deixaria entrar, nem sahir cousa alguma, e os tivesse assim de cerco, e lhes mandasse recado, porque estava determinado acudir áquelle negocio com todo o póder da India. Partido Antonio de Azevedo, logo após elle despedio o Conde todavía toda a mais Armada, dando por regimento a D. Jeronymo que se deixasse andar na Costa do Malavar, e tivesse embarcação em Cochim, pera que se chegasse o Viso-Rey D. Duarte, o mandar avisar, e que elle voltasse com toda a Armada pera o acompanhar. D. Jeronymo se fez á véla a 7 de Novembro, e os Capitães que o acompanháram são os seguintes: André de Sousa Coutinho, Paulo da Silva de Menezes, D. Francisco Mascarenhas, irmão de D. Gileanes, que nas náos que chegáram á barra tinha vindo do Reyno; D. Jorge de Almada, D. Manoel de Lima, Francisco de Sousa Pereira, Gaspar de Carvalho de Menezes, Francisco de Sousa Rolim, Fernão de Macedo, João Barriga Simões, Gaspar Fagundes, Luiz Figueira de Azevedo, Belchior Barbosa, Jane Mendes Pestana, Manoel Alvares Pereira, João Rodrigues Cabral, Manoel Caldeira, Lopo de Atouguia, Pedro Rodrigues, Pedro Veloso, Pedro Fernandes Moricale, Francisco

de

de Fronteira, Agostinho Luiz, que hia na Manchua do Capitão Mór. Chegado D. Jeronymo á Costa do Malavar, achou huma fusta que vinha de Cochim, que lhe deo por novas ser D. Duarte de Menezes com as náos que faltavam. Chegado áquella Cidade, e sem esperar mais, voltou pera Goa acompanhar o Conde seu Tio até Cochim.

CAPITULO X.

De como se perdeo o Galeão que hia pera Ceilão, e a gente, e dinheiro se salvou, e outras cousas.

PArtido de Goa o Galeão, que hia pera Ceilão, foi fazendo sua viagem até dobrar o Cabo de Comorim, e de Tutocurim foi atravessando a Ceilão com bom tempo; e sendo já á vista daquella Costa, lhe deo hum temporal, a que os naturaes ahi chamam Cacham, que he vento Norte, que alli fica sendo travessão; e he tão perigoso, que de maravilha escapa o navio que toma no mar, o qual tempo foi muito grosso, e tomou o Galeão já tão abarbado com a terra, que foi forçado surgirem, porque não havia pera onde correr, e sobre a amarra estiveram alguns dias, e

mui-

muito perto, e com grande riſco, e trabalho, porque o tempo foi creſcendo cada vez mais, e o Galeão com a força do trapear foi arrebentando as amarras por algumas partes, o que os Officiaes forão ſempre remediando o melhor que puderam, ſem deſcançarem nem de dia, nem de noite, e com iſſo foi o Galeão á caſcea, levando as amarras a raſtos de feição que ſe acháram hum dia quinze leguas aſſima, donde ſurgíram pera a banda do Manar, e tão perto da terra, que eſtavam aguardando a hora que nella haviam de encalhar. O Capitão Gaſpar Barboſa vendo-ſe naquelle perigo, mandou ter muito reſguardo no batel pera ſe ſalvarem nelle, porque por toda a Coſta viam ſurgir os inimigos, eſperando que cada hora lhes foſſe ter aquella preza ás mãos. O Capitão de Ceilão foi logo aviſado do trabalho em que o Galeão eſtava, e deſpedio com muita preſſa hum Tone ligeiro com cartas a Ambroſio Leitão, que eſtava com tres navios da Armada, aſſim pera favorecer a peſcaria do aljofar, como pera recolher, e dar guarda aos navios, que haviam de vir da outra Coſta com mantimentos pera a Fortaleza de Columbo, mandando-lhe que deixaſſe tudo, e que logo acudiſſe áquelle Galeão. Eſte Tone chegou a Manar mui apreſſado, e com a-

aquelle recado ſe deſamarrou logo Ambroſio Leitão, e foi ſoccorrer o Galeão, o qual com o tempo ſe foi chegando tanto á terra, que foi neceſſario cortarem-lhe os maſtros pera ver ſe com iſto ſe podia ſuſtentar mais ſobre a amarra, porque as arvores, e as enxarcias tomavam muito vento; mas nem iſſo baſtou, porque o Galeão foi ſempre tirando pera a terra, por ter já todas as amarras moidas, e desfeitas. Vendo-ſe o Capitão Gaſpar Barboſa perdido, e ſem remedio, e que não poderia deixar de varar na terra, metteo no batel o dinheiro que levava, e o preparou de muitos remos, e couſas neceſſarias, e por conſelho de todos mandou dar muitos furos ao Galeão pera ſe encher de agua, e ſe ir a pique, porque não foſſe dar á coſta, e os inimigos não houveſſem aquella artilheria ás mãos, e ſe não aproveitaſſem do taboado, e pregadura: o que ſe fez com muita preſſa já abordados com a terra, e elle com os Portuguezes ſe recolheo ao batel, e ſe deixou eſtar até que a náo ſe aſſentaſſe no fundo. A eſte tempo chegou a elles hum dos navios da companhia de Ambroſio Leitão, de que era Capitão Diogo Gonſalves, que por ſer muito ligeiro ſe adiantou; e chegando ao batel, recolheo o Capitão com alguns Portuguezes, e todo o dinheiro,

que

que eram dezoito mil pardaos de ElRey; e sem esperar por Ambrosio Leitão, se fez á véla pera Columbo, e o batel com a mais gente pera Manar, ficando a náo já toda debaixo da agua; e indo esta Fusta demandar o porto de Columbo, houve vista de tres navios, que cuidou sahirem da Fortaleza, que eram os dos Malavares, que estiveram até então recolhidos em Brijam, e os mesmos sobre quem foi Pedro Clemente de Aguiar, como atrás temos contado. Domingos Gonsalves, sem embargo de os não conhecer, desviou-se delles, e fez-se na volta da terra, e por anoitecer logo passou por elles, e se foi metter em Columbo, onde soube que os navios eram de ladrões, que deram todos graças a Deos pôr permittir desviallos delles pera lhe escapar aquelle provimento tão necessario pera aquella Fortaleza, e que estava já em estado por falta delles, que os soldados despejavam os Baluartes, por não terem que comer, nem com que se cubrir, e com este dinheiro se remediou tudo, e se tornou a socegar; e João Correa de Brito, Capitão daquella Fortaleza, mandou logo dinheiro á outra Costa a buscar mantimentos, que lhe depois vieram. Ambrosio Leitão chegou logo ao outro dia apôs Domingos Gonsalves, e trouxe huma grande cafila de manti-

timentos, e passou sem haver vista dos Paráos, porque aquella mesma noite se fizeram na volta da outra Costa: com isto ficou a terra provída, e a Fortaleza desalivada do receio em que estava.

FIM DA I. PARTE DA DECADA X.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY.
00042669

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016